



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FELIPE BÜCKER CHITTONI

ÉTICA DAS PASSAGENS: POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO EM DESTERRO

NITERÓI, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FELIPE BÜCKER CHITTONI

ÉTICA DAS PASSAGENS: POLÍTICAS DE SUBJETIVAÇÃO EM DESTERRO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial para o título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: Estudos da Subjetividade.

Orientadora:
Profa. Dra. Katia Faria de Aguiar

NITERÓI, 2021.

resumo.

O presente estudo se destina a uma investigação ética que busca rastrear processos de mutação de lutas sociais no presente, em direção a uma ontologia crítica de nós mesmos. Animado pela inspiração cartográfica da Filosofia da Diferença, o acompanhamento desses processos de subjetivação desenha um território ao se instalar nas dobras da *ficcionalização*. A partir de um princípio de composição, as produções da pesquisa assumem contornos que transformam os *dados* em *feitos*: as narrativas que expressam os encontros da pesquisa são moduladas para que sirvam não apenas de *informe*, mas de superfície projetiva. Estas *Passagens* fazem o convite à experimentação de uma pequena máquina de fazer ver e falar, e, por isso, oferecem condições de possibilidade para exercícios de análise de implicações. Dada a crise da representação e seu realismo ingênuo – nas artes, na política e nas ciências – em Desterro, os universos de referência igualmente evaporam, como orvalho na manhã de sol. Pepe, Flaco, o Velho Camarada, o Radialista Sem Nome, Monsieur, outros, e sobretudo, o Cão, registram o acontecimento com suas lentes. Inconcluso, os fragmentos do filme que estes personagens engendram exigem um esforço de montagem: *O que estamo-nos tornando?*

Palavras-chave: Micropolítica. Movimentos Sociais. Ética. Análise de Implicação. Ficção.

abstract.

The present study carries out an investigation on ethics that aims to track processes of mutation of social struggles in the present, towards a critical ontology of ourselves. Animated by the cartographic inspiration of the Philosophy of Difference, the accompaniment of these processes of subjectivation erects a territory by settling in the folds of fictionalization. Based on a principle of composition, the productions of this research assume a format that transforms *data* into *creation*: the narratives that express the encounters promoted by the research are modulated so that they serve not only as a source of information, but as a projective surface. These Passages invite the experimentation of a small machine to make you see and speak, and for this reason, offer conditions of possibility for exercises of analysis of implications. Given the crisis of representation and its naive realism - in the arts, politics and sciences – in Desterro the universes of reference also evaporate, like dew on a sunny morning. Pepe, Flaco, the Old Comrade, the Radio Host Without a Name, Monsieur, others, and above all, the Dog, record the event with their lenses. Unfinished, the fragments of the film made by these characters demand an assembly effort: *What are we becoming?*

Keywords: Micropolitics. Social Movements. Ethics. Analysis of Implication. Fiction.

Você não precisa do homem do tempo

Para saber em que direção o vento sopra

Bob Dylan, *Subterranean Homesick Blues*

Apenas,

um passo

pra cá.

SUMÁRIO

Prelúdio <i>in absentia</i>	8
Vidas em Desterro	25
A Entrevista.....	46
Elevador Faria Lima	68
Tosquelles.....	82
Deixei o Monsieur em casa	105
Soberania, Governo, Controles, Algoritmos	110
Disciplina e Governamentalidade.....	111
En cada barrio, revolucion	130
Foto-retrato	131
Grande Pepe!	139
Alguma coisa que adormece	148
Em Desterro	199
O velho do Pepe	231
Escolhas	242
Acho que não tem como montar	264
Estudos sobre Passagens	265
<i>Post-Scriptum</i> para futuros ancestrais	286
NOTAS.....	287
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	299

Prelúdio *in absentia*

Encontramo-nos em uma situação algo insólita, já que coube a mim, um cão de rua, apresentar este trabalho. Antes de seguirmos com esta tarefa, que espero seja breve, para que eu possa logo retornar às minhas andanças, conto-lhes da altercação da qual resulta minha presença aqui hoje. Na eventualidade de que você esteja se perguntando, ou pior, descrendo, do fato de que um cão fale, é por cortesia que já advirto: é possível que este trabalho não lhe interesse. Sendo assim, seguimos com os que restaram, e que, por algum motivo que me escapa, desejam ouvir o que eu, um cão, um simples cão, digo neste favor que faço aos meus amigos, os autores que não estão aqui, mas que sei, não tardam, retornarão.

Conhecemo-nos nas ruas do centro da cidade, depois de algumas semanas em que nos vimos repetidamente, por acaso. Como não chovia há muitos dias, uma mão estendida com um pote de margarina cheio d'água até a borda veio em boa hora, e a ausência de coleira me confirmou, talvez fossem mesmo camaradas. O fato é que me inspiravam certa confiança, e, além do mais, se eu não chegava a me compadecer, certamente seus olhares me enterneciam. Não sei o porquê, mas decidi que talvez fossem dignos de algum apoio, e, por isso, decidi deixá-los me seguirem, como um teste, por alguns dias. A discreta linhagem dos cães de rua é mesmo mais antiga que o próprio cristianismo, que tão somente aviltou parte da fortuna que legamos aos filósofos cínicosⁱ. Estávamos com Diógenes quando ele se dirigia ao Imperador que lhe prometia reinos: apenas saía, você está tapando o meu sol! É realmente triste a banalidade com a qual a maior parte dos humanos, ao menos com os quais tenho contato nas ruas das cidades, com frequência, abandona a sua própria vida, ou impõe esta degradação compulsória aos demais, em nome de algum tipo de *espera*. Ora, 'se se põe o centro de gravidade da vida, não na vida, mas no além – no nada –, tirou-se da vida toda gravidade'ⁱⁱ. Claro, o *além* assume muitas formas, entre elas, belíssimos ideais, ou o mais rasteiro e desleal pragmatismo.

Mas, voltando à minha tarefa. Como lhes dizia, acabamos ficando próximos, eles me seguindo pelas ruas, e eu, eventualmente, frequentando suas casas. Um destes

camaradas me conta da sua pesquisa que, diz um dos autores que não está aqui, mas que não tarda, retornará, busca *rastrear processos de mutação das lutas sociais em Desterro, em direção a uma ontologia crítica de nós mesmos*. O nome é pomposo, mas eu sou um cão, logo, a conversa precisa ser mais franca: o que você realmente quer saber? *Como acordar e produzir canais de expressão para o desejo de uma vida outra em ato?* É o que escuto em resposta, enquanto guardo um sorriso. Peço para ver os papéis da tal pesquisa.

Sobre a mesa, folhas esparsas são agrupadas em três pilhas. A primeira, etiquetada como 'projeto'; outra, 'ideias para depois'; mais uma, 'Setembro'. Conto ainda duas pequenas agendas pretas, com elásticos e sem pauta, preenchidas à caneta com letra miúda ao longo de vários meses, e um gravador em que se registram longos solilóquios, pequenas frases, ou sons de rua. Há algumas fotos impressas, na primeira que vejo, há um muro em que se pode ler *'Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate seja abominável'*ⁱⁱⁱ. Ao lado, um livro sem capa. O exemplar está úmido, e as folhas, gastas, ameaçam desfazerem-se ao toque, já que a contracapa, solitária, mal segura as costuras da encadernação. É inevitável, uma das páginas se rasga, ele reclama, 'é emprestado!', mas como eu haveria de ler sem tocar? Sobre a mesa, isso é tudo. Depois de algum silêncio, digo, sem mais, 'está bem'. *Está bem?* Ele se exaspera. Discutimos, eu poderia simplesmente ter caído fora abanando o rabo, quem quis travar amizade com o cão foi ele, agora não espere que eu vá pular no colo, usar sapatos e fazer truques por biscoito. No entanto, me deixo convencer, e é isso o que me traz aqui hoje, à guisa de apresentação, tecer algumas considerações acerca do trabalho em andamento. Como sabemos, todas as boas universidades têm seus cães de estimação. Na juventude, fui um destes, até o dia em tentaram me vestir com uma gravatinha, mas isso já seria outra história. Digo-o para que não tomem como ainda mais inverossímil, o cão que fala e, ademais, cita. No entanto, este modo de existência tem uma duração específica. Concluído o trabalho, me desfaço destas roupas, me desfaço destas palavras. Volto, sem mais, a simplesmente andar por aí, como um cão, o cão que sou, um cão qualquer, um cão *ninguém*. Acredito que dificilmente voltaremos a nos ver. Antes, há trabalho. Reunimo-nos como as crianças da quadra, que sob auspício etéreo de algum *trickster*,

tramam uma ação terrorífica. Reunidas, as crianças da quadra gritam, riem, apertam as campainhas das casas do bairro e saem correndo para não serem identificadas. Para não serem pegas. Há vizinhos que se divertem; outros, se exasperam e comunicam a ocorrência ao conselho de segurança comunitária, já que a brincadeira os desperta do cochilo da tarde. Não é grave, tornarão a dormir. O procedimento é próprio da capoeira e do futebol de rua que os meninos jogam: toco, e me vou. O dispositivo, a brincadeira da campainha, opera uma fusão entre o método e o objeto. Tocam-lhe a campainha: *o que você faz?* O que você *faz* constitui o que você *se torna*. Mais raro, muito mais raro, existem os audazes, os que mergulham na *ação*, contribuindo ao seu desenrolar. *Tomem*, usem este esparadrapo para grudar as campainhas; *tomem*, molho de pimenta para as maçanetas. ‘A ontologia se esclarece pela ética. Pelo que sabemos, não há outro sentido para imanência’^{iv}. Deste ângulo, talvez fôssemos mais precisos se disséssemos: ***empenhamos esforços em direção a uma investigação ética acerca do que estamos nos tornando***. Essa seria a *Tese*, o coração da *Tese*. Mas não há *Tese*, nós vivemos, e é tudo o que temos a oferecer. Suprimida a *Tese*, resta *uma vida*, o que seria dizer, *pletora de forças*.

Pois bem, em meio a essa pequena confusão – há distúrbio no bairro – tentarei reverberar alguns sentidos.

Como sabemos, com Kant, temos a fundação de duas tradições críticas de que a filosofia moderna é tributária. Uma primeira, relacionada ao interesse quanto ao tema das condições de possibilidade para um conhecimento verdadeiro, uma analítica da verdade. A segunda, centralmente, interroga -se acerca do ‘que é a atualidade? Qual é o campo possível das nossas experiências? Qual é o campo atual das experiências possíveis?’^v. Com esta proposta de pesquisa, noto a sinalização do desejo de vincularem-se a este último vetor, modulando questões que se dirigem ao campo das lutas sociais no presente, como mencionei, uma preocupação acerca do que estamos nos tornando, *em meio a processos de resistência e subjetivação, novas invenções, e efeitos destituíntes*. Mas há uma dificuldade inerente a esta tentativa, cujo êxito das soluções provisórias possíveis dependeria da habilidade em criar, encontrar e habitar, pontos de vista adequados a este objetivo. Explico.

Se, ao olharmos o presente, mantivermo-nos exatamente coincidentes ao tempo em que estamos, portanto, colados e simétricos ao *tempo-presente*, o arco de visibilidade tende a se estreitar e, no limite, tornar-se claustrofóbico, ou mesmo tóxico, se este for o ar do tempo. É o caso, me parece, e talvez por este motivo a esterilidade da polêmica insiste. Terra seca queimando as germinações, quando não ceifadas por contaminação. O veneno que nos servem, sabemos bem.

O melhor acesso ao presente se dá por via indireta. 'A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo'^{vi}.

Se há acontecimento, ele se passa em Desterro. *O que é Desterro, onde está Desterro? Em que ano estamos?*

Seria fácil, e não estaria errado, dizer tratar-se de uma ilha continental do Atlântico Sul, estendida entre 27º 35' 48" S e 48º 32' 57" W. De fato, em homenagem à Nª Senhora do Desterro, também conhecida como Nª Senhora das Fugas, chamou-se Desterro o pequeno vilarejo em que seus fundadores exerciam com rigor essa particular religião, enquanto faziam sangrar o horror nos corpos escravizados, e caçavam como porcos do mato os habitantes que, desde tempos imemoriais, os precederam.

Ainda nos anos iniciais do que se convencionaria posteriormente chamar de *República*, em homenagem a Floriano Peixoto (que fora responsável pelo fuzilamento de revoltosos na Fortaleza de Anhatomirim), o então governador do Estado, Hercílio Luz, sancionaria a alteração do topônimo, que seria, então, conhecida, simplesmente, como a cidade de Floriano.

Muitos anos depois, em Novembro de 1979, rumo ao seu bicentenário, a impassível figueira plantada na Praça XV assistiria à multidão de jovens que protestavam contra o general, que chegava à cidade para inaugurar uma placa de bronze que celebrava precisamente a chacina a que aludimos. A contenda se transforma em batalha nas ruas

do centro, o exército prende estudantes, e alguns são feridos. O general é expulso e humilhado na praça. A cidade não pertence a Floriano.

A Figueira ainda está lá, acolhedora, frondosa, imperturbável.

Desterro é um lugar real, mas também imaginado, sobreposição de planos, entre passados que não cessam de não passar e potências virtuais (ainda) não efetuadas. Na viagem com o tempo, é possível *transver* aberturas de outras possibilidades no presente, enquanto sondamos futuros. Desterro, tudo que cabe no Agora!

O icônico quadro de Marcel Duchamp de 1912, *Nu descendo a escada nº 2*, nos apoia nesta compreensão. À primeira vista, e sugestionados pelo título atribuído à pintura, o movimento percebido sugere uma linha transversal descendente. Nota-se que o jogo - de luzes nos informa tonalidades mais sombreadas na parte superior, tornando-se, progressivamente, mais luminosas à medida que descendem. O campo perceptível que estaria mais próximo ao observador guarda traços mais firmes, com mais brilho, ou, se quisermos, nitidez. No entanto, a questão não se resolve tão facilmente. A percepção do movimento, ao concluir-se apenas no polo do observador, revela a intimidade da relação entre tempo e espaço, no que nos vemos diante de duas alternativas. Na primeira, sugerida pelo título, o movimento teria se iniciado na parte superior desta transversal, que se tornou um rastro opaco do passado, e o quadro, representação desta sucessão de instantes no tempo. Em uma segunda leitura, o movimento ainda não teria se deflagrado, haveria tão somente a fulguração de uma intenção que se anuncia. Visto desse modo, de baixo para cima, há o brilho de um início, no qual a trajetória é desenhada como uma projeção futura que emerge esfumada, opaca, porque incerta. Uma virtualidade presente, atual no instante do quadro; a vemos como projeção, mas a ascendente desta transversal ainda não se realizou. Sobre essa questão, me parece, Duchamp não se manifesta, embora, ao comentar sua intenção, tenha-nos dito que ‘buscava criar uma imagem estática do movimento: movimento é uma abstração, uma dedução articulada dentro da pintura, sem que saibamos se uma pessoa real está ou não descendo uma escada igualmente real. Fundamentalmente, o movimento está no olho do espectador, que o incorpora à pintura.’^{vii}

Desterro, o espaço em que estas alternativas não se excluem, mas coexistem. Realidades superpostas, interpenetráveis. Por isso, as marcações do calendário nos servem pouco, e as setas que marcam as horas, minutos, segundos, giram em sentidos contraditórios, sem que haja contradição.

É preciso explorar as temporalidades suspensas, entre *não ainda e tarde demais*.

Como havia dito, poderíamos dizer tratar-se de uma ilha continental do Atlântico Sul, estendida entre 27º 35' 48" S e 48º 32' 57" W. Olhando um mapa, o traçado dessas coordenadas nos informaria as divisas de um município, os contornos de uma unidade da federação e fronteiras de um Estado-Nação, cujo nome seria derivado de uma árvore já quase extinta, predada por sua resina de tom vermelho, muito apreciada pelas cortes europeias, sempre ávidas por novas tinturas feitas de sangue. Mas isso não seria exato. Os cães não apenas farejam, mas escutam melhor do que isso. Os cães existem em modos diversos. Eu? Sou manco, ando como manco. Por isso, não finjo que não sou manco ao pensar. Manco, logo sou. Gago, é preciso um enorme esforço para que eu mesmo me detenha em seguir e,e,e,e,e. Minha paixão é mesmo seguir, e nisso tendo a perseverar, indefinidamente. O estabelecimento de um ponto final, o estabelecimento de um ponto final, eu o sinto como uma ortopedia: *preferiria não*. Mas, em algum canto de página, largaremos a pena. O derradeiro fotograma, e largaremos a câmera. Outros a recolherão. *Uma vida* não é unicamente pessoal.

É certo: cães não são animais do tempo. São animais do espaço. Praticantes de *geofilosofia*.

Nova Iorque, Tóquio, Londres, Cingapura, *stock exchange*, *coolers* de computador girando em moto-contínuo enquanto números no ecrã se multiplicam ao infinito e mais uma planície é inundada, *como nunca antes na história deste país?* Já não há mais Estado-nação, apenas a máquina que espreita e suga mesmo as produções oníricas para transformá-las em anúncios comerciais de cinco segundos em tonalidade sépia. Um disparo na nuca do menino que está deitado de costas com as mãos nuas na rua de terra e desaparece sem nome na página do jornal.

Desterro é uma tentativa-prisma que decompõe a luz branca, para ver do que ela é feita. Um jogo de aproximações e distanciamentos, feito com lentes intercambiáveis. Também Desterro, o cartógrafo. Desterro se aproveita da ludicidade contida no título da novela de Samuel Butler 'Erehown', para afirmar a simultaneidade do aqui-agora (*here*) e o parte alguma, ou o fora (*nowhere*).

Mas cuidado, não se enganem, Desterro é marcado, o lugar em que o cantor que diz 'Pastinha já foi à África mostrar capoeira do Brasil' encontra glória e fortuna, enquanto Pastinha vive seus últimos anos em um quarto escuro e úmido na rua Alfredo Brito n.14 no Pelourinho, apenas para morrer solitário, paralítico, cego e miserável, aos 92 anos de idade, em um dispensário de velhos chamado Dom Pedro II, em Salvador de Bahia.

A propósito, as canções estarão indicadas ao final, para a eventualidade de que alguém se interesse pela sonoridade com a qual pensamos. Os sons, as palavras, são parte do tecido desta espécie de Parangolé que tecemos. Consideramos ser preciso que elas se movam *com* o texto. Estarão, em certa medida, escondidas. Melhor, dissolvidas na ambiência, até sua marcação precisa. Quando pensamos *com* outros, anotamos, mas no interior da citação-mundo. Só há *um* plano.

Como acordar, produzir e sustentar canais de expressão para o desejo de uma vida outra?

A pesquisa seria um filme, um documentário, mas nos detivemos em um impasse, e tudo parece incerto. Temos algo para exibir, talvez um filme, talvez muitos filmes, ou mesmo nenhum. Havia o interesse em acompanhar o movimento de jovens que queriam vinte centavos de desconto na passagem de ônibus, mas não era somente isso, mas era, e depois eles se mandaram, e viraram mil focos de luz. Então, outro, mas o cartão-ponto e a lista de chamada duas vezes ao dia não era bem o que procurávamos. Por fim, inspirados por um *cinema-verdade*, saímos com a câmera e a ingenuidade dos novatos, mas o que de mais interessante acontecia, não podia ser filmado, porque é sempre furtivo, e é impossível ser apenas uma mosca na parede. Era eu, o cão, quem filmava – porque como disse, possuímos melhor olfato, audição, e

somos mais ágeis. Você consegue imaginar o que é andar pelo mundo sentindo-o ao toque em cada passo? Um deles responde, sim, o devir animal... Na mesma hora eu rosno, dou uma mordida, de leve é verdade, apenas para lembrarem de que não sou uma espécie de amiguinho que vem para lhe oferecer um saber para um conforto qualquer, um conforto vulgar, fácil, mentiroso, consolador: *humano*.

Enquanto os demais seguiam conversando, entrevistando pessoas, enfim, fazendo suas coisas, entre diferentes coletivos da cidade, eu aportava essas qualidades inumanas, movendo-me em um plano rente ao chão, com mínimo sobrevoo, erguido apenas da altura de um eventual tripé, ou apoio de mesa. Que é também a altura de uma criança, e o universo próprio da Capoeira Angola, mas veremos isso depois. Eu amo as crianças. São irascíveis, exageradas, belas. Alegres, mas não se escusam de dizer o intolerável.

Tudo ia muito bem, talvez apenas bem, até que começou a ir mal, como, a propósito, em tudo acontece até que volte a ir bem, mas de outra maneira. É o eterno retorno, mas, enfim, desculpem-me pela digressão. Em uma das conversas, ambientada em um bar às portas de um cinema de rua que agora já não existe mais, vocês lerão depois (ou talvez não, porque há muitos erros de continuidade), um deles olha diretamente para a câmera. Fechou o tempo, e com a discussão, mudam também os planos relacionados ao filme.

Relato a situação. Um dos princípios definidores da representação, que encontra no palco italiano uma de suas referências maiores, é a existência de uma quarta parede, digamos, invisível, que divide o espaço da ação do lugar em que está situada a audiência. Neste caso de que tratamos, a questão diz respeito ao meu ocultamento na filmagem, e ao fato de que os personagens que ocupam a cena sabem que estão sendo registrados, embora devam agir como se não o estivessem. Ao olhar para a câmera, o artifício se esvai, porque se revela que tudo é montagem, o que seria dizer, o objeto-filme deriva de uma perspectiva que efetivamente o constrói, não apenas o registra. Até aí, nenhuma grande dificuldade, correto? Viu? Não consigo ouvir você daqui. Você poderia falar mais alto, por favor? Sigo não ouvindo... A quarta parede se esgarça, mas não rasga, e esse é todo o problema.

Seguindo. Alguns acreditam que teríamos de refazer essa cena, que antes pretensamente não teria sido uma encenação, mas então seria (uma vez re-atuada), ou retirar os frames que capturam esse olhar na edição, fato sobre o qual não falaríamos no filme. Outros, entre os quais me incluo, pensam que seria uma boa oportunidade para reconstruir todo o filme nessa chave, com a explicitação do artifício, qual seja, o fato de que a dimensão fora-do-sujeito *in-forma* o sujeito, que pode reagir, é claro, devolvendo essas forças ao fora. Tudo é ficcionado e ficcionável, *porque não há ontologia última*, mas tão somente máscaras sobre máscaras, como talvez dissesse *El Bigodón* e a rapaziada do quebra-quebra, *filosofxs de martelo* e pensamento mascarado, pulmonar, efetivo – que não gosta de polícia, vidraças de banco e exploração das forças do que é vivo. Mas, creio, haverá ocasião para se tratar disso, já que as máscaras diferem em sua utilidade e potência, de acordo com seu manejo e condições.

No calor das justificativas, alguém se lança à condição não autorizada de diretor, e grita, ‘chega, todos de volta aos seus lugares!’. Era o que bastava para a suspensão das filmagens, e nos traz a este interregno, que é também um impasse, já o dissemos.

Como escrevera outro documentarista acerca dos efeitos inesperados que atravessam e modulam as construções de um filme, o fato é que ‘não foi a primeira vez que aconteceu. Mas é, no mínimo, muito especial quando a própria realização de um filme acaba se transformando em novo roteiro, diferente do que estava programado e, de repente, diretor, atores, técnicos e fotógrafos passam a ser os personagens centrais de uma história tão dramática e humana quanto a dos personagens originais’^{viii}.

Não havendo filme para exhibir, tomamos a decisão de compor um arquivo e partilhá-lo com vocês deste modo, já que, de qualquer maneira, ‘todo arquivo é audiovisual’^{ix}. Transcrevemos as falas do que já havia sido filmado, sem adições posteriores, apresentando apenas o material bruto. O material é bruto, insistimos na maior franqueza que pudermos suportar. Há sujeira nas imagens e na língua, como há na vida.

A isso se somam outros registros, além dos que eu já havia mencionado anteriormente nesta apresentação, como pequenos relatos, esboços, ensaios, diários, fotografias, trechos de entrevistas concedidas a uma rádio comunitária e outra, mais longa, realizada sob encomenda de uma editora, com um personagem da história nacional. Mas, para maior rendimento, talvez fosse importante considerar este personagem como uma posição que exprime uma racionalidade, portanto, ocupada e *ocupável* por diversos possíveis sujeitos. A miséria consiste em que a posição é permanentemente repostada, por essa razão indigente e claustrofóbica, que tende a se expressar na fórmula de um horizonte terminal do governismo *gauche*. Pois bem, não nos enganam. Sua imagem de uma vida livre consiste em seis meses por ano da mais terrível escuridão de frio e gelo. Ruas silenciosas e ordeiras. Casas saídas de revistas de *design*. *ABBA* em *looping*: outro pesadelo, versão escandinava? Não nos enganam, conhecemos as *marcas* das centenas de milhares de toneladas do descarte de suas máquinas civilizatórias, a contraface de sua bela alma, nos campos de lixo em Agbogbloshie, perto de Accra. Não me deixo enganar, não me enganam. É tão simples quanto isso: 'você não pode abolir o sistema imitando-o'^x.

Queremos ser *Groucho*, já que a alegria precisa ser conquistada. Nossas chances não são as melhores, mas, tampouco, as piores. Ademais, quem sabe o que nos reserva a escavação do presente?

É importante notar que estas produções servem de suporte material para a acolhida de enunciados de variadas procedências, formando, em seu conjunto, o horizonte que integra racionalidades e os jogos de visibilidade de uma época em Desterro, sendo, portanto, também um exercício de *análise estratégica dos discursos*. Antes de seguirmos, perdão, mais alguns elementos do contexto em que estes fragmentos estão inseridos.

A ideia deste filme emerge como resultante de um entrecruzamento, na forma do que seria um projeto curto, provisório e secundário às outras proposições de pesquisa tecidas por alguns camaradas. A conjunção tornou-se possível ao perceberem que, por vias distintas, similarmente buscavam a prospecção de *passagens*, travessias, para além do estado de esgotamento atual. Apresentação da equipe:

Pepe não sabe dançar, desenhar, pintar, cantar, esculpir, atuar ou tocar qualquer instrumento. Não obstante apostasse no exercício crítico como prolongamento da obra e no uso da arte como intercessor do pensamento, após um lampejo, descobre a incomensurabilidade entre esses modos de criação. Inspirado em *‘Inserções em Circuitos Ideológicos: Projeto Coca-Cola’* de Cildo Meirelles (1970) e no grupo de teatro ERRO, pesquisa processos de criação em contexto urbano, ou *arte callejera*, como prefere, experimentando suas primeiras intervenções. Aqui, partilha conosco notícias de um trabalho em processo.

Flaquito é um postulante de aprendiz de capoeira. No que seria apenas um passatempo, acaba por descobrir uma via de entrada para um pensamento outro, expressões de um *corpo que sabe*. Aprendendo a fazer o *Aú*, descobre o desbalanço de seus braços e pernas, entre os hemisférios do corpo. Para completar o movimento (que é um golpe e uma esquiva), encontra-se diante do problema da confiança, da coragem e do medo. Não haverá outra política sem outro corpo, mas refazer-se depende destes três vetores. Na sua pesquisa, nos conta de um mundo que se apreende ao revés.

O radialista sem nome, com a suspensão do filme, conduz a continuidade das conversas com militantes de diversos coletivos e organizações em Desterro, em um programa quinzenal, com uma hora de duração, que acontece em uma rádio comunitária. Nesses encontros, tudo gira ao redor de uma única questão, inexata e decisiva: o que se passa? *O radialista sem nome* investe nesse território das conexões, que não pertence a ninguém, e, portanto, é profícuo às fulgurações de agenciamentos do comum. *Terra nullius, Terra incógnita*. O programa se chama *Conversas em Desterro*.

Monsieur é o apelido jocoso pelo qual chamamos o professor visitante pelas costas, para nos mantermos alertas ao fato de que a colonialidade nos espreita, enquanto lembramos que o lugar de nascimento de um autor não define *a priori* os contornos de sua atitude, pensamento ou prática política, muito embora, certamente, o condicione. *Como, a propósito, ocorre a todos, já que toda cultura, por definição, é etnocêntrica*. Gosta muito de samambaias, por ver nessa planta a conjunção de três amores, a

origem tupi de seu nome, o cheiro da Mata Atlântica que é a sua casa e a excentricidade de possuírem raízes e caules muito particulares, na forma de rizomas que emergem da terra e se tornam aéreos.

O *velho camarada* nos apoia nesta iniciativa uma vez que, tendo vivido tudo o que se passou, que não vimos e não vivemos, tem marcas de barro nos sapatos e a rara qualidade de estar atento a suas tendências paternalistas. Jamais nos disse que sua geração foi muito mais corajosa que a nossa, embora saibamos que o foi. Está quase pulando fora, e nos ajuda a fazer o mesmo, com sorte, talvez sem ter de esperar tanto tempo.

Antes de me despedir, apenas mais uma pequena história. Estava eu com um desses amigos na casa de sua irmã, que havia pedido ajuda para empacotar alguns pertences, desmontar estantes fixas e carregar as caixas de mudança. É incrível como as mulheres costumam gostar de fazer mudanças, senão de casa, na redistribuição dos objetos, da mobília etc. Você chega e demora a encontrar o que procurava. Se estiver escuro, é mesmo possível que tropece, já que está tudo fora de lugar, ou melhor, em outro. Mas bem, como não queria assustá-la, combinamos, eu e o camarada, que eu não falaria. Então, passei a tarde com eles, deitado no tapete da sala, enquanto faziam os embrulhos. Vindo do quarto de dormir, ela traz algumas agendas de quando era bem menina. Ele pergunta se pode olhar, ela começa a fazer uma seleção – essa sim, essa não, opa, espera aí, essa não – eu espio, e me surpreendo. Esperando encontrar apenas recortes de jovens galãs de cinema americano, ou coraçõezinhos rosa, descubro uma sensibilidade altamente refinada e voraz por mundo. Folhas de árvore, papel de chocolate, adesivos, marcadores de livro, recortes de revista, notícias de jornal, pedaços de papéis de presente, um bilhete escrito em outra caligrafia, fotos, uma passagem de ônibus, o convite de uma festa de aniversário, algumas poesias, uma observação mordaz sobre a vida em família. Talvez não exista imagem que expresse a paixão cartográfica de modo tão exemplar. Recolher dos mundos seus fragmentos, expressar seus sentidos, fazer deles um mosaico de sensações sempre cambiantes e prontas a ressurgir a qualquer instante, é isso que está em jogo. Se os camaradas não possuem essa disposição, bem, sempre é possível testar as possibilidades de fazê-la

emergir, por que não, repetindo o procedimento. Essa foi a minha sugestão, que foi acolhida, e que esperamos nos ajude nesta trajetória. Não é surpreendente descobrir o quanto se aprende carregando caixas de mudança?

Resta apenas mais uma reflexão, uma imagem, na verdade, cara ao modo em que ensaiamos estas construções. Durante treze anos, de 1927 até a sua morte em um pequeno quarto de hotel da cidade de Portbeau, na fronteira franco-espanhola em 1940, Walter Benjamin dedicou-se, com obsessão, ao trabalho que considerava ser o trabalho de sua vida, o *Trabalho das Passagens* (Passagenwerk). Mergulhado, por horas, na Biblioteca Nacional de Paris, Benjamin recolhia, de algumas centenas de exemplares, fragmentos de citações sobre a vida urbana na Paris do XIX. Tempo decisivo da Modernidade, em que o Capitalismo Industrial se consolida. Tempo da Comuna e de suas barricadas. Seguindo esse procedimento, buscamos recolher os caquinhos da vida cotidiana, e com o gesto, sustentar a intenção ***'de descobrir na análise do pequeno momento singular o cristal do acontecimento total'***^{xi}.

Não tendo sido concluído por Benjamin, o enorme acervo de citações de que dispomos, e que chamamos tão somente de *Passagens*, se assemelha 'ao material de construção de uma casa da qual apenas demarcou-se a planta ou se preparou o alicerce'^{xii}. Dadas as dimensões do panorama que se intui deste conjunto de citações, e o movimento rumo ao infinitesimal que dele se pode pressupor, é de se conjecturar se o trabalho realmente seria, ou não, em algum momento concluído. Não sabemos, e talvez não importe, mas recolhemos dessa imagem algo que nos é caro, justamente, a possibilidade de realização de um *trabalho que não se totaliza em obra*. Sendo assim, apenas demarcamos a planta, preparamos o alicerce de um edifício que deliberadamente não será erguido. Essa recusa, como princípio orientador, deve-se ao fato de que gostaríamos de dar mais um passo em direção ao rompimento da quarta parede. De maneira que, mais do que propiciar a ocasião de múltiplas interpretações possíveis, como a propósito se dá em qualquer situação em que exista um leitor, uma leitora, temos a intenção de provocar as condições para que a própria produção de sentidos apenas se integralize fora do texto. As estratégias de construção serão, portanto, mais próximas da *apresentação* do que da *interpretação*: o desejo é mais

artístico do que analítico. É preciso seguir aprofundando o colapso da Representação! Há nisso uma dificuldade de ordem técnica, da qual depende nossa tentativa política. Trata-se de acertar a tonalidade das construções – de modo a evitar tanto o que seria um fechamento hermético, quanto o esvaziamento da demarcação de intencionalidade. Se, em alguma medida, tivermos êxito, talvez seja possível a criação de um *efeito de implicação genérica*, e a experimentação de uma produção coletiva, que se completa, mas não se totaliza, apenas em circuitos.

Sai o cão.

A escrita da noite é distinta da escrita da manhã, pois que descubro agora que o verdadeiramente solar emerge apenas nas zonas penumbrosas, em que o fim do dia, o cansaço do corpo e a iminência do sono se esposam. Pela manhã, a claridade demasiada é como pista equívoca na paisagem, por espécie de retidão que se daria a ver do alto. Essa luminosidade conduz o corpo a um tipo de esforço que é perseverança na resolução, na falsa visão de que nada se esconde. À noite, da qual se diz *sombria* uma de suas qualidades, o retorno dos jogos de luz e matizes revelam, não sob a metáfora de incógnita a ser resolvida, mas por resoluta repetição insistente, outro conjunto de problemas, cuja força reside em passar ao largo de exigências de resposta.

O sinal então se revela como exigência vital, que se torna primeiro audível em sopro, depois em imagem frágil e sensação corporal, quando da entrada nesta zona limiar. Foi preciso que toda *teoria* tivesse se tornado intoxicante, e certo estado de forças, exaurido, para aceitar a realidade da distinção crucial entre o que se inscreve sob a rubrica do <impensado> e o que é propriamente <impensável>.

O <impensado> constitui projeto, plano, procedimento, trajetória; com sorte e no cumprimento das exigências educativas do discurso, faz carreira e realiza o possível: aspira à existência civil.

Mas no ensaio de um trajeto resolutivo entre projeto, plano, procedimento, trajetória e esforço no cumprimento do possível, há como que um alerta, que resta ostensivamente silenciado no subterrâneo curso das infiltrações que as formas obturam: *as revoluções moleculares*.

Então, o custo desta pretensão, que na verdade não é senão a alegria que você sente no contato com o fundo virtual <impensável> talvez seja sentido como esvaziamento da colheita, que, ao cabo, adverte-se, não poderá ser posta à medição da balança no mercado das <ideias>.

Mas quem desejaria um pensamento que é, sobretudo, perigoso a si mesmo?

Neste território não se adentra sob o signo da promessa; muito antes, ele se torna navegável apenas nas condições de uma rigorosa deserção. Não sem rubor – já que os cabelos embranquecem e se tornam ralos – quando a correnteza temporal exige sobriedade e ponderação, você decide pela mais <infantil> das questões?

Reivindicamos uma linha de errância, um direito, mas por certo, não do tipo que se arbitra em alguma corte suprema. *‘Mas o que podem fazer com este direito senão viver a desorientação de extravar, que literalmente quer dizer: sair da via. De que via se trata? A do projeto pensado’^{xiii}.*

No entanto, perder-se requer método. Não por gosto ou provocação, mas por necessidade, o nosso será, sobretudo, instalado no limite da precariedade das nossas questões. Sendo assim, frágil, a tentativa reside em pôr em circulação conexões entre diferentes planos de existência que as dizem. Suas matérias requerem a modulação de vozes que, por sua singularidade, demandam montagens de expressão. Razão monadológica, informe, com a qual os rostos e as forças se desenham, e se desfazem, para nos saudar. O que seria dizer, temos muito pouco a interpretar, mas algo a mostrar. Em jogo, a necessidade de construir moradas provisórias para estas tonalidades, numa experimentação lúdica entre o transe, no qual um eu, ao fundo, percebe outras vozes que falam, e a possessão, que é já a tomada completa do que é transformado em veículo de manifestação *comum*.

As montagens guardam a intenção de introduzir superfícies projetivas. Você olha as imagens e os personagens da história. O que você percebe igualmente observa você. Eles não estão inertes, assim como as imagens, relançam a pergunta: o que você vê em mim? Como na refração da luz, as forças prosseguem por outros meios.

A incursão é também temporal-intensiva, na qual diferentes planos são perfurados por memórias, sonhos, devires e fabulações, que serão ditos à meia-luz da ficcionalização, por meio de procedimentos-e-formas-sem-nome. Ora, ‘a revolução não pode usar as técnicas da velha civilização’^{xiv}. Aqui reside mais uma chave para a leitura das *implicações genéricas*. Gire-a.

Este é o trabalho.



FAFERIA

FAFERIA

CURSOS
E OFICINAS
DE ARTE

2017

CERÂMICA
EXPERIÊNCIA COM PRATOS

DESIGN E NARRATIVA

PROJETO DE CERÂMICA

PROJETO DE CIMENTO

LOTE VAGO ADEQUADO PARA USO COLETIVO TEMPORÁRIO



DESENHO

11h ÀS 13h
TODAS SEGUNDAS
DAS 14h ÀS 17h
Investimento mensal: R\$ 180

SCRITA

11h ÀS 13h
TODAS QUARTAS
DAS 14h ÀS 17h
Investimento mensal: R\$ 240

CERÂMICA

11h ÀS 13h
TODAS TERÇEIRAS
DAS 14h ÀS 17h
Investimento mensal: R\$ 240

www.faferia.com.br | faferiadnorte@gmail.com | Tel: 48 3085 6534 - 99146 0251

Rua Coronel João Antônio, 100 - Centro - 64100-000 - Floriano/PA - Brasil
facebook.com/faferia | faferiadnorte@gmail.com | Tel: 48 3085 6534 - 99146 0251



Como se, no despertar abrupto de um calmo sono, a agitação do corpo nos dá notícias da emergência de um estado confusional que se prolonga. A velocidade da passagem de um estado a outro aporta dificuldades de integração da luz e sons do ambiente, com a compreensão das vozes e reconhecimento do espaço. Nessas situações, comum aos viajantes, por exemplo, mesmo por curta duração, já não sabemos onde estamos. Peça por peça, a reconição, performance involuntária da norma no pensamento, busca reorganizar os termos, remetendo o espanto ao já-conhecido. É um quarto de hotel, é o *Duce*, alguém cruza a calçada e o bom aluno já é o primeiro a saudar, *bom dia, Teeteto*. O sacerdote diz tenhamos esperança, é o seu ofício. Mas não hoje. Sabemos que os amigos do conhecimento têm boa vontade, sempre têm. Mas é preciso um tanto de má vontade para começar a pensar. Dotados de boa vontade, os amigos do conhecimento dizem meditemos sobre isso, meditemos sobre aquilo, meditemos, meditemos. Pensar com má vontade: o cão escava até chegar ao osso; os ruminantes, ruminam. O cavalo relincha e não se move, mesmo açoitado. E agora? Dorothy fala com seu cãozinho, *tenho o sentimento de que não estamos mais em Kansas, Toto*. Não se trata de um colóquio de especialistas do *Sul Global*.

Propomos um *experimento de pensamento* que intui prolongar esta duração desacelerando-a, antes que os sentidos estabilizem a concretude do entorno e comecemos a recordar os compromissos do dia. Ligamos para o escritório e mentimos uma doença, estamos saudáveis como nunca, e o dia nos pertence. Situados em um espaço indefinido, permeado de forças sem forma, que por esse caráter, tendem a ser vistas, sobretudo, como *aberrantes*. Demoramo-nos neste espaço-tempo singular por motivos caros às construções de uma *política que vem*: a suspensão da reatividade costumeira, a produção de políticas cognitivas que não busquem a *assimilação* do *estranho* em *familiar*. *Só o estranho, em sua condição de estranho, pode romper o cerco imposto pela razão conformista que preserva a constância das instituições. O familiar é sempre dócil.*

Tomando essas direções como constituintes de um *ethos* cartográfico ao qual nos aproximamos, que de outro modo poderíamos dizer, é também manifestação de desejo na pesquisa, gostaríamos de nos mover como *'alguém que não se deixa representar e que também não quer representar quem quer que seja'*^{xv}.

No entanto, no esforço de circulação entre posições, insistimos na inscrição das marcas de passagem, rastros, pegadas. O investimento reside em que a designação das contingências possa ser útil à proliferação de leituras outras, no que a escrita será deliberadamente elíptica, ou mesmo, alegórica. Nanopesquisa de baixa tecnologia, ciência inumana experimental, os ensaios dialogados recolhem questões que movem o nosso tempo em Desterro. Damos voltas na quadra, coçamos a cabeça. *O que está acontecendo?*

Justificamos o não-todo dessas operações, tanto porque evitamos a modulação de um discurso universal, quanto porque *recusamos a pretensa autotransparência de um sujeito exaustivamente capaz de analisar suas próprias implicações*. De maneira que, se haverá, ou não, um potencial de *implicação genérica* no escrito, sua modulação dependerá do êxito em conjugar a parcialidade das perspectivas mobilizadas, com a equivocação destas mesmas perspectivas. Ao ponto: **'o que se censura à representação é permanecer na forma da identidade sob a dupla relação da coisa vista e do sujeito que vê'**^{xvi}. Mas como criar um distúrbio capaz de fazer caducar a certeza desses fundamentos? Essa é a tarefa do Artista. O Artista tem como ofício tornar-se um falsário, já que transforma o que *é* no que *não é*, ou o reverso, o que *não é* no que *é*, seria dizer, no que *torna-se*. Logo, o desfecho da operação requer que façamos desaparecer o Artista, porque o Artista carece de importância. O Artista, enquanto retrato e sujeito do Universal, dá lugar ao falsário, ao *qualquer um*, ao perigo. Resta *o ato*. Some o Artista, entra o Falsário. O que todos sabem: apenas o Falsário é verdadeiro. Mas perdão, estive ouvindo Tom Zé pela manhã, e o efeito demora um tanto a passar. O Falsário adultera a moeda – como Diógenes, o cínico – e, assim, introduz a produção da diferença ao incidir sobre o lastro que assegura a estabilidade dos valores. Gentilmente, envia-nos uma pequena preleção: 'a representação infinita pode multiplicar os pontos de vista e organizá-los em séries; nem por isso essas séries são menos submetidas à condição de convergir

sobre um mesmo objeto, sobre um mesmo mundo. A representação infinita pode multiplicar as figuras e os momentos, organizá-los em círculos dotados de um automovimento, *mas nem por isso esses círculos deixam de ter um único centro, que é o grande círculo da consciência*. Quando a arte moderna, pelo contrário, desenvolve as suas séries permutantes e suas estruturas circulares, ela indica à filosofia um caminho que conduz ao abandono da representação. *Não basta multiplicar as perspectivas para fazer perspectivismo*'. Essa é a tarefa que cabia ao Artista, já se ouve, agora cabe a qualquer um, a qualquer um, a tarefa de fazer com que a 'identidade do sujeito que lê se dissolva nos círculos descentrados da multileitura possível'^{xvii}. Precisamos nos aproximar de suas razões. A crítica deve uma forma de *clínica*, isto é, deve carregar a intenção de produzir condições de efetuação de desvios, por meio da instauração de *zonas de indeterminação*: caducar a certeza do mundo, caducar a certeza do *eu*, em direção a novas ficções. Justificamos a urgência: 'a guerra civil produz uma mudança de perspectiva sobre o mundo. Geralmente, os clínicos têm na cabeça a estabilidade do mundo burguês. São pequenos ou grandes burgueses que querem viver sozinhos e fazer dinheiro, ser cientistas. Ora, em uma guerra civil, como foi a nossa, o clínico tinha de poder aceitar uma mudança de perspectiva sobre o mundo. Um bom cidadão é incapaz de fazer uma boa clínica. **A clínica comporta uma anticultura, isto é, uma cultura com uma perspectiva diferente da do sujeito**. Sua natureza carece de importância'^{xviii}. Em meio à névoa e ao tumulto, entre os ratos, entre os porcos – como esquecer? – o Falsário responde ao jornalista que tomava notas para o diário. O dito é agora célebre: 'anota aí, eu sou ninguém'^{xix}. 'Para todos e para ninguém'^{xx}, já disseram antes, nós o diremos novamente. *Foram me chamar, eu estou aqui o que é que há?*

Duplo-movimento, crítico-clínico, portanto, morada provisória *entre movimentos* que constituem o trânsito da pesquisa. Temos grandes pretensões, alguém diria, e, talvez, fosse mesmo preciso reconhecê-lo, mas gostaríamos de não ser pretensiosos. Por esse motivo, seguiremos a hipótese de elaboração de '*uma filosofia que começa na cozinha da casa em vez de nos desvãos celestes da metafísica*'^{xxi}, e certamente, não para reconduzi-la a esse destino.

A visão do céu noturno nos mostra pontos de luz, cuja nomeação em constelações de estrelas é resultado tanto das relações internas de proximidade sugeridas por sua localização quanto do esforço projetivo do observador, que efetivamente *as faz* visíveis. As constelações *estão* lá, mas *não estão, simultaneamente*. Mesmo não sendo nova, a imagem ainda nos interessa como analogia ao nosso plano de construção. De modo que, no agenciamento de materiais heteróclitos, mantemos o esforço em tornar perceptível um ritmo na relação entre as peças. Como se diz dos ritornelos e de sua função catalítica, objetivamos, com as pequenas repetições-tema, ‘assegurar interações indiretas entre elementos desprovidos de afinidade dita natural, e através disso formar massas organizadas’^{xxii}, o que seria dizer, sustentar a consistência da nossa intenção.

O perspectivismo nietzscheano, e suas repercussões no multinaturalismo ameríndio, nos apoiarão na tarefa

Foi neste ponto, um pouco antes na verdade, que eu interrompi a leitura do texto que você me enviou, para marcarmos a nossa conversa de hoje. Como já havíamos conversado antes, imaginava por onde você seguiria, então, achei melhor lhe ajudar a economizar um esforço mais longo de escrita, antes de

Quer um café?

Deviam-me pagar por tomar esse café frio e doce, mas quero sim. Qualquer café é melhor do que nenhum café. Tira esse escorpião aí do bolso, e compra uma máquina pro grupo. Hum, *ristretto, volutto. Envivo Lungo?*

Só aqui mesmo, esses orientandos folgados, você não vale nada. *Aqui é Capão Redondo, tru, não Pokémon.*

Tá bom, *Coração ferido por metro quadrado!* Mas uma máquina até que não seria mesmo uma má ideia. Os trabalhos saíam na metade do prazo, é custo-efetivo! E o Monsieur, quando chega pra visita no nosso querido departamento de ultramar?

Essa é velha, mas até hoje me faz rir. Olha aqui nosso departamento de ultramar, seis meses pra arrumar uma janela. Tá vendo? Não abre nem com reza. Então, queria ver isso contigo também. Essa época vai estar bem complicada, tem algumas viagens no meio, coisas em casa, vou acabar ficando um pouco ausente. Pensei em te escalar, para dar uma força, ajudar nos translados, no que for preciso e, se você quiser, fazer algumas anotações. Há uma programação intensa, acho que vai te ajudar na pesquisa.

Maravilha, claro, posso sim. Você acha que eu consigo acompanhá-lo?

Nas entrevistas, acho quase impossível, acho não, tenho certeza. E também, olha, me incomoda demais toda essa agitação, que só reforça esse culto, que é o próprio nó do problema. Bem, mas depois falamos disso. Agora, o trabalho. Na pesquisa, estamos sempre fazendo escolhas, mas, em determinados momentos, alguns pequenos deslocamentos, como na trigonometria, de poucos graus, te levam a uma distância enorme no final. Então, às vezes, é preciso parar um pouco, e ver se é isso mesmo. Você está construindo um campo, vivendo entre as lutas aqui em Desterro, pensando na questão da produção do comum, nos agenciamentos e no problema das passagens. É um trabalho sobre Ética, podemos dizer assim?

Não estaria tão fora da marca, são mesmo diálogos acerca do que estamos nos tornando.

Uma experimentação com a ética cínica. Já sendo um pouco mais específico, me parece um passeio como Diógenes.

Você disse *com* Diógenes, ou *como* Diógenes?

Como Diógenes? Você aceitaria esta interpretação?

Acho que está bem, eu gosto. *Com* Diógenes, entretanto, me parece mais factível. Inclusive, há um cão que, bem, deixa pra lá.

Com Diógenes, *como* Diógenes, veja aí você. Só tem uma coisa, é importante. Você já provou estes biscoitinhos de goiabada? Não quer? Então, vou até fechar o pacote, senão já viu. É o seguinte, você já sabe, trabalhamos juntos há algum tempo. Qual é a

nossa regra? Isso mesmo, nunca dizemos aos outros *o que fazer*. Não que não tenhamos ideias, e deus sabe como gostaríamos de fazer isso às vezes, mas nos refreamos porque, se o fizéssemos, bloquearíamos exercícios de problematização. O imperativo sufoca a problematização. Então, de fato, ao menos para nós, não há sequer uma escolha. E outra, se você sabe *o que é e como fazer revolução*, então por que não *faz*? Então faça. A rapaziada aqui do lado pensa diferente. É final de semestre, olhe esta pilha de provas e relatórios, assim como eu, estão todos atarefados. Mas quando acabarmos, vamos tomar uma gelada juntos, ali no Antônio, do outro lado da rua. Já fazemos isso há muitos anos. Quando tentam começar a privatizar esta merda, estamos sempre juntos. Quando tentaram implantar aquela porcaria de escola-empresa e não o sei, mandamos os caras correrem, juntos. Lembra? Quando queriam deixar os estudantes sem refeitório, estivemos juntos. Os caras são firmeza. Temos proximidade, criada em enfrentamentos, e sabem que é assim que penso. Também sei que me chamam de *dadaísta filósofico*. Não me ofende, já comparecemos juntos a situações difíceis, e, no fim, isso realmente conta muito. Gostaria que você prestasse mesmo atenção. O que me incomoda, o que me incomoda é esta ideia de *cubo branco*, como se houvesse uma possibilidade de *recomeço absoluto*. Quanto a isso, vejo o oposto, vejo o processo, sempre inacabado. Em oposição ao cubo branco, o Atelier do Giacometti, como contado por Genet, o ladrão.^{xxiii} Um lugarzinho bagunçado, caótico, meio sujo, cuja transição rua-*atelier* mal se percebe, porque há uma espécie de contiguidade do espaço, ausência de segmentação entre esferas da vida. O *atelier* é também a casa de Giacometti. É de se imaginar, portanto que, não fosse a necessidade de abrigo para o corpo e os materiais, talvez não houvesse sequer algo a ser nomeado atelier. Ou seja, nossa concepção do que é política é radicalmente distinta. No entanto, estamos juntos muitas vezes.

Qual é o sentido da preleção?

Não é preleção, é um papo. É só um papo, uma história. Sobre o Diógenes, seria uma ficção? Uma ficção que busca incidir na modulação de realidades, e, para isso, mistura ingredientes de várias procedências, especialmente da realidade, digamos, *consensual*, para criar efeitos de borramento, *sfumato*, parece interessante. Ora, *a esta criação de*

realidades chamamos precisamente produção de subjetividade. É o núcleo irreduzível do nosso ofício. Agora, só não vá confundir o intuito da problematização cínica, uma microanálise das situações e forças, com julgamentos de outra espécie. Sobre as *ficções, bueno*. Tema quente e espinhoso do nosso tempo, e era sobre isso que eu queria que você pensasse. De fato, há historiadores-filósofos que disseram terem feito apenas ficções. Mas, e sempre existe um ‘mas’, essa assertiva, com frequência, é mobilizada e compreendida em sentidos díspares, mesmo antagônicos, no que importa saber que o modo como você a toma, afeta os efeitos que você quer produzir, ou gostaria de produzir, compreende?

Acho que entendo o que você quer dizer, tenho pensado sobre isso.

Muitos aceitam essa afirmação como *blague*, assim como quando se fala de anarqueologias^{xxiv}, digamos, apenas uma pequena provocação que opera contra os efeitos de autoridade que um discurso pode acabar por produzir. Um alerta, digamos assim. Por outro lado, pesar a leitura em outra direção nos leva à proximidade da constatação perspectivista de que não existem fatos, apenas interpretações.^{xxv} Nessa chave as anarqueologias, seriam procedimentos de colheita de elementos que possam compor, sustentar, apoiar uma intuição, que é, de certo modo, prévia. Feyerabend contra Kuhn, contra Popper. Eu gosto. Contra a ciência do concreto, o saber do sensível.

Contra o fiscal da aduana, só um caminho: descaminho.

Descaminho?

Você não se recorda da tipificação? ‘adquire, recebe ou oculta, em proveito próprio ou alheio, mercadoria de procedência estrangeira, desacompanhada de documentação legal ou acompanhada de documentos que sabe serem falsos’^{xxvi}.

Você quer dizer contrabando?

São tipos penais distintos, mas é uma tecnicidade.

Enfim, me lembra a famosa enrabada filosófica, fazer filhos monstruosos pelas costas dos autores. Apenas, não esqueça, para que funcione, *eles realmente precisam ter dito tudo aquilo que lhes fazemos dizer*.^{xxvii} Bem, esse é um problema que também encontramos na antropologia, que aceitando a inevitabilidade do caráter ficcional das reconstruções narrativas do campo, passa a trabalhar com uma ideia de que sim, nesse sentido, é ficção, mas precisa ser persuasiva^{xxviii}.

Acho que não estou acompanhando agora, porque o texto anterior que lhe enviei, com as observações na margem, é uma descrição de linhas de errância nos circuitos de lutas em Desterro, no grupo de apoio a demarcação das terras indígenas, grupos que trabalham na defesa dos direitos das pessoas trans, anarquistas dispersos, o teatro de rua, coletivos de apoio aos quilombolas, manifestações de rua. Talvez eu pudesse incluir uma reflexão mais explícita sobre esse tema, mas me parecia que eu já estava trabalhando informado dessas questões.

Então, não é por isso, acho que está ótimo, quero dizer, à parte o tom meio voluntarista e críptico da introdução, mas enfim, nem é isso agora, antes, o contrário. Eu achei que seria importante que você percebesse, com mais atenção, que há escolhas importantes aqui, porque, ao seguir pela via do *logos*, mesmo com o esforço de descrição cuidadosa, da inclusão de suas observações, até bem pessoais, restam algumas intuições, eu penso, muito significativas, algumas até delirantes, que ficaram, como você disse, à margem do texto. Os sonhos... e ainda, bem, eu lhe conheço, mas o que lhe faz diferir de uma espécie de *voyeur*?

Ora, o entre não tem propriedade. Tem? Eu pego somente o que acho na rua. Com isso, construo esta maquininha, por mais vagabunda que seja. Quando parar de pé, deixo-a também em alguma rua qualquer, para o uso de *ninguém*, ninguém em particular, ou seja, qualquer um. Da maneira que julgar adequado.

Onde o galo canta, ele janta.

lêê, camará.

Algumas observações eram parte de conversa fora-do-texto, porque somos amigos. Por exemplo, se eu escrevo sobre as pessoas que atearam fogo na viatura policial em um dos dias da greve, próximos à câmara municipal, sem que ninguém os identificasse até agora? Ainda, leva a certo tom de heroísmo um pouco...Como vou escrever lá, a esquerda precisa de uma dose de...uma boa dose de...

Realidade?

De ácido!

Sulfúrico?

Lisérgico!

Sulférgico!

Lisúrico!

Já temos um conceito! E duas novas palavras, nada mal para uma segunda-feira. *Derreter causticamente a matéria estável, para reduzi-la ao seu mínimo princípio. Ampliar a definição e a realidade própria do possível, no movimento em direção ao que ainda não é, mas torna-se.*

Bem, mas não é interessante saber que eles respondem desde uma lógica...que se consideram parte de um comitê invisível, de um plano subterrâneo das lutas, que mulheres participaram, que os homens negros do coletivo, não, porque na eventualidade de terem sido pegos, seriam presos e ficariam lá? *Que a fratura entre a contracultura e a esquerda tradicional parece não ter sido foi superada?* Dá pra fazer, claro que dá, essa última questão já está, mesmo que implicitamente, indicada na cartografia sentimental da América.^{xxix}Aponte e siga a existência desta linha. Esta passagem é muito importante. Mais do que isto, eu diria, decisiva.

Isso tem me ocupado desde o evento sobre as democracias radicais.

Essa é uma passagem importante também, os homens, brancos, falando sozinhos sobre *a democracia que vem*. Não tem jeito, um aspecto crucial da sua pesquisa passa por aí.

Sim, mas sigo com a mesma dificuldade.

Esse é o ponto da nossa conversa, você pode dramatizar essas ideias, porém, dando mais um passo, *mais além* do inerente caráter de ficção que todo pretense realismo sempre comporta. Aqui, achei, vamos ler juntos esse trecho de uma entrevista em que se fala sobre a questão: 'Nunca escrevi nada além de ficções. Não quero dizer que elas estejam fora da verdade. Parece-me plausível fazer um trabalho de ficção dentro da verdade, introduzir efeitos de verdade dentro de um discurso ficcional e, de algum modo, fazer com que o discurso permita surgir, fabrique algo que ainda não existe, portanto, ficcione algo. Ficcione-se a história partindo de uma realidade política que a torna verdadeira; ficcione-se uma política que ainda não existe partindo de uma verdade histórica'^{xxx}.

Sim. Talvez vá mesmo por esse caminho.

Pois é, eu não vou resolver essa pra você. É isso mesmo, no embaralhamento de tudo, você talvez venha a perder algo do efeito-verdade do texto acadêmico, porque o eventual leitor terá dúvidas. Te contei que estive na casa do Pepe, em uma festa de família?

Eu soube, mas não pude ir.

Encontrei a irmã dele, querida, uma figura. Adotaram um cão, me parece, mas não ouvi seu nome.

Era sobre esse cão que lhe falei antes.

Nada de mais, quem já viu um cão, viu todos.

Ela é matemática, não é?

Sim, sim. Ela me contou da sua tese, que acabou de apresentar. Claro, é incompreensível aos não matemáticos, como você deve imaginar. Mas isto é secundário. Eram dois artigos, e o conjunto não tinha mais de umas quarenta páginas. Veja que curioso. Sobre o primeiro artigo, foi-lhe dito que a solução era elegante. Tratando-se de matemáticos, costumeiramente discretos, esse é um elogio que tende ao exuberante, foi o que disse uma amiga que estava à mesa conosco. Quanto ao segundo, não houve quem soubesse, com segurança, se o desenvolvimento do problema estava correto ou não. Mas isso não é tudo. Não estavam sequer convencidos de que os termos do problema estavam corretamente colocados. Mais do que isso, se o problema *realmente* existia. No entanto, tampouco puderam defender o contrário.

Imagino que ela certamente o soubesse. Não fosse assim, por que razão o apresentaria?

Justamente por este motivo, propiciar a ocasião de novos movimentos de exploração dessas questões. Eu achei extraordinário, me disseram, na matemática, é quase corriqueiro. Fico animado em acompanhar essa constelação de pequenas questões que se movimentam na pesquisa de vocês. Como você, também gosto de Foucault. Quanto a isso, temos uma aproximação similar, sempre me pareceu que você gosta de explorar essa não coincidência do Foucault em relação a si mesmo. *Um nome é abrigo de muitos seres*. Mesmo um relato de si não os unifica. Mas, depois de uma de suas mais tardias entrevistas, em que disse que sua questão sempre fora o sujeito^{xxxi}, pronto, sedimentou-se um modo de *leitura retrospectiva*.

Prefiro pensar que seja alguém que continuamente as deslocava, sem determinação prévia.

O acento das preocupações, as construções analíticas e suas regiões se modificam significativamente com o tempo. As condições de possibilidade dos discursos, os mecanismos que se movem e sustentam relações de poder, a relação de si consigo mesmo são tonalidades, mutações, que nos impossibilitam de as circunscrevermos no corpo unificado que a noção de *teoria* sugere. Por isso, os intercessores são tão

importantes. Eles nos permitem 'fazer que intervenham saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de uma ciência que seria possuída por alguns. São **anticiências**'^{xxxii}.

Perfeito. É aquele lance 'quais os tipos de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ser esse saber uma ciência? Qual sujeito falante, qual sujeito discorrente, qual sujeito da experiência e de saber vocês querem minimizar quando dizem: eu, que faço este discurso, faço um discurso científico e sou cientista? Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar, para destacá-la de todas as formas maciças, circulantes e descontínuas de saber?'^{xxxiii}

Pensando nisso, eu faria uma liberdade interessante com a composição de muitas vozes em um personagem. Há questões geracionais também. Mas, nesse caso, seria interessante que personagens fossem homens brancos, como eu e você, reagindo e dando notícias das forças que os atravessam.

E prudente também? De qualquer modo, parece-me possível conjugar planos de forças com as dobras que fazem lugares. *Uma síntese disjuntiva entre ninguém e os 'eus' particulares*. Já estou velho para me por à disposição de responder a esse silêncio dos homens neste tempo que estamos vivendo, agora eu só apoio a loucura dos outros! Eu vou ficar por aqui, só na imanência!

Sim, levando os outros até à beira do precipício!

É a minha tarefa agora! A propósito, já lhe contei a história sobre o precipício? Não? Eu conto essa história para todo mundo, sem a parte do Ayahuasca, claro. Bem, estávamos nos planaltos da serra, acampando na borda dos cânions, em um encontro que duraria alguns dias entre lideranças e parentes de alguns povos indígenas.

E você pôde ir? Deixaram que você participasse de tudo?

Sim, e não, não de tudo. Por alguns períodos, não era nem preciso dizer, torna-se evidente quando certos momentos não são para todos. E, além do mais, na dúvida, é sinal inclusive de boa educação perguntar. É engraçado como lidamos mal com os

diferentes tempos e modulações nas configurações dos grupos. Repare, vá até algum partido, e, se alguém menciona uma setorial negra, um grupo apenas de mulheres, os dirigentes já ficam todos expiados. Incrível, é um misto de arapongagem, exercício de poder e amor romântico. Claro, escamoteado por alguma teoria com centralismo democrático. *Todos iguais, mas uns mais iguais que outros*. Mas continuando, na manhã do primeiro dia, um camarada indígena, enquanto conversávamos, disse, ‘vamos até a borda ver os canyons’. Daqui está ótimo! Mas eu não iria passar tanta vergonha, então, caminhamos. A uns 20 metros da borda, me detive. Ele riu, olhou para trás e seguiu andando até a *borda da borda*.

Por mim, podem tirar uma foto e me mostrar depois.

Os últimos passos provocam pânico mesmo em quem está a uma distância segura. Mas o que ele fez? Deitou-se. Aí está: *a única forma de olhar o abismo é estando agarrado à terra. Rente ao chão. O abismo é uma dobra da Terra*.

O chão estava úmido?

Oi?

O chão estava úmido?

É mesmo, há quem diga querer se aproximar da borda, e sair limpinho. É isso. Você quer falar mais sobre o que conversávamos?

Eu fico em dúvida, sobretudo, em relação a dois aspectos, três, na verdade. O primeiro, se isso não seria leviano com as pessoas com as quais eu estou pesquisando, e os coletivos com os quais eu tenho atuado. Há aspectos, por exemplo, de violência, que precisam ser denunciados. Também, talvez exista alguma expectativa em relação ao escrito, não sei se ficariam descontentes, ou mesmo, ofendidos. Me preocupa. Os outros, dizem respeito ao que se espera de uma pesquisa, aspectos mais práticos. Esses procedimentos não parecem respeitáveis, e, embora todos afirmem um desejo por descolonização, na hora de ver como as coisas andam mesmo, a igreja positivista cobra o dízimo de suas instituições. São mais de dois mil anos. Não saberia nem como apresentar uma pesquisa nesses termos.

Você irá encontrar um modo. E se não encontrar, a falta de jeito será a sua expressão *única*. É assim.

Por fim, quanto custa um trabalho como este? Contando o equivalente a mensalidades, bolsas, são milhares de xelins, não? Ao invés de ter uma pesquisa como se espera, quem me garante que não acabo com algo tipo 'Marimbondos de Fogo', e que isso seja apenas um capricho diletante de mal escritor?

Acho que suas preocupações são justas. Quis levantar a questão porque penso que há coisas que talvez apenas possam ser ditas de determinados modos. Também, os movimentos de deserção, que não sejam apenas evasão paralisante, implicam na tomada de alguns riscos. Toda tradução é uma traição, sim, mas importa saber a quem e o que se trai. Meio cristão isso, vamos dizer então, profanar. O filósofo romano que estávamos lendo outro dia, que eu não gosto muito, vá lá, tem uma reflexão interessante a esse respeito, embora ele o diga, mas não o faça, morando em Veneza, e falando em necropolítica, vida nua...Mas voltando, a profanação é isso, não é fugir ou abandonar, você fica no jogo, mas de outro modo. O bigode na Mona Lisa, do Duchamp! O gesto é por aí, *restituir ao comum* o que foi apropriado^{xxxiv}. Do mesmo modo, em um mundo desencantado, reintroduzir o encantamento é uma forma de profanação. Pensar com encantamento é uma qualidade própria e muito singular às *tradições visionárias*, extramodernas. E mais, as pessoas já estavam fazendo suas lutas antes de sua pesquisa, passam muito bem sem ela, há uma indiferença saudável nisso. Então, a língua a ser traída é a sua, fazer a sua língua falar o que ela não pode, ou não quer dizer, é um sentido da contribuição.^{xxxv} É curioso que seja um professor a lhe dizer isso, mas fico feliz que você tenha decidido abandonar a escola. Não é fácil, talvez apenas em alguns anos você saberá se foi mesmo possível desaprender o que você precisava desaprender. Você escolhe, mas não espere aventurar-se pelos gêneros menores em segurança, já que a segurança é inversamente proporcional à liberdade.

Eu tenho percebido um uso moral, de boa intenção até, mas algo humanista, nessa ideia que circula, de que se poderia partir de uma pretensa horizontalidade como *a priori* constitutivo da relação entre os pesquisadores e as pessoas... e é o que você falou, ninguém me pediu para fazer uma pesquisa.

Ah, sim, isso quase sempre leva a ocultar as relações de poder que configuram o campo, e, por vezes, acabam por funcionar apenas como outra tecnologia em serviço da produção de um conhecimento que, digamos, brilha mais, bem lustrado pelo verniz participativo. Porque, claro, você não paga as outras pessoas que pretensamente fazem a 'equipe' de pesquisa, não é?

Sim, mas a produção de conhecimento pode

Pode e não pode. Se você propusesse, a pesquisa, ou quatro, cinco casas, numa comunidade? Dois mil aparelhos auditivos? Cinquenta mil refeições? Sim, do ponto de vista do enfrentamento com o Estado, de um dos países mais ricos do mundo, como o nosso, a questão não é a escassez, mas a escassez produzida por apropriação. Enfim, mas só pra ilustrar, a relação precisar ser feita, e mesmo sendo feita, se for feita, ela é sempre muito pontual. É bom ficar esperto.

Parece delinquente transformar os outros em personagens de um texto.

Finalmente, você pegou o texto de que lhe falei!^{xxxvi} Olha, é difícil fazer com que vocês leiam os textos que eu indico. Mas note, a delinquência é o meio acadêmico, na hipótese de que siga constituído como está. Uma máquina de apropriação do outro, mas esse apontamento vai longe no tempo. Não é por acaso que nos meios militantes, esse chamado 'pesquisador' é visto com altíssima suspeição.

Para não dizer, hostilidade.

Demorou, mas, finalmente! Importa o que você faz com isso. Retira-se, e, como bom intelectual orgânico, faz um trabalho 'teórico', ou constitui um revezamento, entre teoria e prática política^{xxxvii}. Os esforços do Grupo de Informação sobre as Prisões é notável por isso, eles usam uma experiência política, na qual a intervenção é mínima, na verdade, quase apenas um suporte para que as pessoas falem, e colhem esses nutrientes para constituir um problema, cuja demarcação retorna, servindo de apoio às lutas contra o encarceramento.

Essa ideia, do nutriente, lembra-me o que eu havia escrito na introdução, que pelo visto nem irei usar mais, sobre uma filosofia que começa na cozinha de casa. Fiquei uns dias com essa frase.

Foi nesse ponto que percebi que seria melhor conversarmos antes de seguir, porque essa frase contém algo decisivo para a sua pesquisa, por vários motivos.

Um problema de método?

Não apenas, mas de como suas questões são inseparáveis do modo como você está operando suas construções e, portanto, de como pretende seguir. Às vezes, tomamos como metáfora o que teria mais rendimento se compreendido literalmente. O que se faz na cozinha? Sei lá, carne de panela. Cebola derretendo na manteiga, barulhinho tranquilo, espiando as crianças, um pouco de tomate, domingo de manhã, sem pressa, um pouco de água, depois mais um pouco, e as horas vão escorrendo na fervura leve. Alecrim. Dá pra sentir o cheiro, não dá? Vai reduzindo, reduzindo, reduzindo, você fica com um gosto concentrado, mais sutil, como um andamento de música, pianinho. Pianíssimo! Outra coisa, essa frase, ali, solta, está bem, mas há algo ainda mais importante, talvez uma direção ética, que passou despercebida quando você omitiu o contexto em que ela está inserida. Essa ideia, essa idéia é simplesmente o eixo do qual se parte para construir todo o desenvolvimento do que se entende por Pensar Nagô: uma filosofia feita na vida a serviço da vida, um pensamento que começa no corpo e na sonoridade, e cuja apropriação individual, monopolista, é barrada de saída^{xxxviii}, além da evidente confluência às epistemologias feministas, que o autor não menciona, sendo homem.

Esse livro foi muito difícil, as questões de crença. Até comecei outro texto sobre essa questão.

E por onde você caminhou com essa ideia?

Comecei a perceber que 'crença', como conceito, e mesmo como direito constitucional, por exemplo, em sociedades, ditas, laicas, sendo expresso apenas como tolerância multicultural, preserva um racismo inerente, por operar uma clivagem entre

um mundo pretensamente objetivo, universal, e os ‘particulares’, destituídos de sua reivindicação de existência real, porque simplesmente reduzidos a parcialidades. Ou seja, nós os toleramos, mas sabemos que são delirantes. O que seria dizer, os mundos que esses ‘particulares’ não cristãos expressam são, de início, sabotados em sua capacidade de disputa com o mundo único. Mas é uma digressão, não vejo como isso se relaciona diretamente ao que estávamos conversando.

Já nos conhecemos há muitos anos, então, eu sei que você não pratica nenhuma religião, que não está em busca de nenhuma conversão, mas sempre encontra uma oportunidade de falar naquele texto, ‘Imanência, uma vida’^{xxxix}. Se poderia dizer que é uma crença, mas é tão somente um mundo possível, mas realmente existente, não é isso? Um dos mundos, não uma visão de mundo, ou sobre o mundo. Lembro-me de um dia em que estávamos conversando sobre isso, e você me disse que, para você, o sentido mais radical do paradigma estético é o assombro com que você percebe a ausência de fundamento do mundo. Para você, o que o justifica, eu digo, o mundo, é a beleza de sua existência, que é bela por não ter *finalidade*. O Dadaísmo, ou o Tropicalismo, por exemplo, ilustram esses modos de celebração.

Não entendo a relação que você faz.

Cosmovisões. Quando o Antônio Bispo dos Santos nos conta da sua vida no quilombo, e forja os conceitos com os quais ele trabalha no texto que lemos, o faz apontando a necessidade de *mobilização total, orgânica*, em oposição à sintética, do território com o qual se pensa^{xl}. É a necessidade de que, em um momento como o que enfrentamos – *dilaceramento do planeta, colapso de mundos* – a cosmovisão que condiciona um pensamento seja posta em escrutínio e suas consequências éticas inquiridas ao limite. Há implicações desse solo anterior à manifestação pública de uma reflexão que quase sempre permanecem silenciadas. É preciso explicitá-las, não por alguma exigência exterior, mas pela oportunidade do estabelecimento de conexões que um movimento como esse ocasiona. Neste caso, a amizade confluyente entre *imanências*, se eu puder tomar a liberdade de falar deste modo. Quando Bispo nos diz que ‘o melhor lugar para guardar o peixe é nas águas’^{xli}, não o poderíamos entender dessa maneira? Embora ele se posicione em uma matriz politeísta de pensamento, você não estaria partilhando

com ele uma mesma orientação de *ecosofia*, embora vocês mobilizem tradições tributárias a cosmovisões distintas?

Ecosofia?

Guattari, a articulação ético-política entre três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana^{xlii}.

Acredito que sim. Gosto de pensar que sim, ou, ao menos, é a direção que persigo. Eu me interessei sempre mais pelas similitudes, pelas congruências. Como percebo, não há melhor definição de 'Passagem', *a busca dos pontos de cruzamento e comunicação entre diferentes regimes de afecção e planos de visibilidade*.

Você vai até onde você consegue ir e, é claro, existe uma irreducibilidade das perspectivas que você pode habitar, mesmo provisoriamente, por conta disso. Mas há modos de fazer que podem-lhe auxiliar nessa tarefa. Uma destas é fazer passar pelo *sistema-eu*, elementos que lhes são estanhos, no pensamento e no corpo. É preciso frequentar esses outros modos e lugares. Além dos deslocamentos que você faz acompanhando e participando dessas ações que você mencionou, seguir refletindo sobre essas experiências de passagem, com ideias que lhes são estrangeiras, e extrair delas os nutrientes que seu corpo consegue absorver. Por exemplo, neste caso de que falamos, você colhe essa ideia em sua literalidade e, efetivamente, começa a pensar a partir da cozinha de casa.

Isso não seria uma apropriação indevida?

Mas você precisa incluir, inclinar-se a, bem, quem está nessa cozinha? Ok, depois. Sem dúvida, há que se ter cuidado, mas disposição em assumir algum risco, deste caso, o que decorrem da decisão em *ficar com o problema*.^{xliii} Ficar com o problema, por efeito de decisão, assinala a escolha em ficar com a balburdia, com a confusão. Quem escolhe ficar com o problema, recusa a ideia de solução e falsas ordenações que extirpam o caos, mas compromete-se com o *processo*. Porque este é o nosso tempo. Quão anacrônico seria ordená-lo? Você não coloca as coisas em seus lugares, mas

narra e reflete o disparate, abrindo as situações à entrada do eventual leitor. *Trata-se de um investimento ético.*

Ou leitora.

Sim, sim, ou leitora. Você não vai reivindicar um pensamento Nagô, o que, em si, leva uma vida, ou muitas vidas, mas aceitar o convite de que um de seus elementos, muito pequeno, é verdade, passe por você. Que estejam lhe oferecendo esse nutriente é um ato de enorme generosidade. Por que você não o aceitaria? Você não é um antropólogo do início do século, digamos, do tipo inglês, você não pretende fazer a cartografia do pensamento do outro, mas a cartografia outra, e seus efeitos no seu, quando destas passagens. Cartografia de planos de forças, não de sujeitos, com o perdão da redundância. 'Seu', inclusive, neste caso, dos muitos, em similar posição interseccional.

Bem, isso demandaria uma espécie de xamanismo.

Acho que ficamos por aqui.

Virou psicanalista depois de velho?

É preciso fazer um extra! Dedicção exclusiva na universidade pública é ótima para descolar uns pacientes que pagam bem no consultório, os alunos se impressionam fácil, as redes de indicações são boas, você está sempre em evidência em algum lugar. De fato, a lojinha rendia mais quando não havia cotas, mesmo assim, não podemos nos queixar muito. Mas tem que fazer na camufla, não pode dar recibo para abatimento no imposto, essas coisas, porque de outro modo a trama pode se complicar. Bem, nem seria preciso dizer, mas é evidente que não estamos falando das ilegalidades populares.

Ah, mas quinze conto por mês é pouco, não dá pra quase nada. Um Borgonha honesto pro dia a dia já vai pela hora da morte com esse câmbio! Olha, eu não estou aqui pra regular os desejos de consumo ou necessidades de ninguém. Agora, tá pouco, irmão? Cola na assembléia e vai fazer a luta com os demais trabalhadores, caralho!

Ah não, aquela gente suada, que trabalha no escritório, no almoxarifado, limpando banheiro. Muito *blue collar*. Eu sequer sei o nome dessa gente. E tem outra, como vou ensinar clínica, não tendo um campo de prática, isto é, sendo um clínico?

E a clínica-escola?

Psicanálise em extensão? A clínica verdadeira, superior, *comme Il faut*, não se produz nesses espaços.

Mais malandro é o gato, que já nasceu de bigode. Se fosse dizê-lo, talvez o dissesse em alemão, pra facilitar o entendimento.

Verleugnung?

Particularmente, não gosto dessa mobilização de vocabulário *dito* clínico para análise política. Agora, uma situação como esta é, sim, uma chave para compreender também um pouco do que se passa, nisso que guarda indícios de montagens perversas. E não do tipo de que nós gostamos, do tipo que desejamos.

O que se pode esperar de efeitos de transmissão nessas cenas? Depois, há pessoas que se surpreendem. Oh, o horror! O horror!

Já fomos advertidos, antes, e melhor. Guardiões da Ordem, 20 anos esta noite!^{xliv}. Como disse Estamira: *um mundo de espertos ao contrário*.

Nem me fale de Estamira. Quisera nunca ter assistido a segunda parte do filme. Fazem questão de tentar se vingar da força de Estamira. Definição exemplar da revolta escrava da moral. Dotados de compaixão, evidentemente. Buscam eliminar tudo que há de intempestivo, virulento, poético e visionário nessa mulher que nos faz tremer, e que cumprindo a mais alta exigência da verdade *cínica*, encontra um tanto de saúde na experiência da loucura. Experiência esta, por vezes, lascinante, o sabemos. Vejam que pobrezinha, doente, papai, mamãe. Interpretação reacionária, sem mais. Assim como a milésima análise radicada no *desemparo*. Observem as consequências políticas desta inoculação. A garotada de '68 matou a charada, então, não esqueçamos: as estruturas não descem às ruas! Afinal, o que é um cãozinho contra um gato?

Se um cão é doméstico, todo gato é sempre aprisionado. O verdadeiro cão é o gato. O que havia para ser denunciado, o fora por Estamira.

Bem, as honras da casa estão feitas.

Ô psicanalista pela democracia, beleza, agora deixa quieto essa. Foco!

E o almoço aquele?

Vai sair!

E as crianças?

Cada dia maiores. E os teus velhos?

Cada dia melhores. Só fazem o que querem.

A Entrevista

As condições de publicação desta entrevista, como se sabe, foram objeto de longa negociação entre os herdeiros do espólio e os editores. A intensa batalha legal, cujos detalhes são omitidos, uma vez que sua não veiculação integra o acordo entre as partes, finalmente chega a termo. Em que pese essas impossibilidades a que estamos submetidos, recuperamos, no entanto, alguns elementos contextuais. Por julgarmos que, de qualquer modo, essas informações se tornaram um fato público, lembramos que superados os obstáculos financeiros impostos pelos herdeiros, o objeto da disputa que se prolongava dizia respeito à preservação da memória e ao legado do entrevistado. Dadas as condições em que a entrevista foi concedida, colocava-se em causa a capacidade do entrevistado em julgar a adequação de suas exposições, e, portanto, a legalidade de sua manifestação livre no contrato. Como é de amplo conhecimento, parte dos herdeiros, mesmo sob compensação financeira, não desejava que esta entrevista viesse ao amplo domínio público. Reunidas as condições financeiras e legais para sua publicação, restava o desafio de sua editoração. As sessões de entrevistas deveriam ser realizadas ao longo de três dias, por solicitação do entrevistado. No entanto, como se sabe, elas acabaram não sendo concluídas. Temos apenas a primeira parte. A transcrição das gravações acompanha as oscilações do estado de saúde do entrevistado, quando já debilitado por uma longa enfermidade.

É preciso reconhecer que, ao longo dos encontros, houve momentos que, em nós mesmos, nos pusemos em dúvida quanto a sua efetiva capacidade de deliberação. No entanto, por o julgarmos necessário à memória de Desterro, fazemos a opção de partilhá-la integralmente, no que resta que nossas intervenções de reconstrução de seu discurso são apenas marginais. As condições firmadas à época impunham a necessidade de que a entrevista fosse publicada apenas após o falecimento do entrevistado. Quis o destino que tivéssemos de esperar muitos anos mais, por motivos amplamente conhecidos. Esperamos que não seja tarde.

O convite para que fosse eu a realizar esta entrevista em tudo, me surpreendeu. Desde a última vez em que havíamos nos visto, foram décadas. Nossa conversa anterior, publicada em um pequeno livro, foi acolhida apenas como um registro simples, um instantâneo daquela época de intensas mobilizações políticas e mutações afetivas. Revisitando esse diálogo, enquanto esperava meu voo, lembrava da alegria em percorrer as ruas do país que começava a conhecer, dos sons, das pessoas amigas, e do gosto das frutas tropicais. Embora eu fosse mais velho, quando conversamos àquela ocasião, não o sentia. Quando desta segunda entrevista, já tinha dificuldades em viajar, me cansava mais nos períodos de espera e me deslocava com mais vagar. O que não era de todo ruim, já que esta disposição ajuda a não espantar os devires. Não fosse um convite tão curioso, talvez não tivesse aceitado o projeto, mas o fiz, muito embora me espantasse a ingenuidade, que se comprovaria depois, com a espera da publicação destes diálogos. Havia uma expectativa que recendia ao desejo por confissão, algo como a esperança de que um último gesto diante do inescapável encontro restituísse à verdade, seu valor. Mas qual seria ela, a verdade e o valor?

Entre as épocas, não havia retornado à Desterro. Com preocupação, pouco a pouco, constatava que, embora as coisas estivessem melhorando, e todos assim me assegurassem, algo havia mudado. Claro, tudo muda, mas às vezes, não da maneira que esperávamos, intuíamos ou gostaríamos. Não me refiro apenas às condições materiais de vida, mas à dimensão de esvaecimento dos pontos de contato entre o plano de produção de desejo e a geração de novos possíveis.

Quando isso se vai, o reformismo, em sua face mais perigosa, sempre tende a se estabelecer como bloqueio à produção de novos sentidos, e a vida ativa é novamente capturada no projeto da administração biopolítica. Uma criança o sabe, mas logo a fazem esquecer. Por que esses olhos tão grandes, vovó? – Para te ver melhor. – E porque esse nariz tão grande? – Para te cheirar melhor. – E porque essa boca tão grande?

De forma que tinha, sim, algumas questões, não muitas, mas viajava na expectativa de que, ao longo dos dias de conversa, elas emergissem da nossa relação. Na composição que ora apresento, tomo a liberdade de compartilhar algumas anotações que fiz à época, também como forma de revistar, e medir as distâncias,

entre aquelas percepções, e as de agora. Se essa é uma das vantagens de ter tido uma vida longa, não sei.

No trajeto, com o colega da universidade, que gentilmente me acompanha nestes dias em que estou aqui, conversamos sobre a pesquisa que ele está realizando. Ele me pergunta sobre Maio, eu, sobre Junho. Tão diferentes, tão próximos. No entanto, quanto mais velho fico, mais me pego pensando, é inevitável que as revoluções passem por algum lugar no sul da Bahia, perto do mar, na encosta da mata, na experiência visionária de um caboclo, nos encantados. No caminho, feito por um filho de sobreviventes da Shoah que pôde compor um Maracatu raro, Atômico. Um Maracatu que tem gotas tão lindas que dá vontade de comê-las. Maio, Junho, o que seja, minha perspectiva, me parece, é mais sóbria; a dele, pouco menos, o que já é um intervalo mensurável. Acho que voltaremos a conversar. Maio, Junho, Maio, Junho, é preciso que passem por algum lugar no sul da Bahia, por um pé de serra, por uma cabeça d'água. Esse é o segredo, seu eu o dissesse, já poderia voltar pra casa, mas não sei se me compreenderiam. Esta é a situação, se muitos o compreendessem, não precisaria ser dito. Para ouvir, é preciso um choque micropolítico, um choque de ativação de outra sensibilidade e razões, para que sejam realmente capazes de desejar o colapso deste regime de exploração senil, de nossas aderências e seus eventuais pequenos dividendos. Uma defecção súbita, uma experiência visionária, uma intensidade estética repentina, uma pequena aventura, uma nova adesão voluntária e uma recusa intransferível: o encontro solitário com a onça na mata cerrada. Depois deste dia, depois deste encontro, já não fala como nós, dizem os parentes na aldeia...Agora, é o xamã quem mostra, e o ensina a manter-se desperto enquanto sonha. Mas não opera uma conversão; antes, o contrário, os xamãs são criadores de mundo – compõe “versões de mundo’ partindo dos ‘mundos a mão’, ou de seus quadros de referência^{xlv}. Enfim, estive ausente por uns dias, mas agora retorno à tarefa.

Não gosto de acordar cedo pela manhã, mas a vitalidade do nosso entrevistado neste período do dia, me informaram, tornaria nosso encontro mais produtivo logo após o café, que era servido em seu quarto.

Havia poucas pessoas em seu apartamento, acredito, duas ou três empregadas, a enfermeira, e um assessor, que foi logo dispensado. Passo pela sala, retratos de família, vasos com flores de plástico, espadas de São Jorge, um quadro de vidro com um cocar de penas azuis, tapetes simples, um aparelho de televisão enorme. Demoro-me em uma foto, na qual o olhar é logo atraído para suas mãos estendidas que ocupam todo o retrato, molhadas por um líquido viscoso e negro, que escorre entre os dedos. O que é este líquido viscoso e negro que está em suas mãos? Seu rosto está em segundo plano, desfocado. Talvez não seja ele, mas não pergunto.

Entro no quarto, ele está sentado em uma poltrona confortável, junto à mesa de trabalho. Os tubos de oxigênio, discretos, estão próximos, mas desligados. Ele vira o rosto, abre um sorriso, ensaia levantar-se, eu aceno rápido que não, ele aponta para a outra poltrona. Como vai? Com um gesto de ombros, e com as mãos semiespalmadas, me mostra o espaço ao redor. Realmente, basta ver.

Mesmo com o corpo frágil, sua voz é segura, há algo sempre surpreendente na sua habilidade em fazer com que o interlocutor sintasse imediatamente próximo, como de um amigo de quem se tem boas lembranças, e que saltam à consciência diante do menor estímulo. Com o tempo, nota-se que o gesto é como o de um atleta, treinado, e por isso, efetivo. Depois de alguns minutos, gastos em aquecer o momento com conversa furtiva, ligo o gravador. Ele assente.

Por onde começamos? Do começo ou do fim? (Risos)

Do meio, eu acho (risos).

Então o meio pode ser o nosso primeiro encontro?

Vamos saltando. Lembro da última vez que conversamos, faz muito tempo. Aquela foi uma época boa, uma época muito boa, de muito trabalho, não via muito as crianças, mas é assim mesmo, se não fosse a minha mulher, pra me dar apoio, cuidar

da casa, não teria conseguido. Foi uma grande companheira, não só pra mim, mas, no fim, para o país todo, se não fosse por ela, nunca teria chegado no lugar em que cheguei.

Aonde você chegou?

(Silêncio).(Risos). Até hoje não me chamam, papai, papai? Eu andava me sentindo um pouco sozinho nos últimos meses. Pensei que seria bom ter a companhia de um cachorro, além dos empregados. Ofereceram-me um que estava para doação nestas redes de computador, destes que parecem cruza de tamanduá com zorilho. Só por Deus. Mandei vir um alemão, pastor. Ele já era um pouco maior, e se mostrou um tanto arisco. Sabe o que eu fiz? Tragam o pote de ração, de agora em diante, somente eu o alimento, e o farei com as mãos. Agora, ele chora quando me vê, de alegria, quando eu digo, cadê o papai? Cadê o papai? Não é engraçado?(risos). Não faz nada sem mim! Quando vejo um dos garotos, um dos meus assessores, carregando estes livros pesados, sempre penso em sugerir um manual de autoajuda para adestramento de cães. Mas não digo, é melhor não dizer. Papaii, Papaaaiii! (risos). Estes dias, em uma dessas reuniões que não terminam até que, finalmente, eu seja quase explícito sobre o que quero que seja feito, vi um destes exemplares com um dos rapazes. Não comentei, mas vou ficar atento. Este rapaz pode ser perigoso. Mas, desculpe, continue. Falávamos da fábrica.

Você já não trabalhava mais nessa época, não é? Digo, na fábrica.

Nos primeiros anos sim, poucos anos, é verdade, mas depois, só me dediquei à luta, e fui aprendendo com os companheiros, e aí só foi. Mas é trabalho, claro que é, menos duro, digamos, fisicamente (risos), mas existe uma responsabilidade enorme, te chamam de pelego, do outro lado, ameaças, essa coisa toda. Não é fácil ser um comandante, um líder. Havia muita emoção, de ver o povo, o povo todo, reunido, muita gente de coragem, parando o país...

Você foi se tornando um profissional da política. Mas, trabalhar representando, e fazer uma vida disso, não é viver às expensas de um capital? Um capital político, sim, que se faz, mas que não é seu, digamos, do qual você se apropria.

Bem, mas é isso mesmo, a sociedade se organiza dessa forma. Há nisso algo que é preciso compreender, as pessoas não entendem, não querem entender. Eu sempre soube, muito rápido. Esse tempo na prisão, bem, recebia muitas coisas, cartas, me mandavam filmes, livros. Aí recebi um dia dois volumes dos Cadernos do Cárcere, do Gramsci. Puta, ainda essa merda? Agradei e tudo, deixei lá, apoiando xícara de café (Risos). Porque o companheiro que me mandou isso, poderia ter sido uma provocação, mas como era de um amigo sei que não foi, nunca vai chegará onde eu cheguei, e jamais poderá fazer as coisas que eu fiz. Pensar que alguém vai ficar preso, precisa disso é tão típico de...de...

Intelectual?

E burro. Tinha umas figuras, lá atrás, estudante de medicina, filosofia, e não sei o quê, que iam pedir emprego nas fábricas, pra organizar, pra daqui a 30 anos... a consciência do povo. O que o companheiro não entende, e pode ser o melhor ator do mundo, é que o trabalhador, ele fareja isso rapidinho... é o jeito de falar, até de se mexer...o que eu quero dizer, é que o povo não é burro, o povo sabe que se o cara se encher o saco, se cansar, se ficar perigoso, brigar com a namorada, qualquer coisa, ele pica a mula. Mas os outros ficam, não têm como sair, é isso que define. E tem outra coisa, porra, eu comandi esse país, e o companheiro acha que eu não conheço Gramsci? Eu conheço o que precisa conhecer. Pequei uma palavra, rapidinho, entendi, fazer maioria a qualquer custo, numa tarde, depois nunca mais voltei. Queriam que eu participasse de um grupo de estudos com eles, compondo a perspectiva do trabalhador e essa porra toda (Risos). No fim, eu botei todos eles para trabalharem pra mim (Risos)...pra nós, pro projeto...Trabalharam bem, e eu pude me tornar...Eu sou Gramsci! Eu sou o horizonte terminal da esquerda em Desterro. Eu sou a hegemonia. Atrás, ao lado, em frente, em toda circunvizinhança ao meu redor, apenas o horror ao vazio, ou coisa pior. Gramsci está morto? Então tentem encontrar um corpo para enterrar. Dessa vez não, dessa vez será diferente, sim, sim, essas coisas.

E o que mais lhe mandaram na prisão?

De tudo, revista de mulher pelada, jornal, doce, bíblia, mas é isso, entendeu, cada um dá algo de si que supõe em mim. Eu passava boa parte do tempo assistindo filmes, então esse era um presente de que eu gostava muito. Mas não gosto de filmes velhos, a não ser os que eu já vi e sei que gosto, então alguns eu nem abria. Mas um dia, peguei um lá, parecia antigo, preto e branco, mas nem era tanto. Zelig, do Woody Allen, já viu?

Sim, sim.

É genial, o filme e a provocação, esse sim é um presente. Porque, ao cabo, é isso, e não é. Um filme, uma ficção, na forma de um documentário sobre o homem camaleão. O homem camaleão é o homem da retórica, da lisonja.

O que você achou de tão especial no filme?

É tudo muito franco na verdade. Por que o Zelig se torna um ídolo, uma celebridade? Porque ele domina a capacidade de produzir um efeito, que é decisivo em qualquer política que opere por representação, onde eu fiz a minha vida, justamente, manejar a distância, produzir a aparência de encurtar a distância, entre ele e as outras pessoas, como se a representação não fosse impossível. Ele torna algo real, quero dizer, como se fosse real. Por isso, ele é amado, ele se apresenta como igual, não diante da lei, mas o mesmo, o igual mesmo!, e estabelece uma relação com todos e cada um, que é a mais exata definição do venha a significar a palavra 'governo'^{xlvi}. Essa transparência, que ele produz, apaga este fato, produzindo um efeito de tranquilidade, de acolhida do interlocutor. Compreende? Estamos em casa, estamos bem... nós... agora...

Há uma passagem interessante, de um filme sobre Maio de 68, me foge o nome... talvez você tenha visto, não sei, mas bem, já quando as revoltas arrefeciam, quando começava a parecer difícil... não arrancar os paralelepípedos do chão, mas ver a praia embaixo dos paralelepípedos, na qual se filma a fachada de um prédio durante o discurso de De Gaulle, feito após ele ter desaparecido por dois dias, deixando a presidência vaga...^{xlvii}.

Sim.

Há como que...

Agora as ruas estão vazias, não é?

Estão todos em casa, quietos...o escutam..., o general...

Mas é claro!

Você o assistiu?

Por coincidência, ontem à noite. Mas talvez nem fosse preciso. É todo este o voluntarismo do Manifesto, de chegar a acreditar que os trabalhadores não têm nada a perder, a não ser os seus grilhões. É um preconceito burguês (risos)...Por quê? Veja, mesmo o mais pobre trabalhador, sendo um chefe de família, que é o núcleo da sociedade, o eixo moral da sociedade, a base de tudo, tem algo a perder. Foi por entender isso, e por representar e assegurar isso, que fui tão longo, mesmo na eventualidade de um discurso mais inflamado, quando necessário, indicando que reformas pontuais podem ser um caminho para outras, talvez um pouco maiores, transformações. Quando a dissolvência se apresenta como possível, próxima ao toque, todos temem. Se as coisas chegam perto de terem ido longe demais, e o controle escorrega...A política, como a guerra, é também a gestão diferencial do medo e da esperança.

Como você entende esta passagem?

Quando De Gaulle vai embora, ele introduz essa pergunta em estado de realização: é isso mesmo que vocês querem? Vocês podem se virar sem mim? Sem um princípio centralizador, sem partes em lados opostos, mas reunidos em uma mesa? Brinque de esconde-esconde com uma criança e não vá procurá-la. Depois me diz o que acontece (risos)...

Não vejo tão claro, me parece, sobretudo, um pouco dialético demais...

Meu caro, se é dialético, não é dialético, eu não sei, mas, no meu tempo, nunca pedimos o controle político, mesmo uma participação efetiva na administração de qualquer fábrica. Primeiro, você acha que o Zé acredita que pode gerenciar a planta da Ford, da Volks? E se essa merda vai pro ralo, quem paga? Segundo, a propriedade, entendeu? Você está disposto a pôr em suspeição a legitimidade da propriedade? Você já me ouviu falando nisso em algum debate de grande alcance e consequências? Veja os movimentos por moradia, o que eles querem? Uma casa, com escritura, para deixar para os filhos, eles querem pagar, da maneira que podem, mas querem pagar, nunca deixaram de dizer isso, e ter a propriedade em seu nome, em um condomínio de prédios, bonitinho, com portaria, como todo mundo. É isso. Não é quilombo, vida coletiva, ecovila (risos). Olha, tem cada uma. Aí você vai alimentar essa expectativa? No limite, tudo é acordo ou sangue. Acordo então, sempre o melhor possível, política é o cálculo do possível, tornar o possível calculável, digamos, pesar.

Acho que não entendo bem essa sua associação.

Com De Gaulle, com o filme?

Isso.

É o Estado que faz povo, se o Estado não pode ser encontrado em um rosto, o rosto do povo, o de cada um, começa a se desfazer. É o reino do medo, é a revolução (risos). Quando De Gaulle retorna, as coisas se acomodam.

Mas ele retorna, sem rosto desta vez. Não pela televisão, mas em transmissão de rádio.

Porque sua voz, a da heroica resistência francesa, evoca pesadelos do mais sombrio passado, e contém, em si, a pátria reassegurada. É um rosto sonoro, um golpe de mestre que oculta o fato de que ele é velho, velho com cara de velho! Já não importa mais o rosto, mais o princípio organizador que ele representa. Ao retirar o seu rosto, ele introduz o rosto na política. Ele o fornece com a voz. Sabe que seu rosto não serve. Outro rosto seria necessário. Desde que haja um rosto para fazê-lo, e isso nunca deixou de ser feito. Hoje, pode ter cabelo comprido em palanque na Espanha,

tatuagem, batom, não importa, pouco toca às normas que constituem os espaços que os novos rostos ocupam. O poder é a impossibilidade patente de um novo rosto. Um novo rosto não foge à política do rosto, ao *a priori*, a rostidade. As substituições são um falso movimento. Do contrário, me prove. Me prove. Um único exemplo no interior da democracia representativa. Como a publicidade já sabe há muito tempo, a participação de qualquer um pode ser comprada. Não pode?

Mas houve efeitos importantes, nos modos de vida, nas relações de autoridade, na participação das mulheres, não houve?

Sim, isso sempre foi muito importante para nós, essa herança, sempre tivemos muitas mulheres em cargos importantes, que fizeram carreira na política institucional conosco. Não há problema nenhum, nas empresas, nas decisões, é importante, sim. É uma luta justa, especialmente quando estas convergem aos espaços institucionais. É um fôlego de legitimidade.

Em que sentido?

De que a sociedade esteja mais bem representada. A questão se tornaria um problema político incontornável se esta demanda não pudesse ser acomodada, mas pode, claro que pode. Foi, não foi, não está sendo?

Acho que as mulheres responderiam melhor a isso, então...

A questão, como eu a vejo, é que não há uma mudança essencial no modo de conduzir condutas, na razão de Estado, o que seria uma racionalidade feminista de governo? Ninguém sabe. Uma proposta claramente identificável como feminista? Sei lá, nós, mulheres, queremos um Estado Plurinacional! Não existe isso. São demandas localizadas, de melhor representação, segurança, políticas públicas. Na esfera cultural, do cotidiano, diversidade nas propagandas de cosméticos (risos). Creches. Já viu algum movimento de homens pedindo creches em alguma favela? Não escapa muito do fato de que 'cidadania' seja, tão somente, eleição e consumo. Democracia representativa, todos amam democracia representativa. Sempre será o mais vendido. Se há demanda, eu oferto, claro. Não é para isto que me chamam? De novo, e de novo, e de novo...

Realmente, não o percebo desta maneira. E depois de Junho, houve um deslocamento.

Desculpe se te interrompo, você quer falar sobre junho? Então vamos falar sobre junho. Veremos quem se propõe a falar sobre Junho! Só que vamos falar sobre o meu Junho, um Junho de dez anos antes. Vamos falar sobre o dia 3 de Junho de 2003. Todos esquecem, eu não. Sabe o que houve neste dia? Nos candidatamos a postulação dos jogos. Mundiais, planetários, os meus jogos! Agora, quando você voltar para o hotel, gostaria muito que você fizesse uma pequena pesquisa. Procure nos jornais, fale com as pessoas. Eu repito, sabe o que houve precisamente neste dia? Nada, rigorosamente nada. Os partidos de esquerda, sindicatos, movimentos sociais, as universidades, associações de bairro, a mídia qual seja, ninguém manifestou posição contrária ao nosso investimento nos jogos. Chutar cachorro morto é fácil, não é? E aí? Sabe por quê? Porque todos já estavam contando dinheiro e comprando bugigangas. Era o que queríamos, não? Era o projeto, não? *Panem et circenses*, meu filho, *Panem et circenses*. E agora, me responda você, por onde estiveram durante estes dez anos?

Retorno para mais um dia de entrevista, e desde ontem à noite, sigo pensando em como conduzi-la. Meu entrevistado é mestre de muitas artes, disfarce e retórica, e nesta constatação não reside, sinceramente, qualquer apreciação moral. Trata do reconhecimento do campo de jogo, tão somente. É difícil dizê-lo, mas talvez deseje que ao chegar a seu apartamento hoje, como em um golpe de prestidigitação, informem-me de que está tudo acabado, que não irá mais falar, e que possa lhe restar, assim, alguma dignidade. Penso que é indigno prosseguir em uma situação como esta. Há, neste sentimento, algo estranho e familiar. Talvez eu nunca houvesse percebido, de maneira tão transparente, a interpenetração política entre guerra, teatro e jogo. ‘Gelo liso/é paraíso/para quem sabe dançar^{xlviii}’, e ademais, não há outro terreno. Não posso me reservar a espera passiva de que a gravidade o atinja de súbito. Seria preciso trabalhar o tempo, para que o processo tome aceleração, enquanto suportamos a incerteza do desfecho.

A entrevista assume contornos barrocos, que reconheço por suas fórmulas gerais. Há exagero dos traços, e, na ampliação das qualidades mínimas que tornam seu discurso singular, e, portanto, discernível, reside minha escolha quanto aos caminhos de condução. Tanto os demônios quanto os anjos barrocos têm a marca desta desmesura. As formas curvilíneas dos corpos à mostra revelam uma sensualidade que tensiona os contornos da moralidade da época. No superdimensionamento dos dentes, da língua, dos olhos, das orelhas, do nariz e dos músculos, e principalmente, no hibridismo homem-animal, reconhecem-se os traços. Diria que esse movimento de ampliação dos traços do mínimo, a assinatura do nosso modo de narrar, guarda algo de caricatural, não fosse o prejuízo, ou o desdém, que resultaria dessa nomeação diante das formas maiores. A visão exagerada, além dos próprios recursos do olho natural, é recurso que transforma uma simples formiga no mais assustador animal, se observado sob a luz eletrônica de um aparelho calibrado para esse fim.

Chamaram-me para conversar, ontem, com um grupo de pessoas – ou este teria sido o convite. No entanto – como eu ainda me surpreendo? – lá estava a mesinha acima da audiência, a toalhinha branca, o copinho de água e os demais com sede, a plaquinha com meu nome, o microfone. É o teatro antifilosófico, com o perdão da brincadeira, já que é evidente, ninguém pode pensar nestas condições. Dispondo

meus papéis com as anotações, durante a apresentação de minhas credenciais, feita de maneira exageradamente elogiosa pela onipresente, e curiosa, figura de mestre de cerimônias que acompanha essas ocasiões, percebo o que há de cômico na situação. Essas apresentações cheiram a exéquias. De todo modo, insisti o máximo que pude na importância de reconhecerem que as saídas serão construídas localmente, com a matéria que se retira do solo em que pisam. Saber o que pensa a mina aqui do lado, e o maluco da outra quadra – aprendi esta semana, a *mina*, o *maluco* – é decisivo, porque são com eles que terão de criar um caminho. *Um pensamento orientado e forjado na ação como expressão de um ecossistema singular*, isto é, do mundo de que ele se origina, e do mundo de que ele é capaz não de projetar, mas de apresentar como *prefiguração*, isto é, instauração de ato do mundo outro. Nada misterioso: chamam um camarada de outra cidade para uma roda de conversa, mestre do campo, e, antes do fim, ele não pede nada, mas já está resolvido. Na sacola há agradecimento e algo material para compartilhar, já que ninguém vive só de amor, e todos sabem que, enquanto ele fala, não planta, não vende.

Sim, sim o mestre de cerimônias. Dura segundos, mas me recordo quando estive com El Carécon por aqui há muitos anos. No meio da arenga sobre Édipo, o *analista oficial* o reafirma como ‘a estrutura fundamental da existência humana’^{xlix}, e apresenta suas provas, defende evidências: estudos realizados em hospitais comprovariam que crianças que não têm maternização simplesmente pereceriam. Ao que o interlocutor contrapõe algo do tipo ‘Compreendo. Isso só prova uma coisa: não que a mãe é indispensável, mas que o hospital não é bom’. Eu choro de rir até hoje quando a lembrança retorna, o que, eventualmente, me coloca em situações constrangedoras, porque o impulso fora de lugar, impróprio, parece ofensivo. Mas o fato que nos interessa é a ilustração de que análise é um efeito, pequeno acontecimento resultante de um rastro de quem tenta um golpe, como um assalto a um banco bem vigiado. Mas também da liberdade do improviso sobre *situações*. A qualidade analítica reside no tempo oportuno da tentativa.

Naquela tarde, aprofundamos um pouco em discursos edificantes, em pregações de lugares comuns e um tanto de lamúria, é, às vezes, é assim mesmo, e está bem, desde que algo, mesmo mínimo, se mova. Mas, falava sobre as entrevistas, e enquanto

aparentemente nos desviamos da questão, espero que o movimento se justifique agora. Perguntam-me sobre método, então conversamos um pouco mais, e como ilustração, compartilho a lembrança a que aludi antes. Há aqui uma bifurcação, da qual muitos possíveis caminhos se ramificam.

O método, como representação, assume a fórmula de esteio que ampara e restringe artificialmente as pulsações caóticas de uma pesquisa. Sua escolha, e nomeação, busca a inserção do autor no interior de uma tradição ou matriz de pensamento, com o intuito de protegê-lo, por meio de autoridade exterior. O possível efeito do texto é esperado como resultante da transferência de informações, que se processa na leitura de um boletim impresso. Não é por outro motivo que quase sempre o vemos sedimentado como espécie de alicerce, que uma vez afirmado de maneira cronologicamente anterior, com frequência, torna-se irrecuperável posteriormente. Codificado pelo nome e pela autoridade, no conforto da reconhecimento, quem o contestaria? O mesmo se passa na manifestação de pressupostos teóricos. Não, em *declarações* de pressupostos teóricos. Essa pesquisa está baseada no referencial...será mesmo? Isso é o que se vê *só depois*. Letreiro luminoso, em resumo.

As praias da imanência nos colocam como tarefa a tentativa de produção de efeitos de dissolução e recomposição. Ora, as condições de possibilidade dessa busca exigem, de saída, o colapso da imagem anterior, *praticantes* inclusos. Em *Vento do Leste*, Glauber Rocha (interpretando a si mesmo?), em meio a um discurso em uma *encruzilhada*, é abordado por uma mulher grávida que o inquire, dizendo, 'perdoe, camarada, se interrompo a sua luta de classe, tão importante, mas qual é o caminho do cinema político?'. Ao que ele responde: 'Para lá, o cinema do desconhecido, o cinema aventura. Prá aqui, o cinema do terceiro mundo, é um cinema que vai construir tudo. A técnica, a casa de produção, a distribuição, os técnicos, 300 cineastas por ano para fazer 600 filmes...^{li} Não tomo parte em nenhuma indústria, portanto, com a moça grávida, escolhemos entrar na mata cerrada. Apostamos tudo no cão. Perdidos, seu faro é nossa *bússola ética*^{lii}. Quando uma pesquisa se funde com uma vida, já não há fim ou conclusão. O texto acaba porque o alarme toca, e uma duração se esgota. Desistimos, ou queremos passar a algo outro. Quanto ao tema da colonialidade, seria preciso nunca ter ido à escola, seria preciso abandonar a noção de conhecimento

monográfico, e suas pluricentenárias expressões. Talvez exista, sim, a possibilidade de engendramento de *uma vida* anticolonial, descolonial, decolonial – *várias variações y filigranas*– mas a questão talvez pudesse ser resumida de maneira paradoxal: uma epistemologia tal deveria ser *antiescolar*. Seria possível ser *antiescolar* no interior da escola de pensamento monográfico, no império das letras? Está em suspeita.

Tomamos a estrada de *Paebiru* em companhia duvidosa – com sujeitos de nomes tão improváveis quanto comuns, com um Zé, com um tal de Lula – partindo da Pedra do Ingá ou do sul de Desterro rumo a destino incerto. E quem vai, mesmo que volte, dificilmente retorna para dar notícias da Trilha de Sumé. A novidade era o mááximo do paradoxo, estendido na areia. Alguns a desejar seus beijos de deusa; outros, o seu rabo para a ceia.

Bem, não me recordo, Pepe ou Flaco, ou ambos, ou outros mais, mostram-me fotografias de uma pequena instalação disposta em diferentes pontos de Desterro. Curioso. Havíamos nos encontrado para organizar alguns aspectos práticos de atividades que planejávamos. Já estavam reunidos há algum tempo, e a conversa se encaminhava para o fim, quando um deles diz que ‘por este motivo, acho que concordamos, não aceitaremos o convite, não este ao menos, não para falar sobre isso’. Pelo que pude intuir, considerando o contexto, falavam sobre a instalação. Tomo esta minha leitura como hipótese, e considero que o convite tenha sido para que falassem algo sobre o trabalho em questão. Gosto de pensar que acerto, porque se assim for, me alegro que tenham declinado a proposição. É melancólico ver artistas explicando seus trabalhos. A cada vez que um escritor, um escultor, um cineasta, um bailarino, explicita, como significação unívoca, o conteúdo do trabalho, o romance, a escultura, o filme, o espetáculo, perdem algo de sua capacidade de provocar fissuras, docilizando o que há de selvagem, intempestivo, nas emissões da obra. Ora, um artista nunca sabe o que faz. Desculpe, o artista não, o falsário. Mais do que a possibilidade de reprodução técnica, vejo nisso o mais forte motivo para o declínio da aura: o

excesso de significação. Refrear-se desse excesso é uma exigência quando se deseja que a criação siga as correntezas dos encontros. O que um autor tem a dizer sobre criação é o relato do processo e seus afetos. Arte, a busca por certo disparo de efeitos. Quais efeitos? Falsa questão, porque agora cabe a você responder. Eles atravessaram a rua, e, simplesmente, depositaram o trabalho em bancos de praça, em tabuleiros de jogos, em cantos da cidade onde forçosamente transeuntes o encontrariam. Sem a necessidade de qualquer atestado de algum sistema de reconhecimento ou autorização, sem a cobrança de ingressos, exigência de portfólio e inscrição no cadastro de pessoa física. Em apenas um dia, em que as ruas foram as suas galerias, não exagero ao dizer que alcançaram muitas centenas de pessoas. Está feito. Se há algo mais a ser dito, já é tempo de um novo trabalho; se não há, então, qual o propósito de derramar-se em palavras?

Por consequência – e não se enganem, seguimos falando de epistemologia– o plano da criação, que tomamos como sinônimo de arte (uma vez que não nos interessam as dinâmicas de reconhecimento e nomeação) descerra suas barreiras, e se move, ou não, de acordo com as suas reações. A função crítica é pulverizada, e, portanto, a capacidade analítico-afetiva do trabalho depende da capacidade de gerar prolongamentos, isto é, subjetivações produzidas na bordas deste encontro. O que é isto, atravancando a passagem, emperrando o cotidiano?

Mais do que um intercessor, arte, que tomamos como sinônimo de plano de criação, é compreendida como imagem do método. Portanto, não está submetida ao horizonte normativo da ciência normal, tampouco aos bons costumes (e dividendos) da comunidade de seus praticantes. Acho que está claro, há muito tempo, nossa carreira já foi pro espaço.

Estrangeiro, eu não voto. Não estou legalmente autorizado, e, tampouco, peço que me autorizem. Estrangeiro, portanto, não me explico. Como o exilado, o imigrante, o refugiado o louco e, a propósito, sobretudo as crianças. No entanto, ao contrário destes, cuja condição é resultante do desterro que provocam, ou a que estão submetidos, minha situação é voluntária. Torno-me estrangeiro. Contemplando *a armadilha para otários*, me pergunto ‘se eles querem retornar à democracia direta, a do povo em luta contra o sistema, a dos homens concretos contra a serialização que os

transforma em coisas, por que, então, não começar aqui? Votar, não votar, dão no mesmo. Abster-se é confirmar a nova maioria, qualquer que seja ela. Se não lutarmos ao mesmo tempo – isto é, desde agora – contra o sistema da democracia indireta que de modo deliberado nos reduz à impotência, tudo o que fizermos sobre esse assunto resultará em nada. Se não tentarmos organizar – cada um de acordo com seus recursos – o vasto movimento anti-hierárquico que por toda parte contesta as instituições.^{’liii}.

Mas não me furtaria de mencionar os modos pelos quais me enlaço à imagem que me oferecem desta pequena instalação, junto com o enigma Kafka. Diante da escolha a que tentam nos submeter, migalhas de pão e ferros pontiagudos, porque eu haveria de tomá-la? Não há como não evocar a lembrança do faquir em *o artista da fome*. Se nada apetece, então, porque comer? Claro, sempre haverá alguém, zeloso, a nos lembrar do óbvio, somos seres orgânicos. No entanto, curioso pragmatismo, não percebem que, de migalha em migalha, o circuito se estreita. *Junkies* de migalhas, narcolépticos, na corrida dos ratos, em busca de mais uma dose. É a última... Seria a coleira vazia ao lado dos pratos o signo do êxodo, ou o magnetismo de um convite perpétuo? Venha, a mesa está posta e a ceia é farta. É a última, a última...Um pouco de migalha, e você sabe, já se sente melhor, não é mesmo? Já não está suando, já não espuma pelo canto da boca, já não usa os caninos. Não tem mais pressa, está pesado, e letárgico, dorme o sono dos justos, sob os auspícios da paz. Santificado, redimido. Cativo do possível e da boa consciência. Então, se é isso, parte de meu destino está inexoravelmente ligado ao do idiota qualquer, ao resultado das urnas, ao que pedem, ao *fascismo democrático*. Eu o assumo.

O passarinho pensa diferente. Sorrateiro, desfalca a instalação. Pousa, e pacientemente, bica as migalhas até que a tigela esteja vazia. Depois, levanta voo.

Faz calor. Na aldeia, assistem ao nosso drama político, nos noticiários e redes, como quem acompanha um novo episódio de telenovela. Alguém me olha, sorri, inclina o pescoço e dá de ombros, como quem diz, *ainda não entenderam nada?*

Faz calor, é dia de escola, os meninos estão na praia e jogam futebol. A água é mansa, quente. Fazem o que se espera de todo preso minimamente sadio: fogem. O relógio mostra, é hora de ver quem é quem, no bilhar, no dominó, a bola escapa e não há vergonha maior nesta terra do que ser incapaz de devolvê-la com elegância. Esporte que, com carinho, chamamos simplesmente de *o nosso jogo*.

Atravesso a portaria do prédio, ele acabou de chegar, me informam. À porta do elevador, encontro meu entrevistado. Chinelos de borracha, roupão felpudo, alvíssimo, delirante. *Eu sou o sonho do povo*, ele ri. Estendo o braço para que ele entre primeiro, em um gesto um tanto forçado de gentileza. *Só pode dar precedência quem a tem, então, por favor*. O escuto, vendo o reflexo de seu dedo indicador no espelho da cabine. Subimos.

O *Copa* continua maravilhoso.

O roupão?

Um gesto simpático do *concierge* na minha última estada, que por me conhecer tão bem, talvez, soubesse que eu gostaria de uma pequena lembrança. Essa capacidade de identificar o desejo do hospede é importante para um bom serviço, para que tudo siga em ordem. A água está boa, senhor? O seu carro está pronto, senhor. A temperatura do quarto está boa, senhor? Os brioques estão aquecidos, senhor? Podemos aquecê-los, senhor. Gostou dos chocolates? Vejo que você me julga. Você me julga? Ora, 'Quem nasceu em São Gonçalo não pode frequentar os espaços da elite? Colonial. Quem é de esquerda não pode ir num espaço sofisticado? Tosco'^{liv}.

E por que você acha que lhe julgo?

E para onde eu iria, em busca de um dia de relaxamento? Para um rio de água turva e salobra, acossado por mosquitos, com os pés enterrados no fundo lodoso de um igarapé? Entre galhos que flutuam e sons de animais que não se vê? Deixemos isso pro Manoel de Barros. Não há nada mais lindo do que o azul da pedra *aquamarine* da piscina clorada contra a fortaleza branca e indevassável deste lindo prédio que recorta o mundo, e esconde o mar. Mar que, a propósito, hoje está frio. Venta, e é desagradável. Você gostaria de me ver em um emprego qualquer, entre um turno e outro, esquentando marmitas dia após dia, viajando quatro horas para chegar ao trabalho, depois de ter conseguido escapar dessa vida miserável?

O ato é desejo.

Isso não faz nenhum sentido.

Você acredita que é sobre você que falo?

Há muitos anos soube que eu não trabalharia mais com as mãos. Mãos são inúteis. Só os idiotas, os serviçais e os desesperados trabalham com as mãos. E assim eu o fiz. 'Tudo que eu sou, não é fruto da minha inteligência não, é fruto da consciência política da classe trabalhadora brasileira'^{lv}. Graças ao bom Deus! Deixa eu lhe contar uma história. Eu tenho muitas histórias para contar. Você chegou a perceber um carro azul estacionado em frente ao prédio?

Um Volkswagen? Percebi sim, antigo.

Um TL Volkswagen. 'O TL foi o carro que eu conquistei a minha mulher, ela não podia ver aquele meu TI azul que ela tremia as pernas. Que cor era o TI? Que cor era o meu TL? Azul-turquesa. Anos depois, ela me disse que não podia ver o meu TL que sentia vontade de se jogar pra dentro daquele carro. Aí quando eu fui buscar o TI, bicho, era uma sexta-feira. Eu fui lá, *tava* o carro estacionado. Na hora que eu entrei no carro, pegou na hora, bicho. Aquele painel ficou verde assim...puta merda, eu saí de lá eu me sentia o rei, o rei, o rei. E ainda banco reclinável! Aí depois eu só progredi na vida.'^{lvi}. Você não entende, eu sei. Mas enquanto estiver por aqui, peça para ver fotos

antigas de famílias deste lugar, são icônicas. Lá estão as crianças pequenas, o pai, a esposa e um carro. Um carro no retrato de família. Se você não entende isso, não entenderá nada sobre nós. Quando eu pude mandei entupir esta merda de carros, carros pra todos! Você pode aguardar um minuto? Sinto uma urgência machadiana. Agora sim, me sinto melhor *ao espelho*. 'É impressionante como muda de gravata para gravata, o nó, todo mundo pensa que é a mesma coisa. Sempre gostei de andar bem-vestido, sempre. É que peão não pode comprar muita roupa, né? Sempre achei bonito um cara de terno e gravata, sempre, sempre achei muito elegante. É um demônio, passei trinta anos na fábrica e nunca me acostumei com macacão, mas três dias de gravata.^{lvii} Você não acha lindo, respeitoso, em suma, estadista? É preciso um terno para conduzir. Ou uma farda. *Aprendimos a querer/ desde La histórica altura/ donde El sol de tu bravura/ Le puso cerco a La muerte/ aqui se queda La clara/ La entrañable transparência*. Sinto não ter muito a dizer hoje.

Mas canta, *Hasta Siempre comandante*.

Estive ouvindo um programa destes de entrevistas no rádio, no rádio não, no rádio de internet, era a música de abertura. No final, havia uma propaganda de uma loja de camisetas, destas que são vendidas na internet. Algumas, estampadas com a foto do Alberto Korda, outras, variações de Lute como uma Garota, Mao, Stálin...

Stalin?

Sim.

Curioso. Em relação ao seu partido, a propósito, "*nunca se soube de nenhuma autocrítica a respeito dos crimes diversos, das barbáries que aconteceram tanto sob o regime de Stalin, como de Mao. O que você pessoalmente acha disso, que Stalin foi um cara bacana, que Mao foi um cara legal? Ou o partido acha e você concorda?*

Se o partido achasse, e eu concordasse dessa forma autoritária como você está colocando, eu não seria dirigente do meu partido há 18 anos, eu sou alguém que constrói as opiniões do meu partido.

Então qual é a sua apreciação sobre as práticas de Stalin e de Mao?

Eu acho que aquele ciclo foi um ciclo de guerras e de mortes para o mundo inteiro.

Você acha que foi ok então?

Eu falei isso?

Não, estou perguntando. É uma pergunta.

Eu acho que foi um ciclo de guerras e de morte no mundo inteiro'lviii.

Isso é tudo o que você teria a dizer a esse respeito?

Eu não o repeti duas vezes, sem acrescentar nada? Ou você não me ouviu? Você me ouve quando eu falo, ou você quer que eu o repita novamente? Talvez você queira que eu o repita, supondo que sou incapaz de ouvir minhas próprias palavras. Eu digo, mas você se recusa a aceitar que, de fato, eu disse o que disse. Basta escutar. Nenhum enunciado, nenhum discurso modulado por um conjunto de enunciados tem interior ou volume. Tudo está dito *no dito*, tudo é superfície.

Sobre a foto do Alberto Korda, parece lhe interessar, não?

Sim, *Guerrillero Heroico*. Sabe, em uma das minhas visitas oficiais à Ilha, me mostraram os fotogramas originais. Lembro com frequência deste dia, a sala refrigerada, a gaveta de vidro e madeira, a textura do papel suave que envolvia os fotogramas. Com uma pequena lente de aumento, se podia ver com clareza, na lateral direita, um homem de perfil, alto, nariz comprido, adunco. O dia em que eu escrever um romance, certamente haverá algum personagem com nariz adunco. Todos os romances ruins precisam de um personagem com nariz adunco, e certamente não serei eu a interromper a tradição. Já sabemos o que esperar, não é mesmo? Mas bem, não fosse esta visita guiada, eu jamais o teria visto, assim como imagino que você tampouco o tenha visto. É possível que fosse um *Guajiro*, que tenha efetuado disparos em Matanzas ou Santa Clara, quem sabe? Ou um simples encanador, em La Habana. Capturado pelo piscar da história, e depois, dissolvido no tempo. O que se passou com este homem? É curioso como mesmo quando lhe fazem encerrar o olhar em um determinado quadro, sempre algo escapa.



Elevador Faria Lima

O que você faz aqui na Faria Lima?

Dinheiro. A Asset fica na outra quadra. O Credit-Suisse comprou a Hedging-Griffo. Uma barganha, 295 milhões de dólares^{lix}.

Sim, eu soube que você andava por aqui. Faz muito tempo que não nos vemos.

E o Pepe? O Flaco?

Na batalha, se virando.

Eu não entendo. Chamei vocês diversas vezes, os projetos sociais estão a todo vapor. Grana a rodo. Tem pra feminista, pra preto, pra *viado*, maluco que abraça-árvore, tem grana pra todo mundo, *véi*. Se bobear, tem pra vocês também. O que vocês andam fazendo? Black Money, Pink Money, Green Money. *It's all about the benjamins, dog*. Dinheiro não tem cheiro, irmão. *Pecunia non olet*. Vocês é tudo comédia. Tem aquela menina, é boazinha até, veio de baixo, tudo certinho, inteligente, boas maneiras, esforçada. Maqueadinha e pá. A mina do Lehmann. O que é? Senadora? Deputada? Se não for esta, é outra. Pede diálogo, ponderação. Defende educação pública de qualidade, o que quer que isso signifique. Ela tem todas as qualidades, *the whole fucking kit*. Eu vou é salvar o meu rabo, nunca me arrependi de ter pensado isso enquanto havia tempo. Gates, Soros, Buffet, os caras começam a ficar velhos, e aí é aquele lance, aposta de Pascal, *yo no creo em las brujas, pero...* Eu dou é muita risada, mano. Dinheiro de indulgência. E a ONG do Fraga, você viu? Só diplomão gringo, elite nacional. Desculpa, vai que você está gravando. A ONG do Fraga, não. O *Instituto de Estudos para Políticas de Saúde*. Super transparente, *legit*. *It's the real deal, man*. A parada é Kosher. Transparência, sacou? Esse é o novo lance: 'Os princípios de independência e apartidarismo norteiam nossas iniciativas e regras de financiamento'. Financiamento: inicialmente, nosso financiamento vem de uma única fonte (Armínio Fraga Neto)^{lix}. E aí? Começaram bem, com blog hospedado em jornalão e os caralho. *Hospedado* é muito bom. Ei, liga pra lá e pergunta posso me hospedar aí também? O Fraga e o Lehman, que já foram acionistas majoritários da Qualicorp, agora estão

investindo em uma *start up* de planos de saúde e telemedicina, a Vitta. Não é preciso desenhar, certo? Esse bagulho é o futuro. *From think tanks to shark tanks*. É um cheque em branco. Quem não quer um cheque em branco? Os caras não querem arruaça, tampouco milico no escritório. *It's bad for bussiness, man*. Se tiverem que escolher, ficam com a ordem, e ficam com o progresso. A parada é democracia. Quem não tá dentro, tá fora.

E os artistas revolucionários? E aquela porra de Inhotim? É demais, esse maluco, sim. Esse é gênio. Gênio, gênio, gênio. Minerador, sonegador do caralho. Inflaciona o valor das obras no conluio com os críticos, circuito universitário e o mercado financeiro, porque sem crítico de arte é impossível inflar até o necessário. Depois, utiliza as obras como pagamento da dívida com o fisco. Não satisfeito, consegue que o acordo tenha a previsão de que as obras não sejam vendidas, e permaneçam indefinidamente lá^{lx}. *Gênio*, e a máquina de gerar valor fictício segue. *Pump and Dump*. Único erro: o desvio para o vermelho, do Cildo Meirelles. Aquela merda eventualmente pode incomodar. Mas se a tirassem de lá, a paz seria total. Porque aquela quinquilharia espalhada entre jardins bem aparados, e plantas raras, não faz nada. Além de dinheiro, é claro. É uma máquina de imprimir dinheiro. Um enorme Tzanck Check. Tzanck Check? O cheque que Duchamp emitiu ao seu dentista, Dr. Daniel Tzanck, pelo pagamento dos serviços dentários, no valor de cento e quinze dólares. O cheque é todo feito à mão a partir de uma folha branca. Provavelmente, o Dr. Tzanck poderia ter comprado um apartamento com o valor do cheque. A verdade sobre o dinheiro: papel colorido, envolto em reputação e confiança. Ou submissão. Papel moeda é uma ficção, como qualquer outra. Uma ficção armada. No paiol. Olha lá pra cima. Ali, tá vendo? Ali, lá em cima, no prédio. Ali ó, 'falar é fácil, quero ver subir'. Foi de ontem pra hoje. Amanhã, com certeza, já começam a apagar. Aqui não tem pixo. Pixo é perigoso, não dá pra vender. Eu nem olho, me fode o dia. Quando você toma uma decisão, não deve olhar para trás. Esses moleques, fodidos, sem porra nenhuma. Uns quantos despençam, sem chance, sem porra nenhuma. Só uns caderninhos com riscos, tentando falar alguma coisa. Porra, bota os garotos num projeto, com umas latas gringa, ensina cidadania. Quem sabe um ou dois não viram educadores sociais, ou acabam em Inhotim? Faculdade de pedagogia, sei lá. Arte não

existe, mano, não tem lugar nesse mundo. O que existe é negócio. *Dollar*. Bota os moleques no negócio. Bilhões de metros quadrados de bienal, quilômetros de arte. Os cara é tudo gênio. Aqui é movimento. Qual movimento? O movimento que *tiver* rolando. Logo que o dinheiro começou a mudar de lado, eu disse pra vocês, pula fora enquanto é tempo, pula fora enquanto é tempo. Se você escuta o proprietário da maior rede de ensino superior privada dizendo que ‘a pesquisa é uma inutilidade pomposa’^{lxii}, enquanto no caixa dessas máquinas de expedir diplomas entra dinheiro público, pretensamente vermelho, e você segue tremulando bandeirinhas, ou você é um completo idiota, ou mal-intencionado. Ou bem-intencionado, como no meu caso. Meus colegas são todos *Ivy League scholars*, com formação financiada com dinheiro público. Chicago, MIT, UCLA, Penn State. O chefe da Ong do Fraga? SciencesPo. E a diarista deles pagando. Você tem diarista também, irmão? Fala pra mim, que eu sei tu tem diarista, safado. Ah, uma senhora que ajuda lá em casa. Então tá tranquilo, tá favorável. Nego abre empresa de consultoria na Guanabara, na Faria lima, no Planalto. Você acha que consultoria faz o quê, consulta? Olá, boa tarde, eu gostaria de uma consultoria. Raça de lobista do caralho. Teve uma muito boa. Maluco com doutorado em engenharia aeroespacial, universidade nacional e depois, gringa, com financiamento do conselho nacional de pesquisa. *Véi*, tu não tinha que estar projetando satélites? Mas não estou? Dezessete mil por cento de rentabilidade acumulada, esse é foguete no espaço infinito. Trinta e três bilhões de reais em ativos sob gestão^{lxiii}. Cheguei um dia no trabalho, estacionei meu patinete elétrico, pendurei o colete, peguei o elevador. Tinham colocado uma caixinha dessas de lenços de papel na minha mesa. Nego tava rolando de rir, pega aí, você vai precisar. Vão taxar as grandes fortunas. Mano, é demais. *As grandes fortunas* irão ficar paradinhas, esperando. É demais, demais. É uma indignância absoluta. Irmão, pode me mostrar os gráficos que você quiser. Os estudos mostram que o terceiro quartil... Dizem os especialistas em literatura fantástica. Eu quero que você me diga como pretende fazer isso. Aqui é o suco da acumulação primitiva mais brutal que existe. Aqui não é a América, filho. Aqui é o esgoto da América. Não é pra menino pequeno. Bota a cara e diz aí, vai fazer como? Com *vontade política*? Oh, meu bom deus, o que vou fazer agora com a minha grande fortuna? Minha grande fortuna, esse peso em minha vida,

não posso defendê-la! O filho da puta no box do meu lado, com a palma da mão virada junto a testa. Oh Donzela, irei ao teu socorro! Vamos varrer a rúpia hoje? Ou o milho nos contratos futuros? Se você entrar no nosso escritório para taxar nossas grandes fortunas, me avise antes, ok? Sei que você vai avisar, assim já deixo os computadores encaixotados, para facilitar o seu trabalho de confisco. Aqui, chefia, 12 computadores usados, leve nossa grande fortuna. Até as salas são alugadas. Imagine que brincadeira divertida, os *tiozin*, fiscais pançudos da Receita Federal tentando encontrar nosso dinheiro em meio a um labirinto de *holdings offshores*. Podem até conseguir dar uma beliscadinha, mas aí sossegam. Não passa disto. Desde que o Nixon destruiu o acordo de Bretton Woods, desvinculando o ouro como lastro do dólar, o que é o dinheiro? Se Deus havia dito *Fiat Lux*, nos dissemos *Fiat Money*! Nada é realmente real. A não ser, é claro, o sofrimento produzido por esta ficção. Vocês estão dispostos a levar esta ficção até o colapso?

Seria melhor que você tomasse um ar.

Não respiro, não como, não durmo, anoiteço aqui e já amanheço lá. *Twenty-four-seven, we never close. It's just a job, man.* Por que se contentam em comer os restos de sardinha que deixo pra trás? Você quer mais democracia? Claro, é a especialidade da casa. Qual é o ponto? Malpassada, o centro é frio. Ponto-mais? Levemente rosada? Podemos organizar um jantar, um belo jantar. Em Genebra, talvez? Bem, vocês querem uma sociedade inclusiva. Sem problemas, *wedeliver*. Genebra, esse é o segredo. Os cara vão *defendê* o cofre *juntos*, você não percebe?

Eu não sei nem o que dizer. Eu ouvi que você estava trabalhando por aqui, mas não poderia imaginar que vocês estivesse.... Tá falando gíria, é?

Gíria não, dialeto. Aí, na época dos barraco de pau lá na Pedreira, onde *cês tavam*? Que que *cês* deram por mim? O que que *cês* fizeram por mim? Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho? Agora tá de olho no carro que eu dirijo? Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma. *Perái*. Alô, Sr. Stuhlberger? Sim, claro, logo estará pronto. Até o final da tarde, com certeza. Peço desculpas por este breve atraso. Certamente, até o encerramento do mercado. O Sthulba é linda. O

Sthulba é o rei do condado. Bem, eu não estou no mesmo lugar. A esta hora, eu já tô mais agitadinho que o falador do Zizek, irmão. Você acha que o mercado financeiro, agência de publicidade e cursinho pré-vestibular de *playboy* funcionam à base de quê? Vocês não percebem que estão vivendo um *delirium tremens*, noia de pó e *too much fucking Jesus* misturado?

Já você, vejo que vai muito bem.

Você viu o último vídeo do Rick Chester? Claro que viu, mas não vai me dizer. No escritório, na máquina do café, vamos tomar um cafezinho? Com açúcar? Porra, bota açúcar aí! Nego é hilário. Quando o circo ta pegando fogo, sempre tem alguém para repetir: “Minuto do empreendedorismo: tá desempregado no Rio de Janeiro? Está desempregado no Rio de Janeiro? Então faz o seguinte: arruma R\$10,00 emprestado, vai para a Central do Brasil amanhã e compra uma mala de água mineral e meio saco de gelo. Pega tudo e vai para Copacabana, cedo. Lá, você vende uma água a R\$4,00 ou R\$5,00. Vamos considerar que você venda tudo a R\$4,00 e beba duas. São dez águas, R\$40,00. Você investiu R\$10,00, são 300% de lucro. Tu volta pro centro e compra um isopor de 25 litros por 18 reais, sobram R\$ 22,00. Tu vai pra casa com essa grana e, no outro dia, vai pro centro novamente. Compra duas malas de água mineral, meio saco de gelo e vai pra Copacabana novamente. Com 24 garrafas de água mineral, vamos considerar que tu vai tomar duas, sobram vinte duas, vezes quatro reais se vender tudo são R\$ 88,00, com 7 que sobrou de ontem, são R\$ 95,00; em dois dias, tu teve um lucro de 850%. Aí tu volta pra casa, paga aquele maluco que te emprestou, isso chama deixar as portas abertas, é importante isso. Aí você tem ainda 750% no bolso. No outro dia, vai pro centro novamente, aí é contigo. Ah, vender água não dá pra você não? Então a crise no seu caso não ta no país, ta dentro de você. Pega a visão.”^{lxiv}. Na verdade, dizemos só ‘Ah, vender água não dá pra você não?’ ou ‘Pega a visão’, mas acabei decorando o trecho inteiro.

Não li. Sendo sincero, talvez você não tenha percebido, mas penso que seria bom se você procurasse ajuda.

Você quer me tratar? Disse o que precisava dizer, na esperança de que houvesse um pouco mais de emoção, algo mais próximo a um combate real. Depois de algum tempo, chega a ser tedioso não ter mais adversários. E ainda, de tempos em tempos, as agitações do populacho podem mesmo ser benéficas para movimentos de realização do mercado, desde que não ultrapassem certo limite. Um pouco de destruição nos ajuda com falsas crises. Quando as cotações dos ativos estão muito esticadas, alguém que nos ajude a derrubar o mercado é sempre muito bem-vindo. Operamos vendidos, ganhando na queda, e depois recompramos mais em baixo. É lindo. Em meio ao pânico do mercado, por agitações sociais, por pandemias, o que seja. É lindo, é lindo! Qual é o limite que sempre nos tranquiliza? Eventualmente, a balburdia tomará o contorno de reivindicações dirigidas à lei. Pois bem, este é o nosso terreno. Na última vez, o gorducho presidente da câmara, meteu uma pauta bomba no meio da crise, foi o empurrãozinho de que precisávamos. Você acha que ele estava posicionado como? Derreteu tudo, e quanto mais derretia, mais rápido os números em verde giravam na minha tela. Essa é a mágica do mundo. Ou você é o encantador, ou o enfeitado. Essa é a nossa religião. Senti um brevíssimo remorso, remorso não, seria um exagero, um pequeno lamento. Até enviei uma mensagem pro garoto, de incentivo e para que ficasse mais atento. Sardinha é foda. Sardinha acha que é esperto, mas é sempre só mais um otário. Como é mesmo o nome dele? Ah sim, Favelado Investidor. *‘Mais um da quebrada que quer mudar de vida. Não importa de onde você veio, mas sim para onde você vai’*^{lxv}. Um menino destes, um menino destes vale o peso dele em ouro pra nós. Em arrobas. Arrasta milhões de CPF’s pro Mercado, injeta liquidez, modula e propaga uma racionalidade que é o signo da nossa vitória absoluta. Além de nos ofertar legitimidade. É lindo, chego a esfregar os olhos. Isso é real? Mesmo? A foto do garoto, tão bonitinha, sentado numa poltrona de costas pro morro, as casas empilhadas umas sobre as outras, no tijolo cru. *Rumo ao milhão*. Vai acabar sendo adotado por algum mecenas do Mercado, então, talvez ganhe mesmo algum dinheiro. São nossos milhões de *promoters* de empreendedorismo de palco não remunerados. Como o diz o Raiam Santos, no livro *Hackeando tudo, hábitos para mudar o rumo da nova geração*: Vamos hackear tudo! E o que mais ele diz? *Você consegue!* Apenas isso, e a indicação de uso de nootrópicos, que é um tipo fajuto de suplemento alimentar^{lxvi}.

O outro garoto, o investidor, costuma divulgar a carteira de investimentos dele nas redes. Ele, que trabalhou desde moleque, tem seis contos em investimento. Avisa pros meus tataranetos quando ele chegar no primeiro milhão. Falando nisso, sobre o lance do pega a visão'. Bem, você sabe que minutos depois do vídeo ir ao ar, o CEO da escola de idiomas entrou em contato com o Rick, montou um circuito enorme de palestras, viralizou a parada, e claro, levou o novo palestrante pra Harvard.^{lxvii} É nós, o Rick e Harvard. E um cursinho de descolonialidade na costa leste, hum? Cai bem, não cai? No outono, época da *foliage*, nós dois falando sobre as agruras do terceiro mundo na Kennedy School, hum? Mas, sim, o Rick. É como achar ouro no meio da rua, sacou? Tá lá o Rick, com os dentes zuados, de camiseta velha da Estação Primeira de Mangueira, num barraco, dormindo num colchão sem cama. As paredes descascadas no fundo, quase sem luz, gravando. É ouro no meio da rua. O Rick some, mudou de vida. Os outros estão lá, na praia, fodidos. Aparece alguém, como é, de esquerda? Claro que não. Sequer sabem quem é porra de Rick, porra de Investidor Favelado ou Raiam Santos. O que importa não é tanto o cara com um milhão de seguidores, é a multiplicação dos milhares de pequenos seguidores com poucos milhares de outros seguidores. *Nóis* é que é rizoma, seus trouxas. São *eles* que exprimem a *tendência*, e é por isso que vocês sempre estão atrasados. Nós somos os únicos visionários. O que é uma boa vida? Nós não apenas oferecemos esta imagem de modo preciso, como sabemos manipular um campo de afetos para oferecê-la. Diante disto, tudo mais se transforma em prêmio de consolação. Quem pode desejar um prêmio de consolação? *Nêgoa* essa hora deve tá revisando a lei da queda tendencial de taxa de lucros, ou a composição orgânica do capital. Parlando, Parlando. Se for segunda-feira, voo pra Capital. Se for Sexta antes do meio-dia, voo pra casa. Convocando atos pela greve geral que nunca acontecerá. Vocês têm medo da greve geral. Eu? Eu estou aqui porque eu quero. Não há alternativa, entre a pequena e a grande prisão. É uma cela? Talvez seja, mas tem ar-condicionado, micro-ondas, biscoito, água gelada, café e internet, mordomo e colchão de molas. Segurança privada. E a sua prisão? O Rick é um homem de ação, meu velho. Guarda isso. A única ação possível, a única ação que lhe ocorreu imaginar. O Rick se salvou. O Rick é um herói. O Rick é a nova teologia. O Rick é o futuro e a imagem de futuro que vocês criaram. O Rick poderia estar embaixo de uma

roda de ônibus na Avenida Nossa Senhora de Copacabana entre sons difusos, sirenes e sangue, como os *motoboy*s que trazem pizza quentinha para nós nas noites chuvosas, ou como os meninos que entregam papéis de bicicleta, e não ganham sequer o suficiente para voltar pra casa ao final do dia. O Rick é um herói, ele se salvou, ele está no céu, o único céu que existe, lá está o Rick. Embala agora, essa é de vocês. Vocês tão tudo fodido. Política de subjetivação não é brincadeira, irmão. Reverte isso, reverte aí que eu quero ver. Não é questão de preza *nego*, a ideia é essa, miséria traz tristeza e vice-versa. Tá ligado no som, não tá? Se não tá, na boa, aperta o passo. Pega o ritornelo e vai tocar valsa, irmão. Já bota logo uma peruquinha renascentista, que é pra *arregaça*. Um dos maiores acontecimentos políticos dessa terra-do-nunca que vocês inventaram, dessa Nova República, é a cara de otário dos malucos no palco. Ainda me dou ao trabalho. Às vezes, eu acho que estou muito perdido. Tudo é confuso, e há ninguém em que se pode confiar. Tudo é promessa, menos o dinheiro. Cinco pratas compram o que cinco pratas compram; nem mais, nem menos. Vamos ver, mais uma chance? Será que mudo de lado? Claro que não, é claro que não. Obrigaram-me a isso, eu vou mesmo é cuidar do meu rabo. No Mercado, se rezar direitinho, se ajoelhar direitinho, ainda tenho uma chance. Com eles, é certo que não. O cara tá lá pra oferecer pros parceiros sua presença, talvez até confusa, mas leal e intensa. Num último apelo, como quem diz, é *nóis*, *vamo* até o final. Adianta? Não adianta. A cena tem a qualidade de enigma do traumático. O sujeito concorrencial, sua razão calculista e suas organizações. É tudo o que há. E a cara de trouxa dos otários no palco? Ele diz, entre vaias e aplausos, 'política não rima, não tem balanço, não tem nada que me interessa. Eu gosto de música. Se eu não puder falar, não vou falar e, pra mim, já era e foda-se. Certo?'^{lxviii} Ta engolindo no seco até agora, não tá? O *carafoi*, mano, podia não ter ido, mas *foi*, sacou? E ofereceu o que ele tinha de melhor a oferecer, a verdade do que *ele* via, a verdade cínica, não obstante todos os riscos. Mas é no fim que todos acabam por ser expulsos da terra-do-nunca: 'tem que entender o que o povo quer! Se não sabe, volta pra base e vai procurar saber!'^{lxix}. O que o povo quer? Justiça e liberdade, a causa é legítima. O que vocês oferecem? Um pó azul e brilhante, mágico. Césio. Vinte anos depois, soja. O Rick é um herói, o Rick se salvou. Thatcherismo fio, não há alternativa. Eles sacaram. Vocês também os deixaram os

deixaram sem opção. Ninguém aqui tá nessa de otário. Quando os caras colocaram a cara na rua, a própria pele no risco, contra a polícia, no gás, o que vocês fizeram? Deixaram todo mundo pra queimar, meu velho. Quer saber o que tá acontecendo? Quer mesmo saber o que aconteceu? Claro que não, porque você quer ser aquele que responderá *o que fazer?* Mesmo assim eu te digo, *quatro minutos se passaram e ninguém viu, o monstro que nasceu em algum lugar do Brasil.* E aí, quem propõe? Não me diz que vocês ainda estão arregimentando usuários dos serviços para arrastar pra conferências de políticas públicas, *pelamor.* Maluco chega lá, pastinha com bloquinho de anotações, canetinha Bic, ticket de almoço, guia da programação e três cartõezinhos. Verde, Amarelo, Vermelho. Esses caras *tão* no veneno. E aí, quem propõe? Esse pessoal não vai mais se comunicar mais com cartãozinho, filhão. É por isso que seus filhos vêm a mim, são vocês que os empurram, mansos e cordeiros, porque eu sou Mateus, e sendo Mateus eu digo 'Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomais sobre vós o meu jugo, e vos aliviarei'^{lxx}. Vocês construíram muitos dos meus novos templos, onde multipliquei a minha voz, e os situaram ao lado direito do Pai. Como não agradecer pelas isenções no fisco? Alô, boa tarde. Você pode executar sim, por favor. Chegou no *target*, Sell. Operar vendido é lindo. Outro dia, uma senhorinha ligou chorando pro escritório. Elatinha os recursos da vida inteira em um fundo de aposentadoria, que derreteu 50% em três dias. Pra ficar *even* de novo, o que restou vai ter de subir 100%, e para ganhos reais, mais do que isso. Só que ela já tem 70 anos de idade. Falei com o Risk Manager da Asset, o italiano. E aí italiano? E aí o quê? Quer saber se vamos ao Fasano hoje à noite? A temporada de *tartufi bianchi* só começa em Outubro. Não, sobre esta senh... Sei lá, porra, manda investir em um paletó de madeira, velha do caralho! O italiano é demais, mano. Ele manda a real. Mas ele só fala se perguntam, sacou? Eu me lembro com detalhes o primeiro dinheiro que eu fiz sem trabalhar na vida. Eu estava passando em frente a um conjunto de habitações populares, construídas por um programa social do governo, quando tive que parar em um mercadinho para comprar cigarros. Do outro lado da rua, um caminhão de mudanças, giroflex e gritaria. O que está acontecendo? Mais um despejo, disse o dono da bodega. Mas não é um programa social? Sim, mas tem que pagar da mesma

forma, aqui são quatro ou cinco despejos por semana. Resolvi ir ao leilão. A família havia comprado o imóvel por cem xelins, parcelados em 20 anos. Eu arrematei. Mas aqui está a parte realmente bela da história. Eu não tinha qualquer dinheiro! Eu o comprei à crédito, ou seja, assinei alguns papéis. No mesmo dia, coloquei o imóvel à venda em uma imobiliária local, sempre à espreita nos leilões. Como o ofereci abaixo do valor usualmente praticado, o vendi na mesma semana. O novo comprador quitou o financiamento que eu havia feito, eu não cheguei sequer a pagar uma única parcela, e coloquei a diferença no bolso. O lucro é a vontade manifesta de deus. Quem sou eu para contestar seus desígnios? Assinei um papel aqui, assinei um papel ali. Não é maravilhoso? Já que vocês não leem mais Brecht, e vos recordo ‘o que é uma gazua comparada a uma ação ao portador? *O que é o assalto a um banco comparado à fundação de um banco?*’^{lxxi}. Não há beleza maior. Como dizer que somos ‘a classe que produz em primeiro lugar o seu próprio coveiro’ e que ‘a nossa derrocada e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis?’^{lxxii}. De que modo, se tal como o fototropismo dos vegetais, vocês se dirigem a mim em busca de calor? A longa duração apenas prolongará a agonia. Nada mais risível do que alguém que se apresenta como coveiro, em um cenário destes.

E foi com este troco de pão que comecei, mas a questão nem seria esta. Os educadores financeiros de vocês ensinam a comprar gelinho e caixas de isopor para economizar no lanche. Seria preciso dizer mais? Isto é, quando vocês irão finalmente sentar à mesa com os adultos? A pergunta de educador financeiro rigoroso: como roubar um banco? Lembro, não há prisão por dívida. Seria o caso de recolocar a questão cartesiana, a dúvida hiperbólica. Quer saber se você existe? Pergunte ao gerente do banco: tenho de crédito? Tão simples quanto isso, você é uma mercadoria marcada a futuro. Sem crédito, pois, sem futuro. E, sem futuro, sua imagem, agora, é evanescente. De outro lado, na eventualidade de que você esteja entre os que potencialmente têm algum futuro, sendo, portanto, marcado a futuro, você pouco existe agora, não é mesmo? É uma crise de presença. Neste vácuo, o capitalismo imaterial, por excelência, a mais eficaz máquina de produzir narrativas, intervém dando um contorno à vida e ao corpo despedaçado – suprimindo a constitutiva ausência de fundamento do ser. Não é por outro motivo não falarmos em ideologia, mas em

ontologia histórica. Acha que exagero? Manuais de administração, finanças, *coaching* são para os funcionários, os idiotas do andar de baixo. Nós, os efetivos criadores, os primeiros a chegar no olho da réis, nos orientamos pela filosofia da diferença. Veja o seu amigo. É seu amigo, não é? Moldado em uma trajetória na qual mercado financeiro, gestão em companhias de tecnologia e marketing se fundem com a fina flor do deleuzeanismo em desterro, o autor de Empreendedorismo para subversivos^{lxxiii} nos fornece a mais bem acabada imagem da barrafunda na qual vocês estão metidos. Você lembra, eu nunca me esqueci, o que nossa professora nos ensinou quando nos ensinava entradas para análises de instituições? Quando estiverem perdidos, façam como os assaltantes da América: *everybodybe cool thisis a robbery!* onde está o cofre? É um bom ponto de partida, já que estamos precisando voltar aos fundamentos. Dinheiro faz as vezes de um analisador *natural*. Onde está o cofre? Já temos um norte, o resto é diversionismo, expediente de mágicos de rua, que o distraem com longos discursos e gestos. Não é possível, onde está o meu relógio? Mas voltando ao nosso empreendedor subversivo. Empreendedor serial, espécie de cenógrafo produtor de espetáculos intermitentes, nos quais o capital financeiro se funde com ativos intangíveis, modulados por afetividade, memória e fabulação. Sobre-valor gerado entre as conexões dos corpos, das marcas, de imagens de futuro – suco de nomadismo e rizoma com sinal invertido. A construção deste discurso apropria-se mesmo da racionalidade inclusiva das políticas das identidades. De fato, nosso empreendedor subversivo as espreita: necessita desta força vital, porque, de outro modo, resta evidente, o que ele teria a vender? Aprendeu a lição: a colocou no bolso. Não é possível, onde está o meu relógio? Você o viu?

Bem, a ação para a Johnnie Walker. A soldo da multinacional britânica detentora da marca de *scotch*, com ativos listados na New York Stock Exchange, e cujo faturamento anual aproxima-se de 90 bilhões de pratas, nosso empreendedor subversivo põe-se a trabalhar, isto é, agencia o *general intellect*. A gincana seria bem ridícula, não fosse lucrativa. *Beautiful people* e *influencers*, os convidados para a inauguração do bar *Infini by Johnnie Walker*, sediado no restaurante *La casserole*, iniciam sua experiência na floricultura Flor Bela. Neste ponto, recebem uma rosa, que mais tarde, já do outro lado da rua, dentro do La casserole, uma mulher trans trocava por três pétalas de flor, e

depois, por *signature drinks*. A mulher trans estava lá para criar ‘um choque político’^{lxxiv}. Nosso empreendedor subversivo, ao relatar a história de criação de mais um *hub* de coquetelaria, se detém neste ponto. Escute-o: ‘na saída, a mulher trans que estava ali na frente ela, é feio né falar *mulher trans* e não dizer o nome dela, infelizmente, esqueci, me desculpa, peço desculpas a ela. Ela dava uma rosa para uma pessoa, essa pessoa saía e...eu também não devo tipificar mulher trans, só preciso falar *mulher*, não preciso falar *mulher trans*, já é suficiente. Outro dia, minha filha me corrigiu com relação a isso. Ela virou pra mim, eu falei, filha, olha que mulher bonita, você sabia que ela é trans? Ela falou pra mim, pai, não tem isso, é *mulher*, não precisa falar é *uma mulher trans*, é *mulher*. Ah, filha, você tem toda a razão, é só a mulher. Então, ela me ensina muito, me dá vários toques, que eu, como o homem cis, hetero, que tem um facistão dentro de mim, às vezes, me esqueço. Bom, enfim, então o que eu estou querendo falar? Tudo isso constrói uma narrativa onde pessoas eram convidadas para irem pra dentro deste lugar e marcar suas memórias e reverberar com suas memórias através das suas redes sociais a construção de marca. A marca que era impactada era a Johnnie Walker. A construção da marca explodiu a partir dessa experiência criada^{lxxv}. Não é incrível? De baixo ao alto, conseguimos reverter e transfigurar cada passo de vocês. Você percebe a sensibilidade, irretocável adequação discursiva? Por vezes, é como se apenas precisássemos sacudi-los para fazer com que as moedas caíam e, então, as juntarmos na sua frente! Até a filha do empreendedor subversivo trabalha para nós. Não é maravilhoso? Quanto vale oferecer à juventude dourada uma mistura de *Walk on the wildside* e atestado de boa consciência? E para o *scotch*, alguém que saiba manejar a composição das doses na mistura do *cool* socialmente antenado? Paga cem conto pra mulher trans, mulher trans não, só mulher, e já era. E ela vai estar feliz também, já que é melhor ganhar cem contos assim do que de outro modo. Estoura mais uma no *insta, bro*, que um passe de ativista apoiador da causa é ouro também. Quem é você pra julgar? O *empreendedor subversivo*, doutor em ciências sociais^{lxxvi}, é esperto: vai até o limite, bem rápido, antes mesmo que um velho comuna ou anarca, desses *bem ultrapassados*, possa mesmo perguntar, e aí, irmão, quanto vai ser pra cada um? Olho na missa, outro no padre: onde está o cofre, *mothafucka*? Mas só te falo porque num boto fé, contigo é

sempre *ou missa, ou padre*. Cachorro filho da puta, tá me mordendo, e eu já tô falando demais. Bom te encontrar, amigão. Aparece lá na *Asset*, bora colá cum nós, vamô hackear tudo! Ah, não esquece de me enviar aquela cópia esgotada do Nascimento da Biopolítica!

NYC
1999



SHAR



16

SAD
GOTH
2001

WISIN



Tosquelles

Oi, sumido.

Fala, meu cão andaluz! Sumido é você, andávamos te procurando há alguns dias. Por onde andavas? Nem para responder às nossas mensagens. E essa cartola, senhor?

Sumido, você mesmo não disse? A propósito, sabes porque me chamam de cão andaluz?

Não é óbvio?

Óbvio como?

Buñuel.

Imaginei que você fosse mesmo dizer isso, mas está equivocado. *Tosquelles*. Na verdade, eu era o cão que vivia com Tosquelles.

Mas ele não era catalão?

Era uma piada nossa, porque seria um pouco ridículo se ele seguisse me chamando de *cão catalão*, não acha? Até o dia em que falei, *cão andaluz*, sou o cão andaluz. Eu me nomeio, não você. Tosquelles gostava de pessoas altivas, e todo problema, é claro, não se pode autorizar alguém a ser altivo. Resta-nos cultivar as condições e aguardar. Certíssimo, ele disse, cães podem ser de qualquer parte, de onde quiserem. Quem sou eu para conferir as identidades na fronteira? Está certo, *cão andaluz*, e seguimos conversando. Sinto falta de Tosquelles. Lembro-me dele sempre metido com o pior tipo de gente, prostitutas, desertores, refugiados, artistas de rua, médicos degradados, vagabundos de toda sorte, drogados, pequenos ladrões e os doidos mais malucos que se pode conceber. Tosquelles foi um tipo raro de intelectual. Raríssimo, na verdade.

Universal? Específico? Orgânico?

Lumpem. Um *lumpem intelectual*. Anote isto. Quanto vale um pensamento forjado à quente na Guerra Civil Espanhola, hum? Tosquelles tinha maneirismos curiosos, uma excentricidade completamente fora de lugar. Também centelhas do trauma de guerra

que se desprendiam sem aviso. Poderia estar, por exemplo, almoçando, e enquanto todos conversavam, permaneceria em silêncio. Um silêncio flutuante, discreto. Tão discreto que jamais ouvi alguém lhe perguntar, Tosquelles, por que não falas? E então, como quem comentasse as chuvas da estação, diria, casualmente, algo do tipo ‘a lei do desenrolar surrealista da guerra é que sempre há um imprevisto, um inesperado; ou seja, algo que não pode ser transformado em ciência. A ciência é um distúrbio de comportamento de um tipo de pessoas que fazem dela uma obsessão. Querem controlar tudo por meio da ciência. A guerra é um real incontrollável. Mas como dizem os surrealistas, nela aparecem *cadáveres exquis*, que não são puramente fantasiosos, são mais reais do que o real. Insisto no fato de que não se trata de qualquer guerra, mas de uma guerra civil. *A guerra civil, diferentemente da guerra de uma nação contra outra, está relacionada com a não homogeneidade do eu*. Cada um de nós é feito de pedaços contrapostos, com uniões paradoxais e desuniões, ao interior de cada um de nós. A personalidade não é feita de um bloco só. *Se fosse, seria uma estátua*. É preciso registrar uma coisa paradoxal: a guerra não produz novos doentes. Ao contrário!’^{lxxvii}

Eu mesmo, tenho tido episódios de insônia. Desperto nas últimas horas da madrugada, e não volto a dormir. Cevo o mate, e espero a aurora. A hora mais solitária, o tempo entre os últimos raios da estrela da manhã e o crepúsculo.

Seria estranho se você estivesse dormindo como um anjo. Assustam-me as pessoas que dormem como anjos neste tempo, porque não se pode mentir o sono. É a verdade do que são. E além do mais, para quem já dormiu o suficiente, basta ficar grato ao corpo que sabe *é hora de despertar. Fora o cochilo da tarde, o cochilo da tarde é o xodó do momento*. Agradeça aos Guarani que, em algum momento visionário perdido no tempo, pensaram e’ se colhêssemos estas folhas, precisamente estas, e não outras entre tantas outras, e se as secássemos ao sol, e as macerássemos, e depois, as torrássemos, levemente? E se então, as puséssemos em um porongo, com água quente, mas não fervida, com um pequeno canudo de uma arvorezinha, e então o sorvêssemos. O que aconteceria?’ Na hora no *mundo sem outrem*, quem pensa é Terra. Em silêncio, se pode ouvir. É Nietzsche no oriente, citando os Vedas, ‘há tantas auroras que ainda não brilharam’^{lxxviii}. O objeto guarda o ato que ensina a necessidade

do silêncio e do contato de si consigo mesmo. Mas também a roda, e o pequeno porongo, dispositivo *de encontro sem finalidade*. A lembrança dos que estiveram conosco, e não estão mais; a celebração dos que estão. *Namastê-gratidão*.

Nem me fale deste *namastê-gratidão*. Há uns tempos atrás, minha companheira me empurrou esta de *namastê-gratidão*. Vamos nos desapegar de todo este excesso de coisas, que obstruem os fluxos de energia, em direção a uma vida mais simples. Beleza, estou dentro. Você sabe que sou um provador de venenos. Mas nisto, se foram minhas caixas de textos antigos. Pensava em ter salvado os textos dos Tosquelles, apenas para descobrir que tinham ido embora no episódio *namastê-gratidão*. E sabe o que mais eu descobri? Os textos dela estavam todos bem guardadinhos, em umas pastas de plástico com divisórias, e separados em ordem alfabética! Aí é sacanagem. Não me empurrem este feminismo liberal farinha-pouca-meu-pirão-primeiro. Então, agora, começa o papo de *namastê-gratidão* e eu já fico nervoso, começo a olhar para os lados, para tentar salvar o que der.

O que você espera que eu diga?

Sei lá. Mas sobre o Tosquelles, 'se fosse, seria uma estátua'. No Sermão do Espírito Santo, lembro que Padre Vieira compara esculturas em mármore, com esculturas em murta como metáfora das dificuldades da pregação do evangelho por aqui, entre os povos ameríndios. Quanto às primeiras, assinala a difícil tarefa do escultor em enfrentar a rigidez do material em sua forma bruta. No entanto, superada a exaustão do esforço, uma vez entalhada, a forma é capaz de atravessar a *millenia*. A murta não apresenta resistência inicial à tesoura do jardineiro. Porém, a facilidade inicial se revela uma maldição. Estátuas de murta são refratárias às formas, nada as contém, e, por isso, fixar a palavra do senhor se tornava um trabalho impossível.^{lxxix} Já lhe contei que trabalhei por um tempo, pouco mais de um ano, em uma equipe de saúde indígena? Por seis meses, sou mesmo lento, eu sei, eu sei, não fiz quase nada. Achei prudente, ao menos, não agravaria a situação, o que, modestamente, em certos contextos, já é uma intervenção excepcional. Certo dia, a equipe debatia *a grave questão da gravidez na adolescência*. Apesar de toda a pregação, as jovens indígenas, embora não se opusessem frontalmente, se recusavam a tomar os comprimidos. Melhor, diziam às

enfermeiras que, sim, tomavam, mas seguiam gestando, às dezenas. Imagine, pobres como eram, à beira da estrada, e ainda tendo mais filhos? Em reunião com algumas lideranças, em que estas diziam, sim, sim, também estamos preocupados com esta questão, a equipe propôs a aplicação de injeções. Uma das lideranças espirituais interveio, com complicadíssimas teorizações metafísicas para justificar a impossibilidade do procedimento. Semanas depois, me disse, foi boa essa, não foi? Ao qual completou, precisamos mesmo é de caronas, para andar entre as aldeias. Você nos ajuda com isso? Com as *passagens*? Então tudo se esclarece, minha tarefa era com a equipe. Mas sendo impossível que compreendessem, e considerando que levaria um tempo de que não dispunha, a abordagem deveria ser lateral, isto é, uma atitude elusiva. Era importante que a equipe não sentisse de imediato o choque do afastamento daquilo que consideravam ser o objeto de suas intervenções. Semanas depois, estamos voltando para a sede, o médico da equipe, ao volante, comenta, 'não sei o que aconteceu, depois de tantos anos de estudo, acho que me tornei motorista de índio...'

Bem, mas eles precisam dos recursos, das medicações, dos conhecimentos da medicina ocidental, dos antibióticos, anti-hipertensivos. Feitos com ensaios clínicos duplo cegos, randomizados, controlados com placebo. *Hard science* puro sangue.

Evidentemente, eles o reconhecem. Mas reconhecê-lo, não significa submissão. Ao contrário, o ponto seria justamente que este conhecimento fosse posto a serviço do modo de vida que se deseja. Isto não me força a ter de cultuar a ciência. Mas a minha história nem era tanto esta, falar sobre saúde indígena. Conto esta passagem para destacar a multiplicidade de maneiras de se moverem nas dobras das relações de poder. É mais comum lembrarmos-nos das lutas indígenas tendo como imagens enfrentamentos que nos remetem a características macropolíticas, como são as disputas por demarcação de terras. Porém, seria preciso recordar que a contenda é, antes, realmente cotidiana e recorre aos mais variados, e engenhosos, expedientes micropolíticos. Não foram poucas as vezes em que pude vê-los em ação, comportando-se de maneira pretensamente ingênua ou desavisada diante do poder, apenas para goleá-lo sorrateiramente em seguida. Como as mães indígenas que vemos no centro

da cidade, expondo seu artesanato e *esperando troquinho*. Com os filhos sempre correndo por perto, à distância do olhar, mas constantemente assediadas por estas polícias das famílias que bradam a todo tempo 'é preciso defender a sociedade'. Primeiro, elas não os compreendem, depois, assentem em ir embora. Então, livres, retornam, em outro ponto. Tudo recomeça... Inesquecível como os planos iniciais de Terra Vermelha. Nus, lanças e arcos em punho, às margens de um rio, são observados pelas oculares de turistas curiosos. Em seguida, retornam à curta trilha que os levaria a uma clareira, onde estão suas roupas e o pagamento pela encenação. Em qual dos planos reside a verdade sobre o que são? *Entre* os planos, isto é, na operação de dobragem. Esta plasticidade ou 'inconstância da alma', que exasperava Padre Vieira, é a sua marca distintiva. É a capacidade de fuga. Talvez pudéssemos dizer que exprimir a potência deste que é um *devoir selvagem* exigiria duas condições: a experiência corporificada desta plasticidade e a afecção provocada por um desejo como o destes povos que parecem 'querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra'^{lxxx}. Seria isto, e não a adesão a algum complexo-neoxamânico exótico, um corte de cabelo, adereço, ou notas elogiosas em algum lugar qualquer, a direção do virtual a ser alcançado.

Você fala índios, aldeias. Apenas aqui, são mais de 256 povos!^{lxxxi} Ao se aproximar perigosamente da modulação de índio genérico ao qual você parece se referir, além de ser algo que não existe de maneira abstrata, aproxima-o de mecanismos que sustentam a construção do racismo. É uma ficção, e ficções não são inodoras, insípidas e incolores. Se fossem, por que seriam feitas?

Quando pensamos na configuração da pesquisa, e depois, propriamente, no processo de registro e na edição do filme, vimo-nos diante de questões éticas. Uma primeira dificuldade, decorrente da nossa escolha por uma abordagem imanente, diria respeito às exigências institucionais: vamos acionar uma comissão de especialistas, que não nos conhecem e que, tampouco, conhecem as pessoas com as quais trabalhamos, para julgar a eticidade das nossas ações? Não vamos. Por quê? Não sabíamos se haveria algum tipo de 'situação problemática'. 'A introdução do conceito

de 'situação problemática' é uma estratégia para levantar questões. A primeira questão é: quem acha que esta situação (vagamente formulada) é problemática? Quando tivermos uma resposta a esta primeira pergunta, temos de fazer uma distinção entre os que responderam. Em princípio, não estamos interessados nas respostas de profissionais não envolvidos diretamente^{lxxxii}. Ou seja, as situações são abordadas uma a uma, de maneira singular. Como poderíamos escrever sobre ética, partindo do consentimento com uma espécie de alienação voluntária? Seria anti-imanente. Do mesmo modo, na contraface dessa mesma questão, há pesquisadores que se dedicam a estudar os movimentos do fascismo em nossos dias. Nesses projetos de pesquisa, quando submetidos a comitês de ética, acaso dizem que seu objetivo é lançar mão de qualquer artifício necessário para barrá-los, desarticulá-los, sabotá-los, sempre e a todo custo? Que seu objetivo é destruir a capacidade de agência dos sujeitos envolvidos na pesquisa, prejudicá-los, sem mais? Se tergiversam, se não têm essas ações como objetivos específicos, porque feririam o mais fundamental princípio bioético, a saber, *primum non nocere*, deveriam ser aprovados? De todo modo, estamos todo dia com a cara na rua. Todos sabem onde eu trabalho, onde eu moro, têm o meu telefone. Meu nome está na placa ali afixada na porta, não é difícil me encontrar. Nós vivemos aqui, não é mesmo? Se houver problemas, agente troca uma ideia e cada um assina o seu B.O, tá ligado? Mas, na dúvida ainda, fomos falar com um jovem *griot*. Um jovem *griot* em potencial, como são os *rappers*. Ao invés de nos responder diretamente, como mais usualmente esperaríamos, contou-nos uma história: 'Você vê que bagulho louco, agente viajou pra África e na ânsia de fazer tudo certo, certíssimo, nos mínimos detalhes, agente levou um calhamaço de contrato deste tamanho assim ó, que era assim, pô, filmou o mano aqui, pega o direito de imagem, gravou o áudio ali, pega o direito de imagem. *Nóis* chegou no mano, bem pretinho assim, das antiga, bigodinho grisalho. Ele olhou, olhou o papel, fez assim, que que é isso aí? Aí o Fióti explicou, pô, isso é direito de imagem, *tá ligado e pá?* Por causa dos teus direitos, direito autoral, direito isso, direito aquilo. O tiozinho meteu essa aqui: *cês tão* andando muito com os branco, aqui agente ainda acredita nas palavras das pessoas! *Nóis* riu pra caralho, mano, entendeu? Tem um bagulho de valores, de visão de mundo, de cultura, uma parada completamente diferente, *tá ligado?* Agente

erra porque se refere ao modo como a agente vive como se fosse o único modelo de sociedade possível, o único modelo de civilização possível, como se isto aqui fosse o único tipo de tecnologia possível. Mas existem outras maneiras de ver o mundo, e elas foram esmagadas pelo colonialismo, *sacou?*^{lxxxiii}.

Bem, não estou convencido.

Talvez fosse mesmo preciso um comentário, ou que delineássemos com um pouco mais de rigor nossas intenções. Mas antes, um desvio. Mais um, não acredito. Mais um, mais um, mais um, e eu já vou me tornando uma boneca russa e nunca chego no final. Mas também, chegaria ao final do quê? Bem, na continuação da história que o jovem nos contava, ela fala de como a viagem à África o ensinou sobre a sua terra. Ele conta ter percebido que 'agente construiu essa África baseado nos nossos afetos. Porque não tinha nada, nenhum lugar onde você se via. A minha teoria é: nós, as pessoas de pele preta, de pele escura, os afrodescendentes, os pretos, os negros, os nomes que você quiser dar, nascidos no continente americano, agente vai ser eternamente um não-lugar, mano. Porque este lugar aqui onde a gente nasceu, não é nosso. Você não se sente em casa várias vezes, e quando você vai pra lá, também não é a sua casa lá. Porque você não nasceu lá, não tá imerso na cultura daquele lugar. Você pode ter afeto por muita coisa daquele lugar, pode se identificar com muita coisa de lá. Mas vai chegar o momento em que *pow*, esse banzo vai bater de volta. E aí o que a gente faz?'

E aí o que a gente faz?Essa é a pergunta que vale um mundo. Não o novo mundo, mas *o mundo outro*.

Sem pressa, ele conclui 'Agente pega essa África que agente construiu mano, essa coisa meio itinerante, e vai juntando, construindo o seu país com os afetos que você tem'^{lxxxiv}. Já não estamos no Estado-Nação. Wittgenstein, em suas investigações filosóficas, afirmara que se os leões falassem, não os entenderíamos. Supõe-se que se trata da questão das formas-de-vida e de suas expressões na linguagem. Como poderíamos compreender o ponto de vista do leão? Acho que um país, aqui, significa apenas *um lugar*. Qual lugar? Onde você está. Agora. É um sonoro foda-se ao Estado-

nação. Afinal, entre tantas ficções, essa é uma das mais debilitantes. Substituímo-la por 'essa coisa meio itinerante', e já respiramos um pouco melhor. Outro dia, antes da reunião da escola municipal com a equipe pedagógica, mais um caso de aluno-problema, mais uma requeitada versão de o *curioso caso do aluno-problema*, por deus, já sei todas as falas, passo em frente à classe na aula de geografia. As crianças, sete, oito anos de idade, têm à sua frente um mapa-múndi, e sobre ele, uma folha de papel-manteiga. É preciso de uma régua para traçar os contornos do norte da África, e atenção às curvas no Sudeste asiático. Tal um teatro sinistro, no qual faltam apenas os *caps* e as medalhas, os pequenos reinterpretem o gesto colonial por excelência: a partilha do butim, a contagem dos corpos no massacre de My Lai. E, assim, me levaram a fazer, há tantos anos. Há quem diga que a militarização das escolas é um fato novo. Andam com a 'cabeça cheia de esquecimento' disse um índio Kopenawa, ou não convivem com crianças, é o que penso, enquanto digo 'boa tarde, boa tarde, olá, boa tarde' ao pessoal da secretaria e à tia do Serviço de Orientação Vocacional, que me espera, com seu indefectível livro negro de ocorrências e seus impropérios, já engatilhados, e apontados ao meu menino cuja família eu acompanho. 'Não faz os deveres', 'Responde ao professor', 'Já fuma cigarros', 'talvez pudéssemos pensar em uma transferência'. 'Transferência', e, logo ali na frente, 'uma medida socioeducativa'. Nós sabemos do que se trata. 'Escuta funk?'. 'Camisa de time?', mas não pergunto. Você me chamou para conversarmos sobre mim ou sobre o garoto, já que ele também deve estar transando mais do que eu e você nos últimos dias? Também não digo. Claro, porque é importante que me chamem, que ainda me chamem, uma vez que, de outro modo, não há como intervir. O que não seria dizer que o afeto da *situação*, expresso no lugar da cadeirinha na sala da diretora, não me afete. Como ele, também estou cansado desta merda. Visivelmente exausta, olheiras fundas, voz rouca, pilha imensas de papéis sobre a mesa. Há mais de um ano, a secretaria de educação paga os salários com atrasos, e os professores são obrigados a recorrer a empréstimos bancários extorsivos para seguir vivendo. O acordo foi ratificado pelo sindicato que os representa. Por favor, que vergonha, senhores. Se você trabalha sem receber, você sabe pelo que o tomam, não sabe? Ou é preciso que eu diga? Professores substitutos em contratos precários, que se encerram em dois meses, repondo aulas de outros

professores, afastados por esgotamento profissional. Na cozinha, as merendeiras se preocupam, como se fossem seus próprios filhos, em como servir tantos pratos com o que há. Não existe alternativa, em mim uma voz escuta, e outra fala. Respiro, e arregaço as mangas: ao trabalho. A maior parte do cansaço é por antecipação, porque sei que o caminho é longo, e tem muitas voltas. Caminhar tudo isso? De novo? Apé, mesmo? Mas fazer o quê, dar as costas e deixar queimar, com todos dentro? O mais fácil é ser um demissionário. Oito às cinco, oito às cinco, oito às cinco, 'cabou. Senta a bunda, abre agenda. Oito às cinco, oito às cinco, oito às cinco, tic-tac-tic-tac-tic-tac 'cabô. Agora é cuidar dos netos e conferir o declino no extrato de depósito da previdência social. A questão é: 'E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: Esta vida, como você a está vivendo, e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes. Você não se prostaria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante intenso, no qual lhe responderia: 'Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina?'^{lxxxv}. A mais vertical avaliação ética, deste que é o coração de uma *gaia ciência*, nos recorda que é preciso amar a rotina, porque a repetição é o fundamento da diferença, sua condição de possibilidade. A repetição apenas causa repulsa aos demissionários da vida. Os seus verdadeiros pretendentes a cortejam, porque sabem que esta é sua matéria de trabalho e da vida filosófica. Durante a época da Doença, quando não se podia tocar em nada, e dos lábios, eventualmente, viria a finitude extemporânea, tudo foi exposto ao Sol. Qualquer idiota pode ter medo da morte. Desejar a vida, eis algo verdadeiramente raro, a expressão máxima da potência de existir. Não saber distinguir entre estes planos de afetos é como saciar a sede com veneno, crendo se tratar de elixir.

Lembro-me da época da Doença. Registraram-se os mais intrigantes casos médicos que, hoje em anais, restam inexplicáveis. Houve o caso de um homem que, após ser infectado por um vírus, soube-se depois, estivera morto por décadas, sem que seus familiares, ou ele próprio, houvesse notado. Registrou-se também o curioso caso do homem que, suplicando aos computadores, pedia que a morte não lhe tocasse. Os computadores, inclementes, o negaram, e, no entanto, o pequeno homem ainda podia ser visto andando pela cidade, e eventualmente dizendo 'alô?' ao qual lhe

responderiam confirmando sua existência, 'sim?' Ou, diante do caixa, 'são trinta e nove libras', e ele diria 'aqui está, trinta e nove libras'. O homem acreditava, firmemente, que estava vivo, e, tão somente agora, sabemos, não era o caso. O vírus, uma entidade nas bordas da vida, punha em crise, por seu toque, a definição de vida ela mesma. Quão ingênuos fomos ao acreditar que apenas por uma expressão sonora, reação em exames de imagens, ou mesmo por testemunhos, havia vida quando não havia?

O curioso caso do homem que, incompreensivelmente, diziam os especialistas, se rebelou ao ouvir o aviso *you've reached your destination*, enquanto o esperado seria dizer, apenas, *OK, computer*.

Mas sobre o garoto de que falava, ele só anda com aqueles fones enormes, no limite do aviso *you can damage your hearing*. No limite. No início, ele nunca tirava os fones nos atendimentos. Agora, às vezes, ele tira, às vezes, não. O que você está ouvindo? É melhor do que: você não vai tirar os fones? Não é? Ou pior, tire os fones! Semana passada, ele respondeu, *carai, to ouvindo Djonga, viado... Desculpa... Desculpa pelo quê? Pelo viado*, por dizer *viado*, ele respondeu. É engraçado, porque é o reconhecimento de uma aliança, e ao mesmo tempo da ausência de simetria da relação.

Posso ouvir? Você não conhece o Djonga? Escuta aí, o disco é esse, *Heresia*. Quase caí da minha cadeira de estofado rasgado. O acento de compensado é velho, então, não é infrequente. Era uma releitura da imagem do Clube da Esquina. No outro dia, eu trouxe para ele o *compact disc*. Onde se toca isso? Moleque abusado. *Pô*, cd não é tão velho, imagina se fosse fita. Ele retorna na outra semana, é *loko mesmo essas capa*. Curti o som. Mas é som de *viado* esse clube da esquina, não é? Como assim, música de *viado*? Na hora, eu já imaginei a Gloria Gaynor. Por que eu imaginei a Glória Gaynor?

Você conhece rap de mina, meu velho?

Conheço pouco. Vamos falar a verdade, não conheço não.

Sempre é hora.

Sabe, sinto falta das capas de disco, de ficar curtindo um som sentado no tapete, olhando as capas de disco, lendo os encartes. Estes dias, escutando o *Samba Esquema Novo* do Ben, me lembrei de quão icônica é esta capa. O Ben, elegante, não tinha mais do que vinte anos à época deste que é o seu disco de estreia. Cabelo aparado na régua, calça social, como se estivesse sentado em um banco, violão no colo. *Chega de Saudade* havia sido lançado há poucos anos, e a bossa nova já era o mundo. De certa maneira, o Ben retoma, cita o João Gilberto nesta imagem que intui o banquinho-e-violão. Mas com a mínima diferença, que já é suficiente para fazer um mundo outro: o corpo dobra-se como se houvesse banquinho, mas não há. Ou melhor, o banquinho é vazio em pura presença, mas não falta. Nesse vazio-que-é-forma toda tradição se renova, porque a matéria plástica do seu fundamento é exposta. O banquinho foi subtraído. As imagens dialogam. Na contração dos três tempos, em que a memória é relançada ao futuro no gesto feito agora, e no qual essa imagem de futuro retroage ressignificando o passado, isto é, fazendo-o diferir de si, com menos de um minuto de andamento da canção de abertura do álbum, Ben apresenta a solução: *samba que é misto de maracatu*, oh ooôlariálaiô obá / Mas que nada, sai da minha frente que eu quero passar / Pois o samba está animado que eu quero é sambar. Pouco mais de dez anos depois, ele o formalizaria novamente: *AfricaBrasil*. Sem hífen, sem espaço, sem barra, capitalizado duas vezes na mesma palavra, que não sabemos, é um adjetivo? Um substantivo? *AfricaBrasil*, sem mais.

Você sabe o que o Gil disse sobre este disco, o Samba Esquema Novo? 'Depois de ouvir Jorge pela primeira vez, senti que não havia necessidade de continuar como compositor. Bastava cantar e interpretar as músicas daquele disco ^{lxxxvi}. Ele precisou ser dissuadido pelo Caetano da ideia de parar de compor para se tornar unicamente um intérprete do Ben.

Benjor. O nome dele é Benjor, mudou de nome porque gosta de ser chamado dessa maneira.

Mas eu prefiro Ben, Jorge Ben.

Não interessa o que você prefere.

É mesmo, a boa amizade também é feita de tensões, agonismos.

Tensão pra você, eu mesmo, estou bem tranquilo.

Mas, encurtando a história, já ouvi quem dissesse que a arte do Ben seria apenas divertimento, pois às suas canções faltaria o componente político, de crítica social, porque seria sincrética. Como eu vejo, trata-se antes, do contrário. É a ilustração de uma prática de *contramestiçagem*, assim entendida porque, entre os planos sonoros, *‘as conexões se dão entre heterogêneos enquanto heterogêneos, as relações se dão entre diferenças enquanto diferenças’*^{lxxxvii}. Devir *a-paralelo*, como o acontecimento entre a Vespa e a orquídea. A batida de violão do Benjor bebe na fonte do *agueré* de Oxossi, e percute *‘como se fosse o tambor tocando para os deuses da caça, taque tataquetataquetatá /taque tataquetataquetatá’*^{lxxxviii}. Não é samba, não é balanço, não é jongo, não é maracatu. É *misto* de maracatu. O *misto* preserva a diferença, sem síntese ou fusão, enquanto diferença, sem a diluir. Então, esta *contramestiçagem* que vejo em Benjor não estaria radicada no *‘sentido de uma recusa da mistura em nome de uma pureza qualquer, mas no da abertura para o caráter analógico, e não digital, e para o elemento de indeterminação que qualquer processo de mistura comporta’*^{lxxxix}. Não seria um espanto, então, o espanto de Gil ao pensar *esta é a solução*. Em havendo a solução, o que restaria, além de vivê-la indefinidamente? Ao que Caetano o corrige, sim, ela é; não, você deve respondê-la ao seu modo. E Gil o faz, quase trinta anos depois do disco que tanto o impressionara, agora em homenagem a Caymmi: Buda Nagô. Dorival é ímpar, Dorival é par, Dorival é um Buda nagô Filho da casa real da inspiração / Como príncipe, principiou A nova idade de ouro da canção / Dorival é um monge chinês. Dorival é tudo que estiver no tom.

Feito o mar quando quebra na praia, é bonito, é bonito. Conheci o mar quando já tinha idade suficiente para lembrar deste encontro. De certo modo, lamento por aqueles que não têm acesso a essa memória. É possível que, por esse motivo, acreditem que o mar seja uma espécie de cenário. Não seria por outra razão que lhes deem as costas, para ler uma bobagem qualquer. A mim, é mesmo incompreensível. Quando era mais jovem, e me perguntavam o que eu seria quando crescesse, esta que é a mais cretina das questões, especialmente quando dirigidas a um cão, eu respondia

que iria morar perto do mar. Claro, todos achavam ser um resposta despropositada, um mal-entendido. Sabem muito os que prescrevem banho de mar. Sabem muito também os Mbya-guarani, ao circular entre a mata e o mar. Direito à terra, sim! Direito ao mar, também. Que o acesso ao mar seja um privilégio, em nossa ilha de milhares de quilômetros de costa, é um escárnio. O Direito ao Mar é o direito à vagabundagem, porque apenas existe direito ao mar com o direito à vagabundagem. 'O direito à vagabundagem, assim como se fala dos direitos humanos. O primeiro direito do homem é o direito à vagabundagem'^{xc}. O *Rancho de Amor à Ilha*, composto para ser inscrito em uma competição de marchinhas de carnaval, por picardia, não sei como, acabou por tornar-se hino oficial. Nenhuma ode a grandes façanhas, nenhuma lembrança do colonizador, nenhum chamado à morte, nenhum ressentimento, nenhum Estado. Ele existe para celebrar o vagabundo, 'ilha da velha figueira, onde em tarde fagueira, vou ler meu jornal'^{xc}. Vagabundos do mundo: uni-vos! É o *devir-índio* da cidade, que anda sumido, sim, eu concedo, mas não perdido.

No lugar de *índio*, talvez fosse mais adequado dizer *indígena*, o *devir-indígena*, isto é, que se diz de quem simplesmente é do *lugar, da terra*. Devir-indígena, retornar à Terra, ser, simplesmente, *terrano*, mais além das identificações.

É um jogo de perspectivas. Evidentemente, esses povos se autoneameiam, distinguindo-se, portanto, do conjunto dos demais parentes e, com isso, recusam as classificações do enquadramento colonial, que diz, *índios*. Como nos fala o escritor Daniel Mundukuru, 'não sou índio, sou Mundukuru'.^{xcii} Sim, claro. Mas se dizemos *indígena*, o fazemos tendo como referência a definição que sustenta seu significado na relação 'vital, originária, com a terra, com o lugar em que se vive e de onde se tira seu sustento, onde *se faz a vida* junto com seus parentes e amigos'^{xciii}. Não seria outro o motivo pelo qual abandonamos a cidadania, a categoria na qual querem nos encerrar, e que intui no transformar em conjuntos de dados, em ativos constituintes de uma população controlada pelo Estado. Um recurso a ser exaurido, ou uma alma que pede salvação. Afinal, em quaisquer condições, eles sabem, invariavelmente, o cidadão acabará por apertar o último botão: confirma.

Nunca serei Mundukuru, mas posso me tornar *indígena, ao meu modo*. Ao me desidentificar com o Estado-nação e suas categorias do entendimento, e mesmo com os projetos políticos ditos progressistas que confluem para sua preservação, reconheço que sou, também, um ‘involuntário da pátria’^{xciV}. O êxodo, uma expressão de Desterro, nunca se efetua sobre o vazio. *Desterro* rebate, necessariamente, em um novo território. Isso as crianças também sabem, antes de pular, tenha alguma direção na queda. Só idiotas saltam no abismo, ou pior, pedem que outros o façam. Claro, há os que mentem. Mas, enfim, digo *indígena*, porque não tenho compromisso com o fazer etnográfico enquanto ofício, apenas recolho elementos que experimento, e que considero interessantes na composição de um território existencial em direção a uma *vida outra*, ou seja, a maneira pela qual nos aproximamos desta heterotopia que é a *vida filosófica*, à qual cada um pode apenas responder ao seu modo. Inclusive, mesmo do ponto de vista dos momentos de ação pragmática da experiência política cotidiana, há um grande acúmulo a ser partilhado. Minha outra preocupação, seríssima, é a de não incorrer nos perigos de transcrições que se transformam em verdadeiros relatórios coloniais, ou informes à polícia. Por que alguém daria notícias de um campo de práticas de resistências ao poder?

Entendo. É curioso como essas nossas conversas, eventualmente, me remetem à diálogos platônicos.

Assusta-me que você diga isso, quando minha intenção seria antes a de buscar essa reversão.

Refiro-me à lembrança do movimento de ficcionalização que é o alicerce sobre o qual se erigem dois milênios de conversa. Sócrates, o personagem platônico.

Você se incluiria entre aqueles que afirmam que ‘a mais segura caracterização geral da tradição filosófica ocidental é que ela consiste em uma série de notas de rodapé sobre Platão’^{xcv}?

Não é fácil argumentar o contrário apesar, é claro, de que a assertiva é uma provocação. Em sua maior parte, como não seria? Pelo menos, até que Nietzsche dissesse: basta! Vamos tentar outra vez, agora, recomeçaremos de Heráclito. Invoco

Nietzsche porque...Já lhe disse que o conheci em seu primeiro verão em Sils-Maria? Era um farrapo, convalescente e atormentado pelas mais terríveis enxaquecas e dores do corpo. Aposentado da Universidade da Basileia, vivendo de maneira espartana com sua pequena pensão em um quarto alugado, uma cama, uma mesa, um jarro d'água, Bigode se colocou de pé, como quem puxa a si mesmo pelos cabelos para sair de um poço profundo. Surpreendentemente amável com as crianças, indiferente à boataria da pequena cidade dos Alpes, recobrou a vitalidade com suas longíssimas caminhadas pelas montanhas, e com a contemplação das cachoeiras. Sentado em uma pedra, que hoje é o mais ridículo lugar de peregrinação, viu Zaratustra e seus animais. Digo ridículo porque outras pedras também serviriam, é preciso que cada um encontre a sua. A minha é um gravador eletrônico, espécie de memória auxiliar extracorpórea. Extracorpórea não, dada a sua onipresença na minha vida nos dias atuais. Seria obrigado a reconhecer, ciborgue? O Aílton Krenak conta uma história interessante de um pesquisador que foi conversar com uma anciã de um povo indígena. Ao buscar encontrá-la, ele estava imóvel, perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando, até que falou: "Ela não vai conversar comigo, não?". Ao que seu facilitador respondeu: "Ela está conversando com a irmã dela". "Mas é uma pedra." E o camarada disse: "Qual é o problema?"^{xvii}. Ou você compreende, ou precisa se esforçar mais. Sacou?

Nietzsche, mais do que todos os outros filósofos, amou a Terra. A simples menção a qualquer outro mundo, a qualquer valor que rebaixasse esta vida e *esta* Terra, o enfureceria brutalmente.

Certo dia, fui ao barbeiro. Você parece um schnauzer, cãozinho. Se quiseres ser como eu, sê como o gato montês. Assim, de um golpe, a *gatto selvaggio*. Jamais permitiu que eu o seguisse. Jamais. Gato montês? Mas, como? Em retrospecto, algumas de nossas mais genuínas aflições se tornam cômicas, não é mesmo? Mas, quanto a Sils-Maria, a devemos à Gaia Ciência, à concepção de Grande Saúde que não rejeita o adoecimento e a convalescência, mas, antes, a abraça. Enfim, o excuro se deve ao fato de que poucos filósofos foram tão pródigos na criação de personagens conceituais, isto é, nesse movimento de ficcionalização. 'É verdade que sua manifestação por si mesma suscita uma ambiguidade, que faz com que muitos leitores

considerem Nietzsche como um poeta, um taumaturgo ou um escritor de mitos. Mas os personagens conceituais, em Nietzsche e alhures, não são personificações míticas, nem pessoas históricas, nem sequer heróis literários ou romanescos. Não é Dionísio dos mitos que está em Nietzsche, como não é o Sócrates da História que está em Platão. Devir não é ser, e Dionísio se torna filósofo, ao mesmo tempo em que Nietzsche se torna Dionísio. Aí, ainda é Platão quem começou: ele se torna Sócrates, ao mesmo tempo em que faz Sócrates se tornar filósofo^{xcvii}. *Caspice?* Vivi com Tosquelles, e depois, com Tosquelles e Fanon. Eu assisti a essas permutações. Mas, nem tudo era apenas beleza, havia momentos em que me silenciavam, ou já não me ouviam, nunca soube ao certo. Sei que eu os via, resolutos, nos corredores de Saint Alban, ampolas para injeções de choque de insulina em punho, os fios elétricos, e os corpos loucos, convulsionando também a espuma do horror e da ciência de seu tempo: Método Bini, eletroconvulsoterapia^{xcviii}. *Furor curandis? Demasiado humano.* Quanto a mim, talvez fosse um episódio de paralisia do sono, não sei ao certo. Estranha condição, você desperta nas primeiras horas da manhã, está lúcido, vigilante, mas não pode se mover. Fala, mas não o escutam. Tentei, mas não pude os advertir. Resolutos, resolutos... Por que esta expressão consternada? Paradoxal, contraditório, não é mesmo? Mas bem, *não são os homens, o seu tempo e a luta contra o que são?* Houvesse crianças aqui conosco nesta casa, nesta hora, eu diria, chamem-nas, preciso que escutem o que tenho a dizer: 'Nenhum poema é mais difícil do que sua época'^{xcix}.

Detesto quando você fala por parábolas. Realmente me incomoda. Todo esse joguinho de enigmas, essa pretensa profundidade. Faz-me lembrar de Zaratustra, também conhecido como o pior livro já escrito. Puro disparate.

Por que essas palavras tão levianas, sobre esse que é o maior livro já escrito? Zaratustra é o nosso farol.

O seu farol, não o meu. Eu estou preocupado em como transportar as doações de milho para o encontro na aldeia amanhã. Foi preciso dar uma apertada no pessoal. Por favor! Às vezes, falta mesmo o básico da boa educação. Tenho vontade de pedir o telefone da mãe ou da avó de alguns, 'Seu filho apareceu no encontro da aldeia, que duraria o dia inteiro, de mãos abanando'. Ninguém tem tão pouco que não tenha nada

a oferecer, mesmo materialmente. Em qualquer feira-livre, cinco pratas já são umas quatro ou cinco espigas. No final da feira, talvez oito ou dez. Com alguma explicação, é mesmo possível que não pague nada por uma boa sacola. Deixar pedir, essa é a vergonha.

Vergonha é ser um cão velho como eu e descobrir, tão tarde, aqueles maravilhosos grãos coloridos do milho crioulo. Acho que perceberam minha surpresa, enquanto ficava à espreita de uma repetição. ‘Pra você’, um punhado de sementes no papel de jornal na despedida. Um presente como esse, você sabe, é uma obrigação: vai ter de plantar, no mínimo uma vez, até que tenha novas sementes para passar adiante. E assim, os guardiões das sementes crioulas fizeram e fazem circular a vida. Há quem se encante com essas maquininhas que emitem luzes coloridas e fazem blim-blim-blim a todo instante. Com lanterna! ‘Pense nisto: Quando dão a você de presente um relógio estão dando um pequeno inferno enfeitado, uma corrente de rosas, um calabouço de ar. Não dão somente o relógio, muitas felicidades, e esperamos que dure porque é de boa marca, suíço com âncora de rubis; não dão de presente somente esse miúdo quebra-pedras que você atará ao pulso e levará a passear. Dão a você — eles não sabem, o terrível é que não sabem — dão a você um novo pedaço frágil e precário de você mesmo, algo que lhe pertence mas não é seu corpo, que deve ser atado a seu corpo com sua correia como um bracinho desesperado pendurado a seu pulso. Dão a necessidade de dar corda todos os dias, a obrigação de dar-lhe corda para que continue sendo um relógio; dão a obsessão de olhar a hora certa nas vitrines das joalherias, na notícia do rádio, no serviço telefônico. Dão o medo de perdê-lo, de que seja roubado, de que possa cair no chão e se quebrar. Dão sua marca e a certeza de que é uma marca melhor do que as outras, dão o costume de comparar seu relógio aos outros relógios. Não dão um relógio, o presente é você, é a você que oferecem para o aniversário do relógio’^c. Fazer o quê? Mas sobre o que falávamos, uma coisa não impede a outra. O Zaratustra e a Genealogia da moral não são da mesma pena?

Por favor, em nome da nossa amizade.

Já descobriu porque te chamaram de filósofo na roda da semana passada? Quase me engasguei com o osso que estava roendo. E aí *filósofo*, é só conversa ou vamos alongar? Puta que me pariu, você podia ter ido dormir sem essa!

Nem me fala, apelido, quando pega, não tem jeito. Ainda bem que ninguém ouviu. Se tivessem escutado, ficava lascado até o final dos meus dias.

Porque você acha que quase não existem livros escritos por mestres de capoeira, mas muitos por capoeirólogos?

Areia se apanha no mar.

Acho incrível que uma tecnologia de transmissão tenha sido criada de maneira tão engenhosa, que se tenha pensado em esconder no corpo as senhas da história e das liberdades, a memória do futuro. As semelhanças com a noção *Benjaminiana* de *Erfarung*, como ultrapassagem da *Erlebnis*, seriam mesmo espantosas, não fosse a lembrança de que tradições antigas, com assaz frequência, guardaram essas preocupações. Encontraríamos na Talmude, igualmente, um exemplo de abordagem para o paradoxo colocado diante da necessidade da preservação e transmissão do *conhecimento* e da *experiência* expostos aos riscos do perecimento. Questão especialmente grave diante da imperiosa necessidade de que os efeitos de transmissão conduzam os sujeitos à ultrapassagem do registro representativo da linguagem, o que seria dizer, *ipso facto* que

laiá mandou dá

Uma volta só, eu sei, eu sei.

Engraçado que você recorde do Tosquelles agora. Como lhe falei, andei procurando uns textos antigos nas minhas caixas, como viraram papel reciclado, no episódio namastê-gratidão, fiquei sem nada. Pensei que os reencontraria facilmente se assim eu necessitasse, mas já não há mais quase nada disponível nem nas bibliotecas, e tampouco nas livrarias.

E os repositórios piratas? Você quase sempre só lê livros piratas.

Tampouco. E também, quem pode comprar todos os livros de que necessita? A regra é clara. Se houver dinheiro, primeiro atendemos a paixão colecionista. Depois, ajudamos as pequenas editoras. Evitar: pagar por livros de autores empregados, ou mortos, e que, portanto, não precisam do dinheiro. Nunca: gringos renomados se vivos.

Sobre o Tosquelles, é bom que seja assim, isso o força a avaliar quais são as efetivas ferramentas de que você dispõe. Existe uma história engraçada, te conto, eu estava lá. Depois da sua morte, um de seus antigos estudantes o imaginou no céu, dançando a Sardana catalã, enquanto uma banda de tambores e pífaros celestiais tocava. No sonho, gargalhava enquanto seus discípulos se debatiam em transformar suas memórias em uma biografia hagiográfica. Ele o viu acender outro cigarro e praguejar, com o pronunciado sotaque catalão que, ao longo de sua vida, sequer se esforçou para perder: 'é apenas uma maneira de me colocar na gaveta'. Ele ficaria feliz em saber que não está mais na sua gaveta!^{ci}

Saiu de moda, não é? Dizem que ficou ultrapassado, psiquiatria de setor, essas coisas. Tosquelles era tihoso, rapaz. Haveria Guattari sem Tosquelles? Nessas horas, é sempre bom recordar o Gonzagão: 'Luiz, Luiz, respeita Januário'.

Em tempos difíceis, quanto devemos à nossa música!

Mas sobre os textos, você procurava algo em particular?

Uma reflexão que ele propunha, uma tese, na verdade, a de que, para que os sujeitos possam produzir análise, ou condições de análise, forçosamente, precisam ser estrangeiros, ou fazer de conta que se é estrangeiro. Isso colocaria os demais na posição de terem de lidar com dificuldades de compreensão. Sendo obrigados a traduzir, não restaria alternativa a não adotar, necessariamente, uma posição ativa em relação ao que é ditocii.

Bem, talvez fosse por esse motivo que, nas madrugadas de Saint Alban, era a mim que ele buscava para conversar. Conversávamos por horas. E como a questão dele sempre era...bem, andava de um lado a outro nessas madrugadas, sentava-se, acendia um cigarro, o que é autoanálise? O que é autoanálise? O que é autoanálise? Grande figura.

Então ficava maquinando formas de criar situações nas quais essa questão pudesse se pôr em movimento. O problema girava em torno do imperativo de criar condições de estrangeiridade nos coletivos. Não essa falsa estrangeiridade, narcísica, mas a estrangeiridade verdadeiramente estrangeira. Há um preço para se pagar na borda da alteridade radical; ele o sabia, e não se opôs.

Outra questão ultrapassada, hoje em dia, falamos em autocrítica, ou, melhor ainda, *feedback*, não é mesmo? A autoanálise está desacreditada.

Talvez, parafraseando o que o Freire costumava dizer a respeito da educação, ninguém aprende sozinho, ninguém ensina ninguém, aprendemos uns como os outros. Se pudesse afirmar que ninguém analisa ninguém, mas pessoas não se analisam sozinhas, são as condições que se produzem, ou não, num esforço de criação coletiva. Autocrítica, uma contradição em termos. E é por isso que a noção de autocrítica, mais do que equivocada, é perigosa porque ele pode enveredar tanto para uma confissão autoflagelante, a idolatria de uma forma ideal, ou um pacto narcísico para a manutenção da ordem e das forças que à informam. Sim, sim, o admitimos; não faremos nada a respeito. Lacan, que dizia muita bobagem, mas não era bobo – Anti-Édipo, não toquem, não comentem! – eventualmente era sincero, ‘as associações psicanalíticas se associam contra o inconsciente’, e é preciso muito esforço para barrar essa forma tão peculiar de *resistência*. As organizações políticas, quanto mais duradouras, mais crônicas, são iguais. O que são os parlamentos, se não associações que se organizam contra a possibilidade de dissolução da política na imanência que a vida é? Este ou aquele, as cisões surgem *depois* de asseguradas as condições de perpetuidade da instituição. Quanto a isso, a fraternidade é primeira. Não seria por outro motivo, a figura do político profissional é francamente ridícula. Mas levando esse raciocínio ao seu paroxismo, teríamos de dizer que, qualquer um que tenha como profissão a produção de *situações de análise*, guarda perigosa simetria com este problema. Não é por outro motivo que a produção do nosso filme objetiva alcançar um nível ótimo, o que seria dizer *possível*, de incerteza, restando-se de interpretações, para substituí-las pelo livre compartilhamento de pequenas reconstruções do que encontramos pelo caminho. Com isso, não pretendemos negar o fato de que as

peças possuem acúmulos diferentes de experiência, e, com isto, responsabilidades no que concerne à capacidade de produzir situações com efeitos de análise, isto é, *dissoluções*.

Bem, mas as organizações políticas que você menciona produzem uma sobrevida, não? Como você poderia dispensá-las de todo? As leis se aprimoram, há conquista de direitos. É a marca de um privilégio, você arrogar-se a diminuí-las, assim, de um golpe. Você quer requestrar a querela, *reforma ou revolução*? São vidas em jogo!

Meu problema não é esse, me recuso a esse jogo. Gostaria de me imaginar em outro tabuleiro. Fui amarrado a um banco de praça, me estrangularam com uma coleira. Quando finalmente escapei, você me diz que devo retornar voluntariamente ao garrote? Parece impossível escapar à alternativa *crédito ou débito, senhor*? Não é mesmo? Mas é simples, na verdade, seria apenas um problema de decisão. Decido não participar. Só há pensamento livre quando nós mesmos nos damos o nosso problema. O meu: *fustigar as bordas, só isso*. Sendo *ninguém*, é preciso *pensar como ninguém*, é a condição a que somos reduzidos nos estratagemas da política institucional. Acreditar que a minha manifestação no filme, ou em algum texto, possa incidir, imediatamente, nessa configuração é uma fantasia. Não do tipo que faz a potência perseverar, mas que a faz declinar. Não que o problema não exista, e não deva ser pensado. Não que eu esteja fazendo prescrições de qualquer sorte. Sinceramente, não estou. Apenas, neste momento, eu o recuso. *Fustigar as bordas, só isso*. A questão do poder não se resume às leis, ao direito. Evidentemente, não sou um contratualista, tampouco um desses analistas de auditório, indo de cidade em cidade para implorar pela reconstrução do 'laço social'. Cuidado. Afinal, 'que social-democracia não dá a ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto? Os direitos não salvam nem os homens nem uma filosofia que se reterritorializa sobre o Estado Democrático'. Os direitos do homem não nos farão abençoar o capitalismo. É preciso muita inocência, ou safadeza, a uma filosofia da comunicação que pretende restaurar a sociedade de amigos ou mesmo de sábios, formando uma opinião universal como *consenso* capaz de moralizar as nações, os Estados e o Mercado.^{ciii}

O que me parece bastante confortável, você se furta a tomar decisões difíceis, as escolhas realmente existentes e, como uma boa fada sensata, ressurgente entre os puros. Isso não me diz respeito...por favor!

E você acredita que meu destino não está absolutamente ligado às consequências das escolhas que são produzidas? Em certa medida, que meu próprio couro está à prova do êxito ou fracasso de um empreendimento como esse ao qual me proponho? E o que é isso de *fada sensata*?

Esquece, esquece.

Sou eu quem não compreende como você, que tem como profissão *não dizer* aos outros o que devem fazer, assuma um lugar como este. Não esqueça, nos primeiros raios da manhã, é a Terra que pensa.



Deixei o Monsieur em casa, depois do primeiro dia de sua entrevista. Sem muito interesse, me responde, apenas, “foi boa”. Quer notícias da cidade, do que escrevo; eu me esforço em parecer respeitável, mas ele logo *saca*, são muitos anos andando com pessoas sem rumo. Não parece cansado, mas hoje volta ao hotel, a viagem foi longa, e amanhã, outros planos. Mas antes, acho curioso – as luzes passando rápido, vagalumes na noite, abro os vidros do carro –, ele comenta o frescor do mar. Seguimos por aí. Conto da entrevista de uma liderança indígena, uma *Cacica* a que acompanhei na rádio comunitária, na noite anterior. Logo, ele imaginou que não existissem mais rádios comunitárias. Por antena, num raio curto; por satélite, sua voz viaja o globo. Quem lhe ouve?

Penso que lhe incomodo, e que me pergunta por cortesia, sou breve, portanto. Ele investiga os detalhes e pouco fala. Espero que amanhã, fale mais. Afinal, esse teria sido nosso pedido, e pelo qual pagamos, não é? Que nos instrua.

Como se houvesse uma política na voz, ou que a voz fosse, ela mesma, *uma política*, há como que uma ligação quente entre a vida e a voz, que a faz de uma consistência insuperável. Mesmo na ausência monocórdica de entusiasmos grandiloquentes, a fala da *Cacica*, na rádio comunitária, é assombrosa, eu lhe conto.

Essa voz é uma canção da contra-história, que abre a perspectiva da contagem dos dias, e dos acontecimentos do tempo, de outro lado. Os povos indígenas sabem o que é viver depois do fim do mundo^{civ}. Acostumados que estamos com a retórica e a lisonja dos que fazem das ideias adereços de plástico barato que crescem ao valor de troca de quem os porta, e com a inflamação infantilizada das palavras de ordem em voz elétrica amplificada, ouvi-la é, sobretudo, uma experiência de proximidade. É na forma de pergunta que me escuto, *como é possível falar assim, como se a vida dependesse das palavras? Como se não houvesse distância entre palavra e vida?* No ar, livre, eu a respiro, a voz. Ou será ela que o faz?

Digo que iria transcrever essa fala que, por ter sido pública, não foi, a mim, confiada sob condições. Como o terço inicial já está feito, me pede, *seria possível então a partilhar comigo?*

Envio um trecho desse início, mais tarde, na mesma noite. Estas são as palavras:

'Estamos passando por várias situações, como cacica da terra indígena Morro dos Cavalos, passo por várias perseguições...de ter minha casa vigiada nos finais de semana, de ter tiros na porta da minha casa, de ter invasão na terra indígena..., e de ter uma violência brutal...que foi quando minha família, minha mãe, foi atacada dentro da casa dela e teve a mão esquerda decepada...e tudo isso acontece...e até hoje não tem nenhum culpado...não aparece culpado...isso também a mídia não divulga, não fala... já passamos por todas as polícias...polícia civil, polícia militar, polícia federal, ministério público, justiça...fizemos denúncia, fomos na delegacia da mulher...pedimos para todo mundo acompanhar, mas não tivemos resposta...cada vez mais essa perseguição para os Guarani...a história é longa mesmo...

(...) pra nós continua na mesma...na época do governo [REDACTED], ela sempre aparecia com os povos indígenas, com o movimento indígena...(...) só que a gente percebeu com o tempo que...ela só usava esse espaço...só que a lei mesmo, que era pra ser cumprida, não era cumprida...ela foi presa, amarrada...aparecia a questão indígena, mas ela era camuflada...como se fosse, ah, estamos fazendo algo...para você ter uma ideia, foi o governo Collor que mais demarcou terra indígena...pra começar, né? Agente teve na época do Fernando Collor... que era anti-indígena, e foi o governo que mais demarcou terras indígenas...agente não tá falando que foi o melhor, porque de cara a gente percebe que é um anti-indígena, mas dentro da Constituição, seguiu os processos...o governo [REDACTED] estava todo tempo dentro do movimento indígena e foi o que menos demarcou terras...era alguém que estava no nosso meio o tempo todo, abraçada nas fotos, recebendo e tudo mais...mas o que era pra ser feito, não foi feito...'^{CV}

Ouvindo-a novamente, recordo-me de outra noite, última horas da madrugada, quando, com o surpreendente frio (estávamos, então, apenas no início do Outono), me vestia: meias, calças compridas, botas fechadas, camiseta e casaco a tiracolo. Até à estação rodoviária, seria uma hora de viagem em ônibus vazio; depois, outros sessenta minutos, agora, de carro, acompanhado de pessoas que acabara de conhecer, por intermédio de um amigo. Ao chegarmos à terra Indígena Morro dos Cavalos, o asfalto

da BR 101, que travessa a carne desta *Tekoá* Mbyá-Guarani, o calor já era quase insuportável. Não seria de surpreender que todos estivessem de sandálias, bermudas ou saias, menos eu.

O primeiro dia de programação dessa semana de atividades, organizadas em conjunto com um coletivo de apoio ao processo de demarcação de terra dessa aldeia, previa a participação de lideranças indígenas também de outras localidades. Pela manhã, o tema propunha uma análise de conjuntura quanto ao processo de reconhecimento legal dessa terra indígena, contando com a participação de representantes do Ministério Público federal e FUNAI. Ao lado da estrada, duas pequenas tendas vermelhas, de onde falavam as pessoas convidadas. Em frente, sentados no chão, os adultos; entre o mato insistente, a terra seca, a poeira e as britas arremessadas pelo fluxo incessante de carros e caminhões, corriam as crianças guaranis.

Depois do almoço, que fora servido na escola da aldeia, já não era mais possível ficar sob o sol. Todos se aglomeravam em uma pequena faixa de alguns poucos metros de meia-sombra, na lateral esquerda das tendas em que o aparelho de som, pela manhã, insistira rouco, entre ruídos, interrupções e microfonia. Agora, o centro estava vazio.

“Não se enganem, nunca foi fácil. Agora é um pouco pior, mas [] e a [] poderiam ter demarcado esta terra. Não quiseram”, releio nas minhas anotações, é o que diz a primeira liderança a falar. Vejo, passando discreta, em passo lento, por trás da mesa sob a tenda, uma senhora idosa com um de seus braços enfaixado. Relembrando também os tiros desferidos em outra madrugada, por um carro em movimento na rodovia, ela nos diz: “nós somos povos originários, e a luta só termina se não houver mais nenhum de nós”. Nesse ponto, a escutamos falar em Guarani. “Governo” é a única, e repetida, palavra que reconheço. “Governo” uma palavra estrangeira aos guaranis, eu anoto com a alegria de quem tropeça por acaso em uma pedra no meio da rua, e descobre que a pedra, na verdade, é um amuleto que realiza desejos.

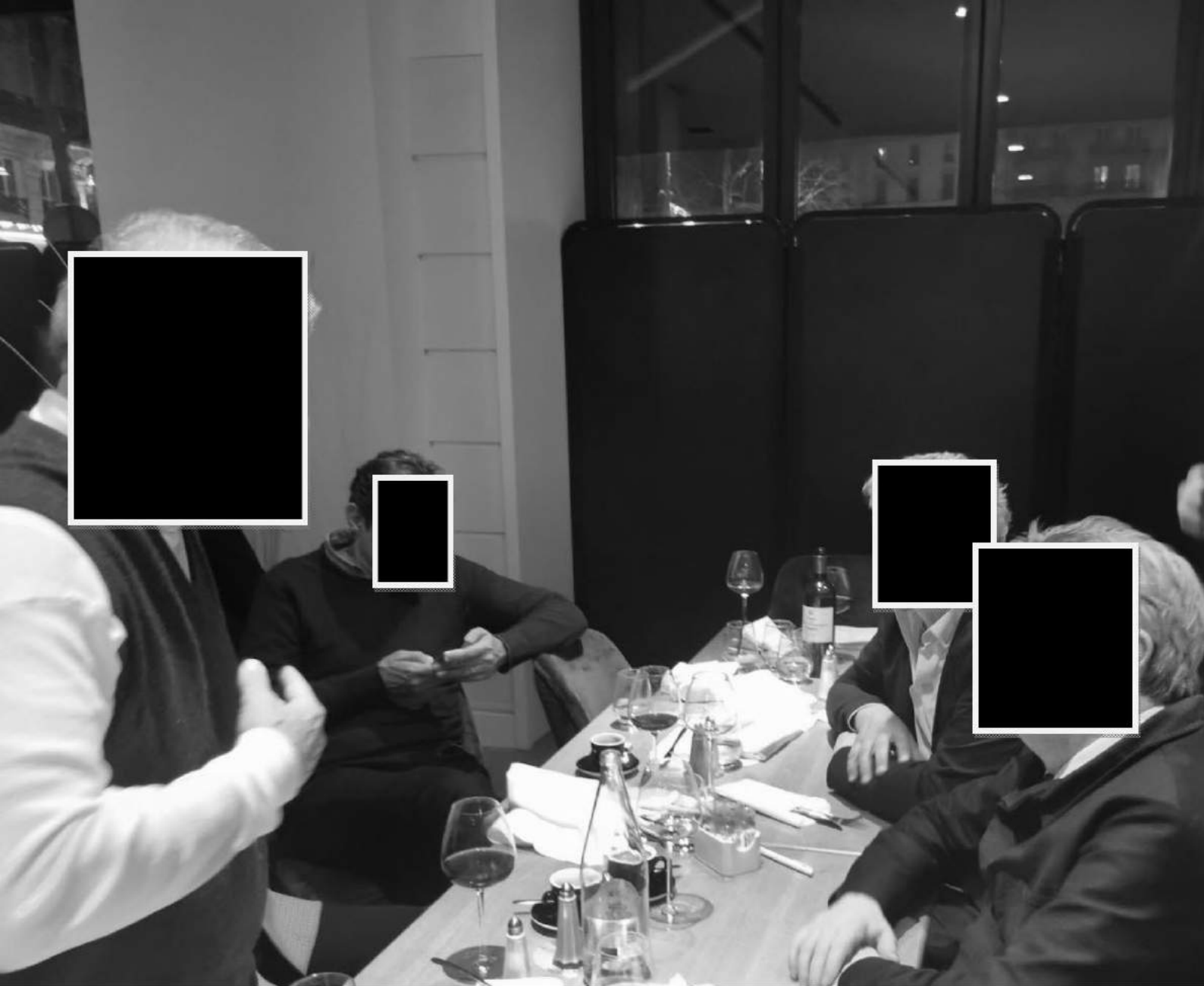
Ao iniciar a sua fala, outra liderança a tomar a palavra nota que, ao longo do relato anterior, a estrada, uma das mais movimentadas da região, fez silêncio. “Não estamos sozinhos, temos ajuda de Nandheru.” está em outra anotação.

Já é tarde agora, venta muito. Fecho as janelas, é quase silêncio na casa, eu sigo desperto, minha filha dorme no quarto, fomos ao médico, compramos remédios, a febre baixou. Banho quente, escolho alguma coisa para comer. *Boa noite, já vou.*

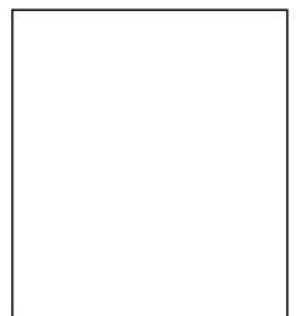
Vai chover, agora o joelho esquerdo me avisa; acharia engraçado, não fosse irreversível e constante, enquanto sigo sentado, quase confortável e seguro, antes de enviar a transcrição. O pequeno incômodo me lembra desse dia de muito calor, a poeira, os gritos e as ofensas vindas da estrada, as horas sem cadeira, em *cocorinha*.

‘A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade’^{cvi}. Olhar de perto do chão, de baixo para cima, não é uma metáfora.

Toda perspectiva é uma modulação corporal. A coragem é, antes, física^{cvi}. Há muito, eles e elas o souberam— e melhor— como desviar dos *golpes* que sempre surgiram; é preciso dizer, de todos os lados.



Notre famille politique doit rester toujours unie contre le néo-libéralisme et le fascisme!



Soberania, Governo, Controles, Algoritmos

Em um texto tardio, em que se analisam mutações, então, recentes, nos regimes de exercício dos poderes, nos contam da ultrapassagem das sociedades disciplinares em direção às sociedades de controle. No primeiro caso, passando-se da escola à caserna, da caserna à fábrica, não se parava nunca de recomeçar; no segundo, expostos às modulações permanentes de exercícios em que os confinamentos já teriam ruído, se é conduzido por um espaço-contínuo em que nunca se termina nada, ‘a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame’.^{cvi} O escrito, embora breve, assumiria, décadas depois, uma aura quase profética: seria o controle, então, o paradigma insuperável de uma grade de compreensão das relações de poder no capitalismo financeirizado e desterritorializante que temos hoje? Este entendimento é afirmado em proximidade a um corte, surpreendentemente, etapista: “as sociedades de controle estão substituindo as sociedades disciplinares”^{cix}. A questão nos coloca diante de dificuldades. Se formações histórico-sociais conjugam tendências identificáveis em que disposições das relações de poder e modos de subjetivação se atualizam, a partir de que acontecimentos estaríamos autorizados a supor uma descontinuidade? *Onde estamos? Já partimos?*

Antes de um recorte teórico, afeto às totalizações de cunho macropolítico, a observação nos interessa, pois suas expressões configuram possibilidades de exercícios de resistência também micropolíticos. De outra maneira, seria dizer que não se reage a expressões de um poder soberano que pratica livremente tecnologias de assassinato como se inventam fugas ao *governo* de identidades, por exemplo. Nos interessamos por essa questão porque talvez seja preciso lembrar que “devemos compreender as coisas não em termos de substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade disciplinar e desta por uma sociedade de governo”.^{cx} Com o acompanhamento desse percurso, em que divisamos algumas tonalidades e variações entre os temas da soberania, da governamentalidade liberal, controle e modulação algorítmica, pretendemos traçar algumas linhas iniciais que nos auxiliem na possibilidade de compreensão de questões postas à atualidade das relações entre

modos de existência das práticas políticas no campo movimentalista, em direção a uma abordagem *perspectivista*.

Disciplina e Governamentalidade

A emergência de uma nova analítica do poder, empreendida a partir da década de 1970, parte de uma inflexão decisiva quanto à matriz geral de que os modos de compreensão das relações de poder seriam tributários desde o final do Séc. XVII. Trata-se do abandono de um dos pilares centrais da teoria política moderna: o contratualismo que posiciona a norma jurídica no centro das relações de poder, e o afirma como uma posse que se exerce – *ter ou não ter poder*. Recusa, portanto, da noção de Soberania e de suas extensões jurídico-políticas como modelo normativo para a compreensão das relações de poder.

Esse deslocamento será responsável pela abertura que visaria à construção de genealogias cujo acento se disporia em torno das transformações na racionalidade política no ocidente, com especial interesse na configuração das disciplinas, biopolíticas e governamentalização do Estado. Com esse deslocamento, as menções ao Poder Soberano poderiam ser compreendidas como apoios que impulsionam um desvio e uma ultrapassagem, em direção à construção de uma história do presente. No entanto, e neste ponto reside nosso interesse, talvez seja possível sustentar que, ao compreendermos essas genealogias como movimentos da produção de uma *complexidade acrescida* quanto aos mecanismos pelos quais o poder se exerce, pode-se intuir que resíduos das grades anteriores permanecem, em maior ou menor grau, ainda vivos no interior das modulações posteriores. Nessa chave, as descontinuidades representariam tendências, não rupturas absolutas que apagam vestígios. Seguindo por esse caminho, haveríamos, portanto, de reconhecer que, *mesmo em sociedades de controle, disputas por soberania ainda se atualizam*. Uma linha de entrada para este esboço inicial, uma primeira passagem das sociedades de soberania às sociedades disciplinares encontra-se, por exemplo, em um momento privilegiado para a reconstrução do percurso em que, estudando a metamorfose dos métodos punitivos, e de sua microfísica, intui-se a construção de “uma genealogia ou uma peça para uma genealogia da ‘alma’ moderna”.^{cxii}

No século XVIII, o suplício expressa sua função jurídico-política como extensão do duplo lugar ocupado pelo Soberano, 'que é tanto *chefe de justiça*, quanto *chefe de guerra*'^{cxii}. O ritual do suplício, ostensivamente excessivo, visava à manifestação enfática, não apenas da superioridade do poder do Príncipe (que possui o direito sobre a decisão de morte), mas a manifestação incontestada da superioridade também no exercício da força, quando na exibição de que este pode dispor dos corpos de acordo com a vulgaridade de seu arbítrio. Antes de tudo, a justiça do Rei é uma "justiça armada"^{cxiii}, que encontra na política do terror, uma gente político para a dissipação das revoltas. Portanto, para que a dramaticidade do suplício tenha eficácia é fundamental que o povo esteja presente; o horror é produzido para *ser visto*.

No entanto, o exercício discricionário do poder do Príncipe, revelaria uma má economia do Poder, produzindo sobreposições e disputas nas cortes inferiores, e será por esta razão que os reformadores penais, desinteressados de um apelo humanitário, insistiriam em uma nova justiça penal, que não fosse ao mesmo tempo lacunária e inutilmente dispendiosa. Será preciso, portanto, que o poder de castigar seja mais bem distribuído, "em circuitos homogêneos que possam ser exercidos em toda parte, de maneira contínua e até o mais fino grão do corpo social"^{cxiv}. De um lado, atenua-se a severidade com a qual explode o poder de punir, quando, então, exercido de maneira concentrada pelo Soberano no corpo do supliciado; de outro, é universalizado, ao distribuir-se capilarmente pelo corpo social. Acontecimento que encontra boa imagem na sobreposição que pode ser lida em *As meninas* de Velázquez: o rei está fora do quadro, no lugar ocupado também por um observador qualquer; o que também significaria dizer, o rei e o observador qualquer, ocupam toda extensão do espaço com seu *olhar*. Prepara-se um Panóptico.

A Reforma Penal, entre os Séc. XVIII e XIX, incidiria no exercício do poder soberano, impulsionando a gestão diferencial das ilegalidades, de acordo com as exigências necessárias ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Prática divisora que reparte os campos das ilegalidades de acordo com posições de classe: as ilegalidades relacionadas a violações de direitos perpetradas pela burguesia (possibilidades de desvios dos regulamentos e normas em benefício próprio) inserem-se em um espaço no qual a punição não incide, ou o faz apenas marginalmente; as

ilegalidades relacionadas aos bens e à sua propriedade, e, portanto, mais próximas às classes populares, serão, mais do que apenas punidas, submetidas a um controle vigilante, de caráter preventivo. De modo que o poder da soberania monárquica se dissipa por um amplo conjunto de pontos de exercício que, agora, encontram-se à disposição da classe burguesa. O que consideramos importante notar nessa nova economia das relações de poder é a subjacência da transfiguração do poder monárquico soberano, a imanência da instabilidade da nova configuração, uma vez que o exercício de violação da norma na gestão das ilegalidades é constitutiva da nova economia penal – o que nos levaria a afirmar que o fundamento dos novos códigos assenta-se, de fato, no lugar da exceção.

A necessidade de vigilância contínua no cotidiano pressupõe a modulação de uma nova anatomia política dos corpos que, de modo a tornarem-se mais produtivos e funcionais à acumulação do capital, precisam ser igualmente docilizados. Se, antes, um corpo “se tornava coisa do rei, sobre o qual o soberano imprimia sua marca e deixava cair os efeitos de poder, agora, ele será antes um bem social, objeto de uma apropriação coletiva e útil”^{cxv}. Estamos no alvorecer das disciplinas, que encontram nos processos de escolarização, na rotina militar e nas prisões suas organizações exemplares; na “anatomia política do detalhe”^{cxvi}, o exercício de uma racionalidade peculiar.

A docilização do corpo, a regulação infinitesimal de cada gesto, o controle e a ocupação do tempo, e o esquadramento do espaço circunscrevem os processos pelos quais se produzem *indivíduos localizáveis* e, portanto, tendencialmente presos ao seu lugar designado, ou dispostos em circuitos pré-estabelecidos que configuram suas possibilidades de trânsito. Esse deslocamento assinala a emergência de novas modulações baseadas no caráter rotineiro e detalhista da correção, sustentado por uma micropenalidade constante, que intui adestrar os corpos. Essa fábrica de indivíduos, guiada por pequenos procedimentos, não é exuberante como os rituais da Soberania do monarca, tampouco facilmente identificável como o funcionamento dos grandes aparelhos de Estado. No entanto, essas novas tecnologias irão, progressivamente, instalarem-se nessas formas maiores, modificando seus mecanismos e reorientando seus processos.^{cxvii} A disciplina que fabrica indivíduos

prepara o solo para o refinamento dos jogos de poder que se irão direcionar ao manejo das populações: é preciso governar todos e cada um.

Na vigilância e produção dos dóceis, encontraremos um ponto de convergência e abertura a novos procedimentos que intuem a totalização dos corpos em um conjunto mais amplo, de modo a maximizar seu rendimento e sua utilidade no alvorecer da sociedade industrial. 'Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica'.^{cxviii}

Se, inicialmente atrelada à medicina e às práticas estatais de coletivização burguesa, o exame das biopolíticas nos conduzirá à proximidade das intervenções que visam não apenas a incidir na saúde mas também na raça, sexualidade, segurança e economicidade – as biopolíticas se configuram, portanto, em zona limiar entre os dispositivos disciplinares e a governamentalidade liberal. A emergência da 'população' como categoria política e objeto a ser investido pelas práticas de governo das condutas, seria retomada em novo ângulo pela recuperação da economia política liberal no viés neoliberal, a partir da segunda metade do século XX. Nesse movimento, uma nova grade se impõe com os economistas da Escola de Chicago e os teóricos das abordagens do Capital Humano: agora, a lente econômica pretende recobrir a totalidade da vida, tornando-a calculável em um mergulho rumo ao infinitesimal. Visto como uma 'máquina de produzir fluxos de renda'^{cxix}, indivíduos são reduzidos a unidades-empresa, propriamente, empresários de si mesmos, que calculam suas escolhas e teriam, como objetivo, tão somente a maximização de retornos. Escolhas maritais, cuidado com as crianças da família, educação e saúde são, agora, percebidos como escolhas alocativas, investimentos de recursos escassos em fins alternativos, nos quais as intervenções estatais e não estatais incidem manejando a produção das ofertas. Intervêm-se, agora, menos, de maneira direta, nos corpos, e mais na estruturação dos meios: o governo é ambiental. Fundamentalmente, trata-se de uma *gestão social que opera pela configuração condicionada dos possíveis*, preservando, e mesmo incitando, uma *concepção de liberdade que, de saída, é restritiva, pois apenas concebida como deliberação de escolha entre objetos já constituídos*. Menos esporas no gado; mais apito, recompensa, e pastagem em campo aberto. Com isso, o mercado

se torna o eixo de verificação das práticas de governo. Não se trata mais da questão da justiça ou injustiça da consistência teórica quanto à qualificação ideal do que seja a medida justa da intervenção estatal, mas de um conjunto de práticas de verdade que são expressas pelo mercado como resultados de eficiência econômica.

O desenvolvimento, veloz, capilar, em rede, das tecnologias da informação produzem novos planisférios de uma governamentalização acrescida e exponencial, que tornada algorítmica, espreita e preda, agora, as virtualidades que

Antes de seguirmos com a leitura deste texto, talvez tenha uma ideia interessante aqui, mas queria te ouvir mais, me conta, como foi?

Gosto disso, de lermos o texto em voz alta. A rapaziada vem hoje?

Parece que não, estão assistindo a uma peça de um grupo de teatro de rua, nessa chuva.

Me falaram muito rapidamente.

Eles estão há dias nessa empreitada, a peça ocorre em várias ruas do centro da cidade, simultaneamente, em pontos distintos, mas próximos; alguns em andares de prédios em frente às ruas em que ocorrem as ações, acho que nos contam melhor no próximo encontro.

Mas isso entrará na pesquisa? Ou é só...

Não faço a mínima ideia, mas considerando...

Flaquito e Pepe.

Eh Che, qué pasa?

Pasa nada.

Nossa dupla latino-americana anti-imperialista!

Che boludo!

Flaquito anda aprendendo violão agora, na próxima, pede pra ele cantar, se estiver com a viola. Ele tem um falsete, é impagável. Mas tem que ficar sério, não pode rir, ele

fica bravo. E quando ele começa com 'caminhando e cantando, e seguindo...', rapaz, é um negócio seríssimo!

Você sabe que os pais dele...

Sei. Conseguiram entrar pelo Sul, o Flaquito era bebê ainda, demorou muito pra pegar peso. Ninguém sabia porque a criança não crescia, e aí ficou, nosso Flaquito querido! A mãe dele me contou.

Não sabia que vocês se conheciam.

Ah sim, eles estão há muito tempo aqui, como eu, quando isso tudo era mato!

Porra, esse negócio de 'quando isso tudo era mato' é foda, só não é pior que 'na minha época'.

Ah é? Quando menos se espera...Faz tempo que não nos vemos, mas, até hoje, o pai dele tem muitas dificuldades...A mãe dele conseguiu se recuperar melhor, bem melhor, e olha, o que eles fizeram com as mulheres... Você chegou a ler o Aventura de contar-se^{cxix}?

Ainda não.

É interessante para ver como foram as mulheres que primeiro compreenderam que a política tinha mudado, que era preciso inventar outros modos de cuidado de si, buscar descobertas, desfazer essa imagem ideal da revolução. Que isso era um ideal ascético, masculino! O solo da micropolítica é o feminismo^{cxxi}! Os homens desta geração, não sei se exatamente é a minha, isso de geração sempre é complicado, são linhas borradas, mas enfim, não compreenderam isso, e tiveram dificuldades gravíssimas, fora os que simplesmente se tornaram esses canalhas do poder, ou portadores de uma desilusão niilista crônica.

Quero nomes!

Sabemos muito bem quem são esses homens, você não sabe? Claro que sabe, os dirigentes estão todos aí, basta ver. E como dizia o poeta: 'Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do Maranhão/ à mesa do jantar sob uma luz de Febre entrei irmãos e pais dentro de um enigma?'^{cxvii}

Curioso que você lembre agora do Gullar, o Pepe me emprestou um livro, com uma passagem muito bonita, é uma lembrança e uma pergunta sobre o Gullar, que de fundo, aponta para essa relação entre vidas que se bifurcam. Em seus últimos anos, Gullar, o autor do poema sujo, se tornou odioso, quase reacionário.

Tamanho seu desencanto.

É o pior que pode acontecer a qualquer um, **a linha de fuga que vira linha de abolição, o niilismo suicidário.**

Em 76, quando prenderam o Gil por porte de maconha aqui na ilha, enquanto faziam a turnê dos Doces Bárbaros, os pais do Pepe já moravam por aqui, eram meus vizinhos na Lagoa, havia só uma estrada de terra que ia ao centro, era quase outro planeta, as rendeiras, os pescadores...Eles vieram antes que as coisas realmente ficassem mais feias por lá, de carona, e foram ficando. Tem uma história engraçada, eles conheceram o Gil, pede pro Pepe te contar. Essa época é início do movimento ambientalista aqui na cidade. Mas isso para ilustrar os caminhos que existiam...Bueno, voltando ao texto, ou melhor, antes, como foi o evento?

Então, tenho feito algumas anotações, como flashes rápidos, onde percebo um potencial de desenvolvimento de algumas ideias. Desta feita, acabei tropeçando em algo que tem me ocupado, no trânsito entre coletivos, movimentos. Posso ler?

Por favor.

Como em um pequena esquete em comédia de erros, desencontros entre dois ou três beijos resultam num espaço de aproximação, em que, no mínimo, sempre se pode começar alguma conversa sobre a cidade natal e seus códigos afetivos. Os modos em que os corpos se tocam, ou não, revelam, também, índices de amizade, disposições hierárquicas e marcas do poder, funcionando como breve indicação de lugares e pertencimentos, digamos, na distância entre um abraço, ou um aceno de mão à distância. Mobiliza-se uma espécie de cálculo prudente, quando em dúvida, entre uma intenção, a regra social e a rápida leitura dos gestos iniciais do interlocutor. No que é um gesto de cumplicidade infantil, uma contraconduta jocosa, estender e chacoalhar o

braço num aperto de mão solene, ofertado a um menino pequeno, a quem ninguém se dirige, e perguntar como vai o senhor?

Se a máquina abstrata que dirige os códigos falha no reconhecimento da produção dos lugares e dos rostos, então, num átimo, tudo está suspenso. Após a repetição divisora que o antecedeu – entre beijos e apertos de mão – no último cumprimento, a questão não foi tanto é um homem? é uma mulher? , mas sim, a brevíssima hesitação que não se oculta. Suprema generosidade, em atenção, o interlocutor se antecipa e estende a mão: muito prazer. Não fosse isto, eu o teria cumprimentado de outra maneira.

Sim...

Bem, isso poderia ser tomado como uma pequena anedota de campo, uma atualização de uma falta de tato minha, essas coisas. Mas me fez pensar nos efeitos das políticas de nomeação, e nas brechas libertárias que se abrem, quando estas políticas de nomeação são suspensas, ou manejadas diferentemente. Penso na tradução, como formulação decolonial, que se faz de ‘teoria *queer*’, como ‘transviada’, ‘teoria transviada’^{cxiii}. Bem, nesta tradução, há o interesse em explorar o potencial de produção de liberdades pelos sujeitos cujas experiências de si, com o corpo, com o prazer e o amor, escapam às prescrições e enquadramentos da heterocisnormatividade, ou seja, também como um problema de gênero e violência. O que me ocorreu, como questão emergente dessa pequena vivência do dia, foi uma associação algo estranha: como poderíamos estender essa abordagem para o campo político, também em outros domínios? O que seria pensar em uma ‘teoria política transviada’ no campo dos movimentos sociais e processos de resistências? Não faço ideia ainda, mas penso que seria produtivo recolher um elemento, a noção de abjeto, como se formula na ‘teoria transviada’. Não temos uma teoria, mas podemos substituí-la por uma analítica transviada. Aqui, ‘abjeto’ surge como categoria heurística nos estudos voltados para a compreensão do lugar reservado socialmente aos corpos sem inteligibilidade social, a exemplo das pessoas trans^{cxiv}. ‘Sem inteligibilidade social’, essa ideia me fascina.

Acho que não acompanho.

Qual seria uma das principais características dos movimentos sociais e processos de resistência, hoje, quando observados e vividos nas dobras atuais dos processos históricos em que nos vemos imersos hoje? Vejo muitas, e pretendo explorar alguns pontos ao longo trabalho, mas, por agora, recortaria uma dessas características para ponderação. São povoadas por processos, emergências e configurações de alta volatilidade, como um gás perigoso, são aberrantes, ou seja, compostos feitos de linhas de força que escapam aos enquadramentos da razão dualista e sobrecodificadora! Quando se pergunta, o que é? Quando se espera que uma definição exaustiva situe o campo, para que se possa agir, são as perguntas que estão erradas, e nos fazem perder o tempo, o Kairós, a irrupção, o acontecimento. Somente quem não está em movimentação, não o compõe e não o sente, faz perguntas deste feito. Olha de cima e não encontra inteligibilidade, ou impõe uma leitura que higieniza os traços desviantes, por uma edição conveniente, que tanto deriva desta sobrecodificação teórica, quanto do interesse em governar. Quer controlar o algoritmo e as segmentações.

Bem, eu mesmo sinto dificuldades em compreendê-los. E não penso que seja equivocada essa necessidade, a de compreendê-los.

No início, pensava em realizar uma pesquisa sobre movimentos sociais.

Mas ainda não é essa a sua pesquisa?

Bem, é e não é. O conceito de movimento social, fui percebendo, me parece pouco adequado, mesmo restritivo, para o rastreamento do que se passa, fui sentindo isso ao longo do percurso...porque já parte de uma molaridade, de uma forma identificável...e aí, tudo que é visto, sentido, percebido, tocado, passa ao enquadramento.Outro ângulo seria a entrada por um plano de forças, que se misturam, se separam, desaparecem, reaparecem em outro ponto, afetam aqui, ali.

Acho isso interessante, porém, um pouco hermético, como lhe falei sobre a sua introdução.

Aquele exercício de pensamento que propus no que seria uma introdução, o prolongamento da desorientação do despertar, como habitação lúcida que comporta

o não-saber nesse espaço-tempo, encontraria amparo nessa noção de uma teoria transviada, o exercício de copresença ativa no que não tem inteligibilidade social. Do ponto de vista, vamos lá, micropolítico, não se trataria de produzir inteligibilidade, mas, justamente, o contrário; expandir essa ausência de inteligibilidade. Não oferecer nada ao poder, mesmo à esquerda, digamos...as organizações tradicionais são predatórias e docilizam essa energia. Você lembra a tese que lemos há alguns meses? É uma ilustração, de outra ordem, não obstante é uma ilustração. Chamava-se precisamente 'Tese submetida ao programa de pós-graduação como requisito parcial para o título de doutor'? Lembra do que o autor nos contou? Bem, reivindicando um direito que é de todo autor, isto é, dar nome ao seu texto, ele gostaria que não houvesse um título.

Sim, foi motivo de chacota.

Ele insistiu. E o que ocorreu? Disseram-lhe que não seria possível, já que não há como inserir no sistema uma tese sem título. Não podendo ser feito, seria como se ele não a houvesse apresentado e, tampouco, a escrito. Assim o sendo, teria de devolver integralmente os recursos de seu financiamento e não seria emitido um diploma que comprovasse seu grau no curso. Seria como se não houvesse existido. Também lhe disseram, nunca haverá como publicar, porque não se pode vender um livro que não tenha título. Uma pequena bobagem como essa, uma traquinagem de criança— são perigosas as crianças! —, e pronto, os poderes se movimentam, revelam algo que teria permanecido não visível. São como os vintes centavos de junho. Não vamos pagar nem um centavo a mais: convulsão social. Quando escrevi esse pequeno relato que te mostrei agora, foi nisso que pensei, em como, quando alguém se move, sempre há repercussões no entorno. Algo tão simples quanto escolher seu próprio nome é razão para o mais intenso combate. É acolhido como intolerável. Com aquela ideia que estamos desenvolvendo, a extração de um princípio e sua transposição a outro plano, uma **tradução como uso situacional de um princípio**, o que chamamos de **descaminho. Procedimento de descolonização do que somos.**

É a ordem de deus, para cada coisa, uma palavra. Apenas, cuidado com os desvãos celestes da metafísica! Quanto ao ponto anterior, não penso que seja necessariamente

assim. Afirmar isso, 'as organizações tradicionais são predatórias', quando se necessita construir um corpo político é, no mínimo, temerário.

Bem, vemos isso depois, talvez você esteja certo neste ponto. Mas eu gostaria de insistir nessa potência do sem-nome. Uma artista vietnamita, filósofa, crítica literária, militante feminista e só-deus-sabe-mais-o-quê, tem uma ideia muito bonita, de 'outros inapropriados', que ela trabalha em duas valências, duas direções. 'Inapropriado', aberrante, abjeto, fora de lugar, como o que é configurado pelas intersecções produzidas na imanência das relações de poder sobre a vida-morte. 'Inapropriado': não capturado.^{CXXV} Não é interessante tornar e tornar-se inapropriável? Em uma palavra, não é isso também a criação do comum? Então, por que razão apropriá-las, descrevê-las, caracterizá-las à exaustão?

Para se orientar na ação, intervir na produção de realidades, compreender a conjuntura, criar outras narrativas. Não é por isso que ainda apostamos, apesar de tudo, nas invenções em nossas práticas de pesquisa ?

Compreendo. Bem, penso que isso seja importante, mas gostaria de me demorar um pouco mais nessa questão, acho que retomamos....

Temos tempo.

Antes de voltarmos para o texto, só mais um fato curioso, bem rápido, sobre o grupo de apoio à demarcação às terras indígenas do qual participo. Esse coletivo já havia iniciado as ações há alguns meses, propriamente, uma campanha em defesa ao processo que se arrasta. Organizaram festas, venda de camisetas, ações em universidades, nas aldeias, advogados, pressão parlamentar, arrecadação de fundos junto aos sindicatos, um milhão de coisas. Então, em uma das reuniões entre os apoiadores e lideranças indígenas, surge uma questão relacionada à alocação dos recursos financeiros para a continuidade da campanha. Nesse ponto, emerge uma pergunta, feita por uma das lideranças e direcionada aos apoiadores, homens e mulheres brancas: o que vocês estão entendendo por 'campanha'? No que todos os apoiadores presentes repetem a descrição que fiz. Ela segue, sorrindo, 'vocês não entenderam nada!', a campanha é a nossa vida, tudo é campanha. Foi um momento muito especial, amoroso-analítico, não parece muito científico dizer assim, mas não

poderia dizê-lo de outra forma. *ÑandeReko*, ela menciona, em tradução, o modo de ser guarani é a campanha, a campanha faz parte do *ÑandeReko*, que seria dizer, a luta recobre a totalidade da vida, e cada ação, na existência cotidiana, apoia ou depõe contra a luta....outro modo de existir....

Mas por que você lembrou disso agora?

Primeiro, porque ilustra essa ideia da inapropriabilidade, enquanto aponta para a possibilidade de um tipo de pragmatismo menor, uma aliança tecida em um acordo sobre um fazer que, para que ocorresse, não dependia de um prévio e exaustivo programa unificado, uma amizade consolidada etc. Tão somente uma confluência, um ponto de atravessamento que sinaliza um reinício comum, do qual não se pode prever as derivações. Essa experiência política é marcada por um modo de convivência em instabilidade, criação de corpos que suportem esse plano, que segue em modulação à medida que o processo evolui. Essa ideia do pragmatismo menor é algo que quero desenvolver mais, preciso. Segundo, foi um momento em que notei que ...o chamado grupo de apoio, ninguém sabe ao certo quem faz parte! Quem é o grupo de apoio? Por coincidência, dias antes, estava lendo sobre os Araweté, um povo da floresta, da Amazônia. Em um determinado ponto, o antropólogo descreve algo acerca da divisão das tarefas necessárias à vida cotidiana desse povo, e aí tem uma cena, eu chamo assim, muito bonita, ele conta que, de repente, alguém levanta, qualquer um, começa a se preparar para uma expedição de caça, juntar utensílios...dependendo da avaliação de cada um, se há bastante para comer, o clima, a disposição individual, a proximidade das festas, experiências e intuições de sonho etc., aos poucos, as demais pessoas iniciam a fazer o mesmo. Dependendo de quantos são, a expedição sai....se poucos se movimentam, o gesto inicial é gradualmente abandonado.^{cxxvi} Então, faz parte do grupo de apoio quem se apresenta para fazer algo, ajudar em uma tarefa. As proposições são medidas por uma avaliação, na maior parte das vezes, implícita ou sutil, da reação dos outros, do que se percebe como adequado ou não, pelo contexto. Na dúvida, consulta-se quem está mais próximo, e este, se precisar, outra pessoa... não falar por ninguém e assumir a responsabilidade individual sobre atos de decisão são eixos dos acordos que se tecem, motor da confiança que precisa ser produzida, a

cada vez!, para seguir. Esses dias, na fila do caixa do supermercado, vi uma pessoa com a camiseta da campanha e perguntei quem a lhe havia vendido, ao que ela me respondeu que, ambas, ela e sua companheira, faziam parte do grupo de apoio! Olha só, eu também! Então você deve fazer parte da direção executiva, já que nunca nos vimos! Rimos muito...

Acho que agora vejo melhor as questões que você trouxe na continuação do seu texto, esse que estávamos lendo juntos. É um bom gancho com o tema da virada ontológica, que você aborda no trecho final, há um cruzamento um tanto inusitado com a analítica do poder....

Porque, sim, qual é o eixo principal de um dos textos que abrem o que viria a ser conhecido como perspectivismo ameríndio, ou multinaturalismo?^{cxxvii} O entendimento de que, com a variação das perspectivas, a própria noção de sujeito e natureza se invertem...é a virada ontológica. Seguindo uma espécie de intuição, quando os agenciadores dessa formulação recolhem um enorme conjunto de descrições etnográficas acerca dos povos ameríndios, percebem que, entre estes, há em comum a performance de uma perspectiva multinaturalista, qual seja, a partilha de um similar modo de estruturação da existência como reconhecimento de naturezas multiversas, que são, entretanto, povoadas por uma única 'humanidade'. Com isso, inverte-se e se põe em disputa o entendimento do 'mundo' como sendo multicultural, posição hegemônica do universalismo.

Parece-me pouco claro e, sobretudo, a relação com uma analítica do poder...

Relaciono isso ao que conversamos no encontro anterior, quanto à questão da crença. A posição do multiculturalismo, o que é? De que há, tão somente, uma única Physis, uma única natureza, regida por leis universais que, no entanto, são compreendidas, vividas em contextos diversos, no plural, culturas...Um mundo, várias culturas, relativismo. O perspectivismo ameríndio é o inverso, há inúmeras 'naturezas', em decorrência da posição que distintos sujeitos ocupam, sendo sujeito, todo aquele capaz de ocupar um ponto de vista. Uma vez não apenas restritos ao 'humanos', 'não humanos', partilham do fundo virtual de uma única humanidade comum, qual seja, a potencialidade de ter um ponto de vista. O exemplo mais corriqueiro trazido por estes

autores seriam os animais, que se percebem como humanos, mas veem uma 'natureza' diferente da nossa. O que os humanos veriam como sangue é percebido por porcos do mato como cerveja etc. A relação com a analítica do poder, quanto aos temas da soberania, disciplina, controle e governamentalidade liberal – algorítmica marcaria a intenção que tenho em percorrê-los como um exercício perspectivista. Nesse quadro, e desfazendo uma linha evolutiva, essas expressões maiores dos jogos de poder corresponderiam a mundos, ou multinaturezas, para falar nessa linguagem particular da abordagem do perspectivismo ameríndio. Como ilustração, a dita fragmentação das esquerdas, algo reprisado continuamente e que muito me aborrece. Bem, mas se eu estabeleço como perspectiva não esta, mas digamos, o ano de 1500, ancorado na história que se inicia com a invasão de um povo alienígena, e mais bem armado, que executa a mais violenta espoliação e massacre já vistos? É no espaço de um poder soberano que eu estaria situado, neste da decisão absolutista sobre a vida e a morte, o poder da espada do Rei, contra o qual resistem, até hoje, esses povos. E se o marco para pensarmos o percurso das revoluções não for a guilhotina francesa e sua distribuição de lados diante do Estado, ou os operários ingleses de Manchester, mas antes destes, os quilombos, como primeiro movimento revolucionário *avant La lettre*? Bem, mas há uma fragmentação, não lhe parece?

Acho que seja um termo crítico, a ser explorado. O que eu vejo é uma incapacidade crônica na compreensão de que determinados grupos sociais expressam mundos distintos, em um sentido forte, não 'realidades psíquicas', ou 'culturas particulares'. Isso não é uma metáfora. Não é por acaso que suas reivindicações e modos de organização não sejam, com frequência, coincidentes...o que apenas faz crescer ainda mais a violência e a possibilidade de constelação das forças, a repetida enunciação de que essas seriam, por exemplo, pautas identitárias...e causa dessa pretensa fragmentação! Pois bem, por que razão a imediata demarcação e homologação de todas as terras indígenas, reconhecimento de todas as terras quilombolas, ou ainda, o imediato desencarceramento de todos os prisioneiros provisórios do país, em sua maioria jovens negros, não são enunciados, então, como ponto fundante de qualquer programa das organizações tradicionais?

Pelo simples fato de que isso não faz maioria e, ademais, o Estado Nacional...

As composições que essas relações de poder expressam formam como que zonas sobrepostas, no tempo, no espaço e na história, enquanto se distribuem diferentemente nas intersecções e modulam descontinuidades. Em cada zona, há um tanto mergulhado no virtual, um conjunto de possíveis em estado de atualização, e expressões no real. Precisamos desenvolver a capacidade de transitar entre os planos, porque estes são apenas 'parcialmente' coincidentes....

Lá vamos nós, para as nuvens!

São atrativas, não são? É preciso algum delírio!

Controlável!

Melhor, dosável! Cada lugar, cada pessoa, encontra-se, em meio a privilégios, vantagens ou opressões, diante de possibilidades, barreiras e escolhas diversas quanto aos modos de enunciação e reação a esses lugares. Bem, esses lugares são configurados conforme as expressões dessas tendências majoritárias a que mencionava, o arbítrio vulgar do soberano, disciplinas, controles, governamentos... A produção serial de indivíduos e seu posicionamento nessas marcas, articulam, portanto, mundos e terror partilhados entre aqueles em similares posições nesses cruzamentos. O que seria dizer, em cada 'lugar', há um núcleo irreduzível, vivencial, inscrito na carne do corpo, transparente apenas às pessoas que os vivem, e não há devir que os alcance em pleno. Dizê-lo seria apenas mais um acréscimo de violência, e há os que o digam, repetida e levemente. No entanto, o exercício de permutação das perspectivas, algo de uma circulação por mundos estrangeiros, insisto, não é uma metáfora, guarda potenciais de comunicação e desestabilização, que podem fazer transmitir, como um bacilo ou vírus, sensibilidades entre os corpos de mundos díspares. Essas sensibilidades, por distenderem as relações de poder em um plano específico, resultam em efeitos indiretos, em outros planos. Diagramas, no lugar do programa. É mais do que compreensível que, diante de determinadas saturações, a urgência se imponha na defesa da própria vida, e tudo o que há de energia vital seja mobilizado para esse fim, especialmente, quando já não se pode mais falar em relações de poder, porque estas se tornaram apenas bruta violência – diante das

armas na escravidão, na tortura, não há relação de poder, mas tão somente, dominação^{cxxviii}. No entanto, em havendo essa possibilidade, o exercício da permutação movimenta forças com interessante potencial de acréscimo de velocidade à formação de constelações. Uma luta, mais uma, mais uma...

Penso nas crianças, por exemplo, prisioneiras políticas... Quem as escuta, para qualquer decisão? Elas falam, mas é preciso saber como escutá-las... Sempre, sob o julgo...

Não tinha me ocorrido, pensava mais em...

Sim, compreendi, mas lembrei disso também, não por um impulso humanista, de defender as criancinhas... elas se defendem, a todo tempo, mas como ilustração disto que conversamos, a irredutibilidade das perspectivas, a necessidade de trânsito...

O privilégio dos adultos quanto às crianças é universal, mesmo quando não explicitamente exercido como violência, sempre atravessa a pluralidade das experiências singulares, das infâncias, no plural... *patria potestas*... a soberania, o rei...

Ou a rainha!

Ou a rainha...

Contei a você da manifestação de greve, em frente à câmara no sábado passado?

Contou, sim, rapidamente...

Então, fui com a minha filha, e saímos mais cedo, porque agora as bombas de gás, além de endereço, já têm data e horário certos. Agradecemos às 'armas não letais' com a mão no lado esquerdo do peito, cantando a internacional... Mas é aquela coisa, o fascista é sempre o outro... data e horário certo...

Como eleições gerais...

Como eleições gerais, as palavras de ordem de sempre, as diatribes contra o capital, os cartazes...

O carro de som...

As camisas vermelhas...

Não tem arrego...

Sempre tem...

Não passarão...

Sempre passam...

Mas a gente segue indo...

Paga contribuição....

Se decepciona...

E sempre volta! Mas enfim, dessa vez valeu a tarde. Estávamos comendo um picolé, ela insistiu, não quis o sorvete de copinho, que é melhor, porque não pinga, e nunca tem guardanapo, banheiro, torneira. E como ninguém quer ver sua autoridade paterna ser derretida em praça pública... Bueno, ela me pediu para subir nos meus ombros, e enquanto o picolé escorria no meu cabelo, ela me pergunta, apontando para o carro de som, papai, por que não tem menina lá?

Rapaz... e aí?

E aí me caiu os butiás do bolso!

Se você for escrever isso na pesquisa, precisa colocar uma nota, ninguém vai entender 'me caiu os butiá do bolso!'

Se eu for escrever isso na pesquisa, escrevo, grifado, prestem atenção e não tenham dúvidas, é tudo verdade!

'É tudo verdade' é ótimo!

E não é?

Mas e aí?

Olha...nem me lembro o que eu tentei falar...mas quando finalmente consegui dizer alguma coisa, perguntei se algum dia ela gostaria de subir lá em cima, o que me arrependi logo depois de ter dito, mas enfim...

E o que ela falou?

Acho que tenho medo, não tem nenhuma menina! Então leva a Luiza e a Alice junto! Então eu vou!

Mas a tua casa é um bunker feminista!

Isso é o engraçado...não é, ou é, e só eu que não sei! Fiquei uns dias brincando, dizendo que andam colocando alguma coisa na água... Então, me dou conta, é uma produção inconsciente, esse maquinismo que vai afetando desde dentro todo tecido, são blocos imensos que estão se movendo, muito, muito rapidamente. São forças tectônicas. No entanto, às vezes, são mais como um choque. Inadvertidamente, você vai fazer uma ligação elétrica, abre a tomada e... !A experiência política de um tempo elícitas memórias, por exemplo. Fornece material para que análises prossigam por outros meios. Com efeito, considerações propriamente políticas, acerca do resto, até então, não considerado. Como não haveria de ter sido assim, já que há um conluio, para que o resto, propriamente político, permaneça mudo, uma vez que dele os sujeitos se beneficiam?

Acho que nosso convidado gostaria de conversar com você sobre isso. Não deixa de ser curioso que, ao longo dos anos, tenhamos, quase todos, porque alguns não o fizeram, abandonando esta noção. Duas que, de fato, andam juntas, ou deveriam andar.

Quais?

A concepção de que a micropolítica é um pensamento do inconsciente e que, do que se diz molecular, há um prenome que o acompanha, revolução. Melhor, revoluções.

Mas por que isso seria, digamos, tão relevante?

Acho que é uma boa pergunta. Vamos deixá-la ressoar um pouco mais? A pista é: ***inconsciente não é o dado, mas o feito. O inconsciente é o que precisa ser feito.*** Com o dado, que em algum momento, foi feito, isto é , nunca foi efetivamente dado. Não seria por outra razão, é pós-estrutural, por isso dizemos, ***maquínico***. Em resumo: inventado, inventável. ***Inconsciente maquinico é uma máquina de ficcionar, sendo, ele mesmo, uma ficção. Ataca a dobra, ou não é nada.***

Uma vida é uma canção, precisa ser composta. Mas, mudando de assunto, quantos anos ela têm, a sua filha?

Faz quatro, em fevereiro.

En cada barrio, revolucion

Hoje, na Calle 23, se pode escolher qualquer sabor de sorvete, desde que seja chocolate ou creme. Casais e grupos de amigos sabem das horas de espera na sorveteria Coppelia, por isso conversam sem pressa. Como em toda parte, também em *La Habana*, dinheiro em moeda forte realiza qualquer urgência. Tomamos a entrada lateral, já que o constrangimento, é claro, não afeta nossa solidariedade ao povo cubano. Um homem me para: brasileiro? Coberto de poeira, ele sonha com as areias do Leblon, pois que é um fã de *mujeres apasionadas*, a novela exibida entre intervalos de intrépidos jogos de xadrez transmitidos pela televisão, e o moto-contínuo dos discursos do Partido. *Seremos como El Che*. Ele me reconhece, dias atrás, havia me visto em um ônibus. Conta, foi fácil fazê-lo, já que nas periferias da cidade, ao contrário das mansões de Vedado, não há pessoa que use barba.

Foto-retrato

Em frente ao ingazeiro, em um dia de sol, agora conto oito meninas, nove meninos. A professora está ao lado, quase não vemos seu rosto, em diagonal contra a lente da câmera, talvez nos pedindo para sorrir, ou tirar os dedos em V, com o qual crescemos algum humor e desordem ao retrato. As calças dos meninos, quase todas, têm joelheiras de couro. As das meninas, não. Alguns sorriem, outros estão de olhos fechados ou com os lábios entreabertos. Muitos anos depois, refaço a contagem. Luz impecável, editada, uniforme solene, capelo em punho. Seguimos sorrindo, todos, brancos no retrato.

Talvez porque eu esteja prestes a me aposentar, e é possível, bastante possível, que eu mantenha uma relação distante com os segmentos mais burocratizados da vida universitária, sinto um entusiasmo que passeava distante nos últimos anos. Não deixa de ser curioso observar que volto a sentir necessidade de fazer anotações, escrevo pequenos diários, com observações e intuições que sequer sei se poderão ser úteis de alguma maneira. Como já não me vejo na condição de responder a qualquer exigência desta universidade, e sequer me pediriam, depois de tantos anos, para ocupar algum cargo administrativo ou preencher relatórios infundáveis, porque sabem que eu não o faria mesmo, tenho algum tempo livre para estudar, já que não estou mais tão preso à função a que as escolas usualmente se destinam, isto é, impedir que as pessoas estudem. Na conversa com um colega, que se queixava da falta de interesse de seus alunos no acompanhamento do programa, digo, pouco temos conversado sobre isso, não é mesmo? De fato, mesmo com as ocupações, me parece, não temos sido capazes de sustentar os efeitos dessa emergência. Nosso sintoma: reunionismo. Como de praxe, recomendamos análise aos outros. Mas, é claro, me vejo parte do processo. No primeiro dia das ocupações, sorte ou azar, eu não estaria em aula, e quando retornei ao *campus*, as entradas já estavam bloqueadas. É este colega quem me conta, quando ainda o acesso estava livre pela manhã, ao chegar à sala em que ocorreria sua aula, finalmente, algo acontece: não há ninguém, as classes e cadeiras estão todas no mesmo lugar, mas de cabeça para baixo. Ele se informa rapidamente, não encontra resposta, então, toma o rumo de casa. Puxa o celular, e me mostra, em uma rede social, uma aluna do curso havia escrito: *‘Fica a dica pros professores, então: as coisas não vão se arrumar sozinhas. É a gente, com muita luta e resistência, que vai fazer as coisas se arrumarem. E isso não vai respeitar a zona de conforto de vocês^{CXXIX}’*.

Na cafeteria, seguimos a conversa, rapidamente, porque sempre há algo mais importante a ser feito, outra aula, algum parecer ou o prazo de um artigo. Ele me conta, achou algo injusto o comentário da estudante, porque a definição de seus programas semestrais está sempre aberta à participação de todos, com ajustes e sugestões. Dentro das margens curriculares, é claro, e que, ademais, tampouco são

exatamente definidas por ele, que diz, faz o possível. O que mais poderiam nos pedir, além de fazer o possível, já que fazer o possível, aparentemente, é tudo que sabemos fazer e para o qual fomos treinados?

Eu mesmo, há algum tempo, mas com muito mais intensidade agora, me percebo diante dessas questões. Estamos sendo desalojados. A cada semestre, surgem novos nomes, que sequer sabemos como soletrar. *Dar um curso sobre o que não se sabe*^{cxxx}, algo muito bonito de ser dito, não se comprova fácil. As trajetórias de formação, ainda bastante tradicionais, para dizê-lo com um eufemismo e não obstante o esforço transdisciplinar que professamos, tendem a constituir propriedades. Não é por outro motivo que as pessoas são reconhecidas, as pessoas não, os homens, vamos lá, os professores brancos, o especialista neste autor, neste tema, estudou com...em...Esse alicerce rui quando, de um dia para outro, nota-se, alguém genuinamente acha engraçada a sua pronúncia do nome de um autor em aula, dito pela primeira vez, não é alemão, não é francês...

A lei da gravidade mudou, parece difícil aceitar. Mas, se for certo considerar que a *'diferença não aumenta ou diminui, que ela tão somente deambula'*^{cxxxi}, esse fato é irrecuperável, no que a reconstituição destas propriedades tende a bloquear o processo, quando não, se tornar, francamente, reacionária. Mas há mais, já que é a própria relação entre vida e pensamento que sobe à cena. São as mulheres que o exigem, como bem disse a estudante. É um basta! A disposição em mantê-lo, um acontecimento que, como se poderia pensar, instaura uma descontinuidade não passível de retroação, mesmo que as temperaturas venham a oscilar. Agora, estamos sempre pisando em ovos, me diz o colega. Não tenho coragem em responder, mas penso, não, simplesmente não se pode mais pisar *nas pessoas* impunemente. Basta! Toda semana há novas denúncias, e elas não cessam, podemos dizer que sobre isso nada sabíamos, estando há tantos anos por aqui? Bem...

Na proposição de lermos juntos alguns pequenos trechos de escritos sobre a ideia de um *Povo Brasileiro* se instala algo de uma tensão entre as pessoas presentes, talvez um analisador possível dessas linhas de força. Em meio às sugestões, que partem de outras perspectivas e, portanto, configuram problemas de outra ordem, quase no

sentido matemático do termo, o que me parece estar em causa nesta situação específica é, talvez, apenas secundariamente a afirmação e reconhecimento de outros lugares, e mais, a constatação de que o futuro já não é mais o que era, como talvez dissesse outro poeta. O modo de orientação do desejo, as coordenadas da pré-figuração imaginativa de um povo que falta, do porvir necessário, reorganizaram-se e estão, não apenas em mutação, mas principalmente, em deriva. Por isso, sugerem-se múltiplas outras entradas, o pensamento pan-africanista em *O Quilombismo*, o pensamento ameríndio em *A Queda do céu*. Teria sido possível insistir na proposição inicial, apontar a importância histórica de uma formulação de ideias em torno de um *Povo Brasileiro*— e só há crítica histórica — mas, à parte uma reparação que julguei necessária, não o fiz. Uma das alunas, uma mulher jovem, negra, que me surpreendeu por atuar em uma organização bastante antiga e, dita, tradicional, do movimento negro no País, conta que receberam um convite para uma reunião de composição de uma frente nacional, constituída por variados coletivos, movimentos e tendências de partidos políticos. No encontro, as direções políticas, as pautas e as estratégias de articulação já estavam todas definidas, e o foram, em reuniões realizadas nos grandes centros da região sudeste nesta ilha. *Quem é este povo de que vocês falam, e reivindicam no nome desta frente? O que é esta aliança que vocês propõem?* Foi o que ela disse já se despedindo, e no que foi apoiada pela organização a qual lhe incumbia representar.

Estamos seguindo com as leituras e discussões, e ainda bem que tenho esse tempo para leituras. Com os encontros, o sentimento é de que, mais do que uma figura poética, um desejo, uma expectativa ou um diagnóstico, aproximamo-nos deste dia em que *o Homem* desaparecerá, com um rosto desenhado na areia na orla da praia^{cxxxii}. É incômodo, na falta de melhor palavra e para dizer o mínimo, quando se percebe que essa avaliação não é tecida apenas sobre o solo de um problema que seria de fundo epistemológico, o desaparecimento da unidade de um sujeito cognoscente, e do objeto posto ao conhecimento como *categoria*, mas a encarnação real desse *empírico* que compõe o duplo-empírico transcendental. Ou seja, não queremos nos haver com isso, por essa razão, resistimos, não *com* o processo, mas *ao* processo. Fazer apelo ao povo, como restituição do universal é, na maior parte, tão

somente, uma tentativa – mesmo que, com muita boa vontade, vá lá, a dissermos involuntária – de repor o rosto de cristo no altar. E não vamos sair desta, tampouco, com um apelo genérico a um pretense mal-estar da civilização, mais um chiste sobre o que querem as mulheres, ou um salto pretensioso e rápido ao plano do *impessoal*.

Esse falatório...o falatório gasta as palavras, repetidas à exaustão, como quem diz seu nome tantas vezes em frente ao espelho até que ele nada mais signifique. Clínico-político. *Clínico-político*, e eu já escondo a minha carteira, alguém arma um bote, vão me levar alguma coisa. Porque, bem, não sei se, hoje, quando o dizemos, ainda conseguimos notar a importância clínica, propriamente clínica, do pensamento. É preciso reparar a dor, e saber que, hoje, o pensamento, entretanto, também se destina a esse fim. Que demora tempo, e por isso, é também um cuidado, uma forma de cuidado, apoiar o cuidado que se tece com quem pensa ao nosso lado. A fonte do pensamento, quando ele acontece, quando é criação, não exercício recognitivo ou exposição, é sempre balbuciante, frêmito Às vezes, explode, sente raiva, acusa e denuncia a audiência. Qual é a dificuldade em suportá-lo? Histeria, ressentimento, há quem diga nos corredores, sem coragem, balando baixo.

É nessa extrema pressão que a areia fina, milenar, reexistente aos temporais dos séculos, reagrupa-se, e forma pequenas pedrinhas, disformes, desiguais, que brilham. Intensas, ofuscam. Há quem saque a lupa para avaliar seu peso na balança. É possível, no sentido de que fala o compositor, de um *coração vagabundo*, que estejamos diante da germinação generalizada de uma filosofia vagabunda, *amadora* da vida. Bandos *vagos*, *vagas*, ondas que formam bandos. Novos saberes, forjados em múltiplos circuitos, moídos na pedra bruta, à pilão e suor. No duplo sentido do que seria dito clínico, acolher e apoiar o desvio dessas emergências é o cuidado em que penso. Não é por acaso que a vida, todas as vidas se tornam uma questão. *Quem é você?* Se o seu pensamento não se comprova na sua própria vida, então, como poderei saber se me serve, se é útil à minha? Um problema de confiança, a confiança como problema; o valor das palavras é distinto para quem não as põe em contrato, sob eventual mediação e arbítrio externo. Configurações de mundos regidas pelas palavras, pelas palavras que se trocam também ao pé do ouvido, encostam-se, apoiam-se umas às

outras, na condição de que sejam ditas com sopro de vida. Basta! É claro, muito distinto de uma interpretação semanal, feita em colunas de um grande jornal, ou no belo exemplar de uma editora bem-conceituada. Não seria por outro motivo esse desinteresse a que meu colega se refere. Ele se tornou um especialista setorial, embora não o reconheça, é claro. Teria se passado isso igualmente comigo? *Não sei*, é também algo que nunca dizemos.

Não se trata de incluir-se no espetáculo em que a exposição de si deve tornar tudo visível, pronto a ser consumido. Mas, em havendo *um processo de mutação nos regimes de veridicção no plano das lutas*, e essa é uma hipótese forte de trabalho, parece-me que a disponibilidade afetiva de partilha se torna uma condição de ingresso para quem, entre nós, gostaria de seguir junto.

Na saída de uma aula inaugural, converso com grupos de alunos. Os alunos brancos parecem os mais animados com a fala. Os alunos negros, pelas expressões do rosto, nem tanto, mas não me dizem, talvez porque saibam que eu participei da organização do evento. Nesse dia, não conversei com as alunas, que estavam mais distantes. Gostaria de ouvi-las sobre isso, então, penso em retomar a questão em outro momento. Atravessando o corredor, pesco de uma conversa furtiva, alguém diz, comentando a fala, *mais um palestrinha...*

Estamos em Guerra, este é o cerne do que foi dito. Fico alguns dias mastigando – a boca cheia de dentes e língua, mas vazia – em busca das razões para a recepção díspar das reflexões expostas. É claro, demora a me ocorrer, para os alunos negros, *estamos em guerra* é imediatamente inscrito na história de cada vida, para os alunos brancos, não. Portanto, a demanda posta por aqueles é distinta, uma vez que não se admite um uso metafórico: a guerra é real. Pois, não sendo metáfora, portanto, seria preciso dizer de que modo quem o enuncia se vincula a essa afirmação. A questão não seria a legitimidade de dizê-lo, estamos, sim, em guerra, mas tão somente, como o que você *faz*, atende a essa leitura? Se a guerra é real, você a enfrenta com palestras? Você se reserva à especificidade do pensamento como aporte na guerra. Como isso funciona? *Palestrinha...*

À parte as características singulares, a natureza dessa guerra e de como uma guerra poderia ser vencida, ou não, com palavras, parece-me que é vinculação entre vida e pensamento, mais uma vez, o núcleo da interrogação. Isso não significaria fazer apelo a uma noção já estabilizada de práxis, uma vez que, por uma lógica de revezamento entre teoria e prática, concebidos como campos não necessariamente coincidentes – sempre é possível investir em domínios simultâneos e não coincidentes – mas apenas, aceitar a responsabilidade que decorre das afirmações que são feitas. Não o fazer, em alguns circuitos, torna-se, cada vez mais, inadmissível. Basta! Ouve-se em toda parte.

Ao pensarmos que ‘o discurso é o poder de que queremos nos apoderar’^{cxviii}, talvez fosse significativo recordar que as práticas discursivas são compostas por mais do que enunciados, são nas regras de formação do discurso que os poderes mais investem, porque são nessas dobras, anteriores, que os possíveis são gerados, e as liberdades, moduladas. Contra isso, em curso, um processo de ocupação na disputa dessas regras, das próprias condições de possibilidade da formulação do que se enuncia. Não basta mais o uso pretensamente livre das teclas já dispostas do teclado, na formação das palavras que se pretende dizer, mas a disputa se coloca na redistribuição destas teclas. Letras que não estão no alfabeto, como a de pichações em um muro, que não sabemos ler. A beleza da pichação, ao contrário do grafite, não é óbvia, porque nem toda revolta é imediatamente doce. O que não seria dizer que a revolta seja apenas negação, ou reação de suplência à falta. O afeto, por vezes, não vem acompanhado de açúcar. Não é o gosto predileto, é estranho na boca.

Estamos sendo desalojados, parceiro. Para onde iremos?



Grande Pepe!

Dale, che! Boludo!

Esse carinho entre amigos sempre me emociona. E o *Flaquito*?

Maricón, hijo de puta, disse que está cansado e não sei o quê, não vem.

Bicho...

É só modo de falar.

Resta a gramática, já diria Nietzsche.

Três segundos de conversa, vou anotar, já é o primeiro Nietzsche da noite. E meu velho, aqui entre nós, o que o Nietzsche fala sobre as mulheres. Pro inferno com Nietzsche!

Ah, não, vamos com calma com esse negócio.

Com calma nada, e só ler, *mulherzinha* isso, *mulherzinha* aquilo, você sabe muito bem, melhor do que eu.

Pelo jeito, vamos ter de fazer uma nova força-tarefa para resgatá-lo.

Não, não. Aquilo foi bem diferente, Nietzsche nunca foi nazista, e não há nada ali que autorize uma leitura dessas. Já o que ele fala sobre as mulheres é muito mais complicado.

Sim, mas aí precisa ver o contexto, o encadeamento das ideias, o uso que ele faz da ironia, figuras de linguagem. Já escreveram muito sobre isso. O que eu acho engraçado é que foram só homens que escreveram sobre esse ponto, retratando-o. Não foi?

Claro, porque senão você recorta os escritos, faz uma edição dos piores momentos, sem ordem cronológica, sem relação com os momentos de vida, históricos, e inventa um nazista, um misógino qualquer, de quinta categoria.

Sim, e você acha que horas, dias de leitura, com o texto sobre o colo, as palavras lhe atravessando, circulando pelo seu corpo, não deixam resíduos? Que não há um depósito que vai ao fundo, que estas forças não passam também por seus herdeiros?

Sinceramente, não vou entrar nessa discussão com você.

Che, machismo é isso. Essa reatividade instantânea, na boa, te custa só aguardar um pouco, criar um intervalo antes de responder? Ouvir? Como você pode dizer que não concorda, sem ter pensado sobre a questão? Por uma incrível coincidência, deixa eu pegar o *Ecce Homo* aqui na mochila. Eis o homem: 'a gente tem que estar firme sobre seu assento, a gente tem que sentir bravoso sobre as pernas, caso contrário nem sequer se pode amar. Isso as mulherzinhas sabem bem demais: elas fazem o diabo com homens que são apenas altruístas. A luta por direitos iguais inclusive é um sintoma de doença: qualquer médico sabe disso. Alguém ouviu minha resposta à pergunta sobre como a gente cura – 'liberta' – uma mulher? A gente faz um filho nela. A mulher tem necessidade de filhos, o homem é apenas um meio: assim falou Zaratustra.'^{cxxxiv}

Que irresponsabilidade! Ainda bem que sou eu que estou aqui, e sei que é um absurdo isso que você fez! Abrir uma página aleatória, e ler um trecho sem nenhum contexto! Não é sério. Então está bem, vamos abandonar Nietzsche, o que seria abandonar uma longa aliança que o acompanha, aí nada mais para em pé, vai ser ótimo para potencializar o pensamento! E tem outra, há muitos registros desse debate. O Giacóia Junior, por exemplo, não teve dúvidas, certamente não é misógino. Não é opinião, eu tenho minha opinião, você tem a sua e tudo o mais. Não é *doxa*, sacou? É hermenêutica, maninho. Filologia, pensamento rigoroso^{cxxxv}.

Sim, debate com a Scarlett Merton que, apesar de Nietzscheana, igualmente não têm dúvidas: é misógino.

Não vamos seguir com este assunto, vamos?

Ficou chateadinho, chuta o balde e leva a bola pra casa? Não é mesmo curioso que nietzscheanos importantes, decisivos, mesmo com obras de fôlego, não tenham jamais sequer *tocado* nesta questão?

Mais um motivo que me ampara, a discussão é irrelevante, sem qualquer repercussão política. Ah, eis o homem novo, desconstruído! Vamos perguntar pra sua companheira, o que ela acha dessa história de *Maricón, boludo, hijo de puta*.

Isso é outra coisa, hábito de linguagem.

Não se pode colocar uma lupa em tudo, em cada frase dita, em cada ação de uma vida, em cada relação. Porque aí tudo vira moral, uma escola de padres. É como a fantasia, como o sexo. E quem me diz que o Bigode não andava meio descornado, meio puto. Como saber?

Em todos os livros? Praticamente, não há um em que, a certa altura, ele não inclua algum tipo de impropério dirigido às mulheres. Mas, tudo bem, não quer falar, não falamos. A questão que destaco, seria em torno desse debate, não tanto a verdade do texto, mas os *limites somático-subjetivos* de suas interpretações, de acordo com os registros de posicionalidade. Não acho fortuito que os argumentos de Giacóia Junior e Scarlett Merton, quanto à questão, sejam precisamente esses que se apresentam. Não é fortuito, e a questão é boa. Não é uma falsa questão.

Mas não são os mesmos territórios, há limites, há limiares. *Estamos, necessariamente, vinculados às nossas inscrições quando pensamos?* A mim, é um mau encontro.

Um mau encontro pensar a partir do que você é? Não deixa de ser engraçado. Você acredita, então, na reposição de um suspeitíssimo devir *sujeito epistêmico, incorporal?*

Não teria condições de advogá-lo, é fato. No entanto, de nenhum modo podemos *pensar como o que não somos?*

Peremptoriamente, não.

De nenhunzinho modo? Então, apenas podemos pensar a partir do que *somos*? Esse é o nosso limite, intransponível?

Como seria de outro modo?

Está bem, nesse caso, encerramos. Mudamos de assunto.

Esse é o último final de semana do festival, depois fecham as portas.

Depois, só cinema no shopping.

O mesmo que se passou com o mercado público.

Acho pior o que está acontecendo no mercado, especialmente, depois da reforma. Porque, aqui, bem, fechou, acabou, ninguém vem mais. Mas o mercado segue aberto, renovado. As pessoas acharam lindo, o teto retrátil de fibra de carbono, as cadeiras confortáveis, a pintura nova. Aplicativos para fazer pedidos, atendentes que falam idiomas estrangeiros, uns aquecedores externos, cerveja artesanal, elegante, *couvert artístico*. Lotado, sempre lotado de turistas e executivos no final de expediente. Cheio de seguranças e polícia. A rapaziada mesmo foi para rua de trás, só que é muito frio e escuro. Quando bate o vento sul, quase insuportável. À noite, é aquele movimento da pedra, as mulheres já não vão mais sozinhas.

Você sempre foi ao mercado mais do que eu, por causa da capoeira.

Então, me meti numa situação difícil por conta disso. A prefeitura proibiu as rodas, proibiu não, exige que se faça um ofício, uma solicitação que precisa ser formalmente atendida pela administração. Há um cronograma e um espaço específico destinado a isso, ao lado do mercado.

E aí?

E aí que eu meio que dei uma rachada no grupo. Ando chateado com isso. Conversamos sobre a situação, e eu disse que, se for para participar desta palhaçada, eu não vou. Porra, agora a capoeiragem vai pedir autorização para a prefeitura? Depois de toda a luta que foi? Às 19h, Roda de capoeira! Gringalhada aplaudindo,

jogando moeda. Enfia no rabo, caralho! Vamos para outro lugar! Na verdade, nem queria falar sobre isso. Porque quando conversamos no grupo, eu defendi essa posição; e eu sou um dos mais antigos alunos. Conheço o mestre desde pequeno e o vi pela primeira vez lá, no mercado. E não era como hoje, que tem *capoeira fitness* em academia e não sei o quê. O grupo era de uma maioria de pessoas negras, dos morros do centro, como o mestre, e ainda havia poucas crianças. Eu tinha um fascínio por aquilo, então, pedi para os meus pais, que bem, você conhece, não são exatamente conservadores, mas ficaram preocupados. Foram conversar com ele, acompanhavam algumas aulas, sempre ficavam nas rodas do centro, mesmo se houvesse carona. Ele foi fundamental porque entendia a capoeira como processo de educação, de fazer um jeito de estar no mundo, e eu fui ficando. É uma das coisas mais importantes para mim, muito mais do que a escola foi.

E o que aconteceu?

Bem, eu defendi essa posição, o mestre insistiu que devíamos cumprir essas exigências, que o importante era ocupar o espaço, que o espaço era nosso e que, permanecendo, ficaríamos em melhores condições para a disputa dessas regras. Que nós existíamos e, neste momento, precisaríamos de ainda mais visibilidade.

Não vejo como...

Eu insisti muito, a conversa subiu de tom, e algumas pessoas, mais jovens, começaram a ir ao encontro dessa minha posição, mostrando revolta e nenhuma disposição para negociar. No fim, ficou decidido que iríamos seguir com a roda, nessas novas condições. Eu me demorei a ir embora, fiquei me enrolando para arrumar as coisas, e ele veio falar comigo, segurando um berimbau mais antigo, que ele pouco toca. *Depois de todos esses anos, às vezes, eu penso que você ainda não entendeu que a capoeira não é o teatro de uma luta, não é uma representação de uma luta, como se fosse uma luta, não é um esporte, que ela é A luta em ato? Há muitas formas de ser valente, ouça quem luta essa luta há mais tempo. Então, começou a tocar:*

Uma vez perguntaram a Seu Pastinha

O que é a capoeira

E ele

Mestre velho e respeitado

Ficou um tempo calado

Revirando a sua alma

Depois respondeu com calma

Em forma de ladainha

A capoeira

É um jogo, é um brinquedo

É se respeitar o medo

E dosar bem a coragem

É uma luta

É manha de mandingueiro

É o vento no veleiro

É um lamento na senzala

É um corpo arrepiado

Um berimbau bem tocado

O sorriso de um menininho

A Capoeira

é o voo de um passarinho

Bote de cobra coral

Sentir na boca

Todo o gosto do perigo

E sorrir para inimigo

Ao apertar a sua mão

É o grito de Zumbi

Ecoando no quilombo

É se levantar de um tombo

Antes de tocar o chão

É o ódio

*E a esperança que nasce
Um tapa explodiu na face
Foi arder no coração
Enfim
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar
Capoeira é um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar
É um barquinho pequenino
Solto nas ondas do mar
Um barco que segue sem destino
Solto nas ondas do mar
É um barquinho de um menino
Solto nas ondas do mar
Devagar na vida, peregrino
Solto nas ondas do mar
É um peixe, é um peixinho
Solto nas ondas do mar*

Não é fácil.

Eu mal conseguia olhar para ele, juntei minhas coisas, rápido, quis pedir desculpas, mas não consegui. Ainda me olhando, o ouvi dizer *você é muito orgulhoso, menino. A Capoeira já fez muito por você, mas o que você está fazendo pela Capoeira? Você acha que a sua revolta é maior do que a minha?*



EST

via Calle

Tudo os Videos
zmes

ca

Não é este o título do livro que apresento, mas poderia ser, ou não. Quem sabe? *Bonfim/Berlim*, eu lhe chamaria, se a mim coubesse, o que não é o caso, por isso não o faço. Mas se fosse, o que não é, radicaria neste ponto da imagem um túnel, ou melhor, um buraquinho, para exploração de suas passagens. Em toda imagem, nos diz Barthes, há um *punctum*, um ponto que nos captura, do qual provém as vozes que nos chamam, em torno do qual tudo mais revoluciona.

Escondidos em porta-malas, em ratoeiras subterrâneas, vestidos de mulher, vestidos de homem, no esgoto, com passaportes falsos, em balão a gás, ou na corrida impossível entre farpas de aço, fosso, guardas armados e seus pastores, milhares tentaram escapar, a seu modo, dos labirintos cinzentos dos arautos do *outro* mundo. Mas, chegando lá, escondidos em porta-malas, em ratoeiras subterrâneas, vestidos de mulher, vestidos de homem, no esgoto, com passaportes falsos, em balão a gás, ou na corrida impossível entre farpas de aço, fosso, guardas armados e seus pastores, milhares seguem tentando escapar a seu modo dos labirintos cinzentos dos arautos *deste* mundo.

Mas já não há muro. Agora, tudo é liberdade.

Alguma coisa que adormece, que se medica, que se dá de comer, que se veste, que secreta, move, é empurrado, embala-se, corre, toca e é tocado, guardado em uma imagem, distribuído, que pula, causa prazer, cresce, perde peso, encolhe, que se retira, mira as galáxias, mergulha no mar,ouve uma canção, que a escreve, assina seu nome, é perseguido, sussurra, corta as unhas dos pés, enterra seus pais. Lê o jornal, sova o pão, recolhe o lixo, afaga os cães, afasta os ratos, lê o poema. Dá nome às coisas, recorda, faz fogueira, digita a senha do banco, espera o sinal, chora, engasga-se, canta o hino, ou não canta o hino, esfola os joelhos, dá a moeda e lambe o sorvete. Aprende a andar, fecha as torneiras, vê as formigas, desaparece. Carrega guarda-chuvas, apaga as luzes, percebe uma ideia, alucina, estica os lençóis, perde as chaves, toma o trem. Fecha os olhos, compra os sapatos, sobe as escadas, cumprimenta o porteiro, conduz o ônibus, rema, percute o tambor. Cruza o globo, ou não sai do lugar, faz a pergunta, sente medo, frio e calor. Espera o Natal, dá o troco, cospe no chão, decifra o poder. É dito grego, indiano, costa-riquenho. Lava a louça, dispara o projétil. Amola a faca, corta os legumes, desfaz as malas, escreve as leis. Acrescenta açúcar e dois ovos. Coça, arde, espirra e esquece a piada. Feito de memória e futuro. Boia ou afunda, goste ou não goste, tece a rede, extermina a praga, recolhe os detritos, engana, promete. Morada. Esfrega o chão com panos úmidos, apara a grama, vai ao laboratório, é objeto de censo. Chega atrasado, imprime dinheiro, vê o cruzamento estando na faixa de pedestres, abre as janelas, acusa os demais, acende o fósforo, cerra os punhos, morde o bolo, chora. Espera, fala com a avó, molha-se, é trancafiado, sopra o trompete, troca as lâmpadas, imagina, protesta. Conserta o fogão, trama um cesto, recolhe os peixes, abre a porta e chama um táxi. Vota, não vota. Compra um livro, entra no túnel, tempera os tomates, escuta uma história. Aguarda o elevador, aduba a terra, sublinha o texto, vai à feira, faz o café, dilui a tinta, costura as meias. Gira a catraca, deixa um recado, esquece a carteira, é surpreendido. Vai ao cinema, recolhe uma concha, esfria a sopa, ajusta o relógio, bebe cachaça, assopra as velas, não fala. Tosse, hesita, rega as plantas, carrega uma bolsa, conversa, separa as moedas, amaldiçoa. Constrói uma ponte, corta o tecido, assina um contrato, desce do ônibus, sangra, cruza as pernas, abraça. Queima uma carta, acena, repete as palavras.

Excitável, excitante, sonoro, líquido, torpe. Mambembe, cartorial, perigoso. Informante de tudo que há. Adaptado, insone, festivo. Reclama a herança, cai da própria altura, provoca o incidente, guia o carro, sorri, espalha o sal, faz flutuar a bolha de sabão. Profere a sentença, instala as placas, seca a pele, afasta-se, segue as regras gramaticais, paga as contas, compra um presente. Tropeça, pula a poça, cava o poço, partilha, acumula. Ampara, traça o desenho. Estende a mão, veste o casaco, solicita informações, lava a maçã, contorna a lagoa, é desigual a si mesmo. Aprende um truque, se esconde do sol, dança. Insondável, em cada gesto, um corpo é feito.

Poetinha, Flaco. Tem uma cópia, ou só o original? Falando nisso, e a capoeira com o Pepe?

Acabei procurando outro grupo, um pouco mais perto de casa. Faz pouco que comecei, tinha certeza de que havíamos comentado.

Não, acabamos não falamos disso. Mas porque não com o Pepe?

Este fato de ser mais perto de casa é a principal razão, e, além disso, acabei-me percebendo no meio de uma coincidência curiosa. É incrível, mesmo com um deslocamento muito pequeno, às vezes, frestas se abrem, e já se começa a ver um pouco melhor. Estava lendo um pouco sobre Desterro, e descobri que moro, literalmente, em cima de um território que havia sido um mocambo.^{cxxxvi}

Mocambo, Flaco?

É um pouco como o corpo, nunca sabemos bem tudo que ele é, e tampouco, nos ensinam, a nós brancos, em parte alguma, menos ainda na escola, é evidente que não o fariam. Mas, enfim, em *Kibundu* e *Kikongo*, o termo *mukambo* remete a um tipo específico de suporte com forquilha, utilizado na construção de moradias. Já no século XVI, portanto muito antes que o médico francês Joseph-Ignace Guillotin aperfeiçoasse um instrumento de decapitação para pô-lo a serviço dos ideais de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, a administração colonial portuguesa já o registrava em seus relatórios, como sinônimo do temor provocado pelas revoltas, deserções e insurgências à ordem escravagista. *Mocambos* tornavam-se *quilombos*, comunidades

de natureza essencialmente *nômade*^{cxxxvii}. Incrustados nas matas, montanhas, espalhados por serras e sertões, é importante ressaltar, os quilombos jamais foram sinônimo de isolamento. Trilhas, caminhos, redes de relações e informação, entre quilombos, povos indígenas diversos e povos africanos ainda cativos, somados à hábil mobilização de práticas comerciais com setores das sociedades brancas circunvizinhas, apoiaram o florescer desses territórios de proteção e autonomia na situação da diáspora. A configuração destes modos de vida em resistência exercia força de atração irresistível, que incidia tanto nas pessoas livres tornadas escravas pelo tráfico comercial português, quanto mesmo nos extratos mais aviltados da própria sociedade portuguesa no país. Essas comunidades móveis, de ataque e resistência, que faziam de alguns quilombos “*unidades de guerrilha*”^{cxxxviii}, multiplicaram-se em todo território, dito, brasileiro, mas não apenas. Houve mocambos em toda a América. Como você esqueceu o disco do Steve Ray Vaughn, live at *El Mocambo*?

Eu me lembro do som, mas esqueço as palavras. Leio, mas esqueço quem disse o quê, quase sempre. Passei anos escutando o Steve Ray naquele disco com o Albert King, mas nunca tinha prestado atenção na conversa miúda deles entre as canções. Você já ouviu? O carinho e a atenção do King, lenda universal do *blues*, tocando com um branquelo Texano, à época ainda pouco conhecido, um qualquer, aspirante a *bluesman*, é tocante. Por quê? Porque é o *blues, man*. O que importa é o *blues*. Ninguém é dono do *blues*. Que ensinamento fodido. Como o Canjiquinha, que no final da vida disse que ‘ser o famoso Canjiquinha pra mim é normal. A gente não deve se empolgar com o sucesso. Porque morre. É normal’^{cxxxix}. O Albert King, com um terno impecável e sua inseparável *Flying V*, dizendo para o Stevie, ao pé do ouvido, ‘eu quero que você aprenda essas coisas. Nunca diga, eu entendi, está aprendido. Promete? Muitos guitarristas tocam rápido; *poucos têm soul*’^{cxl}. Então eles tocam *Don’t lie to me*. O king não precisava dar corda pra ninguém, mano. Saca?

Grande clássico.

É como o Miles.

Miles Dewey Davis III. Pura marra, sempre de óculos escuros, andando só de Ferrari vermelha e poucas ideias com jornalista babaca. Mas, surpreendentemente, generoso com os garotos novos que chamava para tocar com ele. Herbie Hancock conta que pouco antes de ser convidado para integrar o quinteto, o segundo grande quinteto do Miles, ele o chamou para tocarem juntos na sua casa. Logo no início da Jam, Miles se retirou, sem muita explicação, deixando-o sozinho com outros jovens músicos da banda. Apenas muitos anos depois, Hancock soube, dito pelo próprio Miles, que ele havia ficado escutando pelo interfone da casa. Deixara-os sozinhos, pois não queria que se intimidassem com a sua presença. Ele não buscava uma audição mais fidedigna da capacidade técnica dos músicos, mas sim, o fez desse modo, porque percebeu que os garotos não estavam se divertindo. Sem essa leveza, ninguém toca o que pode. Ou melhor, alcança o que ainda não pode. Imitando a peculiar voz rouca do Miles, Hancock conta também que, certa vez, em um período em atravessava frustrações com sua música, sentindo dificuldades em criar algo novo e temendo passar os anos apenas repetindo a si mesmo, Miles, de passagem em meio a um ensaio, lhe disse: *hey, man, cut the butter notes*. O jovem Hancock não entendeu nada, mas não iria perguntar ao Miles algo que, pretensamente, deveria ser óbvio. Em seu lugar, ficou ruminando.

Um conselho, uma sugestão, que Nietzsche igualmente daria.

Sim, sim. Então, depois de algum tempo, ele o compreendeu como um convite a que cortasse a enrolação, a exibição de um virtuosismo vazio. Não importa o que você conhece, mas o que fez com o que conhece.

Curioso. Miles, sendo o Miles, raramente incorporava ao seu repertório por muito tempo temas de outros músicos. Mas tocou *Straight, No chaser*, do Monk, por décadas. *Straight, No chaser*, isto é, *Direto, sem enrolação*.

Papo reto, sem *kaô*.

É isso aí, meu consagrado, a Parrehesia é popular. Chick Corea, Wayne Shorter, todos têm histórias desse tipo. Só existe transmissão, troca genuína, com camaradagem. O Miles atravessou o século, do início, tocando com o Gillespie, com Charlie Parker

seguindo o Bebop, aos sintetizadores eletrônicos no *Bitches Brew* e além, sempre nesse clima. Embora a fama de que fosse *detestável*, era um camarada.

Ou o caso do Marley, na associação improvável entre um homem negro de *dreadlocks*, vindo de uma ilha distante das Caraíbas, e filhos da classe trabalhadora inglesa, que conheciam apenas três acordes, no coração do centro financeiro do velho mundo, na *City*. É o que ele diz sobre essa experiência em *Punky Reggae Party*: ‘os Wailers estarão lá, The Dammed, The Jam.

O Clash!

Os Wailers ainda estarão lá, Dr. Feelgood também’...

Eu vou estourar a sua bolha, não estamos procurando confusão, mas se você for um problema, nós o daremos em dobro’. Devir *punk* do Rastaman, devir Rastaman do Punk. É o que o Clóvis Moura, falando dos quilombos, chama de espaço de *transculturação*. Os quilombos tinham também o objetivo de ‘formar identidades pessoais ricas e estáveis, que não podiam estruturar-se unicamente dentro dos limites de sua cultura. Tiveram uma abertura externa em duplo sentido – para dar e receber influências culturais de outras comunidades – sem abrir mão de sua existência enquanto cultura distinta e sem desrespeitar o que havia de comum’^{cxli}.

Sim, Clóvis Moura entende o Quilombismo a partir da ‘perspectiva de um devir’^{cxlii}, impulsionado em decorrência da necessidade de destribalização que o movimento de resistência requeria. ‘A destribalização era perigosa para as autoridades’^{cxliii}. Principal lição aprendida pelos escravos em revolta em seu devir quilombola, ‘tinham como seu aliado o movimento, e como adversário o sedentarismo, a guerra de posição’^{cxliv}. Pura Filosofia da Diferença!

Tá de brincadeira, galinho. A Filosofia da Diferença que é quilombista!

Bem, de todo modo, sobre o Marley. Depois com encontro com o Punk? Segue o barco, cada um fazendo a sua parada, mas diferente do que fora antes. Eu cresci em uma loja de discos. Morava em uma cidade pequena, e agora eu vejo, essa loja já era o mundo *antialgorítmico*, o que é uma forma de dizer, as soluções são anteriores aos

problemas. Vendiam discos novos, usados, faziam trocas, encomendas. O dono da loja era um coroa, e, com ele, trabalhava um garoto de cabelo comprido que vestia sempre a mesma camiseta preta, e que anos depois, seria seu sócio. Os equipamentos de som ficavam disponíveis, você escolhia qualquer disco, colocava o fone, daqueles enormes, acolchoados, que depois se tornariam mais bregas que a palavra brega, então, caríssimos, e ficava o tempo que quisesse. Tanto o garoto que, certamente, não podia comprar disco nenhum, quanto a tia que levava a discografia remasterizada do Roberto Carlos, Renato e seus Blue Caps e um Fela Kutí. Vá entender o que existe em *uma vida*. Simples assim. No ambiente, rolava algo escolhido por eles, mas se os equipamentos de audição não estivessem disponíveis, colocariam o que você pedisse. Então você perguntava, escutando algo estranho, que som é esse? Egberto Gismonti com Naná Vasconcelos, este aqui. Que som é esse? Sara Vaughn, *Live*. Neil Young, *Heart of Gold*, Paulinho da Viola e Elton Medeiros, *Samba na Madrugada*, Joni Mitchell, *Blue*, alguma coisa do Baden com o Poetinha, Jobim, *Urubu*. E esse? É antes ou depois do Syd Barrett? Joe Strummer avisando que Londres chama as cidades distantes para avisar que a beatlemania fajuta vai comer poeira. Um universo feito de *Telecasters*, bumbos legueros, caxixi e trompetes. Improvável, tal um roqueiro baiano fã de Elvis Presley. Prestar atenção à letra da canção, ou esquecê-la de todo, porque na presença da voz assombrosa do Tim Maia, límpida e intensiva como nunca, importa menos que ele diga em *looping*, por mais de uma hora, leia o livro o universo em desencanto. Araçá azul é sonho, segredo. E esse? Esse é especial, este é o Seu Plauto, Plauto Cruz, prata da casa, mestre extraordinário da flauta transversal. Vai tocar *O choro é livre*, aqui, no sábado. Entre gigantes, o maior era o Plauto, um velhinho que tocava chorinho, para você, provavelmente, um desconhecido, para nós, um gigante, porque poderíamos ouvi-lo no sábado. O Paulo Dionísio, *Rastaman*, compositor e vocalista da Produto Nacional. Trampava num banco, às noites tocava, aos finais de semana tinha uma oficina de música no Central, que é ainda o mais brutal presídio deste lugar. Muitos anos depois, acabei indo trabalhar em uma unidade de saúde que era referência para essa área de abrangência. Um dia sugeri que trouxéssemos o Paulo para conversar conosco. Teria sido mais bem compreendido se sugerisse que estudássemos a dinâmica gravitacional de Saturno e suas luas. Não sei se você

consegue senti-lo. Consegue? Isso eu aprendi com o coroa, e o garoto cabeludo, que depois virou seu sócio. É o segredo do mundo. Então, quando o Simas nos fala que é importante, *civilizatório*, não sem alguma ironia, assim, ao menos, eu o recebo, aprendermos e ensinarmos a ouvir o surdo de terceira^{cxlv}, eu o compreendo imediatamente, embora não saiba, e não me envergonhe, sequer quantas alas têm uma escola de samba, o que faz uma baiana, diferenciar um surdo de um repique, e tampouco tenha alguma disposição especial ou interesse em fazê-lo por agora. Eu me interesso pelo gesto, o princípio. Para gastar um pouco o meu grego de fachada, o *ethos*. Há benjaminianos de todos os tipos. Benjaminianos *atletas*— os competidores do estilo, grupo mais numeroso — os germanistas, os historiadores, críticos culturais, *et coetera*. Ele é uma espécie de Benjaminiano sem comunidade, isto é, não é um *Benjaminiano* — indexado — mas um contador de histórias. Me faz lembrar o Benjamin em seu programa semanal de rádio para crianças.

Frankfurtiano curioso esse, que se dedica por alguns anos a um programa semanal de rádio para crianças.

Ou seja, nada *frankfurtiano*, como o categorizam, com frequência. Ensino pouco percebido no interior de uma tradição. No episódio sobre Caspar Hauser, ele começa com algo do tipo ‘hoje, para variar, vou simplesmente contar-lhes uma história. Mas, antes, devo dizer três coisas. Primeiro, tudo nesta história é a mais pura verdade. Segundo, é uma história emocionante tanto para adultos quanto para crianças, e as crianças vão entendê-lo tão bem quanto os adultos’ e então, ‘terceiro, apesar da personagem principal morrer no final, essa história não tem um verdadeiro fim’^{cxlvi}.

Essas fontes orais são maravilhosas; por vezes, é possível perceber o contorno, o drible que se dá ao cálculo que os textos escritos quase sempre têm. Agora é minha vez de gastar o meu grego de fachada. A oralidade tem *pathos*! Gosto de pensar que acertamos quando fizemos essa escolha. Você lembrou do Gismonti, e esta semana, estava ouvindo uma longa entrevista dele na qual conta que, na verdade, o músico mais talentoso e importante de sua família, a quem ele diz que deve tudo, era seu tio. Seu tio Edgar, que nunca pode frequentar um conservatório, certo dia, anunciou à família que não sairia da cidade do Carmo, que formaria uma Banda Municipal, que

seria maestro desta Banda, que daria um jeito de arrumar instrumentos, teria uma escola de música aberta a todos que quisessem, independente de qualquer outra coisa, e que ganharia sua vida dessa forma. Encarregar-se-ia, por toda sua vida, de que os dois mil habitantes do Carmo não vivessem sem música. Saiu com um pequeno caderno, de casa em casa, registrando a data de nascimento de cada morador. Quando chegavam os aniversários, aparecia de surpresa, com seu clarinete: Dona Maria, vim lhe trazer um presente! Estaria aí o nosso primeiro *punk*? Mas o que eu gostaria mesmo de dizer, dizer não, repetir, ao meu modo, é a conclusão do Gismonti que, ao gosto de hoje, talvez chamássemos de anticolonial: ‘eu não acho que existam *n* músicas que poderiam ser chamadas de popular e eruditas. Eu acho que existe *a* música. Eu já a vi de outra maneira. Hoje em dia eu só consigo ver *música*. Eu acredito que só existam duas músicas, dois tipos de música: uma que eu preciso *hoje* para viver; e a outra, que *certamente* vou precisar amanhã^{cxlvii}. Mais do que uma conclusão, eu diria, é uma *solução* anticolonial. O antialgoritmo é, ao seu modo, igualmente uma solução anticolonial: exposição orgânica à diferença. Primeiro o carbono, depois o silício. Não sei você, eu não sou ciborgue. Quem nunca viveu a experiência de ser apresentado a um som pelo qual não foi tocado de imediato, que não compreendia, mas que com o tempo passou a gostar, talvez tenha dificuldades em acolher essa afirmação. Você se oferece para o algoritmo porque você tem preguiça, em alguma medida, porque você *quer* ser governado dessa maneira. Uma exemplificação sonora dos limites confortáveis do eu. *Ouvir* também se aprende, mas é preciso, mais do que um dispositivo, *disposição*. Como o som das baquetas contra as garrafinhas de refrigerante em *Don't stop 'til you get enough*. Michael Jackson, em meio à maior máquina pop jamais vista, fazendo valer o recurso mais simples imaginável.

A Gal estava na cidade estes dias, para uma apresentação que comemoraria o *Fa-Tal*, a ser executado na íntegra, apenas com baixo, violão e bateria. Queria levar a minha filha, então, deixei meu nome em uma lista de pré-reserva. Dias depois, recebi uma ligação do banco, seu crédito foi aprovado para a compra de dois ingressos para o show do Gal.

Si fudê.

Dois ingressos, dois salários-mínimos. Por favor. Claro que merece, merece o que for, então não é essa a questão. Agora, *pô*, é um *power* trio, precisa cobrar algo que só meia dúzia de pessoas podem pagar? As pessoas que realmente precisariam ouvir esse disco e vê-la ao vivo nunca terão a oportunidade? Ah, o reacionarismo...os universos sonoros constituem realidade e modos de vida mais do que os expressam. É uma arena de disputa que não diz respeito apenas à lógica mercantil do *entretenimento*. Do outro lado, os caras lotam estádio de futebol com show gospel a 20 conto, colocam até *skate* nas olimpíadas, e *surf* em piscina de ondas. Destroem os estádios de futebol, tornando-os assépticos e inacessíveis. Não vamos esquecer que 'Os microprocessos revolucionários podem não ser da natureza das relações sociais. Por exemplo, a relação de um indivíduo com a música ou com a pintura pode acarretar um processo de percepção e sensibilidade inteiramente novo'^{cxlviii}. Os Pontos de Cultura poderiam ter-se tornado uma incrível máquina de guerra, mas foram abandonados quando se percebeu que não eram bons de propaganda. É sempre um cálculo, se botar dez dólares aqui, sai quantos votos do outro lado?

A sua filha tem, ou tinha, quatro anos, não? Deve ter agora, o quê, cinco ou seis?

Quatorze.

Mas, ainda ontem...

'Quando eu digo 'Alice cresce', quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas, por isso mesmo, ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se *torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é, ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. *Tal é simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente*. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. *O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo*'.^{cxlix} A

Música é instauradora de devires, e o músicos, seus agentes. E os mais importantes, entre todos, não são os que fecham os olhos e podem ver todas as partituras de Stravinski, tampouco aqueles que ao cair um garfo no chão dizem *si menor* ou o que o valha. São os músicos da esquina, o tio Edgar, o violãozinho qualquer de onde se escuta pela primeira vez alguém cantar *o pato vinha cantando alegremente, quem, quem/ Quando um marreco sorridente pediu/ Pra entrar também no samba, no samba, no samba*

Ok, mas quantos anos, afinal, ela têm?

Quantos anos você têm? Você está sempre, em todas as situações, seguro de sua própria idade, da hora que faz, e de seu tamanho no mundo?

Não, quase nunca, mas eu finjo, é de bom tom.

Então, estamos em bom caminho, já é alguma coisa.

Quando você lembrou da loja de discos, recordei que foi o Bob que me fez pedir um dicionário de presente de Natal, eu devia ter uns 12, 13 anos, sei lá. É mais um milagre do rastafarismo. É um pouco como hip hop, o que tem de melhor, é claro. Cada música vale uma biblioteca de Alexandria. É ouro.

Que vale mais do que dinheiro! Sim, e há várias camadas, eis um princípio do antialgoritmo, o efeito de segmetaridade da comunicação, o efeito da dissolução de sua unidade. Não há um sujeito, sempre ideal, a quem o enunciado esteja endereçado. Mas também, como é frequente ocorrer nos flancos mais acelerados, nas bordas dos territórios, em que algo chega ao seu exato avesso ao capturar o seu contrário, essas várias camadas simultâneas são igualmente uma expressão avançadíssima do algoritmo em seu *dever imperceptível*. É o caso dos filmes de desenhos animados para crianças. Há um cálculo, um objetivo de atender a todos e manter o *produto* interessante. Os produtores calculam, o público-alvo são as crianças de, digamos, 6-10 anos. Os filmes serão exibidos em shoppings centers, ao custo de tantos e tantos xelins o ingresso, logo, as famílias são deste estrato social, daquele perfil de renda. Com a demografia, os pais devem ter esta e esta idade, com talvez um outro filho mais novo,

ou um pouco mais velho. O enredo, e alguns diálogos, as referências, têm camadas distintas. Há muitas alusões direcionadas à infância dos adultos desse perfil, o recurso a uma trilha sonora que seja algo novo, que as crianças possam cantar repetitivamente e também alguma canção capaz de disparar memórias e algum saudosismo dos pais, uma piada interna, por exemplo. Não é incomum que você seja levado a pensar: estão falando comigo! Mas bem, o Rap fala com pessoas e distribui informações em níveis diferentes, em três minutos. De treta da semana passada, a indicações de livros, discos antigos e o compromisso histórico da memória. Nessa época do Bob, lembro de perguntar para o professor de história: professor, quem foi Paul Bogle?

Sim, sim, em *So much things to say*, ele canta 'eu nunca vou esquecer de forma alguma, eles viraram as costas ao Paul Bogle'.

Onde você ouviu isso? Ele disse. Acabei com uma carteirinha da biblioteca pública e tudo mais. Ah, sim, a revolta do Morant Bay, na Jahmekya. Tentavam prender dois homens negros que ocupavam um campo abandonado para plantar, Paul Bogle interferiu, impedindo a ação da polícia. Iniciou-se uma marcha em protesto até o palácio do governo, que não os recebeu. Então, os manifestantes atearam fogo no parlamento. Decretou-se lei marcial, e pôs-se em marcha uma busca pelas lideranças, que se concluiu com o massacre em Morant Bay, no qual mais de 400 pessoas foram mortas pela autoridade colonial. Paul Bogle é enforcado. O ano é 1865, não perca a conta. John Stuart Mill à frente, a metrópole conduz um inquérito, nada acontece, o governador da colônia regressa a Londres. História de Morant Bay, história do liberalismo. Embarque quem quiser. Aparentemente, a *stultifera navis* segue o seu curso. Maluquinho outro dia defendia na praça o direito de que uma pessoa possa vender seus órgãos. Temos que respeitar o debate, porque a democracia...Faça-me o favor.

É curioso como alguém que escreveu o que o Marley escreveu possa ter acreditado que Haile Sellasie, o *Ras Tafari*, então imperador da Etiópia, fosse a segunda encarnação de Cristo. E os filhos fora do casamento com a Rita? Toda semana há um novo Marley por aí. São mais de dez, eu acho, mas parei de contar.

Nós nem estávamos falando sobre isso. Não é revista de fofoca.

Revista nem existe mais.

Você entendeu.

Não esqueça, depois de torcer o paninho, guarde-o bem guardadinho para a próxima.

Às vezes, se torna impossível conversar com você. Bicho, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. *Belê?* É toda hora esse negócio, não é possível.

Está bem, não falamos mais. Vou pegar outra aqui.

Cuidado para não congelar. Pode deixar anotado, ou se tiver dinheiro, tem troco ali na lata. Cara, não é isso, as pessoas são contraditórias, elas mudam.

Raramente.

Mas isto é tudo o que nos interessa, o incomum. Esses dias estava lendo uns textos do Abdias do Nascimento, um pouco sobre a vida dele, especialmente algumas entrevistas nas quais ele menciona a questão de sua participação no integralismo, sua amizade com o Plínio Salgado. Papo vai, papo vem, e...

Cara, na boa, também acho que essa conversa não é para você, ao menos, não em um ambiente público, não neste momento.

A entrevista começa com o sarrafo bem alto. Como o dossiê compõe um conjunto de conversas sobre o exílio, em sua primeira manifestação, Abdias fala que sua experiência de exílio não começou em '64 ou '68, mas que nascera exilado, pois, homem negro nascido aqui. Conta-nos que, em retrospecto, percebe que sempre fora revoltado. Irremediavelmente revoltado. Ainda soldado do exército, e cada vez mais arredo às normas que sustentavam as múltiplas formas de opressão que o sufocavam, ele diz que, bem, veja aqui, é melhor que você mesmo o escute: 'não tinha informação, nem ambiente, nem leitura. Isso constituía um quebra-cabeças. Mas eu sempre na busca. Não me permitiria ficar ali imobilizado, com uma bruta energia, com aquela

necessidade interior de encontrar meu caminho e sair daquela teia de aranha...Mas, para onde ir? Para que lado? Refletindo hoje, agora, é fácil dizer que o caminho certo era o da esquerda. Mas aí é que é. A coisa é meio complicada. Todas as minhas coisas foram e são complicadas. Andei por todo canto e tive problemas tanto na direita quanto na esquerda. Naquele momento de perplexidade, antes mesmo de sair do exército, já me alistara no movimento integralista^{cl}. Repare como nessas situações em que o sentimento de revolta, de inconformidade, atinge uma expressão intensa, a proximidade das alternativas tende a sobredeterminar seus significados, dotando a revolta de racionalidade e meio de expressão. É uma captura. O integralismo estava *próximo*, o que não é fortuito, mas resultado de um investimento bastante específico.

Mas eu conto isso, na verdade, para chegarmos a um segundo episódio, no qual, em um contexto político pós-anistia, ele é cobrado por dirigentes da UNE quanto ao seu passado integralista. 'Ao invés de discutir questões de fundo, passaram a usar meu passado integralista como *slogan* de confrontação. Certa vez exigiram uma retração pública de minha parte. Eu me neguei. Não tinha nada a declarar naquela espécie de autocrítica sob coação. Nada havia no meu passado para lamentar ou arrepender. Não me submeteria àquela chantagem. Passei por aquilo e larguei para trás. Mudei. Foi difícil, doloroso. Aprender a vida não vestindo ou tirando a camisa verde, mas dilacerando a própria pele^{cl}. O que me espanta, enormemente, nessa postura de Abdias, é essa coragem na relação de si a si mesmo. Relação na qual não são pagos tributos à autocondescendência, comiseração ou adequação e resposta simétrica a interpelações. O policial diz *ei, você!*, Abdias não vira o rosto. A propósito, a polícia tem muitos disfarces, é continuada por outros meios, com os préstimos de agentes que sequer estão a soldo da corporação. Se o tio Sam meter o dedo na sua cara e disser *I Want You*, se faça de trouxa, não responda. Irão pensar que você é um idiota, não importa, você escapou. Mas, bem, essa dimensão trágica, em altíssima expressão, é marca distintiva da grande saúde, de alguém que no trabalho sobre si, na constituição de *uma vida*, experimenta a possibilidade da perspectiva extramoral. Se torna evidente que é possível recitar ditirambos à exaustão, mas sem que se alcance esse plano, mesmo que muito raramente, mesmo que apenas em tentativas cujo êxito seja variável, nada resta a não ser a conservação do *bem*, a conservação do *mal* e cômodo

lugar de comentarista. *Nada havia no meu passado para lamentar ou arrepender.* Quem é capaz de dizê-lo, sem restrições? Apenas nesse *mais além* pode haver alguma expectativa de que análises se produzam, e de que algo se desloque. Não seria por outro motivo meu espanto ao ler o poema do Pasolini, *O PCI aos jovens*, no qual ele se intromete no conflito entre estudantes universitários e a polícia em Valle Giulia, se dirigindo aos primeiros. Seria preciso que você o lesse na integralidade, e atravessasse o eventual mal-estar que ele provoca, para chegarmos ao que está em jogo.

Por que você acredita que Abdias se permite recusar o pedido de exame de consciência e confissão pública, de manifesto de arrependimento?

Penso que se trata de um modo de escapar à submissão pela qual essas tecnologias de governo *dos outros* tentam se impor. Acredito que havia confiança no compromisso de seu trabalho e no que sua vida se tornara com o tempo, ou seja, uma *vida militante*. De certa maneira, demarca uma oposição à *retórica ativista*, que se encontrava, portanto, do outro lado. *‘Seria a ideia de uma militância de certo modo em meio aberto, isto é, uma militância que se dirige a, absolutamente, todo o mundo, uma militância que não exige justamente uma educação, uma Paideia, mas que recorre a meios violentos e drásticos, não tanto para formar as pessoas e lhes ensinar, quanto para sacudi-las e convertê-las, convertê-las bruscamente’*^{clii}. Abdias estava ensinando, ensinando não, demonstrando, soberania ao modo cínico, eu acredito.

Soberania?

‘Um militantismo aberto, universal, agressivo, um militantismo no mundo, contra o mundo. É isso, creio, que constitui a singularidade dessa soberania cínica’^{cliii}.

Quando você fala disso, eu me lembro da minha avó, que viveu maravilhosamente bem, maravilhosamente livre, ao menos, seus últimos anos de vida. Não sentia nenhuma obrigação de cozinhar o almoço ou limpar a casa, que vivia meio suja, não servia meu avô, saía para fazer as coisas dela e não dava muita explicação, viajava com as amigas, às vezes, ligava até atrasado nos nossos aniversários. Sabe essas velhas que falam palavrão? Mas ela não foi sempre assim, se tornou assim nos seus últimos anos.

Não é tão incomum acontecer à medida que as pessoas envelhecem.

Mas também não é tão frequente, no geral, as pessoas seguem sendo os mesmos babacas de sempre. Sei lá, pode ser. Mas o curioso é o seguinte, há alguns anos, estava ouvindo uma palestra de um filósofo de quem gosto muito, de quem li alguns livros sobre autores que me são bastante caros e me acompanharam, me acompanham, em algumas leituras difíceis. Já aposentado, ele apareceu de bermudas, sandálias e uma camiseta bem amassada, como se houvesse sido interrompido do seu cochilo da tarde. Começou assim: 'eu escrevi alguns livros, acho que alguns desses são mesmos bons, apoiam as pessoas em suas leituras. É verdade, eu partilhei da companhia de alguns desses filósofos famosos, alguns eram engraçados, gentis, generosos; outros, uns otários'. Até aí, nada de tão novo. Mas ele prossegue: 'no entanto, sinceramente, preciso reconhecer que nunca fui filósofo, nunca criei sequer um conceito, apenas os desenvolvi, os expliquei. Acho que fui um bom professor, com uma boa contribuição. No entanto, acho que nem tenho, em casa, meus próprios livros! Meu patrimônio, professor não tem patrimônio, além de um eventual apartamentinho, se tiver sorte, são os amigos que fiz. Num contexto formal, já é algo que nos faz tomar algum susto, mas isso não é tudo'. Continuando, ele diz: 'Hoje vejo que sempre gostei mais de literatura, sempre foi minha maior paixão. Mas não era um tema sério, filosófico. Agora que estou aposentado, decidi escrever o que sempre quis, e a mim, não importa que seja o escritor francês sobre o qual mais se escreveu na história, eu quero me divertir e estou me divertindo. É preciso arte, a vida não basta'. E conclui, de súbito: 'obrigado!' A audiência ficou em choque. As pessoas não sabiam sequer o que perguntar, já que liberdades desse tipo são desconcertantes. Mas eu já tinha visto aquilo antes, já tinha visto antes, já tinha visto aquilo...sim, minha avó! E foi então que decidi, não é preciso esperar que os grãos se acumulem de um lado da ampulheta, saltemos por sobre o tempo, e uma boa parte se desfaz! Há um aspecto coletivo, em plano das formas, mas há também um *aspecto coletivo no plano das forças que pode mesmo se expressar de uma forma singular*, em uma agonística relacional mais estreita. O encontro com a América de Joseph Beuys, por exemplo. *Eu gostava América e ela gosta de mim*. Em '74, Beuys aterrissa no JFK, em Nova Iorque. Entra em uma ambulância com os vidros cobertos, faz a viagem preso a uma maca hospitalar até

uma pequena sala em Manhattan, onde a América o aguarda. Por três dias, tendo consigo apenas um pedaço de pano e um pequeno cajado, Beyus circunda a América, se aproxima, se afasta, se defende, ataca! A América mostra os dentes, a América o seduz. Beyus uiva, deita-se no chão, desaparece sob o pedaço de pano que agora é um manto. Ao cabo, Beuys retorna à ambulância e toma, outra vez, o avião sem sequer ter posto seus pés, ou mesmo observado os arranha céus da América. A América é um coioote selvagem e Beyus está vivo. Ao seu modo, Goya teve seu encontro com a América, na Quinta Del Sordo. Sua repugnância e avidez, tal uma explosão repentina e absoluta, que derrete os corpos e os imprime nos asfaltos, foram retratadas não em Canvas, mas nas paredes da casa. Em meio a tudo, um desses desenhos é incomum, fora de conjunto, *El Perro*. Veja *El Perro*.

Bicho, às vezes, não lhe entendo, mas se está funcionando, é isso aí. A linha esquizo é, sobretudo, pragmática. Curioso, não? Essa te pegou no contrapé, não pegou? Tá fluindo, segue. Não tá, para. Tenta outra. Mas e o poema?

Queria muito que você prestasse atenção nisto: *a América é uma voz de comando que você não reconhece como uma voz de comando*, o aspecto mais insidioso e perverso do neoliberalismo. Em algum ponto, todos terão um encontro decisivo com a América, quando ela o encontrar sozinho, em algum momento, ela irá encontrá-lo sozinho em algum íntimo refúgio. A América 'está sempre me falando de responsabilidade. Os homens de negócios são sérios. Os produtores de cinema são sérios. Todos são sérios, exceto eu. Me ocorre que, talvez, eu seja a América. Estou falando sozinho mais uma vez^{cliv}. Mas você quer passar rápido por isso. Está bem, está bem, você quer passar rápido por isso, não lhe diz respeito. Sim, o poema. Como não o sei de coração, na *totalidade*, recorde e justaponho fragmentos para que você escute. A propósito, quando me falam em *totalidade*, me pergunto, mas isto incluiria o garoto ali na esquina tentando colher pitangas, e as corujas cavando uma toca? Acaso eles sabem que a abertura frontal da casinha de um certo tipo de João de Barro dá para um interior falso, desabitado? E que a verdadeira abertura, aquela que permite a entrada à câmara onde habitam com seus filhotes, está na parte de trás da casinha, cuja

entrada não é outra que apenas um diminuto buraquinho? Bem, o poema, o poema. Roma, Março de '68:

'Quando ontem se atracaram em Valle Giulia
com os policiais,
eu estava com os policiais!
Porque os policiais são filhos de pobres.
Vêm das periferias, rurais ou urbanas que sejam.
(...)
Quanto a mim, conheço muito bem
o modo como foram crianças e adolescentes,
A mãe calejada como um pedreiro, ou amolecida
por alguma doença, como um passarinho;
os muitos irmãos; o barraco
entre hortas com sálvias vermelhas (em terrenos
alheios, loteados); as casas
à beira do esgoto; ou os apartamentos em grandes
conjuntos populares etc., etc.
E depois, vejam como estão vestidos: como palhaços,
com um pano áspero que fede a rancho,
a quartel e povo. O pior, naturalmente,
é o estado psicológico a que são reduzidos
(por umas quarenta mil liras ao mês):
já sem sorriso,
já sem amizade com o mundo,
separados,
excluídos (num tipo de exclusão sem igual);
humilhados pela substituição da condição de homens
por aquela de policiais (ser odiado faz odiar).
Têm vinte anos, a idade de vocês, caros e caras.
Estamos obviamente de acordo contra a instituição da polícia.
Mas ataquem a Magistratura, e aí vão ver!
(...)
pedem tudo às palavras
enquanto, aos fatos, pedem apenas
aquilo a que têm direito (como bons filhos burgueses):
uma série de reformas improrrogáveis,
a aplicação de novos métodos pedagógicos
e a renovação do organismo estatal.
Os Bons! Santos sentimentos!
Que a boa estrela da burguesia os ajude!
(...)
No entanto, que ele se decida a destruir
o que de burguês traz em si
duvido muito, mesmo com seu auxílio,
se, como eu dizia, quem sai aos seus não degenera
(...)
Mas cheguei à beira da vergonha...
(Oh, Deus! Será que devo levar em consideração
a hipótese de travar a seu lado a Guerra Civil
abandonando minha velha ideia de Revolução?)^{clv}

É triste.

Sim, é triste.

Sim, é triste que Pasolini tenha encontrado o destino cristão, isto é, ser morto por policiais romanos.

Não entendo a necessidade de sua provocação anticlerical. Eu me preparava para falar de outra coisa.

Anticlerical e anticristã, seria preciso acrescentar. É necessária ainda, infelizmente, em meio a ressurgimento dessas bizarras novas das formas de teocracia que cultuam e esposam o militarismo.

Rescende a um elitismo que...

Elitismo?

É um traço reacionário, francamente. Esta lógica de 'ópio do povo', nomear o mundo de alguém como um *sistema de crenças*, mas já falamos disso.

Bem, antes, sobre o poema, *ainda*. Não são trabalhadores, estão armados, são profissionais da violência que contêm a ordem de um mundo decadente. Toda aproximação a eles é, em essência, a expressão do desejo não de alterá-la, mas usá-la em benefício próprio. Um desejo de dispor de capatazes e proteção. Sem rodeios, descolar uma maneira de que alguma *maioria*, feita *do que for*, não importa, o confirme em um cargo bem remunerado. Com um séquito de babacas, mas isso vai sem dizer. Há algumas semanas, sonhei que estava em uma assembleia, na qual homens se revezavam ao microfone. Era confuso, os homens de cabelos curtos e bem aparados diziam, *obrigado companheiro capitão*, ao final de uma fala, ou talvez, *e agora, o camarada tenente*. Ao lado do pipoqueiro da praça, os ouvia perfeitamente, Viva a revolução! Viva a democracia! Era repulsivo, e terrivelmente solitário. O pipoqueiro tampouco se espantava, tampouco erguia os olhos. Por que haveria ser de outro modo? Girava, girava, girava, a pequena manivela na panela de alumínio

queimado, enquanto os estouros se sucediam. Não havia espanto qualquer. Bem, mas isso não importa. Desperto, ligo o aparelho de televisão. O prefeito de uma cidade com mais de duas centenas de milhares de habitantes, no qual se situa um dos maiores portos da nação, fala à principal emissora do Estado, detentora de uma concessão pública. Ele diz injetem ozônio no ânus, é um político profissional, não diz *cú*, com um cateter ‘bem fininho’, é enfático, ‘bem fininho’, por dez dias, e tudo ficará bem, o vírus não suporta que lhe injetem ozônio no ânus^{clvi}. Eu desligo o aparelho. Ligo novamente. Ele ainda está lá. Desligo o aparelho. Ligo novamente. Ele ainda está lá. Pelo telefone, falo com um amigo, alô, como vai? Tudo bem, e você? Confirmo, me podem ouvir, eu também os ouço. Largo uma pequena bola de papel amassado, ela cai. Nova operação, ela cai. Está tudo funcionando, a checagem foi bem-feita. Nada como uma boa dose de realidade pela manhã. Eu amo o cheiro de realidade pela manhã. Na unidade de saúde, me perguntam quando serão feitas as injeções anais de ozônio, com um cateter, bem fininho. O quanto é preciso ter abandonado os fundamentos para termos chegado a esse ponto? O quanto é preciso que toda sorte de ideólogos tenha se preocupado mais com suas palavras fetiche e filigranas do que com o que é realmente substancial, para que o sistema de saúde tenha-se tornado, pouco a pouco, um objeto incomunicável, uma fantasia solipsista recoberta por técnicas e procedimentos? Abre a boca, agora pode fechar. Estes são duas vezes ao dia, estes outros, apenas uma. Não coma gordura, não coma açúcar, sem a lista de presença no grupo antitabagismo, é preciso aguardar na fila pelos anti-hipertensivos. Obrigado doutor, está certo, doutor, deus te abençoe, doutor. Esta é a nossa *Carta de Serviços*, diz o funcionário.

Mas não é apenas isso, nós bem sabemos. A rede de apoio para garantia do direito de escolha das mulheres em hospitais públicos é um exemplo de que...

É um exemplo do *fora interior* no sistema, uma situação excepcional. Que um grupo de mulheres ofereça acolhimento, às vezes, em suas próprias casas, cuide do transporte, da comunicação, de pequenas necessidades materiais, e, principalmente, arrisque suas inscrições profissionais, e, com isso, seu ganha-pão e mesmo sua liberdade, dando de costas às *leis dos homens* é...

É um rotundo foda-se pro legalismo da esquerda institucional.

Uma coisa não substitui a outra, quem tem duas lógicas, tem mais do que uma. Quem têm três, mais ainda.

A vida vem antes da lei, mano.

Mas é *Biós* ou *Zoé*?

Se eu falo *vida*, e você não reconhece, sem mediações, de súbito, o referente, então nosso problema é muito mais grave. E a propósito, você não sabia? Este é o último grito do *mundo teórico*, tão novo que ainda não está registrado. Então, ainda dá tempo de pegar a última onda: fala complicado, se quiser, tudo bem, mas *faz* o simples. É uma questão de perspectiva. Mesmo que se mobilize um repertório variado, você precisa saber onde está radicado o fundamento. Ou seja, uma coisa é um eventual pragmatismo de situação, outra é apostar afeto numa linha sem saída. E que diferença isso faz! Se nós tivéssemos mil redes como essa, explodia o bagulho e já era. Mulheres chefes de unidade e trabalhadoras da limpeza, juntas. Nessa tarefa, e depois, depois não sei; umas são chefes de unidade, outras trabalhadoras da limpeza. Aí é foda, é um metro. Quando me perguntam, o que é revolução? É fácil, eu a vi, ao menos, umas cinco ou seis vezes no último ano. Um pouco mais, e talvez se torne mesmo corriqueiro, quem sabe? *Não existe revolução sem teoria revolucionária* é a maior balela que existe. Em seu lugar, há, sim, uma *analítica* que favoreça condições para práticas de desmantelamento e invenções locais e que, a partir de saturações em determinados pontos, levem a transformações progressivamente ampliadas. *Processo*. Basta olhar, pululam *teorias revolucionárias*, agora e há séculos e, no entanto, como estamos?

Cara, e sem nenhum reconhecimento, sem nada, é inimaginável. Ah, e os papel *tão* tudo certo. Se procurar, é só o cheiro. Queria falar disso, mas como vai falar? Vai mapear tudo pros cara? Por isso, tem trabalho que eu não entendo, os cara mapeia as luta tudo, luta indígena fodida, luta no campo, eu não entendo. Denúncia? Raramente, isso pode funcionar como denúncia. Mas sobre esse esquadrinhamento das lutas, ah, ninguém vai ler? Então, se ninguém vai ler, porque escrever? Na boa, eu não entendo. Os caras conversam e avaliam juntos.

Mano, é possível te espionarem até pela televisão, essas modernas, mesmo estando des-li-ga-das, *sacou*? Isso sem falar de todo esse oferecimento voluntário às redes. Mas, beleza, cada um que se encarregue das consequências do que está fazendo. Pega esses mestres da capoeira antigos e, até hoje, o que eles escrevem é muito pouco. Você acha que é por que não sabem escrever? Por que são pessoas ‘simples’? Pastinha, Pastinha escreveu o *Caderno-Albo*, é só. Alguns desenhos, umas frases que, à primeira vista, parecem enigmáticas e nada mais. Para abrir o significado, é preciso a presença, isto é, o corpo e a confiança da relação. O arame do berimbau dispara o som, mas é uma arma perigosa também. Entendeu? Qual é o principal ensinamento da Angela Davis?

Cada um retira das leituras o que precisa, o que consegue, eu acho. Então, não saberia dizer. Como li mesmo pouco, muito pouco, diria que as intersecções entre...

Antes disso, antes de tudo ? Para mim, *não seja pego*. Não seja pego. Como? Ah, sim, claro, seria muito cretino imputar responsabilidade aos que são pegos. Parece-me evidente de que não é disso que se trata. De todo modo, eu o recebo como uma espécie de registro não dito, um exemplo expresso em *uma vida*. A mim, significa a lembrança permanente do que a Vanessa escreveu, por exemplo, o fato de que ‘a narrativa do herói tem sido contada pela Europa ou pelos brancos nascidos na América Latina, cujo ímpeto libertador era para tomar da metrópole *o poder de explorar seus próprios compatriotas*. É a figura do *herói* que se busca quando se quer impor um projeto político: modelos para se orgulhar e se mirar’^{clvii}. *Sacou*? Então, chega desse negócio, eu sou bichão e pá, isso e aquilo. Claro, existem acidentes de trabalho, mas ninguém é melhor que do ninguém por andar com o pescocinho à mostra. Choque, o necessário. E se for entrar no miolo *mesmo, mano*, é que nem briga de skatista na frente do shopping contra os facho, força total e planejada no primeiro golpe, para que acabe ali mesmo. Já falamos sobre isso antes, lembra? Sobre a comissão da verdade. Vai entrar no miolo? Pense bem, há o risco de sair pior do que entrou. E na rua, se não der, pernas pra que te quero, não é vergonha nenhuma, já que a antipolítica é também a ‘constatação de você não é um guepardo’^{clviii}. Isso é pra prestar atenção, *é política do cotidiano*. Por mais que você quisesse, ou precisasse,

sinto em dizê-lo, 'você não é um guepardo'. Só não vá me fazer como os espertalhões que, há uns anos atrás, chegaram da América para dar uma oficina de autodefesa em protestos, e ensinaram manifestantes a sentar na rua, em bloco, diante da polícia. Só existiu uma única pessoa, e não haverá outra, capaz de estabelecer uma estratégia de ser golpeado para vencer. Era um praticante *único* da nobre arte, chamado *mova-se-come-uma-borboleta-e-pique-come-uma-abelha-Muhammad-Ali*. Atual campeão do mundo, sete anos mais novo, 40 lutas, 40 vitórias, 37 por nocaute, no Zaire em 74', Foreman era uma máquina assustadora, e o ex-campeão, Ali, disparava bravatas e charme sem igual, mas, no seu quarto, à noite, coçava a cabeça. Não há como vencer medindo força bruta. Irei cansá-lo, irei cansá-lo, ele irá se exaurir de tanto desferir golpes não decisivos. Inventando o que seria mais tarde conhecido por *Rope-a-Dope*, Ali atrairia Foreman para as cordas, mantendo-o próximo de si. Não absorveria todo o impacto, não teria o corpo rígido, tenso, mas o direcionaria às cordas, com seu movimento *flexível*. A máquina contra a qual nos opomos não está restrita à força humana, não conhece limites, está determinada a seguir até a sua autodestruição, desde que seja simultânea à do planeta. Então, o que nos interessa é o reconhecimento da necessidade de existência de mecanismos de transferência, isso é, diluição dos impactos, até que se possa pará-la. Eventualmente, você pode suportar um, dois, cinco minutos de golpes, acho improvável, mais do que isto, é o fim. Não suportará indefinidamente. Você quebra, vai quebrar. Precisamos de todos, então, avalie, jogue com as cordas. *Estão nas cordas*. Sim, estamos nas cordas. Mas as cordas têm uma reserva inexplorada de impulso, as cordas ricocheteiam, se soubermos usá-las em nosso proveito. Como trabalhadores de usinas nucleares, expostos à tensão de cuidar de reatores, descobre-se que a *dispersão* é a única forma efetiva de manter a atenção afinada. Para evitar que a usina exploda uma nuvem de morte, jogam cartas, tabuleiros e contam piadas^{clix}. Arte da espreita, e saber que amanhã não é uma promessa. Quando me falam em amanhã, eu logo pergunto, que horas? Se *nego* dá risada, ou se escapa à pergunta, eu não levo a sério se me dizem *amanhã*. Não me fale em amanhã, não escreva sobre o amanhã, se não me der um horário preciso, ou algo a ser feito na próxima hora. Não seria um sintoma de presentismo, aceitação do que *está*, mas a simples constatação de que *amanhã* já é logo ali, depois da meia noite. O

pensamento é *doméstico* porque o corpo é *doméstico*. E o corpo *doméstico* sempre busca homogeneizar e estabilizar o espaço. É o projeto da associação brasileira de normas técnicas. No início, o corpo sedentário apanha um bocado na capoeira, que te põe para girar, girar, girar horário, anti-horário, ao revés, até cair sozinho, escorregar, de tontura, de cansaço, de frustração. Mas, em algum momento, você meio que antevê ser possível encontrar estabilidade no movimento, e aí, aí é um *outro jogo*. O corpo colonizado não sabe fazer um chá de guaco com mel pra tosse das crianças, não conhece planta nenhuma, não sabe trocar uma resistência de chuveiro. Delega a vida pros especialistas? Aí não tem saída.

Algo está muito errado quando pessoas que tiveram seus filhos e netos em uma mesma unidade de saúde se mostram incapazes de fazer perguntas e escolhas sensatas, informadas, autônomas, acerca das decisões em saúde que lhe concernem. Para as perguntas que realmente importam, diante das encruzilhadas a que nos dirigimos, não há como contar com as respostas padronizadas das evidências. O quanto de conhecimento popular e autonomia é destruído por essas práticas padronizadas? Saberemos fazer as boas perguntas? 'Não existe saúde sem democracia'^{clx}.Aqueles que o disseram, e o fizeram, mereceram seu busto de bronze. Se o disséssemos hoje, e o dito fosse igualmente lembrado em metal, haveria de ser destruído, e recolhido à história da infâmia. Afinal, isso que vemos não é o que *saúde* significa na atualidade? Não havendo mais partidos na ilegalidade, mas em seu lugar, sufrágio universal, guardas municipais e tribunais de conta, *check and balances* e politólogos que falam sem parar na televisão, não o chamamos *Democracia* e *Estado Democrático de Direito*?

Mas você me chamava de anticlerical. Anticlerical, anticristão? Sim. Não tenho, entretanto, nada contra Jesus. Isto é importante, aprendi com o Bigode. Surpreso? É o maior *plot twist* da história da filosofia. Escutemos Bigodón, no último capítulo antes de seu derradeiro mergulho na insânia. Bem, Jesus, 'este santo anarquista, que conclamou o povo baixo, os excluídos e 'pecadores', a *chandala* no interior do judaísmo a contrariar a ordem dominante – com uma linguagem que, se pudéssemos

confiar nos evangelhos, ainda hoje levaria à Sibéria –, foi um criminoso político, na medida em que criminosos políticos eram possíveis em uma comunidade absurdamente apolítica^{clxi}. ‘Seria possível, com alguma tolerância de expressão, chamar Jesus de um ‘espírito livre’ – ele não faz caso do que é fixo: a palavra *mata*, tudo que é fixo *mata*. O conceito, a experiência ‘vida’, no único modo como ele a conhece, nele se opõe a toda espécie de palavra, fórmula, dogma, fé, lei^{clxii}. Sua crítica se direciona, portanto, a Pedro, sua doutrina, suas instituições e todas as demais que desta seriam derivadas. Seja *único*, esse é o ensinamento barrado, porque converge ao projeto de proliferação de mundos possíveis. Único porque ‘a revolta tem, é certo, na transformação do estado de coisas uma consequência necessária, mas não parte dela, parte da insatisfação do homem consigo mesmo, não é um levantamento coletivo, mas uma rebelião do indivíduo, um emergir sem pensar nas instituições que daí possam sair’^{clxiii}.

Concordo em parte, apenas em parte. Mas, me diga, por que você anda se ocupando do cristianismo?

Pela clínica, essas questões começaram a se avolumar, então, bem, vou ter de dar uma lida nisso. Já que a água não é limpa, bota o escafandro, e pula!

Se você precisa de um escafandro, então, precisa mesmo de um escafandro. É uma limitação sua. De todo modo, vocês fazem clínica na Assistência Social?

Não, não se pode. Está dito bem expressamente nos cadernos de orientações técnicas, a psicologia na assistência social não pode fazer clínica^{clxiv}. Eles dizem *você deve fazer isto, não deve fazer aquilo*. E nós anotamos nestes papeizinhos amarelos que grudam sozinhos, e os colocamos aos montes pelas salas: *fazer isto, não fazer aquilo*. E depois pensamos com as palavras que nos dão, discutindo *fantasmas*, alucinando esta língua universal de parte alguma, esta sintaxe de *Esperanto*. Puro governo das *almas sensíveis*: vulnerabilidade social, prevenção, vínculos familiares e, sobretudo, *inclusão*. Eu deixo-as na mesa sem tocar. Não me concerne. Mas se o juiz pergunta, e o bandidinho, aquele, se comporta? Então, para não dizer nada, eu as chacoalho todas em um saco plástico de supermercado e prego-as no relatório, em três vias, cinco

carimbos e um ponto e vírgula já no primeiro parágrafo, para soar respeitável, já que, de outro modo, dispara o alarme.

Vou te contar, só na cabeça dos burocratas, como se...

Quem são os burocratas?

Os burocratas da revolução.

E os técnicos do desejo?^{clxv}

Também.

Quem são?

Os outros.

Está bem?

Maravilhoso.

Como se *clínica* não fosse tudo que implica em acolhimento, escuta, tentativa de desvio e alguma prática de liberdade. Os burocratas falam do desejo e seus impasses, da materialidade e seus obstáculos, como o personagem que diz, 'no fundo, bem lá no fundo, a gente gostaria de ver nossos problemas resolvidos por decreto, maldito seja quem olhar pra trás, lá pra trás não há nada e nada mais'...

'Mas problemas não se revolvem, problemas têm família grande, e aos domingos saem todos a passear, o problema, sua senhora e outros probleminhas'^{clxvi}.

Mas não vou nem me ocupar disso, eles que discutam entre si e se acotovelem em seus cercadinhos. Um cão não vira um gato porque você o chama de gato.

Não é tão simples, a linguagem é performativa. De outro modo, por que você fica aflito quando recebe uma mensagem que inicia com *querides amigues*, ou *queridxs amigxs*, e jamais conseguiu escrever deste modo? Não é corriqueiro. A última flor do Lácio, não esqueça, *inculta* e bela! A língua é livre.

Esta eu passo, Bilac. Às oito já *tô* na praia, porque o lance é achar o tempo-espaço mais vazio. Ah, sim, o livro sagrado. Alguma coisa de velho testamento, as visões de João na Ilha de Patmos, o livro de Atos. Estava atendendo um senhor de certa idade, que não conseguia pagar a conta de luz há alguns meses. O funcionário da concessionária de energia elétrica, por solidariedade, sempre inventava uma desculpa para não cumprir a ordem de cortar o abastecimento da residência. No entanto, na última vez, informou que não teria mais como não fazê-lo, quando retornasse na outra semana. Então, se disponibilizou a fazer uma ligação ilegal para este senhor, uma vez que um de seus familiares, por motivo de saúde, necessitava do constante uso de equipamentos elétricos. Ele era crente, e...

Diga pentecostal.

Ele era pentecostal e, é assim? Admiro os crente, da licença aqui. Mó função, mó tabela, pow, desculpa aí. Ok, ele era pentecostal e estava diante de um angustiante dilema moral, já que aceitá-lo o faria transgredir um dos mandamentos. Já havia pedido dinheiro na igreja que frequentava, e como precisou utilizá-lo para despesas de alimentação, não pôde saldar a dívida com a empresa de luz. Tinha uma esperança infundada de que a justiça garantiria seu direito nessa situação, embora eu o tenha advertido de que, provavelmente, não daria certo, depois de ter, eu mesmo, sugerido essa alternativa, por dever profissional. Bem, chegou o resultado, o juiz disse *mate a velha. Cumpra-se*. É sempre o mesmo juiz, todos os juízes são o mesmo juiz, por isso têm tanto tempo de férias, recessos na *Cinque Terre* e um orçamento próprio na máquina do Estado. Então, eu lembrei e pontuei: mas Ele não disse “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida” ?^{clxvii}.

Você está inventando isso.

É evidente, é o nosso trabalho. Se não inventarmos, não há o que fazer. Não seria por outro motivo que, quase sempre, discussões metapsicológicas são muito artificiais. São artificiais por conta de seu pretense realismo, que tende a ocultar o artifício, isto é, a invenção do que não tem amparo, não tem autorização prévia. Bem, por fim, choramos e rimos juntos, o que é uma expressão catártica cujo estado somático, no

limite, tende ao orgiástico. Ele riu bastante, e eu também, porque era uma flagrante e extrapolada transgressão ao princípio da não sugestão. A liberação de uma identificação que fica para trás. Foi a minha vez de cantar, entrei pelo seu rádio, tomei, 'cê nem viu. *Jesus não pode querer que eu fique no escuro*. É claro que não.

Gostei deste *Plot Twist*, mais ainda do *Plot Twist* do Bigode. É mesmo como se fosse uma história em capítulos. Há alguns anos, uma professora muito querida, e logo depois, outra, de quem eu também gosto muito, vendo que me interessava por Foucault, me fizeram uma sugestão, por que você não lê os cursos? Foi o que eu fiz, peguei lá do meio pro final dos anos 70 e fui embora. Boas tardes na rede, lendo sem procurar nada em especial, sem nenhuma tarefa a cumprir. Até que, em uma destas tardes calmas, sozinho em casa, vejo bem no início, uma página que serve como espécie de aviso improrrogável: 'não pude começar meu curso, como de costume, no início de janeiro. Estive doente, doente mesmo. Correram boatos de que era para me livrar de uma parte do meu público que eu havia trocado as datas. Não, não, eu estava doente mesmo. Por conseguinte, peço que me desculpem'^{clxviii}.

Ah, véi.

Pois é. Você sabe que já aconteceu, e mesmo assim, fica arrasado. E depois, remediado, quase feliz, porque *a segunda chance está acontecendo*.

Gosto da parte em que, depois de três aulas sobre Sócrates, ele conclui dizendo 'pronto. Então desta vez, prometo, terminei com Sócrates. É preciso para um professor de filosofia, dar pelo menos uma vez na vida uma aula sobre Sócrates e a morte de Sócrates. Está feito. *Salvate animam mean*. Da próxima vez, prometo, falamos dos cínicos'^{clxix}. É um curso muito especial, porque *mostra em ato* a invasão da história na vida de cada um, a inseparatividade entre vida e pensamento. Não é um curso *sobre* os cínicos; Foucault é um Cínico no momento em que pensa o presente também à luz da finitude, não mais abstrata. A percepção da *segunda chance* é também condição de possibilidade para a *vida outra*. Então, é a minha vez de dizer, para ser professor de filosofia, é preciso dar uma aula sobre Foucault e a morte de Foucault.

Pronto, está feito.

Pronto, está feito. Não uma aula, digamos, um deslocamento intensivo até essa dobra, onde o limite da vida e de sua continuidade enquanto dúvida, nos interroga: O que você está fazendo agora? Dirigimo-nos ao coração da verdade cínica: ‘E se, um dia ou uma noite, um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes? Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!”^{clxx}

Na época da doença, muitos puderam aprender isso. Você repete tanto isso que acho que não se lembra mais de quantas vezes já o disse.

É só no que penso nos dias de hoje. As perguntas retornam. É próprio das perguntas. Eventualmente adormecem, mas retornam. Na época da doença, alguns o perceberam; outros tanto, não.

A História da Filosofia é uma história em capítulos, um gênero narrativo bastante singular. Como? O que você disse? Não, não. Ela é *realmente* uma ficção, se considerarmos que seus dramas, diálogos e conceitos são *inventados*. Em paisagens específicas, eu concedo. Conceitos não são, de todo, descobertos. Ah, sim, claro. Nisto você está certo, menos o marxismo. O marxismo é uma ciência.

Mano, se estes nossos áudios vazarem, estamos muito fodidos. Vai ser de *pós-moderno e decadência ideológica no capitalismo tardio* pra baixo.

Cara, azar do goleiro. Se vazar, vazou. Seria até bom, na verdade. Que palhaçada esse negócio de pós-moderno. Os caras misturam e confundem pós-estruturalismo com pós-modernismo, é um balaio de gato danado.

Tá com a carteirinha em atraso?

Especialmente nesses casos.

O nosso trabalho é fazer o áudio vazar, não deveria ser essa a nossa tarefa, justamente, fustigar a artificialidade das historinhas que contamos para nós mesmos? Não seria esta também, uma inspiração para a nossa abordagem da pesquisa?

Você diz o filme?

Sim, e se não houver filme, o que conseguirmos. De todo modo, interessam-nos as conversas furtadas e o *infraordinário*. Me importa o que não gravita em torno do heroísmo mentiroso, e tampouco ao redor dos reiterados protestos de queixa. São modos de apresentação eventualmente importantes, a depender do público e do efeito que se busca, mas não nos ocupamos disso.

Concordo, companheiro. Alguém está fazendo a ata? Não? Ninguém está fazendo a ata? Bem, de todo modo, 'na nossa precipitação em medir o histórico, o significativo, o revelador, não deixemos de lado o essencial: o verdadeiramente intolerável, o verdadeiramente inadmissível: o escândalo não é a explosão, é o trabalho nas minas. As 'perturbações sociais' não são preocupantes em períodos de greve, elas são intoleráveis vinte e quatro horas por dia, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. O que acontece realmente, o que vivemos, o resto, todo o resto, onde ele está? O que acontece a cada dia e que sempre retorna, o banal, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o *infraordinário*, o ruído de fundo, o habitual, como dar conta disso, como interrogá-lo, como descrevê-lo? Como falar dessas "coisas comuns", ou melhor, como cercá-las, trazê-las para fora, arrancá-las da casca onde estão presas, como dar-lhes um sentido, uma língua: que elas falem enfim do que é, do que somos'^{clxxi}.

Falando nisso ainda, você ouviu o que mais se disse sobre a última visita da Srta. Davis? Não que era brilhante, porque é coisa sabida; não tanto a espécie de impacto *espiritual* da sua *presença*, o que também, em certa extensão, poderia ser antecipado. Mas, sim, o modo como se dispôs a escutar a todos, como andou com grupos pequenos, relativamente desconhecidos, com pessoas ditas sem importância. Seu interesse em discutir as ideias dos outros, não tanto as suas. Disseram-me que conhecia mesmo com muitos detalhes o trabalho da Sueli Carneiro, para a surpresa de muitos. Em uma de suas falas, ela disse: vocês deveriam ler a Sueli Carneiro e a Lélia

Gonzalez, não a mim. Acredita? E lembrou com carinho seu professor, Marcuse, o que seria algo malvisto, não fosse ela a dizê-lo.

Aí nos confunde.

Aparentemente, se preparou para a viagem. Quem hoje em dia faz isso?

Esperávamos que o Monsieur o fizesse, não o fez, e até agora não entendemos o que aconteceu. Deixou apenas a conta do hotel.

Então não está feito?

Não sei.

Acho que não termina a entrevista.

Também penso como você. É perda de tempo, e ele sabe disso. Além do mais, já deve ter gastado a grana da revista em *caipirrinhá*.

E a tese da Sueli Carneiro, já terminou de ler?

Sim, toda trabalhada no Foucaultzito. Olha, e não é o Foucault do ácido, é o arqueológico, *rigoroso*, gola olímpica, ceci n'est pas une pipe, e tudo mais. Análise de discurso exemplar. Não como a nossa. Ela, e o Abdias, por exemplo – deve haver outros que não conheço, certamente – escreveram o que escreve agora o Mbembe, muito antes dele. Uma vírgula aqui, outra ali, um neologismo em outra parte, mas o essencial já estava lá. É curioso. Enfim...

Foucault do ácido?

O Foucault do verão de '75, na Califórnia. Sauna Gay, orgias com desconhecidos, sadomasoquismo, haxixe e ácido no Death Valley. Quando conseguia se livrar dos almofadinhas da *French Theory* em Berkeley: hambúrguer, batata-frita e coca-cola. 'Nós preparamos algo especial para você tomar no deserto. Pensamos que você gostaria de experimentar uma busca visionária no Vale da Morte'^{clxxii}. No lugar da herança de além do bem e do mal e genealogia do moral, Zaratustra como farol.

Ele deve ter dito: mal posso esperar.

Não, ele falou: 'é difícil encontrar drogas puras em Paris'^{clxxiii}, explicando o motivo de ter recusado ofertas até àquele dia. Devia ser como esses ácidos que se toma no carnaval hoje em dia, alguma porcaria anfetaminada, pura *mania*, então, é compreensível. E depois, reassegurado, sim, 'mal posso esperar'^{clxxiv}, pouco antes de chegarem em Zabriskie Point. Antonioni filmou lá, é um lugar lindo, como são os desertos.

Mas ô Beatnik, porque a lembrança? Por que essa apologia às drogas?

Primeiro, apologia às drogas? É *meenntiiraaa, tchu-tchu, é meenntiiraaa*. Segundo, é tanto moralismo que, ao cabo, resta o curioso caso dos jovens stalinistas, outra ocorrência inesperada do nosso tempo. Por outro lado, acho engraçado que, quando nos acusaram de vagabundos, maconheiros, algum xingamento de ocasião, e mesmo na época das ocupações, lembra? Essas ocupações são uma bagunça, as pessoas estão transando nos banheiros à noite? Sodomitas! Geral saiu com respostas do tipo: não, não, nós somos estudiosos, nós somos responsáveis, fazemos política séria e *talicoisa*. Mano, a educação sentimental de cada um não vale nada? Se não vale nada, eu pego minhas coisas e vou pra casa. Bota aí, *sem acordo*. Essa é a *única* coisa que vale! Tudo que nós fazemos é *por* isso! Aquelas aulas de testes na graduação, psicométrico, projetivo, vários semestres inteiros, desenha árvore, vale três pontos, depois deste cubo vem o outro, qual é? Não sei o quê, o raio que o parta. O que nós aprendemos?

Truco.

Muito bem, truco! Truco, nós aprendemos truco! Mas não apenas. Também a abrir cerveja no fio da calçada, sem quebrar o bico de vidro, e carteadado, no geral. Ao ponto, saber entrar e saber sair, o momento da ação e o momento da inação. Embora, à época, não o soubéssemos, utilíssimo à política do cotidiano, isto é, à vida. É preciso saber, por exemplo, como no carteadado, quando comprar a discussão, e quando ficar de fora. Entro, não entro? Espero a volta, espero a próxima?

São as orientações para o novo-*velho mundo*. Valeria a pena até anotar: 'misturar malandragem com preguiça. A colonização criminalizou as artes da malandragem e da preguiça. Nós precisamos reabilitar essas tecnologias divinas, elas receberam nomes

estrangeiros que tentam inverter seus sentidos. A malandragem é a arte negra de crescer sem perder a infância, uma pessoa malandra é alguém que brinca depois de crescida. *Quem não sabe brincar precisa colonizar a vida.* A preguiça é uma tecnologia dos povos originários, uma pessoa preguiçosa é alguém que sabe a extensão da sua força e o tamanho de sua passada, trabalhando justamente o necessário para que o encanto da vida não se perca. Quem não vivencia o encanto da vida precisa colonizá-la'.^{cxxxv} Cara, tudo isso pra dizer que devemos, sim, *afirmar*, não *escamotear!* Sim, haverá vacinas, bactérias que comem plástico, e coisas incríveis que não sabemos ainda o que serão, mas isso não impede que tenhamos uma outra orientação do *desejo*. Uma orientação que não segmenta a vida em *departamentos!*

Não usaria o pronome *nós*, um pronome, desde sempre, imperial.

Certíssimo. *Há* outras orientações do desejo. Eu a afirmo. E você? Mas há sempre camadas e camadas de disciplinamento e imperativos dirigidos aos *militantes* e suas *tarefas*.

Tem isso?

Nunca viu? Vá e veja com seus olhos.

Mas também os caras não estão muito errados. *Nego* passa o dia fumando maconha e quer *lutar contra o sistema*. Não organiza porra nenhuma, não lê meio polígrafo, não faz nada. Nem levantar a bunda pra quebrar uma porra dum vidro, pra gastar uma energia ao menos. *Só gritaria de computador*, na máquina de fazer piupiu. E isso eu ouvi de um senhorzinho que tá há anos no corre do *campo*, que são os mais brabos que têm. *Mudar o mundo no sofá da sala, postar no Insta, e se a maconha for da boa que se foda a ideologia*. Isso ou trago, e grana pra Ambev. Financiar tráfico e gestão de cadeia? E tu também, com esse marlborão. *Si fudê*.

Tá vendo? E outra, o que é estar organizado? Porque é aquilo, se pode passar quinze anos metido em reuniões que não levam a nada, a não ser um alívio de culpa ou uma espécie de grupo de convivência para corações solitários. Vai sugerir um campo de reeducação?

Mano, quer conversar? Vamos conversar, mas vamos conversar direito. Política é sanguínea, meu velho, é intensidade. Não tem nada de errado nisso e não há porque temer. Falei na boa, porque acho mesmo que a situação é séria. A parada é séria. É séria, séria. Ainda mais hoje em dia.

Tome o exemplo dos redutores de danos. Depois de terem ejetado os redutores de danos, apropriaram-se das tecnologias dos caras. Deram um chute na bunda de todos eles. Bagulho é foda. E nem me venha com papo de a lógica transversal da redução de danos como diretriz de políticas de saúde e não sei mais o quê. O pensamento estabelecido incorpora o que lhe convém, se apropria do que lhe parece interessante, modula a linguagem, e expelle os elementos indesejáveis, inassimiláveis ao conforto das instituições. Sem deixar rastro, tão simples quanto isso. Práticas menores não dão prêmios para ninguém, e muito raramente pagam as contas do mês, mais um registro. Então, abandone suas pretensões de ascensão e reconhecimento e mantenha o seu outro emprego se quiser seguir na pista.

Não necessariamente precisa ser desse modo.

Lembra da época da doença? Ninguém conseguia entender porque os usuários não usavam máscaras, enquanto o contágio e as mortes se acumulavam. Campanhas e ações de conscientização, explicando as razões pelas quais determinadas medidas precisavam ser adotadas. O *script* de sempre, e nós fizemos isto também. Nada adiantava. Martelar a razão se mostrou inócuo.

Inofensivo.

Era preciso absorver as circunstâncias desde outro ângulo, era preciso que ocorressem traduções a partir do incompreensível. Tivemos que multiplicar as pontes, as passagens, quando diante do fato de que nossa pretensa razão ilustrada havia-se mostrado inútil. Quando ainda trabalhávamos com os redutores de danos *das antiga*, que nem o Pink Floyd *das antiga*, lembra? Que conheciam mesmo a noia, mas não faziam o tipo ex-noia convertido em pastor, ex-noia convertido em ezquizoanalista *extraordinaire*, nós, finalmente, compreendemos que era justamente a fricção entre nossos saberes o motor de produção dos deslocamentos. Assimetria que com

frequência fomentava a ampliação dos arcos de visibilidade e comunicação entre *dísparos*. Um tanto de resto que permanecia como alteridade não assimilável: alteridade radical. Alteridade radical? É Seu Antônio, outrora um Ribeirinho, agora desterrado, tornado *pobre e trabalhador* pelo *progressismo* da usina de Belo Monte, quem o diz: ‘Eu tinha uma vida melhor até mesmo do que qualquer pessoa de alguma cidade com nome de santo. Se eu quisesse ir pra roça eu ia, se eu não quisesse a roça ia estar lá no outro dia. Se eu quisesse pescar eu ia, mas se eu preferisse tirar açai em vez disso eu tirava. Eu tinha rio, eu tinha mato, eu tinha sossego. Na ilha, eu não tinha porta. *E eu tinha lugar*. Nunca tive emprego. Nunca fui mandado por ninguém’. Ao qual ele completa, ‘ser rico é não precisar de dinheiro’^{clxxvi}.

Não gosto dessa espécie de elogio da pobreza, algo franciscano, algo hipócrita, tão corrente entre nós.

Não seria eu a dizê-lo. Ainda, trata-se do oposto, um elogio à abundância. Quanto a nós, tomado seriamente, o que importa mais é o fato de não o compreendermos sem mediações. Lembrei-me de Seu Antônio, porque Seu Antônio expressa essa alteridade radical. Se houve a época em que se ouviu que era possível que em algum tempo levássemos ao mundo ‘o elevador da revoluções moleculares’^{clxxvii}, erramos de destino, erramos de artefato. Era uma jangada, era um caminho a pé. Querer que Belém se torne Berlim é um modo de desejar que cumpre a palavra de ordem e a voz de comando do Outro do qual falávamos.

Ainda, elogio ao primitivismo. Anarco, ameríndio, afrocentrado, não importa, é mais uma fantasia. Não precisamos de fantasias. Já passamos de qualquer ponto de retorno. Resta-nos acelerar.

Você não entende. Seu Antônio é uma pessoa, mas também é uma linha de força que compõe o mundo. Sendo uma linha de força, pode ser acionada e mobilizada a partir de diferentes expressões. Você leva o cão para passear, mas não esqueça que o cão também leva você. Na insistência do cão, na insistência dos dias, eventualmente, você percebe o som da madeira oca contra o bico do pica-pau. Uma emoção sem nome o leva a conversar com o curió e a repartir com ele mamão e bananas maduras.

Seu Antônio fala com você por meio do cão. Se existe alguma esperança, não é outra além dessa.

Anamauê, auêiaaê abençoado seja para todo sempre. Não faça essa cara porque é isso que você está dizendo! Vamos dançar ciranda? O som da madeira oca contra o bico do pica-pau? Faça-me o favor. E o pau comendo...

Só se você tomar o remédio amargo que lhe ofereci, eu danço. Já não sei como fazê-lo ouvir o som da madeira oca contra o bico do pica-pau, que o levaria a sentir esta emoção sem nome. Será preciso que queimem filhotes de onças e araras para que você compreenda? Essa nuvem espessa e constante, que você chama de céu, o impede de perceber que, em todas as suas análises, você toma a megalópole como a experiência normal e inescapável de mundo, e tudo o mais, um resto inexpressivo, arcaico. Folclórico? A sua cidade, as grandes capitais, e o resto, o resto é o resto, uma curiosidade anedótica. Esquece-se de que a diferença está nas margens.

Conversar com o curió, eu sei, seu sei. O remédio não é seu. A doença é uma péssima metáfora, e, além do mais, como você sempre insiste, saúde e doença são, antes, composições, graus de vitalidade. Não existem em abstrato, tampouco apenas como sinais e sintomas. Aqui está 'som de madeira oca' 'pica-pau'. Satisfeito? Pronto, ouvi. O meu delírio é experiência com coisas reais. Não me interessa o velho compositor baiano que dizia *tudo é divino, tudo é maravilhoso*. Há perigo na esquina.

E onde estão as coisas reais? Nas notícias dos jornais, nos informes econômicos, nos arquivos da biblioteca geral do Estado, ou em sua ciência, capaz de cortar as camadas de ideologia e nos informar o Real? Estaria no que o sujeito 34 disse em resposta ao sujeito 42 e parabéns, está muito bem-feito?

O problema é mais grave do que eu poderia ter antevisto. Eu lhe avisei, quem não sabe o que procura, encontra o que não queria. Acaba inaproveitável ao que se destinara. Você está internado em um delírio sem espírito, afecção paranoica que o leva a crer que há um sentido na história, e de que esse sentido nos seria autorreferente.

Papo velho. Eu não vou tomar chá de cipó com folha de não sei o quê, ácido, não existe deus nenhum, nem sagrado feminino, nem entidade qualquer, I Ching, pedrinha roxa, tampouco essa linha de fuga da qual você fala, que, no fundo, a mim, é ainda mais esotérica do que qualquer outra coisa. Dança esquisita, dança esquisita, também não faço. Eu leio, escrevo e falo do que vejo. *Racionalmente*.

Posso te contar uma história sobre dança esquisita?

E adiantaria eu dizer que não?

É rápido, prometo. Uma professora de dança, que faz parte de um bloco afro aqui da cidade, oferecia uma oficina de dança *livre*, era assim que se chamava, em um salão paroquial, aqui perto. Com os encontros, ela passou a perceber que era frequente que as avós levassem ou buscassem as suas netas, mas que, para além disso, pareciam-se demorar mais do necessário. Chegavam cedo, bem antes do término da oficina e puxavam conversa ao final das aulas. As meninas passaram a se incomodar com essa presença estendida das avós. Foi então que ela propôs, em outro horário, uma oficina para essas mulheres. A procura foi um sucesso, mas depois de algumas semanas, a paróquia decidiu não mais emprestar o espaço para as aulas. Suspendeu, também, o auxílio com o lanche, pois ouvia-se que a professora dava *aulas de masturbação*. Elas se organizaram e conseguiram prosseguir em outro espaço. Agora, me pergunte como sei disso? Porque eu atendia um dos esposos dessas mulheres. Bem, certo dia, muito constrangido, ele me pergunta, tinha ouvido dizer, e queria saber se era verdade que o posto tinha medicamentos para impotência na farmácia...Percebe? A *micropolítica* prossegue por outros meios, com alguma frequência, é mesmo possível que você sequer possa acompanhar seus efeitos. Essa era uma comunidade tradicional, de moradores antigos, onde, por muitos anos, houve mesmo círculos de educação popular. Mas isto jamais foi tocado. Como poderia ter sido?

Legal, espero que estejam felizes. O que você gostaria que eu dissesse? Sobre esse bairro, apenas sei que teve acentuada votação para candidatos de inspiração neofacista. Não vamos lá, porque, para ir até lá, é preciso ter algum no bolso. De resto, é inútil.

Não foi o que a professora de dança fez, não é mesmo? Sim, entre as cidades com esses maiores registros, está a nossa. Esse bairro foi o mais pronunciado de todos, e ademais, está na região mais pobre do Desterro^{clxxviii}. A oficina provocou perturbações em série, em diversas famílias. Nesse lugar, o feminismo é um acontecimento recente. *Não esqueça de que não vivemos todos em apenas uma e mesma temporalidade*. Esta data que você vê nos jornais é uma convenção social a ser usada em contratos pelos cartórios. Acabamos não falando mais do poema do Pasolini, então, esqueci de fazer outro pequeno comentário. Com tudo isso que estamos vivendo, esse calor que nos faz crer que a Terra irá nos devorar como Saturno a seus filhos, é preciso explicitar posições, talvez mais do que nunca. Você, por exemplo, com uma boa clientela, *ilustrada e socialmente responsável*, não deixa dúvidas de quem *não quer* atender. E sei, sequer o procuram. Ao meu modo, reconheço, depois do que houve, senti repulsa à medida que esses *fascismos difusos*, secretados em nossas *salas públicas*, passaram a se acumular cada vez. Pobres, desempregados, morando em palafitas, cuspidos fascismos macropolíticos, enquanto aguardam na fila da cesta básica. Catalisados pelo tempo que faz, não haveria como ser de outro modo, o assunto é assunto dos atendimentos. Mas você está ao lado dos bons, com os justos, e não precisa lidar com isso. Cuida dos feridos, estão juntos contra *o mal*. Você já passou por aqui, e de todo modo sabe que, embora haja uma obrigação contratual com o empregador, é possível mandar os usuários embora, deliberadamente, ou de modo ‘involuntário’. Interessado em acompanhar os efeitos dessa oficina de dança, me divertindo, por que não?, volto a me aproximar da perspectiva que me é mais cara. ‘*Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que atravessa este ou aquele sujeito vivo e aos quais certos objetos vividos dão a medida: vida imanente levando consigo os acontecimentos ou singularidades que nada fazem senão atualizar-se nos sujeitos e nos objetos*’^{clxxix}.

Um tanto exótico este comentário.

‘Um canalha, um sujeito ruim, desprezado por todos, é recolhido morrendo, e aqueles que estão cuidando dele eis que manifestam um tipo de desvelo, de respeito, de amor para com o menor signo de vida do moribundo. Todo mundo se precipita para salvá-lo, a ponto de o próprio vilão sentir, no mais profundo coma, algo doce a penetrá-lo’^{clxxx}. Mesmo que, em um determinado momento, um conjunto de

microfascismos se torne mais pregnante, assuma uma forma unitária e, com isso, reivindique *a posse do eu e o lugar da enunciação*, como era o caso deste usuário que mencionei, isso não é tudo. Por mais tímida, como é de *Uma Vida* que se trata, sempre há alguma dissonância, ou mesmo um pequeno acontecimento em nosso favor. Esses são os nossos aliados, *contra o sujeito*. Com frequência, não são pessoas, organizações, atos, mas tão somente efeitos e signos dissonantes de que desconhecemos mesmo a origem. O corpo também se revolta contra o próprio sujeito, demanda atenção e prazer. A repulsa dá lugar ao trabalho que precisa ser feito. Falo da gente comum, mas friso, *que não encosta em armas, que não está no parlamento*. Estes são abjetos, têm a violência como projeto. As pessoas que nos procuram quando dobramos a esquina nas vielas, e nas segundas-feiras pela manhã, logo que abrimos as portas, não. Estas se ferem a si mesmas. *No entanto, eximi-las de responsabilidade sobre os efeitos de suas escolhas, seria apenas outra renovada expressão de paternalismo, como o são as abordagens pela via da sugestão e do esclarecimento*. Quanto a isso, não há concessão, porque de outra maneira, perdemos algo que, eventualmente, seria singular às nossas intervenções.

É inevitável que a marcha histórica nos conduza à superação deste modo de produção que...

Se você não me escuta, sou obrigado a recorrer ao suporte de autoridade. Acho odioso nos cercarmos de notáveis, em todas as margens, para influenciar o leitor com uma pequena comunidade de papel, mas me vejo sem alternativa. Joel Rufino, historiador, homem negro, preso, exilado, torturado, em uma de suas últimas entrevistas, nos dizia que 'a gente passa a vida quebrando a cabeça porque acredita nisso, porque toma isso como princípio: o sentido da história, as etapas de desenvolvimento, a primazia do fator econômico sobre os outros, o nível crescente de conscientização das massas. Tudo isso é da cartilha do marxismo, é o marxismo mal lido, lido apressadamente, como fórmula política, e não como método de pensamento. E, na prática, a nossa vida só deu... só quebramos a cabeça. Olha aqui: Desterro não se tornou o que a gente supunha que tinha que se tornar; a economia não é o principal na organização social; a luta de classes, em certos momentos, como nesse, por

exemplo, é secundária, para não dizer uma tolice, é uma contradição secundária; a direção da sociedade e da revolução por um partido leninista, centralizado, é conversa fiada também, nunca aconteceu isso. Onde aconteceu foi um desastre: o stalinismo, o beco sem saída em que entrou a Revolução Cubana, e assim você vai. *Tudo que você pensa que é não é*. Então, há uma desilusão com a história^{clxxxix}. Como não se desiludir com a história? Não tenho resposta, mas busco o que me parece improvável, isto é, aprender não a história, mas com as histórias. Atenção para a data desta entrevista que mencionei, o ano é 2013; o mês, julho. Joel Rufino, então, era um homem de mais de setenta invernos: *Tudo que você pensa que é não é*. Ele segue, 'O que está acontecendo hoje, por exemplo? Por que esses acontecimentos aí pegaram os intelectuais de surpresa, os deixaram de calça na mão?'^{clxxxii}. Mas isso seria apenas para dizer que contamos cinco minutos depois da meia-noite. Esgotou-se o tempo regulamentar: estamos nos acréscimos, isto é, depois do Fim da História. O órgão da igreja de S. Burchardi em Halberstadt já toca *Tão lento quanto possível*, peça de John Cage que levará 649 anos para sua execução. Chegará ao fim? Nasce mais um filhote de *Somniosus microcephalus*, um tubarão de águas profundas. Seguirá nadando no vasto Atlântico Norte por mais de 400 anos, como seus genitores? A equipe multidisciplinar do Onkalo Waste Repository – físicos, antropólogos, linguistas, engenheiros, geólogos – abordam a questão: como construir no interior da Terra um invólucro que resista aos cem mil anos necessários para que todo o lixo nuclear que nele será armazenado se torne inofensivo? Como registrar para as possíveis gerações futuras, simplesmente, *não abra esta porta*? O trabalho está em curso^{clxxxiii}. Será necessário? Não há sequer linguagem para isto. Lembre-se de que mesmo os registros rupestres mais antigos não ultrapassam poucas dezenas de milhares de anos e que, hoje, poucos sabem desenhar como aqueles que retrataram bisões, cavalos, ursos e leopardos em Lascaux ou Chauvet. Nossas mãos estão cada vez mais inúteis. É preciso recuperá-las, o que também seria dizer, ocupar-se de si. Não acredito que qualquer mudança substantiva seja empreendida por pessoas que não saibam consertar um chuveiro. Ou escrever um poema.

Basta, basta. Você me diz que estou internado em um delírio sem espírito, então, já não posso ouvir mais nada. Muito bem. O que é isto de que você me fala? Como é

possível...Conversaremos com responsabilidade? De antemão, me desculpo por tomar a palavra por tempo mais longo, mas não há outro modo. Em nome da nossa amizade, me escute. Fui atraído pelo seu jogo, fui enganado. Melhor, deixei-me enganar pelo ardil retórico que se movimenta entre nós. Dou um passo atrás, me recomponho. É o tempo, este tempo, deve esta a razão. Como evadir-se do tempo *consensual*? Não sei. De todo modo, 'eu gosto de discutir e tento responder as perguntas que me fazem. É verdade que não me agrada participar de polêmicas. Se abro um livro e vejo que o autor está acusando um adversário de *esquerdismo infantil*, imediatamente torno a fechá-lo. Essa não é a minha maneira de fazer as coisas; não pertencço ao mundo das pessoas que agem assim. Considero essa diferença como algo essencial: toda uma moral está em jogo, a da procura da verdade e da relação com o outro. No intercâmbio sério de perguntas e respostas, no trabalho de elucidação recíproca, os direitos de cada pessoa são de algum modo *imanescentes* à discussão. *Imanescentes*, eu grifo. Derivam da situação de diálogo. Já o polemista procede baseado nos privilégios que tem de antemão e que nunca vai questionar. Ele possui, por princípio, direitos que o autorizam a guerrear e que fazem dessa luta um empreendimento justo; quem está diante dele não é um parceiro na procura da verdade, mas um adversário, um inimigo errado e nocivo cuja mera existência constitui uma ameaça. Para ele, então, o jogo não consiste em reconhecê-lo como um sujeito com direito a falar, mas sim em aboli-lo como interlocutor de qualquer diálogo possível: seu objetivo final não será chegar o mais próximo possível de uma verdade difícil, mas sim obter o triunfo da causa justa que ele manifestamente sustenta desde o princípio. O polemista assume uma legitimidade que por definição é negada ao seu adversário. A polêmica define alianças, recruta partidários, une interesses ou opiniões, representa um partido; ela também situa o outro como inimigo que apoia interesses opostos aos seus e contra o qual é preciso lutar até que, derrotado, se renda ou desapareça. Isso não passa de teatro. Gesticula-se: anátemas, excomunhões, condenações, batalhas, vitórias e derrotas que nada mais são que maneiras de dizer. Mas são também, na ordem do discurso, maneiras de agir, que têm suas consequências. Há efeitos esterilizantes: alguém já viu uma ideia nova surgir em uma polêmica? Não poderia ser diferente, já que os interlocutores não são incitados a avançar, a se arriscar no que dizem, mas a encerrar-

se continuamente nos direitos que reivindicam, na legitimidade que precisam defender e na afirmação de sua inocência^{clxxxiv}.

Tudo isto porque lhe disse que você está internado em um delírio sem espírito?

Todos estão internados nos seus limites. O que há de novo nisso? Logo, não é essa a razão. Gostaria que você percebesse que você me afasta, quando imagino que sua intenção seria a oposta. Você me oferece uma espécie de diagnóstico, preciso ou não, adequado ou não, que não posso receber. Não me afeta de todo, não me conduz a experimentar essa hipótese. Seria preciso outra inoculação ao qual eu não estivesse, de saída, imune. O que um dia já se chamou de transversalidade, no lugar de transferência, o que é? A resultante entre coeficientes de visibilidade e comunicação^{clxxxv}. Ou seja, um problema de descentramento de perspectiva. Você me fala de eras geológicas, escalas cósmicas e tamanhos no mundo, o meu, o seu, heranças visionárias, e uma espécie de poesia da Terra que eu não posso compreender inteiramente. E quando o escuto, e lhe respondo: e o pão? e o teto? Essa é a única igualdade entre nós? Amanhã, você irá mesmo pegar algo com as mãos e, finalmente, perceber o quanto é difícil retorcer ferro? Ou essa pureza o impede de cansar os músculos? É disto que se trata. No entanto, está bem, como combinamos, vamos tentar engolir o conceito até que possamos expressá-lo efetivamente. *Transversalidade*, pela última vez. De qualquer modo, para dizê-lo sem rodeios, eu sequer sei onde você está no tabuleiro político.

De fato 'já fui tido como anarquista, esquerdista, marxista ostentoso ou dissimulado, niilista, antimarxista explícito ou enrustido, tecnocrata a serviço do...Enfim, nenhuma dessas caracterizações é importante em si mesma; mas, se tomadas em conjunto, elas significam algo. É verdade que não gosto de me identificar e me divirto com a diversidade das maneiras como tenho sido julgado e classificado. Algo me diz que, depois de tantos esforços, em direções tão variadas, um lugar mais ou menos aproximado deveria ter sido finalmente encontrado para mim. E como, obviamente, eu não posso suspeitar da competência das pessoas que se confundem com seus juízos divergentes, e já que não é possível questionar sua falta de atenção ou

seus preconceitos, é preciso então admitir, em sua incapacidade para me situar, algo que tem a ver comigo'^{clxxxvi}. Ademais, que importa...

De novo.

Ademais, 'que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos e pais dentro de um enigma?'

Você escapa da responsabilidade em assumir sua herança.

Sua necessidade de um nome diz mais a respeito de você mesmo do que fala de mim. Veja você mesmo, me ponha onde quiser. O inquieta que eu esteja de máscara? Ora, foi o que fizemos em nossas explorações com a noção de oralidade. Decidimos que, se o fizéssemos, não poderíamos escrever *sobre* oralidade, mas investigar o dispositivo *no* texto *com* a pesquisa. No que a aproximação e o deslocamento de distintos modos de expressão, que são modos de vida em um dado regime discursivo, podem fazer algo diferir, tanto entre nós, quanto nos que as recebem? Haveríamos, portanto, de mergulhar na vulgaridade, no elitismo e nos puritanismos deste tempo como elementos de análise. O contraste à longa e insidiosa noite do positivismo. Nossa análise: não analisamos. Em seu lugar, ensaiamos expressar condições para que esses elementos digam o presente. Os afetos resultantes fazem a análise por nós. O que você acha?

Um pouco de cada, por favor. Com pouco açúcar. O que eu acho mesmo é que pode acabar resultando uma porcaria qualquer. *Eclética*.

À eclética, prefiro caosmótica. E bem, ninguém morre por isso.

Mas falávamos dos redutores de danos: o colega de trabalho, eventualmente, apareceria um pouco fedido, e o lugar onde se fumava era ainda um campinho atrás da escola, não uma *cena de uso*. Você passava também um pouco de vergonha, quando se tornava evidente, você não era dali. E *tava* tudo certo, porque fazíamos a parada juntos. *Juntos* o quanto era possível, sem escamotear as distâncias, e *tava* tudo certo, como eu disse. Então? As instituições em nós não suportam a linguagem, não

suportam modos de vida dispares, vistos como injustificados. Por isso, ou você vai contra você mesmo, ou não dá pé. Nunca vai dar. E tem outra, a maioria dessa rapaziada dourada que se apropriou do saber dos redutores nem sequer sabe qual é sua unidade de saúde de referência, como arrumar ficha pro dentista, ou o dia da reunião do conselho local de saúde. Mas o pastor sabe.

Nunca vi, nem comi, eu só ouço falar, como diz o Zeca. Mas hoje em dia eu não sei mesmo. Quando comecei a ganhar uma grana que era suficiente para pagar um plano privado, pode ter certeza de que foi isso que eu fiz. Minha filha nasceu estrábica. Sabe como está a regulação para consulta oftalmológica para cirurgia pediátrica de estrabismo por aqui? Cinco anos e meio^{clxxxvii}, só isso. Tem moleque esperando que tinha três anos quando entrou na fila, e tem quase dez agora. Não consegue ler. Na escola, é diagnóstico, boleta e *la nave va*. Já atendi crianças que estavam sendo tratadas como autistas por isso. Lá num postinho no cafundó do Judas, cai no teu colo uma vida danificada por camadas e mais camadas de negligência. É uma máquina de moer. Não é a regra, mas também somos governados pelo medo, neste caso, pelo cálculo atuarial, a ciência dos riscos e de seu superdimensionamento. Os planos são mafiosos, mas a humilhação é demais. E não cabe nesse refrão.

Boa. Grande Kleber Cavalcante Gomes! Esse verso expressa o *princípio da redução* a oposição das *ficções* do Borges, o conto contra o romance. Pedrinha miudinha. ‘Uma é maior, outra é menor. É a miudinha que nos alumeia’^{clxxxviii}.

Eu já escutava o Kleber, o Criolo, há algum tempo, mas nunca tinha visto uma foto dele. No dia que vi, sabe qual foi a primeira coisa que pensei? Esse cara não é preto, mano. Agora imagina o quão *branco* alguém precisar ser para pensar isso, assim, involuntariamente, *insollicitadamente*. Passou tempo pra caralho, e um dia eu *tava* num lugar, olhei assim, *carai*, ali, é o Criolo. Fiquei rondando, decidindo pra ver se eu ia dar uma tietada ou não, e sabe o que pensei? Isso mesmo, de novo. A parada é *pregnante, véi*. Essa é a real.

Não sei o que te dizer.

Não precisa dizer nada não. Se você tiver algo que considere verdadeiro, que você considere mesmo verdadeiro, diga. Se não, não está vinculado a nenhuma obrigação. É melhor do que... é melhor do que... bem, outro dia recebi por e-mail uma revista, de uma instituição de Psicanálise, cujo tema era a Clínica e o Racismo. Eu conheço os caras há muitos anos, e nunca vi um preto por lá, nunca. Aí, me fazem um número especial. Como são *especialistas em discurso*, civilmente, convidam autores e autoras negras para escrever. Está bem, e inclusive novas referências, que estão em voga, se apresentam nos textos dos psicanalistas brancos, *da casa*. Mas em nenhum momento, problematizam a expressão do racismo na própria instituição ou em sua trajetória na clínica. Então, adianta? É só mais uma camada de tinta branca. Irmão, tua contribuição não vai ser me apresentar uma revisão de bibliografia sobre o racismo, essa tu não vai me empurrar. E tem outra, por isso, comento. Eles realmente pensam que não estão todos vendo?

Não é um problema apenas da Psicanálise.

Evidente que não, mas iria me ocupar de abordagens cuja genealogia nos levaria a estudos acerca do adestramento de cães?

É muita treta, mano. É um pouco, digamos, pouco não, *demasiadamente* juvenil essa virulência. Relaxa.

O que é 'ninguém' em 'anota aí, eu sou ninguém?'. São múltiplos, múltiplos, múltiplos. Mas a forma mais geral, que interpenetra e estabelece ligações entre todas, é a figura do *governado*. Ao *governado* fazem desaparecer. Mas também, eventualmente, se o governado quer falar, tampouco há dificuldade especial: 'é bem verdade: os bons governos amam a santa indignação dos governados, desde que ela permaneça lírica'^{clxxxix}. A *indignação lírica* se restringe ao enquadre da *cidadania*, isto é, a voz do governado modulada pelas gramáticas do consentimento, afeita ao gosto das agências multilaterais. Em 2013, já há alguns meses, me sentia moído. Me sentia moído, estava *moído*. Pelo trabalho, por uma vida besta. Em casa, no sofá, assistia às multidões noturnas, incandescentes. Muitos se perguntavam, o querem? A dúvida é compreensível, não os julgo. Mas veja, o que pode querer uma besta a que se amarra

pelo pescoço, que se arrasta pelo asfalto pelo único motivo da recusa a seguir se movendo, uma besta que responde ao açoite com grunhidos e golpes incessantes, irremediavelmente? É intolerável. É decisivo, Nietzsche chora e abraça o cavalo em Turim. Nas tomadas áreas, uma mancha indiscernível contra a paisagem da cidade; na escala à altura dos olhos, alguém partilha uma garrafa de leite de magnésia, arranca duas tampas de plástico da caçamba de lixo. Uma para você, outra para mim. *Ninguém*, sujeito da enunciação, exprime-se em sua língua própria. Na forma, um grunhido; nas forças, miríades de vozes e pertenças. Nenhuma contradição entre a negação irreduzível, massiva, do *Estado de Coisas*, a negação sem projeto e uma pauta perfeitamente audível, específica, *nem um centavo a mais*. Não se sabe qual é mais insuportável aos poderes. Então, quando decidimos que no filme testaríamos nossa capacidade de falar como Ninguém, deveriam ser esses vetores a seguirmos. Recusa e acolhida à confusão das vozes. Anota aí: *Ninguém é parresiasta*. O primeiro motivo, toda enunciação que parte dessa negação massiva, de acontecimentos–*mancha* como esta a que aludimos, só pode dizer a verdade –, e a pronuncia diante do risco, uma e todas as vezes em que emerge. Conclusão consequente, de fato, Ninguém é parresiasta. O segundo, na emergência da verdade cínica, feito um golpe que incide retrospectivamente sobre o sujeito, a pedra que mata um pássaro ontem com a flecha que se atira hoje, o sujeito que a enuncia é proscrito, banido ou se dissolve, o que seria dizer, passa ao estatuto ontológico *Ninguém*. ***A Parreshia provoca o devir-ninguém do sujeito***. Neste momento em que falamos, quantos já falaram aqui? Você não crê que estamos reduzidos a um diálogo entre *eu* e *você*, não é mesmo? Isto é realismo ingênuo, a ideia de um mesmo referente, a crença na *comunicação total*, na política como exercício do entendimento. Platão, sim, Platão fala com os cidadãos. Diógenes, Diógenes não fala ao cidadão. É a primeira reversão do Platonismo. Como é Ninguém e não postula assento na cidade, Diógenes fala como Ninguém. Seu público: ‘marinheiros, crianças, desqualificados em geral’^{CXC}.

Preocupa-me ouvi-lo de maneira tão assertiva, seriosa. Foi uma brincadeira, um truque de câmera, um personagem filosófico: uma dramatização. É preciso que eu lhe diga, que o chame à realidade para lembrá-lo de que não *somos* filósofos cínicos? Receio

que você esteja entrando em um caminho perigoso, no qual tenha dificuldades em discernir essa *ficção da realidade*.

Uma ontologia do *ser* é uma fantasia, não está radicada em nenhuma estabilidade. Uma ética do *estar*, no entanto, nos faz recordar que toda interpretação, desculpe a tautologia, é performativa. Transforma, deixa marcas e relança *uma vida* em outras direções. A entrada em um dispositivo de ficção é sempre bastante perigosa, porque esta é uma das máquinas de modulação de realidades, *o liame entre o virtual e o real*. Não esqueça que seu nome estará nos créditos de abertura do filme, e esses efeitos incidem mais no que se passa fora do filme, do que no veloz movimento da luz na progressão sequencial dos quadros na tela. Essa alegoria, nosso filme é uma alegoria, todo filme é uma alegoria, pretende indicar justamente isso. *É uma oportunidade de ruptura, a solidez do tecido da realidade se esgarçou diante da falência da representação. Este é o diagnóstico*. Olhe ao redor, as pessoas já demonstram dificuldade em distinguir notícias de mentiras e versões, em localizar os corpos em seus binarismos de referência, se perdem em meio às falas dos papéis que deveriam representar, tentam as recuperar, mas tudo soa falso, e não convencem sequer a si mesmas. Não sabem se a medicação as deixou calmas, ou se algo mudou. Os personagens da série que acompanham saltam para fora da tela e seguem falando por outros meios igualmente patrocinados, mas a continuidade da representação não é evidente, já que é bidirecional. Os personagens da televisão postulam os mais altos cargos da República, e os ocupantes de ocasião dos mais altos cargos da República devêm personagens de televisão. A guerra é travada por videogames e aviõezinhos de controle remoto. Você pensa em comprar uma geladeira, e ofertas de geladeiras o perseguem por dias. Em meios acadêmicos, se discute com seriedade se haverá um momento em que as *máquinas puramente máquinas* terão autonomia para tomar, e impor, decisões autocráticas e irreversíveis. Centros de pesquisa, com dotação orçamentária de algumas centenas de milhares de xelins, investigam a hipótese de que a realidade consensual que vivenciamos seja uma simulação computacional engendrada por uma civilização futura^{cxci}. A terapêutica psicodélica é novamente levada em consideração. Em curso, uma transição *entre* epistemes.

E no que reside essa oportunidade da qual você fala?

A exploração dessa brecha nos oferece algo não ordinário, qual seja, uma disposição *hesitante* quanto ao caráter não necessário do que, então, era percebido como constante, substancial. ***Os universos de referência evaporam, incontrolavelmente, como orvalho exposto ao sol.*** São condições para propulsão de empenho em outros mundos possíveis.

Segue a parada que tu *tava* falando, da redução.

Ah, sim, o 'desvario trabalhoso e empobrecedor de compor vastos livros; o de espriair em quinhentas páginas uma ideia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos'^{cxcii}. Mas isso eles sabem desde o Afrika Bambaata, desde a Tribo Called Quest. *É a mixtape, o sample.* Não é fácil perscrutar o caminho da oralidade, uma vez que o texto tende a ser o seu avesso. É também uma das apresentações da Judicialização da vida, *vale que o que estiver escrito.* Aproxima-se da situação do novato na capoeira que deseja logo todas as explicações, como num curso qualquer movido por graus de conhecimento e atestados de proficiência, carimbos e boletos anuais de pagamento *da ordem.* O que é isso, o que é aquilo? E ninguém lhe responde como você esperaria. Deixam-lhe catando folhinhas esparsas. *Outra política cognitiva que ajuda a entrever um mundo sem escola.* De um salto, tudo pode assumir a forma do enigma.

Para o qual, muitas vezes, não há resposta. E que, no entanto, se vive.

Que *por isso* se vive. É o submarino amarelo no espaço infinito.

É a Terra.

Quem jamais te esqueceria?

Lembro quando um ex-redutor de danos, desempregado, falou: meu velho, vocês estão aí guardadinhos, em escala, alquinho e pá, recebendo salário. Essas caras tão sem um putto, mais do que nunca, porque o vizinho que, às vezes, pode emprestar algum, tá liso. Você acha que não percebem que vocês têm medo deles? *Tão* jogando o risco na cara de vocês. Se você está de máscara, e eu não, o risco maior é seu, não meu. E, além disso, *tô* no trampo, de moto, na chuva. Já andou de moto na chuva,

irmãozinho? Você freia, e o freio no pneu velho da CG125 derrete na água, sacou? Será que volta, será que não volta? *Nego* joga camionete na tua cara e sai fora. E já era. Tudo maquinado. Agora é a minha vez de mostrar que a sua vida não vale nada para mim, se a minha não vale para você. Outro dia, o maluco me disse que ia botar veneno de rato na pizza dos *boy*. Eu não duvido. Você duvida? Quinhentos anos de indiferença, quinhentos anos dessa porra. É pra ver se vocês sentem alguma coisa. Eu fiquei visivelmente interessado no que ele dizia, muito mesmo. Quer marcar de conversar? Beleza. Mas vocês irão pagar supervisão, ou querem que eu trabalhe de graça? Vou pagar a conta de luz como, com certificado de extensão? Se tiver trabalho, *tamo aê*. Se não, boa sorte com a leitura de *como as democracias morrem*.

É mesmo uma intensidade que precisava ser comunicada sem representação. Por isso, compreendi as escolhas narrativas do seu texto à época. Tratar esse material de maneira polida, tornando-o de fácil digestão, palatável, seria uma forma de subserviência a um regime de saber demasiadamente confortável. Pior, seria não estar à altura da confiança das pessoas com as quais você conversou. Isto escapa às autorizações de algum autoproclamado comitê de ética. Mais do que pesquisa, existe aventura micropolítica. Pessoas lhe dedicaram tempo e atenção, por motivos que talvez jamais nos sejam evidentes. Mas o cara *te deu a morta*, e o fez porque sabia que você usava seus anos de estudos hermenêuticos, *aprofundadíssimos*, para uma interpretação *muito peculiar* dos critérios de inclusão de pessoas para concessão de benefícios socioassistenciais.

Isso é o mínimo.

Menos para o funcionário do ano.

Menos para o funcionário do ano e pras *tia* que ficam escrevendo portarias, confundindo o direito com a lei.

As *tia*?

É assim que os garotos, que nunca se enganam sobre o que se passa, as chamam. As *tia* da assistência.

Viishhh.

É o que é. Nada é diferente só porque você quer, gringo. Às vezes, eu sou as *tia* também, mano. Todo mundo é, em alguma medida.

Mas sobre o camarada, esse redutor de danos, não é que o irmão dele, lateral esquerdo do Guarapuvu, caiu de moto, pouco tempo depois da nossa conversa? Ele escapou, teve sorte. Mas ficou com o joelho zoado, e a fila para cirurgia, que diziam eletiva, não andava. Só que não era *eletiva*. A várzea salvou o cara de muita treta, então foi tenso. Muito.

O que melhor funciona em Desterro é a várzea. Se perguntar pros caras o que é autogestão, *auto o quê?* Mas o campeonato tem duzentos mil times, e mais de 30 anos. Vidas já foram salvas com os churrascos depois do jogo, em que grupos que não se bicam sentam-se pra tomar uma Brahma.

Não se bicar, isso somos eu e você de vez em quando. Com eles, a parada era islâmica. Quanta coisa poderia ser resolvida tomando uma Brahma.

Muita. Metade dos problemas que nos ocupa, que nos faz perder tempo, poderia ser ultrapassada assim.

Sem falar que outra parte nem existiria, porque sustentar na lata são outros quinhentos. Sustentar *em presença* o que se diz, o que se *faz*, é outro barato. Mas isso é senso comum, não é mesmo?

Senso comum e saber cínico.

Sem dúvida. Como os *facho*, sem uma estrutura qualquer de mediação, não se criavam. Imagina, salãozinho do centro comunitário cheio, pra decidir uma parada séria, tu acha que os *facho* iriam se criar?

Claro que não.



UNIVERSITY OF CALIFORNIA

ANIMACIÓN

Em Desterro, não seria diferente. Por seu relevo acidentado e montanhoso, e sendo recortado por mangues e lagoas de água doce, o êxito das fugas dependia de um minucioso conhecimento do território. Essas condições, enquanto constituíam obstáculos às fugas, aportavam dificuldades ainda maiores aos captores, dadas as distâncias entre os núcleos de povoamento da ilha. Os feitores, capitães do mato, brancos, não conheciam tão bem a própria ilha, o lugar em que moravam. De modo que, sendo hábeis e contornando barreiras linguísticas, povos, em sua maioria, oriundos da África Centro-Occidental e da Costa da Mina, aquilombavam-se, às centenas, com sucesso em diversas regiões. Na grande planície situada da face leste do extremo sul da Ilha, outrora chamada de Sant'Ana de Lagoinha, encontrava-se a segunda maior armação baleeira do país e a maior senzala de Desterro, nas quais produzia-se morte e azeite de baleia para os lampiões das casas, e ruas, da capital do Império. Muito possivelmente, no exato lugar em que estamos agora, havia um quilombo.

É um dado interessante, mas de que maneira isso o envolve, digamos, hoje, com as suas questões?

Esses dias, no final da tarde, eu estava com a turma da *Nina, Estrela do Mar e Quiridu*, que são algumas das *baleeiras* que flutuam mansas nas águas tranquilas desta parte do atlântico sul. Sobre os pequenos morros de areia fina da praia, os *olheiros* aguardavam. Entre as funções dos grupos da pesca artesanal, aos não treinados, a dos *olheiros* se aproxima do exercício de uma arte adivinhatória desconhecida. Sua tarefa consiste em avistar os cardumes trazidos pelo tempo frio do outono, quando quaisquer outros perceberiam apenas um mar *único*. Enquanto conversávamos, já ao cair de uma tarde sem peixes, um dos *olheiros* me diz que tampouco o sabia, jamais ouvira falar de quilombos por aqui. Brancos, mesmo eu e alguém tão improvável quanto um *olheiro*, partilhamos de uma impossibilidade de ver, o que, em parte, é explicado pela nossa escolarização jesuítica, porque jamais existiu escola laica em parte alguma, todas as escolas são jesuíticas, mas certamente, não apenas por isso. Quando eu estava voltando para casa, fazendo o caminho que faço todos os dias, vi uma pequena placa, já bem gasta pelo tempo, de um grupo de capoeira e um telefone.

'Quando os brancos se sentem mecanizados demais, voltam-se para os homens de cor, e lhes pedem um pouco de nutrientes humanos.'^{cxiii}

Como você lembra destas frases?

Não é uma frase, é um acontecimento generalizado, basta ver. Bem, e os treinos, a pesquisa?

Não tinha essa intenção, de propor um plano de pesquisa sobre esse tema, mas a sequência dos encontros na roda acabou me pegando. Fiquei uns dias com essa questão, quando pensava em afirmar esse desejo, me ocorria, a capoeira é um saber muito refinado, uma tecnologia complexa, que leva uma vida para aprender. Em pouco tempo, como eu poderia ter algo interessante a dizer? Então me lembro das crianças, e desta potência exclusiva, que somente elas sempre terão: aprender a falar, aprender a andar. É uma potência perenemente localizada na infância. Sempre se pode aprender outro idioma, sempre se pode aprender a andar de outro modo, mas o efeito de (re)estruturação de mundo que essas habilidades produzem quando se manifestam pela primeira vez, são apenas delas, das crianças. O que sabemos disso, sabemos as concebendo como objetos, item comparativo de pesquisa do desenvolvimento. Porque não é possível, por óbvio, ter acesso ao relato em primeira pessoa, já que o *infans* se caracteriza, justamente, por ser *falado por alguém*. Sobre o que ocorre quando o mundo se transforma de maneira tão intensa com essas aquisições, em primeira pessoa, nada sabemos.

Agora você me perdeu nesta última volta.

Refazer um corpo, em certa medida, adulto, tendencialmente dócil e normalizado, a partir da capoeira, e pensar seus efeitos na modulação do pensamento e na capacidade de agir, partilhando esse relato a partir de microacontecimentos inscritos nos gestos quando eles emergem pela primeira vez, pode ser interessante, não? Talvez, tanto à comunidade dos aprendizes, quanto aos professores.

Mas há muitíssimos trabalhos sobre a capoeira, especialmente capoeira angola, e me desculpe lhe dizer, feito por pessoas que, há muitos anos, a praticam.

Justamente por isso! Em um dos treinos, ouvi que a capoeira não ‘entra’, ela ‘sai’, quer dizer, é libertada, em ato, se expressa. Preparação somática, sem destino, para a expressão do que é: livre. Então, só há capoeira se há criança, ela apenas se manifesta no *limiar da passagem*, da criança com o adulto. Como uma espécie de transversal, é *a retomada de uma potência*. *Retomada*, como se diz de *uma terra retomada*, como nos ensinam quilombolas e indígenas. *Retomada*, retomada *do corpo*. É *um* caminho para retomada *da Terra*. Fala-se muito que precisamos de um novo corpo político. Mas, como quase sempre acontece, isso é compreendido como metáfora, ou posto a serviço de uma imagem funcionalista, quadros do Leviatã ao fundo. Uma pena, porque o novo corpo que precisamos é um corpo-corpo, corpo mesmo! Não é por acaso que alguns dos processos mais interessantes, hoje em dia, estão acontecendo nos vetores em que *novos corpos* estão sendo feitos.

Compreendo, mas é preciso combinar com os russos. Eles têm outro projeto.

Entendo, mas se trata apenas de uma exploração livre. Não tenho pretensão de configurar uma espécie de guia, de apontar soluções. São percepções, apenas, deste início. Uma partilha de *um* processo de descoberta, sem obrigações. Não falo por ninguém, não respondo do lugar que gere obrigações com alguma tradição. Tenho carinho por essas percepções, não sei se, mais adiante, se perderão. O Mestre Pastinha dizia que *o princípio da capoeira Angola não tem método*, e que seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista. Quando pediram que a sintetizasse, ele disse que Capoeira é ‘tudo que a boca come.’ Não sei o que esse *dito* significa, ou *pode fazer significar*, mas suspeito que seja importante; de outro modo, não haveria sido guardado com tanto zelo. Isto que eu digo, a mim, é uma verdade. A capoeira é também um jogo de verdade. Eu jogo o jogo que tenho agora, expandindo-o, a cada roda. Mas o jogo que eu jogo, não é o que joguei ontem, nem o que jogarei amanhã. Agora, ele é tão somente o que é, o que está. É autoevidente. Eu o sinto como o sinto, a roda o percebe como é. Duas experiências, cada qual, verdadeira. Pode-se dizer o que se queira, começa a roda, o jogo fala por si. A roda sabe, eu sei. É assim. A roda tem um tamanho, é onde acontece o jogo, e não há para onde ir. Por isso, todo jogo é verdadeiro, sendo verdade, inclusive, os modos do mandingueiro mais velho, que tem

mais jogo, mas o esconde para pegar o novato depois, o novato que tenta fingir que sabe o que não sabe. Mas, de fato, é mandingueiro, e sendo o que é, nada esconde já que *mostra* mandinga, que é arte de esconder, sendo tudo, portanto, verdade. Não seria, então, dizer que a verdade não existe, antes, o contrário, é tudo verdade. A capoeira implica em uma relação com a verdade, verdade produzida *na roda*. O que se sabe de si, agindo, e o que se sabe e aprende com os outros, jogando, vendo ou ouvindo. A capoeira é *um modo de produção de discurso, que é um modo de fazer vida*, isto é, corpo. Ético, estético, político. Do que ela é feita, o que ela diz e como se conduz, no jogo com o outro, esta é a questão. A capoeira implica em uma relação com a verdade, verdade produzida *na roda*. Verdade cínica, diz o que é, não existe sem o outro. O Maior Mestre de Capoeira do Mundo, coisa que não existe, mas se existisse, desapareceria, se eu dissesse, não jogo com você. Se não há outro para jogar, não há capoeira, por óbvio, muito menos o Maior Mestre de Capoeira do Mundo, cuja própria existência depende da minha, porque jogo. O novato é bem tratado, a capoeira se alegra, porque o jogo cresce, sem nunca ter sido, no entanto, menor ou maior do que é, o que sempre já incluiu todos os tamanhos que pode ter. Por isso, não é criada, mas nem sempre existiu. Aconteceu, impessoal, mas foi inventada. Jogo de criança. Alguém cai de bunda, todo mundo ri. Quem mais joga é quem mais *faz jogar*. O meu jogo e o seu se crescem no *encontro*. Mas falar me afasta do jogo, porque capoeira se joga, não se fala. Ao menos, não assim, com a voz, mas com o corpo. Já começo a usar palavras para comover, pra dizer mais do que sei, é retórica, não capoeira. Então, eu paro.

Difícil de entender.

Mais ainda, de explicar. Explicar uma língua feita para sentir, não dizer. Quanto a isso, é anti-imperial, já não há como ser possuído nem roubado. Quando se oferece, não é subtraído, tampouco decresce, ao contrário, se expande, sem que nada a ela seja adicionado.

Mas começamos falando de quilombos. Antes, só um registro, é mesmo lindo como as crianças são bem recebidas nas rodas. É um contraste que impressiona já que, hoje

em dia, há uma repulsa às crianças em quase todos os lugares em que elas não sejam o foco de ofertas de consumo.

Sim, sim! Sobre os quilombos? Partindo da constatação histórica de sua existência, alguns estudos do *Quilombismo* dizem algo central para a nossa compreensão dessa emergência e de suas potencialidades, suas *atualizações* no presente, ao não nos deixar esquecer que 'Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial'^{CXCIV}. Há nisso a manifestação primordial de um sentido afirmativo, a proposição de uma vida outra, que não diz respeito apenas ao que teria sido uma experiência realizada no passado, mas que se atualiza em diversas 'associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, que foram e são quilombos'^{CXCV}. Considero que a Capoeira Angola soma-se como um desses espaços que, ademais, pelo seu próprio sistema de formação, mantém uma experiência de transmissão ininterrupta, mais inventiva, entre os mestres do presente e os primeiros capoeiristas, cuja genealogia remonta às lutas e cerimônias africanas, mas que, possivelmente, teria sido uma produção da resistência ao escravismo já no contexto colonial.^{CXCVI} No que, talvez, houvesse três modos de pensarmos a questão.

Quais seriam?

Quando se percebe uma continuidade nessas associações que mencionei, concebendo-as como manifestação de *quilombismo*, há o reconhecimento de que esses foram, digamos, modos de organização que, por muito esforço, tornaram-se legais, especialmente nas zonas urbanas. No entanto, haveria ainda tanto os quilombos considerados como territórios geográficos e expressão de modo de vida, das assim chamadas 'populações tradicionais', já reconhecidas em seu direito, bem como aqueles que dizem respeito às comunidades que não são reconhecidas em seu estatuto legal, às quais o Estado dirige um projeto de extermínio, não apenas, mas principalmente, para expropriação fundiária. No entanto, talvez fosse interessante lembrar de um terceiro vetor, qual seja, as redes cujo acesso não é imediatamente visível, em que há limiares de entrada.

Sim?

Semana passada, eu estava com um amigo negro e, como estou nesse movimento de circulação entre alguns debates, meio que comecei a sondar a possibilidade de ir com ele a um encontro. Ele me disse, *neste você não entra nem se tiver uma carta de recomendação do Mandela*.

Pô, mas aí...

Te conto isso para você saber que há desníveis, faces visíveis do rizoma emergem, se bifurcam, mergulham na terra, se disfarçam em uma planta. Seria o óbvio, mas como nós dois temos esta limitação do ver, é bom lembrar. O *comum* também se constrói a partir dos elementos que estão disponíveis à construção do comum, que são ofertados, digamos assim, e, nisso, há séries de horizontalidades que permanecem paralelas, enquanto não se ampliam as condições de confiança, compreende? Talvez exista mesmo, ainda, algo mais, já que a imagem do pensamento arborescente tem forte pregnância. É preciso lembrar que os rizomas não são bidimensionais, então, pontos de entrada podem conduzir a regiões distantes, inesperadas, o que não deixa de ser surpreendente quando acontece. Já não penso que não importam as entradas, desde que as saídas sejam múltiplas; as entradas importam, porque *errar a entrada* igualmente pode nos levar a regiões de lentificação e, no limite, zonas de impasse.

Bem, e a capoeira?

É uma oferta generosa, também um vetor de descolonização e prática de liberdade. Mas, seguindo com o Mestre Pastinha, 'capoeira é para todos, mas nem todos são para a capoeira'. Tem algo do projeto de transvaloração nisso.

É um cruzamento um tanto insólito.

Sobre a *transvaloração dos valores*, em muitos momentos, somos advertidos de que não se trata de uma *substituição* dos valores por outros, que seriam igualmente transcendentais, edificantes, humanistas. O projeto da transvaloração incide, fundamentalmente, no eixo em que pesam os valores, o lugar de onde se avalia a proveniência da atribuição de valor aos valores. O que é forte, altivo, singular,

afirmativo? É o ponto de vista que se altera, não uma distribuição de sentidos dada *a priori*.^{cxvii} A roda da capoeira é radicalmente aberta, mas é valorativa, quer dizer, também expõe, senão pessoas, forças com as quais ela não deseja compor. Nisso, imagino, há quem não se desprenda e, assim, não componha. Há, também, a modulação de um *pathos da distância*, como em todo quilombo. Não é fácil se manter na roda. 'O ponto de vista está no corpo'^{cxviii}, não é mesmo? Logo, a variação do ponto de vista, em um sentido radical, requer a produção de um novo corpo, intencionalidade e constância de um fazer-corpo, como reação aos efeitos das inscrições da disciplina, e recusa às modulações do governo ambiental das condutas, a governamentalidade que as reinscrevem incessantemente. Onde encontrar o espaço-tempo do corpo indócil? Se não ancorarmos o racismo em uma ontologia do ser, mas no plano da subjetividade enquanto *produção* de inconsciente *colonial-capitalístico*^{cxix}, a expressão da branquitude que performa o racismo seria derivada do estado atual da composição entre as forças em jogo no corpo de cada um. *O que talvez fosse dizer, não que todos os brancos sejam racistas, mas que sim, há racismo em todo branco. Não penso que este pequeno desvio seja uma manobra retórica, mas o reconhecimento tanto de que há gradações, digamos, entre projetos explicitamente supremacistas, em que estas dinâmicas microfacistas atingiram níveis máximos, e as limitações do ver e sentir, nossa corriqueira passividade diante da maquinaria institucional de reprodução do racismo, o que é também racismo em ato, já não podemos nos enganar.* Mas, na chave de uma leitura de planos de forças, sendo a composição o efeito de uma ontologia histórica, há possibilidade factual de sua superação. Abordagem monista da questão: possibilidade que existe porque *estrutura* são os *sujeitos*. Caso limite, *o experimento de pensamento* de La Boétie: e se houvesse a decisão abrupta de não obedecer?

Eu penso que esse percurso de entendimento que parte das linhas de força não deve recair em uma espécie de subjetivismo.

Como assim?

Não as reduzirmos ao exame do *sujeito*, mas seguirmos o movimento proposto na Crítica da Razão Negra^{cc}. A leitura sobre a atualidade que encontramos ali aponta a

tendência de maximização globalitária e exponencial da precarização do trabalho, financeirização, militarização capilar das dinâmicas territoriais, perda de soberania do estado-nação, lógicas concentracionárias, endividamento estrutural, fundamentalismo religioso, redução da vida ao algoritmo e neurociência, expropriação e espoliação irrestritas. O quadro nos leva a um cenário em que ‘se ontem o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje *a tragédia da multidão* é não poder já ser explorada de todo, é ser objeto de humilhação de uma humanidade supérflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital’^{ccci}. Essas dinâmicas, em escala inédita, seriam responsáveis por esse ‘novo caráter, descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e sua generalização ao mundo inteiro, um *devoir negro do mundo*’^{ccii}.

Um alargamento dos dispositivos de produção de um racismo ainda mais ampliado?

Certamente, mas há nisso força de criação, do avesso, por isso, a lembrança de La Boetie. O texto não pontua a questão nesses termos, mas eu tenderia a ler as proposições desse avesso na chave da lembrança histórica das revoltas de escravos, na potencialidade virtual dessa experiência e nos modos correntes de atualização do quilombismo. Lembrando que a ‘intuição é sobretudo o movimento pelo qual saímos de nossa própria duração, o movimento pelo qual nós nos servimos de nossa duração para afirmar e reconhecer imediatamente a existência de outras durações acima ou abaixo de nós’^{cciii}

Intuição?

A voz, a manifestação do corpo-que-sabe, um corpo vibrátil^{cciv} que, embora constantemente soterrado por toda espécie de justificação, medo e esperança, mesmo contra nossa vontade, insiste em dizer, *o que se passa é intolerável. Esse sopro cita a história, porque há uma intimidade entre todas as insurreições*. Então, refazer um corpo nessa experimentação da Capoeira Angola é, também, a entrada em *outra duração*, que, certamente, provoca a emergência da visibilidade das diversas linhas de força que nos constituem. Por isso, o corpo indócil.

Ouvindo você falar, penso que talvez outros contextos possam ser compreendidos à luz dessa noção, que é uma realidade encarnada, mas, por que não, uma possível categoria ou conceito-analisador das práticas?

Agora, sou eu que não acompanho.

Muito se diz da fragmentação da esquerda, ou das esquerdas, se você prefere. Mas mobilização de um diagnóstico como esse decorre de uma posição dialética, o Estado-em-nós como imagem moral do pensamento, o princípio do *Um*. Diante do *Um*, tudo que é múltiplo é sobrecodificado como fragmentário. Quem diria que a imensa rede de quilombos que existiram em Desterro era ‘fragmentária’? Não, era monadológica! Talvez um de nossos problemas na atualidade seja precisamente o fato de que, em relação a isso, não fomos ainda longe o bastante. Não um continente, sim, milhões de arquipélagos.

Monadológica?

A existência de cada quilombo *retomava* a existência dos demais. Mais próximos ou mais distantes, geograficamente, uns dos outros, mas em *um mesmo plano no nível das forças*. Um quilombo, todos os quilombos, sem *fora*. Há ainda outro sentido possível, ligado às durações. Como se diz, para ficarmos com um, entre tantos exemplos, dos Tupinambás e suas retomadas. Os Tupinambás não são *herdeiros* dos antigos Tupinambás, como em uma definição tradicional de herança. Eles *são* os Tupinambás *hoje*^{ccv}. Em uma analogia, poderíamos pensar o mesmo, hoje, acerca dos quilombos; de acordo com a definição ampliada a que aludimos, e não apenas quanto às populações tradicionais que, a tanto custo, puderam manter-se *com* seus territórios? Do mesmo modo, seria assim a capoeiragem? Se for, é um modo de experimentar uma *razão outra*, uma definição outra de *comum*, uma retomada *incessante* do problema da *vida outra*. Uma ética, portanto. *Terra Nullius*, sem proprietários. No território das Passagens, não há bandeira que crave na Terra, a soberania. Apenas a lei corporal-afetiva da composição, jamais inscrita em pedra de uma vez por todas, mas impermanente.

Como se a questão dissesse respeito a princípios de composição e decomposição. São relações entre formas e forças. Acho que acabei não lhe contando do evento de dias atrás, contei?

Não me recordo.

Só revolucionário, meu velho! Insurgência, destituição e democracia radical!

E quem limpou os copinhos de café entre as cadeiras depois da corajosa vanguarda?

Bem, em um dos salões principais desta prestigiosa universidade, no qual havia algumas pinturas a óleo de heróis republicanos pendurados da parede acima da mesa principal, um dos convidados, professor universitário, que é também um quadro dirigente de um partido...

Da nova política?

Isso, isso, nova política. Começa a arenga e, como estão filmando, é aquela longa sequência de comentários, não debate, não há troca. São pessoas suando diante de holofotes. Discutindo, identitarismo, o proletariado, as multidões. Há acusações, nem tão implícitas. Em um dado momento, a conversa evolui para um nível que eu considero hilariante. Há um debate sobre o *crepúsculo dos ídolos*, um dos homens da mesa, professor da casa, como ele mesmo se apresenta, diz que haverá um dia em que aqueles quadros não serão mais tolerados. Bem, eu penso, então façamos assim: cada um de nós pega a sua canetinha do evento, e faz um furinho, só um furinho, nesse belíssimo painel. Se apenas isso já for muito radical para algumas sensibilidades insurreccionárias, faremos de outro modo, com todo cuidado, usamos chaves de fenda, desafixamos o painel, embrulhamos com esmero e papel-bolha, e entregamos o acervo na portaria. Que lhe parece?

Isso foi tudo?

Não, não, ainda bem. Repare a diferença. Depois disso, saí atrasado para uma roda de conversa sobre descolonialidade. Ao contrário do auditório, em que todas as falas da mesa eram de homens brancos e no qual havia poucas mulheres e pessoas negras no

geral, nessa roda de conversa só havia mulheres e um único homem além de mim. Flaco, aconteceu algo, digamos, educativo. Eu estava atrasado, porque tinha ficado preso na conversa interminável do auditório. Quando cheguei na roda, que havia começado no horário, as mulheres estavam apresentando seus trabalhos, colocando questões umas às outras, em círculo. Algumas pareciam se conhecer de alguns coletivos, outras não. Uma dessas exposições foi uma dança solo, com uma música tocada no celular, algo que seria impensável em outros espaços. Segue a conversa, o camarada apresenta seu trabalho, mais algumas exposições de outras mulheres. Depois disso, em certo ponto, ao final de uma exposição, ele formula uma questão direcionada a uma das participantes que havia falado em um momento anterior; na verdade, fez um comentário sobre o seu próprio trabalho, não o dela, interrompendo o desenvolvimento de uma ideia conjunta que elas seguiam.

Bem, mas acontece.

Seguiu-se mais um pouco, uma dessas mulheres do grupo pontua que está sentindo-se muitíssimo ofendida, que a outra companheira não teve a oportunidade de ter suas ideias debatidas e que a intervenção dele fora de extrema descortesia.

E aí?

Aí eu precisei intervir.

O quê?

Sim, alguém precisava dizer, *vejam, nossa tarefa revolucionária precisa nos conduzir a superação destas particularidades pequeno-burguesas, porque é o capitalismo que nos leva a agir...*

Sério agora, havia alguém conhecido? Conta!

Bicho, não vou te contar mais nada, você quer mesmo é a fofoca, não é canalha?

O que é isso!

Você acha muito prosaico, banal, se escrevermos sobre esses pequenos acontecimentos? Se tentarmos incluí-los nas filmagens?

Evidente, é prosaico. Não seria por outro motivo que *deveríamos* incluí-los. Mais do que isso, acredito que deveríamos quase que nos *restringir* ao âmbito do que você chama, não sei se com ironia ou não, de *prosaico*. O mais pretensamente avançado desenvolvimento teórico, o problema mais rarefeito, uma questão para *escolhidos*, muitas vezes tomada como mais importante, decisiva, é pouco diante dos acontecimentos da vida cotidiana. *É ali que se decidem os destinos*. Não compreender isto é não compreender nada. *A vida é feita por ninguém. A vanguarda é ninguém*, sacou? Essas maquininhas que inventamos, essas pequenas ficções a que damos forma e compartilhamos, o que se espera delas? Que incidam, justamente, nisto que você chama de *prosaico*, mas que eu gostaria de nomear, tão somente, *uma vida*.

Nesse caso, está bem, seguimos. Elas retomam esse ponto, a reflexão vai por mil caminhos, ele se justifica. É um massacre, de acentuada elegância, mas é um massacre.

E você nesta história?

Eu só pensava: *que* maravilhoso dia de sorte. Porque, claro, poderia ter ocorrido comigo. O interessante é que, com essa irrupção, elas decidem seguir com a questão ao invés de percorrer o restante das exposições, e todas concordam sem hesitar. Partilham-se muitas vivências que se relacionam de maneira próxima, aspectos que seriam ditos íntimos se convertem em expressão de ato político. Rapidamente, se extrapola o contexto de um comentário específico para uma situação, digamos, analisadora. Percebe a distinção entre um *discurso sobre* e maquinação de uma prática, *em ato*? Certos feminismos têm uma propensão quase irresistível à *ação direta*. Ao contrário do que se passava na outra sala, elas não estavam dispostas a esperar que, um dia...Elas *sabem*, e é o que mais *transmitem entre si*, que o quadro não sairá da parede sozinho dizendo *pronto, cansei, me vou...*

E o que você falou?

Enquanto a conversa tomava esse rumo, o camarada me buscava com os olhos, como quem diz: *'você vai me deixar sozinho nessa?'* Também algumas delas, em certos momentos, me olhavam: *'você não vai dizer nada?'* Eu não falei nada, de fato, embora em alguns momentos eu balançasse a cabeça, como quem diz: *é mais um comportamento lamentável.*

Um tanto de hipocrisia.

Não foi exagerado.

De qualquer modo.

Se eu fosse falar algo, e fosse honesto, teria de me endereçar a ele, e reconhecer que isso se passa comigo também, e que apenas nos apercebemos deste fato quando há pontuação, porque de outro modo, não o faríamos.

Mas a raiva era necessária? Quero dizer...

Não se trata apenas uma escolha deliberada, é uma irrupção e uma avaliação *situacional*, digamos, tática. Segundo, a necessidade de um bloqueio intenso, a potência do não, é um forte mobilizador político, não há possibilidade de ruptura sem esse afeto. Terceiro, esse devir foi acionado, e depois manejado de maneira que, em alguns minutos, como disse, já não se tratava dele, sei lá, o Joãozinho, sacou? Ele vai sobreviver, tenho certeza. *Não tenhamos tanta autoimportância.* Veio pra dançar, é do jogo, eventualmente, pisa no pé de alguém, ou pisam no seu. Quarto, diz respeito a mim, decidir sobre os modos de endereçamento do outro?

Concordo, mas se você está interessado nas condições de produção de agenciamentos, nas passagens, os circuitos desses afetos precisam estar em causa, não?

Acho que estar em causa, nestes termos, seria o equivalente a explicitar, tomar como problema. *Problematização*, tentativa de mapeamento das inúmeras linhas de que uma questão é feita, não a resposta, a exortação ou a diatribe. Se não houvesse o

deslocamento para o plano do impessoal, como aconteceu, a questão tenderia a ser moral.

Parece-me uma saída fácil, aludir simplesmente ao que você chama de plano do impessoal, porque aí, bem, toda responsabilidade concreta, encarnada, desaparece, sempre há uma instância transcendente.

É difícil porque o movimento mais interessante é duplo e simultâneo, a responsabilidade e a desindividualização. Se um desses vetores é muito preponderante, a tendência é um afundamento na culpa e esvaziamento da potência de agir, ou a restituição do universalismo que borra as linhas de constituição dos marcadores sociais da diferença. Ou seja, trabalha contra as condições de exercícios de análise das implicações. No limite, esse segundo polo, se extrapolado, opera reconversões morais das questões em jogo, e aí, bem, militantes que caíram do céu dos revolucionários.

Mas que você escapou dessa, você escapou.

Perto do final desse encontro, uma das mulheres fez uma alusão ao fato de que o camarada se identificava como comunista, sugerindo alguma conexão com o que ocorrera. Iniciou-se uma discussão entre elas, já que havia muitas diferentes posições à esquerda no grupo. Os ânimos voltaram a se exaltar. Não deixa de ser curioso observar uma divergência - cuja genealogia nos levaria até onde, a Primeira Internacional? - ser atualizada a partir de uma situação como a que lhe contei. E ativada de maneira totalmente despropositada!

Despropositada?

Acaso, decorre, *necessariamente*, de sua identificação política a conduta dele naquela tarde?

Vejo que você já tem uma opinião quanto a isso.

Apenas por levantar a questão, você já a considera uma resposta? Bem, como já tínhamos ultrapassado, em muito, a duração estabelecida, a mediadora do debate conduziu os trabalhos ao fim, com o proverbial convite ao *chopp*.

Isso sim é saber desviar do identitarismo!

Eu já estava de pé, saindo, quando uma das participantes que estivera ao meu lado durante o encontro, e que também não havia entrado diretamente do debate, me avisa, gentilmente, *acho que você esqueceu seu copo de café vazio no chão*.

Bem-feito!

Você tem mais tempo hoje, Flaco?

Não muito, mas, sim, posso ficar um pouco mais. Vamos esquentar mais uma térmica pro mate?

Boa.

E o lance da rádio?

Comecei, o programa é quinzenal, quartas pela manhã, uma hora de entrevista e duas ou três músicas. É uma das coisas mais divertidas que já fiz, e especialmente revigorante nesses tempos que estamos vivendo.

Eu acho que ouvi a chamada esses dias, é *Conversas em Desterro* não é?

Isso!

Tem um reggaezinho na cortina, o que é? Manu Chao?

Isso, *quayaquilcityva rebentar , tanto calor no se puede aguantar*. Pensei em colocar o Lenine *‘Como é que faz pra lavar a roupa? / Vai na fonte, vai na fonte / Como é que faz pra raiar o dia? No horizonte, no horizonte / Este lugar é uma maravilha / Mas como é que faz pra sair da ilha? Pela ponte, pela ponte*.

Ainda bem que não colocou, seria um pouco didático demais. Podia ser o Lennon, com a Yoko, *Imagine all the people...yuhuuúúúhhh*. Bem micropolítica dos afetos, a sua cara.

Quem sabe *Hasta siempre comandante?*

Essa é boa, combativa!

Vou colocar um araponga daqueles do *Comitê de Defesa da Revolução* no seu cangote, para ver você preferir se jogar no mar infestado de tubarões só com uma boia de câmara de pneu de caminhão...

Não vamos começar.

Logo depois da confusão com o filme, participei desse evento de que estávamos falando, e aconteceu esse episódio do copo de café, que coincidência você ter falado nisso. Me ocorreu, é um pouco o que estávamos tentando, não é? Digo, a intenção de recolher esses detritos, essas sobras.

Claro, claro, porque esses restos são como signos do que permanece não analisado, que se descarta, se higieniza. Mas não é só isso, há faíscas, lampejos, fulgurações, já que muito mais do que o analista, são os acontecimentos que produzem análise^{ccvi}, na contingência de suas condições.

Ah sim, como um desencaixe das linhas de força que compõe uma forma, até então, concebida como pretensamente estável, sequências não lineares de microrrupturas.

Cada vez penso mais nessa direção, as revoluções são, antes, ontológicas, processos de mutação em escala acelerada, concentradas em durações curtas. Intervém o acaso, bem como saturações de forças afirmativas, fenômenos de ressonância, contágio. Não deixa de ser interessante notar que apenas voltamos a falar disso quando já próximos a junho, um pouco antes, um pouco depois.

Nossa geração de psicólogos, e psicólogas também, foi muito marcada por uma subjetividade muito reformista, quase insensível às labaredas de uma transição inconclusa entre a ditadura militar-civil-empresarial e o aceno fantasmagórico das

promessas de cidadania de um pretense Estado Democrático de Direito. Participe, participe! Vou anotar isso também – *Ver depois* ‘a geração reformista’. É uma liberdade debilitada, paranoica, de rebanho. Essa súplica diante do Estado é humilhante.

Mas no outro polo, com o passar dos anos, me parece, mesmo a abordagem micropolítica foi-se revestindo em um tipo de exercício de estilo, uma *marca*, como talvez se dissesse de um tênis ou uma camiseta.

Por que você pensa assim?

Há alguns anos, e me lembrei disso apenas ontem, participei como ouvinte de um grande evento organizado por pesquisadores de uma importante universidade federal...

Qual é a importância de você dizer isso? *Um grande evento organizado por pesquisadores de uma importante universidade federal...* Me agride, soa como um misto bizarro de elitismo e subserviência.

O investimento é público, a responsabilidade é maior, não é fundo de quintal, é sim a elite do pensamento da Psicologia desse lugar. Estamos juntos nessa, Flaquito. Bem, esses grupos realizam atividades de pesquisa e extensão em um grande hospital psiquiátrico, ainda em pleno funcionamento no país. À sequência de encontros e palestras que se estenderam por alguns dias – aos quais, com apoio de financiamento estatal, somava-se uma belíssima exposição de obras e catálogo– propunha-se o debate em torno de maquinações conceituais e fazeres artísticos produzidos pelos pacientes no espaço desse hospital psiquiátrico ao longo de anos.

Produções estas que, imagino, a partir de certo momento, foram impulsionadas pela entrada da universidade nesse campo de atuação...Legal, arte-loucura!

Bueno, quieto, sentado na plateia, em meio à proximidade do encerramento do evento, fui invadido por um sentimento de profunda consternação acompanhado de um grito que permaneceu mudo: *me tirem daqui!* Então era isso? Uma das mais interessantes construções do pensamento da diferença, *a micropolítica*, havia se convertido em gestor do *enclausuramento*? De conceito *menor* a sinônimo de

pequeno? Porque, sim, eu conhecia pessoas como aquelas que haviam produzido as obras enquanto perdiam a possibilidade de uma vida fora dos muros. Como é possível que um verdadeiro paradigma ético-estético, uma aposta intensiva na produção de alternativas que partam da experimentação, do vitalismo das forças que pulsam e insistem em ter lugar, tenha sido confinado aos *limites* da própria experimentação e tenha sua produção de valor político reduzida ao espaço do *pequeno*?

Pequeno?

Pequeno, sim, porque, em momento algum, ouvi a questão de *uma sociedade sem manicômios* ser posta por aqueles que organizavam o evento e, em última análise, eram responsáveis pelas ligações que permitiam a configuração daquela aliança entre instituições. O ponto radical e inegociável: o abolucionismo! Onde está? Onde Está? Pretendem o que, *humanizar* o manicômio?

Que fosse, *um* apelo à implementação de rede substitutiva, *uma* manifestação de repúdio, nomeada como se deve, pela existência daquela máquina de mortificação...

Que seja bela, alento, um sopro de ar fresco ou forma de mesmo cuidado, o que resulta dessa arte ainda é fruto da imposição de sofrimento.

É de se notar o divórcio da inseparabilidade entre molar e molecular que a abordagem micropolítica pressupõe.

Saí de lá com o gosto ruim de uma *vernissagem* na qual, em dados momentos, parecia-se estar em busca de um *Bispo do Rosário* para chamar de seu. É de um colaboracionismo... porque está explícito o consentimento com a clausura... Você pode fazer o que você quiser, desde que não seja pular o muro, ou dar marretadas. Há muitos dispositivos de substituição e alternativas técnico-políticas, mesmo para as pessoas mais gravemente debilitadas pela longa privação de liberdade. Não há qualquer justificativa.

Ok, mas depois da Reforma Psiquiátrica, esse grande encarceramento se tornou residual, não? E, ademais, a questão não teria evoluído para a lógica concentracionária no meio aberto? Controles, medicalização exponencial...

Mais do que por substituição, os dispositivos nas relações de poder funcionam por acréscimos contínuos, por sobreposições. A questão é que em cada consentimento, essa racionalidade ganha fôlego, se desloca, sobrevive, se instaura nos corpos. Bem, aí se autoriza, com financiamento público, a inclusão de comunidades terapêuticas ditas cristãs, especialmente neopentecostais, geridas sem equipe de saúde na composição de redes de atenção psicossocial. Começa a ressurgir toda a espécie de tortura...percebe?^{ccvii} Quem são os responsáveis? Me diga? É sempre mais um consentimento, só um pouco mais, precisamos ceder...é a política...O fato é que em algum momento, alguém aceita calcular, tornar a vida um objeto de cálculo, que não é outro do que a gestão diferencial de quem vive e quem morre...tudo em nome da hegemonia, no controle do estado....

Ou mesmo nos movimentos...

Foi aí que eu entreguei a minha carteirinha. Podem pegar. Fui fazer outras coisas...

Reformismo miserável...Mas me conta da rádio, do programa.

Viu, quem quer falar disso?

Podemos continuar se você quiser, é que eu realmente preciso ir, mas antes queria ouvir um pouco mais sobre o programa.

Como havia lhe dito, é um programa de entrevistas, na rádio comunitária de um bairro no sul da ilha. A proposição é a de uma conversa com pessoas de vários movimentos, coletivos. O ponto de partida é sempre a relação desses sujeitos com seus campos de luta, e aí eu sigo com algumas questões que eu colho de algum contato prévio que eu tenha com o entrevistado, entrevistada, ou questões emergentes de conversas anteriores. Eu faço uma espécie de contrabando entre fronteiras que, às vezes, estão por demais vigiadas. A transmissão é ao vivo, mas ficará disponível nas redes e no site da rádio.

Mas como surgiu a ideia?

Nessas andanças, tive algumas conversas muito boas, há muita coisa acontecendo, e sendo feita por pessoas comuns, que não são conhecidas no meio acadêmico, e que, tampouco, são militantes históricas de organizações bem consolidadas. Está em curso a modulação de um pensamento dissidente, me parece. Esse é outro ponto, em meio a esses deslocamentos, tenho a impressão de que a experiência de crise se prolongará muito mais, porque essa dissidência é uma recusa à convergência aos espaços de representação. O que, sem dúvida, é uma boa notícia, ótima. No entanto, a exigência, sendo muitíssimo mais alta, impõe maiores dificuldades. Tenho receio de que essas correlações se saturem em *estase*, e nessa duração, tudo se degrade muito rapidamente. Mas, enfim, achei tão interessante que me percebi na obrigação de partilhar essas conversas.

Mas você não faria isso de qualquer modo no trabalho, na pesquisa?

Essa é uma das dificuldades. Neste tempo em que estamos vivendo, não me autorizo a me colocar na posição de sobrecodificar...quer dizer, recortar as falas, e pôr-me a dizer o que significa o que o outro diz, enquadrar em categorias...esse foi um dos motivos para a criação do programa, não haver representação. Cada entrevistado representa a si mesmo e ponto. Nos variados sentidos, e com as possíveis consequências que decorrem disso. A fala é preservada na integralidade, sem edição.

Sim, mas resta o texto. Como você pretende lidar com o material? As pessoas sabem que estão participando de uma pesquisa?

O ideal seria transcrever todos os diálogos, mantendo a ideia de *apresentação*, que estávamos trabalhando na época do filme, e depois fazer um capítulo de comentário, eu acho.

Até o cão estragar tudo...

Não foi o cão. Sabem, mas não se importam, porque têm a garantia de que tudo que disserem vai ao ar, mesmo que não entre no texto. Reconhecem, talvez, mais valor nesses momentos de partilha, na possibilidade de circulação das falas, que são também gravadas. Quem, hoje em dia, lê uma tese? Vamos ser francos... Já uma

conversa se pode ouvir no trajeto para o trabalho, enquanto se faz outras coisas etc. Disseram-me que gostaram da ideia por isso. Ninguém mais quer ser objeto de nada. Além do mais, se eu fizesse dessa forma, um eventual leitor teria possibilidade de discordar de mim, já que teria acesso ao arquivo, algo que nunca ocorre, uma vez que nos vemos sempre na posição de crer nos representantes, no caso, nos pesquisadores. O problema é que o trabalho ficaria muito extenso, e transcrever tudo leva muito tempo...um mapa do tamanho do território, que é o paradoxo daquele conto do Borges.

Você pode terceirizar as transcrições para um estudante de graduação, paga umas moedas, e está feito! E como tem sido essas conversas?

Tenho que pensar em como fazer...alguma ideia? Bem, está no início, foram 3 ou 4 entrevistas. Embora seja ainda embrionário, o fato de percorrer essas redes, fazer o convite, tem sido um analisador desses circuitos de lutas. Há certa desconfiança, algumas pessoas, às quais fiz essa proposição, disseram aceitar, mas depois não responderam. As relações estão delicadas, em certa medida, até frágeis. Conversando a esse respeito com um amigo, ele me fez duas sugestões que foram úteis: informar que não sou filiado a nenhum partido político e acionar contatos a partir de relações de maior proximidade... sou amigo de...já em estive em... fazendo tal e tal coisa com...

Curioso...

Você conhece o trabalho do Cildo Meireles, *Babel*?

Conheço pouco além do *Inserções em circuitos ideológicos*.

A instalação é uma torre, de cinco metros de altura, composta por mais de 900 rádios, de tamanhos, procedências e épocas variadas. Todos funcionando e sintonizados em estações diferentes. Ao longe, se escuta uma massa sonora, uma parede de som; no entanto, à medida que nos aproximamos, é possível distinguir a emissão singular de cada aparelho....que, é claro, escutamos com a interferência dos demais. Um fundo de ruído geral, um som singular, sob interferência das regiões mais próximas. É uma imagem possível do agenciamento coletivo de enunciação. Acho emblemática porque

demonstra a possibilidade de superação de algo que, com frequência, se apresenta como falsa questão, que por seu turno, e reveste de polêmica.

Interessante...Mas você não precisaria ir até a rádio; hoje em dia, há muitos programas de entrevistas nas redes, inclusive com uma circulação, imagino, maior do que o alcance de uma rádio comunitária...parece um pouco anacrônico...

Penso que atuam em planos não totalmente coincidentes. A rádio é um ponto de encontro de pessoas de vários lugares, com diferentes trajetórias de lutas. Essa dimensão corporal não pode ser reproduzida pelo virtual. Todo agenciamento é, antes, um agenciamento de corpos^{ccviii}. Igualmente, trata-se de um modo de apoiar a rádio e provocar um debate em nível local. São pessoas que se cruzam em diversos espaços de atuação política, mas, raramente, se encontram para conversar de maneira mais livre. Tenho pensado nessa questão, o anacrônico...um tempo atrás, visitando a minha avó, me dei conta de que ninguém da nossa família havia, jamais, se interessado em aprender a fazer pão, e ela faz uns pães maravilhosos. Então, peguei umas orientações e comecei a testar as receitas em casa. Com o tempo, alguns ficaram muito, realmente, muito bons, mas foi impossível continuar...

Por quê?

Porque eu não tenho tempo nem pra fazer pão, Flaco! Eu me dei conta de que, se eu quisesse fazer pão, eu teria que simplesmente reordenar toda a minha vida, ter outro emprego, morar em outro lugar, tudo...

Então faz gelatina.

Falou o ministro da fazenda do governo popular.

Entendo...você já percebeu que há uma fantasia comum, que as pessoas agora só falam em ir pro mato?

Engraçado você mencionar isso, é mesmo muito frequente, cada vez mais. Mas impossível também; para a maior parte das pessoas, é um privilégio, e só.

Mas então... Essa é a indigência da razão gerencial-biopolítica de uma esquerda cronificada que talvez não tenha mais capacidade alguma de formulação, deslocamento para experimentação de qualquer coisa que não seja *o mesmo*. O descolamento do plano do desejo é quase absoluto. É preciso desfazer a lógica concentracionária...

O custo subjetivo dessa vida nas megalópoles...é evidente que um projeto assim poderia ser viável, mas jamais o farão.

O que eu queria mesmo dizer era só que o anacrônico guarda essa potência, a de decompor formas estáveis, enquanto torna visíveis as linhas de força que as constituem, evidenciando seu caráter contingente, ou não necessário. Há muitos pequenos acontecimentos em curso que decorrem desses encontros fortuitos com a experiência do anacrônico. Preste atenção, é uma linha de fuga molecular.

Me deixa um pouco melancólico, na verdade. Vamos seguir com a rádio, você ainda não contou tudo. E os aspectos técnicos da condução do programa?

Não era minha intenção, me sinto mesmo entusiasmado em falar disso, porque é, certamente, um sinal de vitalidade alguém querer ir pro mato! Mas bem, sobre o Conversas em Desterro. Um dos camaradas da rádio, algumas décadas mais velho do que eu, amigo dos pais do Pepe, só anda de bicicleta, se dispôs a me ajudar, e tem me acompanhado nessas primeiras entrevistas, no melhor estilo *faça você mesmo*. 'Aqui liga o microfone, esse é o botão da antena, é legal fazer um fade na entrada, nesta pasta há algumas músicas, traga outras, toque o que você quiser...'No terceiro programa, me deram as chaves da rádio. Todos limpam o espaço, alguém deixa alguns biscoitos, arruma uma grana, trazem água, essas coisas. Autogestão existe, e funciona!

Mas imagino que não seja fácil.

Nos primeiros dias, ele percebeu que eu ficava nervoso, quase na iminência de fazer uma voz de radialista...aí ele me disse, *bicho, tudo é experimental, a rádio, a vida... 'militar é agir!'^{ccix}*

Somos todos grupelhos!

Em um destes dias, esqueci de dar o *fade-out* na cortina do programa, a música ficou rodando enquanto conversávamos! Fui notar dois dias depois, ouvindo novamente a gravação. Nessa mesma entrevista, tocou o meu celular, que estava carregando em uma tomada afastada, me levantei, fui desligar, a transmissão ficou muda por alguns segundos, depois retomamos a conversa...é assim!

Semana passada, estava rodando por esta região da ilha e sintonizei na rádio, tive um choque, quase alucinatório, porque achei que estava ouvindo um candidato à presidência da república, e a voz da entrevistadora parecia a de uma professora de ensino médio que havia participado de uma reunião de rede comigo, pela manhã. Há uma qualidade quase onírica nisso. Não pode ser... e era mesmo!^{ccx}

Sim, sim! Isso é interessante, esse espaço-tempo da rádio comunitária é um decodificador também, quem poderia imaginar, não é mesmo, a *professorinha* no encaixe de um candidato cotadíssimo, querendo saber detalhes sobre o programa para a educação pública?

E na sequência, a entrevista com algumas pessoas do movimento da população de rua, que acabaram sendo convidadas para participar de uma aula na escola.

Isso já é doutrinação!Porque, claro, imagina expor os alunos, essas jovens almas, a um morador de rua... e se eles descobrem que eles falam, têm sonhos, precisam comer, tomar banho, transar, cagar, dormir, como todos nós? Que não são obstáculos na calçada?

O pior seria se os estudantes perceberem que não são eles ali apenas por um lance de dados da 'mão invisível'.

Isso que você falou antes, onírico... O Pepe começou a trabalhar essa ideia em algumas experimentações no centro da cidade, converse com ele. Ouvindo você, algo me remete à ideia do *espaço outro*, do *tempo outro*, à questão das heterotopias.^{ccxi}

Justamente, o contrário da utopia, da esperança...

Claro, porque há muita esperança, mas não para nós...então, só há o presente e o que fazemos agora. As revoluções não têm forma, porque são passagens pelo avesso, um tipo de absurdo em ato, processo, não destino.

Nada mais absurdo do que a professorinha qualquer que fala ao presidente...é um conto fantástico.

Sobretudo inquietante...

Algo que ainda não é, mas poderia ser, se atualiza, se realiza, embora fugaz.

Mas nos acusam...

Bem...

As heterotopias são territórios de Passagem que não trabalham para a produtividade ordinária.

São inúteis, você diria?

Do ponto de vista da razão neoliberal que nos constitui como empresários de nós mesmos, certamente. Improdutivo, ou *desprodutivo*, talvez fosse mais exato. É como um instante de duração da *greve-geral-em-nós*, um tamanquinho emperrando a megamáquina de moer. Ou ao menos, algum bloqueio no modo de produção de subjetividade que a sustenta. A vida espiritual das organizações tradicionais são absolutamente demissionárias nesse ponto. Zero heterotopia.

Também gostaria de pensar assim, porque o dispêndio no improdutivo é a afirmação do gesto livre. Nossa disputa se dá no plano da sensibilidade, não da conscientização, embora estejamos comprometidos com a materialidade da vida. Eu, ao menos, não tenho coragem de falar a uma trabalhadora de telemarketing, que precisa pedir permissão até para ir ao banheiro, que ela está sendo explorada. Francamente, é muito platonismo, *eu, que estou fora da caverna...* como se ela não soubesse.

Não é por outro motivo que o Monsieur abriu um flanco inesgotável...Por onde ele anda?

Disse que iria passar o dia hoje investindo em recolher elementos para um novo livro que pretende escrever e que se chamará *Em Direção às novas ecologias da vadiação*. Acho que ele não vai escrever coisa nenhuma, mas disse que vem à rádio conversar. Ao menos, agendamos.

Essa noção de território das passagens, talvez possa ajudar a pôr algo em movimento.

Espero que sim!

Porque a passagem é tarefa aberta, não tem proprietário. Cada um *faz passagem* onde consegue e, quanto mais fizer...Não há como extrair valor monopolista das passagens, se há produção de valor, é apenas porque ele já é, automaticamente, distribuído, acresce a potência de agir de todos. Quem ergue um muro entre as passagens trabalha contra si mesmo, contra todos. Como uma represa, em que primeiro acredita-se que há água inesgotável, mas que, depois, se transforma na drenagem exaustiva do volume morto, até que o solo rache e nada mais possa crescer.

Passagem também como travessia entre espaços-tempo, atualizações. Como a propósito do quilombismo, do qual você falou.

Ou da voz do cão, deixar que ele fale, saber que ele fala.

Como o xamã.

Xamã?

Sim, são muitos os povos ameríndios que fizeram essa associação, dizendo, literalmente, 'o xamã é um rádio'^{ccxii}. Por quê? Pelo fato de ser alguém que constrói um corpo capaz de atravessar diferentes planos, carregando, entre limiares, as vozes de lugares outros. Ele faz uma canção entre ritmos, mas a canção não é sua. Um xamã Yanomami, e com todo rigor possível, um filósofo, diz que o xamã é também um diplomata, ou melhor, um emissário diplomático.

Bem, mas não existe branco xamã. Porque, como ele mesmo diz, 'o homem branco dorme muito, mas só sonha consigo mesmo'.^{ccxiii}

Nem nunca existirá, o que não nos impede de trabalhar uma realidade como conceito a ser operado em outros contextos, mesmo que seja na baixa extração que é o limite das nossas possibilidades.

Essa constatação de que o homem branco apenas sonha consigo mesmo, somada ao que estávamos falando antes, nos ajudar a compreender, em parte, os motivos pelo quais, por exemplo, 'o que sempre faltou ao socialismo não é tanto uma teoria do Estado, é uma razão governamental, é a definição do que seria, no socialismo, uma racionalidade governamental, isto é, uma medida razoável e calculável da extensão das modalidades e dos objetivos da razão governamental'.^{ccxiv}

É mesmo preciso reconhecer que 'não há racionalidade governamental do socialismo', e mesmo em seus textos, não é como se ela estivesse oculta, mas, sim, ausente. É preciso inventá-la'.^{ccxv} Manifestação da cronicidade de uma limitação existencial?

Ou o insuspeito e inconfessável apego à colonialidade do microfacismo que sustenta as relações no capital?

Conjecturas, conjecturas...

Ô micropolítico, agora preciso mesmo ir, senão perco o ônibus, que é de hora em hora, nada heterotópico!

Não veio de carro?

Precisei vender, ficou muito caro depois que me demitiram da universidade. Consegui uma vaga em outra, que foi comprada por um grupo chinês, na verdade, um conglomerado financeiro sem pátria sustentado por verba estatal, mas me pagam pouco menos da metade de antes. Assumi as disciplinas de outros professores que foram demitidos, e não poderiam ser recontratados para a mesma função com salário menor. Ratos comendo ratos, e último rato não come nada, porque é comido...

O que eu vou te dizer? Ainda bem que você conseguiu essa vaga.

Eu sinto também pelos estudantes, mais ainda pelas estudantes mulheres, algumas com filhos cujos pais somem no instante em que a criança nasce; as aulas são noturnas, trabalham o dia inteiro, alguns só dormem... Levam três horas para ir, três horas para voltar, a sala tem 70 alunos, acredita? No que irão trabalhar com um diploma de Psicologia, só Deus sabe...

Mais uma, coloca essa na conta também.

Me informa o número, porque fico em dúvida...

Boa, Flaco!

Esses dias me chamaram na coordenação do curso, houve reclamações de que o programa da minha disciplina era muito ideológico...*nós aqui primamos pela neutralidade crítica*...Para a maioria das disciplinas, existe um polígrafo padronizado, usado em toda Desterro, porém, para algumas disciplinas não há. Mas você ganha um *tablet*, junto com a dívida de cem mil reais. Pediram que eu construísse um programa para alguns cursos optativos, não me pagaram por isso, e depois também não me encaixaram nestas disciplinas.

Olha...e aí?

O que eu poderia dizer eu disse, puxei o velhote pelo colarinho, e falei: *obrigado senhor pelo pão que nos dai hoje*...Quem ainda não queimou um ônibus, vai queimar, tenha certeza!

Te cuida, Flaquito.

Toca a vinheta para eu ouvir antes de cair fora. O convidado ainda não chegou?

Sempre atrasa.

Só mais uma coisa, você pode transcrever a conversa e enviar para o cão cineasta?

Beleza.

Quayaquilcity vá rebentar, tanto calor no se puede aguantar...





O velho do Pepe não anda bem, eu logo vi quando abriram a porta. Cheguei mais cedo com as travessas, em tempo para o *scotch* no final da tarde, antes que chegassem os convidados. O velho bebia cerveja, muito pouco, e eu sei, isso não é bom sinal. Pepe viria mais tarde e, de pronto, me perguntaria o velho tomou guaraná? Eu diria que não, e nós saberíamos como terminaria a noite. Porque, se o velho começa com o *scotch*, nós sabemos, ele quer rir e contar histórias e amanhecer com o *bandonéon*. Mas, se não for assim, ele pensa talvez seja bom não beber hoje, e dormir mais cedo, porque não tenho nada a dizer. O velho pensa, não tenho nada a dizer e, por isso, fico quieto, embora seja meu aniversário. Mas, então, algo o devora, e ele já está em alguma cidade mergulhado na noite, e não há pra onde ir, e, depois, o forçam a dizer o que aconteceu na prisão, e, no mesmo instante, já está cercado por estranhos que tomam seu depoimento com comiseração e, depois, se dirigem ao supermercado em busca de papel higiênico e bananas. Eles insistem: o que aconteceu?

Esses garotos não conhecem o frio que se inicia no contato do metal com as digitais extremas do corpo, o peso singular da escolha feita, o assombro da hesitação que não se pode mais ter. *Bravatas ofendem a memória.*

Tantas vezes o fizeram falar, o convidaram a retornar ao escuro do horror e, depois, mais uma vez e outra mais, e ele que, em qualquer circunstância, interrompe o interlocutor, *vítima não, sobrevivente*, ele repete para que não seja esquecido, *sobrevivente*, nunca se furtou de contar a sua história, porque não era apenas sua, ele sempre insistiu. Em uma reunião do Partido, fora chamado para conversar sobre as tratativas para a instalação de dispositivos relacionados à processualidade da justiça de transição. Comissões, audiências, clínicas itinerantes, financiamento nacional e estrangeiro, especialistas internacionais. Silêncio sobre a anistia extorquida.

Dias depois, enquanto assistia ao noticiário que retransmitia as imagens da cerimônia que marcava o início dos trabalhos dessa comissão da verdade, ele comenta: 'reparou? Os generais não prestam continência à presidência da república, ao suposto comandante supremo das forças armadas. Um escárnio', diz o velho, 'pronto, tudo que será dito já o foi neste gesto'. Surpreende-me o fato de que alguém queira exibir sua tutela, assim aprofundando-a, o que me leva a considerar a situação como um

involuntário pedido de ajuda. Com alguma condescendência, talvez, se poderia dizer tratar-se de imperícia. Mas não estou certo, uma vez que a encenação de processos transicionais tendem a render dividendos no mercado internacional dos direitos humanos. De toda sorte, resta incompreensível que não se esteja advertido de que, uma vez deflagrado o processo, é preciso seguir até a sua conclusão. Iniciá-lo sem a disposição de mobilizar absolutamente todos os recursos disponíveis, mas do que politicamente temerário, é socialmente perigoso. Restando sem conclusão – onde estão os corpos? Quem são os perpetradores? Quais serão as consequências de seus atos de morte? –, reitera-se ostensivamente a autorização do arbítrio genocida, em nome da *governabilidade*. Como não o ver dessa maneira quando, poucos meses após o assassinato de ██████████ e ██████████, em uma tarde, a realização de um evento de manifestação antifascista na Faculdade Nacional de Direito é interrompida, pois, avisa-se, há um carro abandonado em frente ao prédio, com marcas de tiros, e um cadáver? Não há nada oculto. A verdade é a vala aberta de Perus na sala de jantar. Do alto de uma das janelas do edifício em que se graduam os bacharéis, vejo uma enorme faixa negra em que se pode ler *Nunca Mais*.

Se 'o que resta da ditadura é tudo, menos a ditadura'^{CCXVI}, é preciso reparar que a circulação do diagnóstico foi barrada por longo tempo. Tomada como acessória às pautas econômicas determinantes do projeto neodesenvolvimentista de construção de miragens da social-democracia, ou mesmo como entrave a esse projeto – um tanto por ser *ruim aos negócios*, outro tanto por ter sido percebida como dispêndio de energia política cujo retorno seria diminuto do ponto de vista de constituição de *maioria*–, a divisa ressurgiu com intensidade renovada ao longo dos dias e das noites de *Junho*. Quem são os fascistas, aqueles que reivindicam memória, justiça e reparação, ou cândidos pacifistas e eventuais partícipes *transeuntes* na ocultação de cadáveres?

Menos cotados, menos analisados talvez, que seus pares 'saúde', 'educação', 'terra', os cartazes *Nunca Mais* direcionam a minha atenção de maneira intensa, me forçando a ver algo que todo trabalhador e trabalhadora social neste país sabe, mas que nos fazem esquecer. Escondido, arditamente, como um objeto à plena vista sobre um estante: a guerra nunca cessou. Do *inimigo interno* ao *inimigo interior*, dissolvem-se os *fronts*.

Um garoto de doze anos, ativo no pequeno comércio de substâncias elusivamente reguladas pelo Estado à margem do sistema legal – compra lanches, faz o troco – é despido, espancado e, sob ameaça de morte, forçado a masturbar seu amigo. Os homens entram na viatura. Entram na viatura e nada mais. Ao garoto de doze anos, dias depois, perguntam: o que houve, meu filho? As costas lixadas por queimaduras – fora arrastado pelas pernas no campo de terra e pedregulhos –, o rosto marcado com o desenho de um coração, por ponta de faca quente. O que houve, meu filho? Há poucas semanas na atividade, o garoto viaja até o centro da cidade, entrega um pequeno pacote, recebe um pequeno pacote, coloca-o na mochila. Decide experimentar o lanche, agora que tem algum dinheiro para o *milk-shake*. Satisfeito, seguro, embarca para casa. Onde está a mochila? Ele se pergunta, já muito tarde. Onde está a mochila? Perguntam-lhe cedo demais. O padrasto do garoto me procura, quer conversar, conversamos, mas já não há tempo para que retornasse. No final de semana, faltou-lhe o coração que não pode mais seguir em frente e, na segunda-feira, estou no salão do centro comunitário, ele também, mas no caixão simples de *pinus* fornecido pela administração municipal. Você já esteve em um velório como esse, em um salão de centro comunitário? Em dez anos, e dez anos não vinte anos, mas tampouco são dez dias ou dez semanas, e esse é o tempo que estou aqui, é possível reconhecer qualquer novo rosto nessas situações. São muito poucos. Apenas os que jamais estiveram ali considerariam manejar negociatas para o controle do extermínio. Pedem-me, seja sensato, conseqüente, adulto. Que morram cem, no lugar de mil. Que sejam dez mil nas masmorras, enquanto poderiam ser dez vezes dez mil, não lhe ocorre que seja um controle na extensão dos danos? Claro, desde que você não esteja na contagem, ou no plenário da *pequena câmara*, quando os vereadores fogem, a

guarda cerra as portas e, com o gesto, os pulverizadores de agentes químicos a tornem um aquário sufocante e febril.

Há privilégio, e há privilégio *demais*.

Pois saibam, nesses salões, a memória é inclemente e a solidariedade é, antes, uma potência dos corpos.

**

O *viejo*? Sim, voltamos ao *viejo*, ou melhor, ao seu amigo de juventude. Ele me liga, você pode atendê-lo? O que houve? O procuraram, depois de tantos anos, insistiram que falasse, lhe ofertaram escuta, mas acabou. Como assim, acabou? 'A demanda por atendimento extrapolou o número de horas limitado pelo projeto e, por conta do comprometimento ético dos terapeutas, todos os demais pacientes, com exceção de um, seguem em atendimento *a partir de um acordo por honorários*^{ccxvii}. Claro, você acha melhor que eu ligue, ou espero que nos procure? Falarei com ele e te aviso. Obrigado, *pibe*. Obrigado pelo que, *viejo*? Você não me deve nada, ele tampouco, e eu, muito menos. Equidade, universalidade, integralidade.

Acabou a cerveja e, com o seu fim, a turnê. Isso e mais uma longuíssima e tediosa ficção em torno da metafísica da falta, da culpa e da expiação. Estejam preparados, os credores virão bater à porta. É preciso atenção para não os escutar. De outro modo, há sempre o risco de que se acabe como Serguei Pankejeff, que poderia ter sido *um homem entre os lobos* (quem efetivamente desconhece que os lobos andam em matilhas?^{ccxviii}), mas encontra seu destino encerrado em uma instituição argentária, como paciente exemplar. Decorativo e perpétuo, descansa na máscara mortuária do *London Freud Museum*.

Depois de ler o trabalho da Camila, em que ela propunha exercícios de interpretação de poemas com estudantes de uma escola pública – entre estes, os suspeitos de

sempre – me pus a fazer o mesmo^{ccxix}. Como o fizera Ginsberg, há tantos anos, me dirijo à América e pergunto, afinal, *‘quando poderei entrar no supermercado e comprar o que preciso apenas com a minha boa aparência?’*^{ccxx}. Partindo da ingenuidade utópica da questão, sou transportado à concretude de um cotidiano tão possível quanto real. *‘Quando poderei entrar no supermercado e comprar o que preciso apenas com a minha boa aparência?’*. Heterotopia da próxima hora, em que nada precisa ser pago na boca do caixa. *Pública*, esta é a nossa clínica. Ponto originário do desvio, convite à construção do comum. Sem proprietários, sem mais.

Mas nem seria preciso tanta explicação de gente sabida de livro. Bastaria escutar o que nos diz Canjiquinha: *‘Com jeito e medida dá pra fazer a utopia aniversariar todo dia’*^{ccxxi}.

Perguntam ao mestre Canjiquinha: *‘Canjiquinha, o que é política?’* *‘Eu lhe confesso que não sei o que é política hoje, quanto mais há trinta anos trás. Nunca estive metido com político. Nunca fiz campanha pra ninguém usando a capoeira’*^{ccxxii}. Eu diria que Canjiquinha é a eterna vanguarda da antipolítica, mas suponho que ele diria *o agogô está fora de ritmo, menino*.

E segue a roda.

‘Canjiquinha é do Tempo. É do tempo em que capoeira, filosofia e putaria são aprendidas na rua. A rua ‘habitat dos grandes problemas’, popularmente universalizada como escola onde se aprende truques, macetes, malandragem, arte e artimanha – ensinamentos espertos. A cartilhagem que não nos deixa cair’^{ccxxiii}.

Dizem que Canjiquinha é polêmico: ‘Não existe capoeira de Angola nem Capoeira Regional, existe Capoeira. Eu não aprendi Capoeira na Angola, eu aprendi aqui na Bahia, em Salvador’^{CCXXIV}.

Jogar no centro da cidade entre desconhecidos é aventura. Perigo, se não tiver boa educação. Não vá se sentar na boca da roda e pedir o berra-boi, instrumento grave e respeitado. Mas não fique solene, porque é só vadiação, e camará é pra se divertir. *São Bento Grande, São Bento Pequeno.*

‘O meu mestre tinha o nome de Antônio Raimundo, apelidado de Aberrê. Casado com uma mulher branca. Ele usava uma camisa azul e branca cheia de medalhas, mas, naquele tempo, não tinha competição, aquelas medalhas eram enfeites, né? Um dia ele me disse, ô meu filho, agora você procure outras academias, não chamava *academia*, chamava outras *vadiagens*, pra você aprender. O que você achar de bom, fica pra você; o que você achar de ruim, você deixa lá’^{CCXXV}. Canjiquinha, ainda.

O que é o berra-boi? Se for importante pra você, escreva num desses programas de computador que sabem tudo: berra-boi. Se não for, não escreva. Mas vou poupar seu tempo, é assim: uma vara torta, um fio de arame e uma cabaça cheia de segredo dentro.

Nota: Em *Ciudad Sin Sueño*, Federico Garcia Lorca avisa: ‘*as iguanas morderão aqueles que não sonham. ¡Alerta ! ¡Alerta! ¡Alerta!*’

E assim vamos como pudermos, – a pé, de bicicleta, de antena parabólica – até Santo Amaro, e todo dia chegamos em Santo Amaro, mas nunca chegamos em Santo Amaro, porque Santo Amaro é tão longe que é perto *demais*. Dizem que Santo Amaro é onde um dia nasceu a Capoeira, por isso é difícil de encontrar. Capoeira não tem assinatura.

Mundo dá volta.

‘Foi uma daquelas raras ocasiões em que tomamos consciência de como, afinal, toda poesia só oralmente se reproduz e se constrói’, anota Benjamin, sob o efeito de haxixe^{ccxxvi}. Performar o poema, isto é, experimentar os efeitos *afectivos* da incorporação da palavra estrangeira que devém espécie de nova terra natal. Constatação de que as palavras, descoladas do ponto de enunciação original, viajam livres e sem proprietários, mesmo, ou sobretudo, enquanto carregam fortes disposições singulares que se atualizam em inumeráveis, desconhecidas, outras: expressões. Pequena máquina de proliferar a diferença e destruir a estabilidade da *autoria*.

A noção de autoria, seu comércio e reiteração, são conservadoras. No mínimo, convencionam a estabilidade do *eu*.

Dias depois, eu o vejo, o companheiro do Viejo. Não é um prédio elegante da cidade, e, como estamos no início da tarde, ainda sentimos os odores do almoço da equipe. Todos trazem marmitas para a refeição já que o vale alimentação é pouco, a comida se pesa por quilo e custa muito. As janelas da sala de atendimento abrem para o pátio interno, próximo à cozinha. O ar-condicionado não funciona. Chefetes na administração central nos informam de que os relatórios de atendimento estão atrasados: os relatórios de atendimento estão atrasados. É uma máquina tautológica e

infernai. *Infernai*, claro, se não tivéssemos Kafka e nenhuma esperança. *Nenhuma*, e depois, liberdades – como um banho de mar.

O diretor é um garoto que trabalha na máquina de fotocópias.

Os ideólogos lançam mais um caderno de orientações técnicas no planalto central, dentro de salas sem janelas. A arquitetura da Capital é um fracasso: não se pode ver sequer um Carcará.

Especialistas já estão no portão de desembarque.

No centro da cidade, o pequeno café sem interior é o primeiro estabelecimento a abrir as portas. Os clientes apenas podem ser servidos em mesas na rua. É tão cedo e tão frio que a nuvem da taça fumegante se amplia quando se une aos vapores de onde se ouve *bom dia*. Eis a pequena epifania, uma dessas ‘miudinhas, quase pífias revelações de Deus feito joias, encravadas no dia a dia’^{ccxxvii}: tudo funciona, tudo é feito por nós mesmos. A abertura da porta de ferro, a moagem do café, o forno aceso, o troco no caixa. O patrão aparecerá apenas no final do dia, para recolher a prata.

Uma inexigibilidade de licitação é garantida pelo notório saber. Então ‘a prestação de serviços técnicos especializados para a execução de ações de educação permanente que atendam às especificidades das equipes dos serviços socioassistenciais’^{ccxxviii} é devidamente remunerada: cento e vinte e sete mil libras e mais nenhum xelim, sendo exato. *Pas mal*. Trinta dias de trabalho, dez anos de salário de um técnico administrativo. O texto do programa fala em *educação popular* e depois nos servem *chá com bolinho*.

No ginásio Saul Oliveira, esperamos a chegada de outro autocarro com imigrantes haitianos. Vindos do norte, são quase cinco dias de viagem terrestre. Eles não se demoram em frente às pilhas das roupas de doação, pois não há o que interesse. As crianças correm pelas arquibancadas, duas mulheres trançam cabelos. Um homem abre a embalagem de isopor, vejo a comida revirada, ele diz à coordenação dessa encenação de missão humanitária: “está fria”. Recusam o banho, os fios dos chuveiros elétricos nos vestiários estão desencapados, “é muito perigoso”. Toda forma de agradecimento é percebida como insuficiente, porque protocolar, já que não há traço de servilismo. Camada sobre camada as tensões se acrescem. Um homem negro em trajes sociais – sapatos reluzentes, relógio prateado – é apresentado e prepara um pequeno discurso de boas-vindas. Conversando em *Creole*, outros forjam a urgência de tarefas, arrumar as camas, desempacotar as meias, e riem. Os imigrantes haitianos dão às costas ao Cônsul da República do Haiti.

Você está atrasado, me diz Jean-Baptiste à espera do atendimento.

E eu estava mesmo.

O Estado encerrou as atividades do Centro de Referência de Atendimento ao Imigrante^{CCXXIX}, o que é uma forma *republicana e discricionária* de dizer *fodam-se todos vocês*. Perfeitamente legal, em consonância com o Estado Democrático de Direito. É preciso ser um editor de manchetes para acreditar na existência, presente ou futura, do Estado Democrático de Direito. As pilhas de processos do Ministério Público se acumulam, docemente. A Defensoria Pública não pode defender coisa alguma, por óbvio. Vejo o telefone de alguém de um coletivo negro auto-organizado que segue criando pequenas redes de acolhimento na cidade, em que se pode descobrir como conseguir documentos, eventualmente trabalho e um lugar para dormir. Pouco a pouco, uma nova vida e, até mesmo, amor acontecem.

Demoro um bom par de anos para compreender como alguém *desterrado*, em exílio da língua materna, sem dinheiro, sem posses, sem contatos e com crianças pequenas no colo que precisam comer de hora em hora, pode simplesmente dar às costas a qualquer migalha que o poder possa lhes facilitar. Um bom par de anos até que, enfim, talvez o tenha compreendido. O sentido de autovalor que sustenta a garantia dada a si mesmo de sua própria humanidade é a condição de manter-se vivo. Isso, e a lembrança viva de Revolta de São Domingos. Então, dão às costas ao Cônsul. Uma vez perdida de si a própria humanidade, já nada mais importa.

Assim eu ouvi.

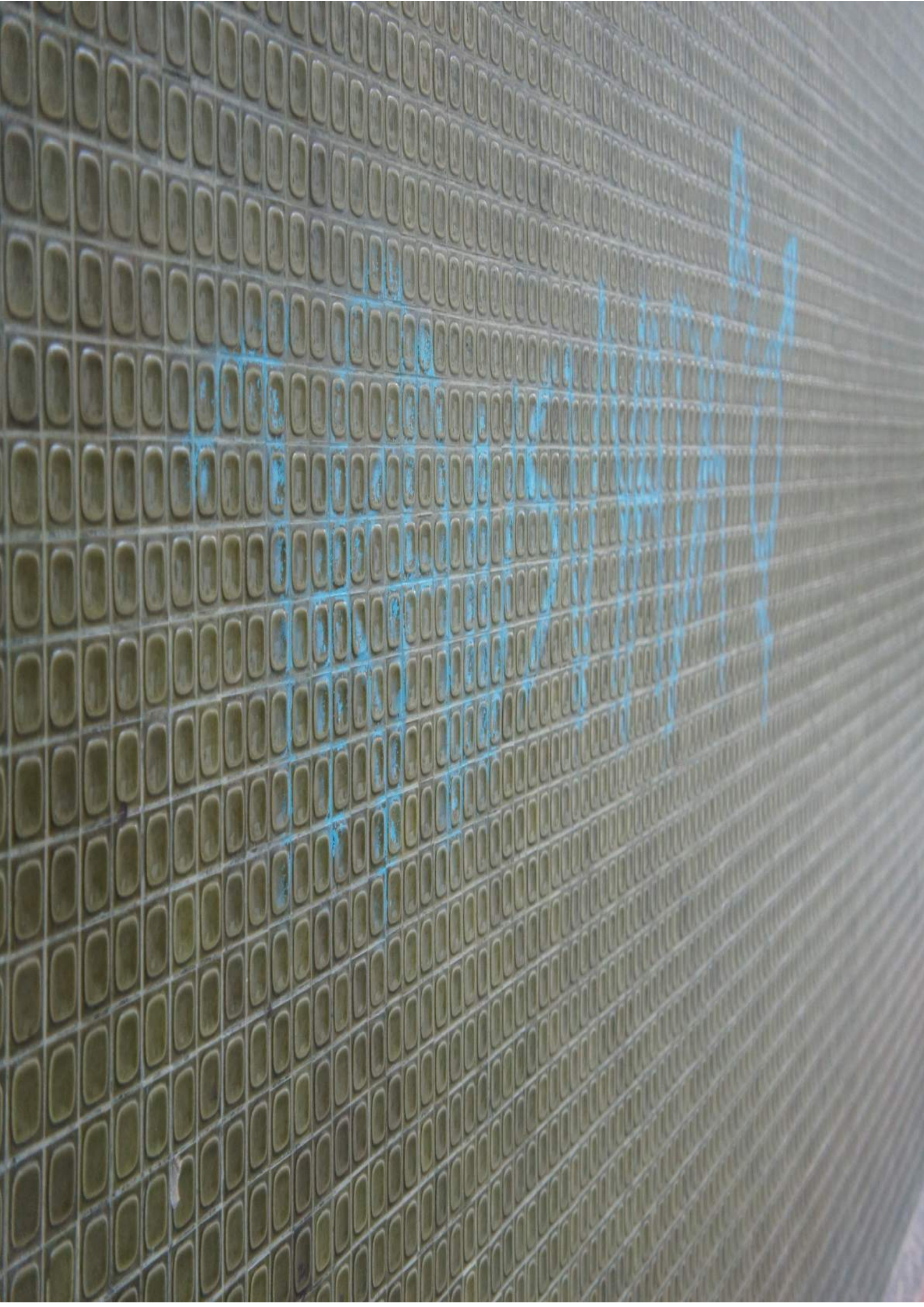
Conversa miúda, tento arrumar os papéis sobre a mesa. *Foram-me procurar, e agora já não durmo*, me conta o amigo do Viejo. Depois de uns três ou quatros meses de atendimento, me informaram de que o projeto estava suspenso, e que a partir desse ponto, seria preciso pagar as sessões. Foi quando falei com o Viejito, porque a angústia só crescia. Quanto você pode pagar? Não bastasse tudo, ainda isso. Eu não podia dizer a verdade, isto é, sou tão fodido que não posso pagar nada. É preciso que me humilhem? Como já não podia ficar sem falar, estou aqui.

E, assim, começamos.

Pouco antes de ir embora, ele me conta de um sonho agitado da noite anterior, que o lembrara da sua infância nos campos platinos. Criado na lida do campo e do gado, carneando ovelhas e caçando marrecos, que sua mãe ensoparia com tomates e batatas, o puxam pela barra das calças. Ele olha, é *Rojo, nuestro perro!* Como as casas fossem distantes umas às outras, era preciso caminhar um bom punhado de chão para ir brincar com os amigos. Chegada a hora da refeição, Rojo, que, especialmente no escuro, conhecia cada buraco e ninho de cobra do caminho, era enviado para atravessar o arrozal e trazer as crianças para casa. É hora de pôr a mesa e há mais do que o bastante para todos que tiverem fome.

Há vários dias o cão não aparece. Maldito cão. Começo a desconfiar que tenha sido uma miragem. Os desertos provocam alucinação.

Não é de todo mal.



Escolhas

E a conversa ontem à noite?

Difícil, eu acho. Interessante. A sede do pré-vestibular fica mais longe do que eu imaginava, mas deu pra chegar a tempo do final da última aula, pouco antes do horário que havíamos marcado. Não é fácil manter o projeto. Mesmo sem o custo das salas e sem despesas de eletricidade quase não há recursos para o mínimo, como as passagens dos professores voluntários, cópias de textos, algum lanche. Eles estão sempre movimentando alguma campanha de arrecadação de verbas, mas é pouco, e claro, logo acaba. As lutas se constroem também sobre uma base material, me impressiona ter de dizê-lo. Além disso, a inserção em circuitos específicos, em relações quentes de trocas, tem um evidente efeito de nos manter atentos aos fluxos de necessidade, mas também de abundância. Aprende-se a dar, receber, retribuir. Feio é deixar pedir. Na boa, é uma obrigação. Cinto contos, dez contos. Já tínhamos marcado há algum tempo, mas, com essa correria, acabou demorando. Desde o evento sobre a assistência social na universidade, lembra? Foi o último de que participamos.

Claro que seria o último, você esperava algo diferente disso, depois do que aconteceu?

Alguma coisa sempre acontece, mas é preciso aprender a ler os acontecimentos na chave impessoal. Em parte, andava mesmo com pouco tempo, mas acho que, de outro lado, estava evitando a situação. Não sabia até que ponto estaria disposto a conversar sobre o que realmente precisaríamos falar, e, certamente, o assunto com os professores do cursinho teria de passar por aí, já que alguns ouviram falar do que ocorreu. Uma desfaçatez qualquer sobre como se preparar para os processos de seleção dos programas de pós-graduação em psicologia não iria colar, mesmo tendo sido esse o pedido quando me convidaram.

Mesmo, embora toda a maquinaria conceitual da política de assistência social, em tese, sugira uma perspectiva emancipatória, de defesa de direitos sociais, de base

marxista, o direcionamento das abordagens de interseções entre classe e raça e gênero são mesmo muito residuais.

Sendo generoso. E foi aí que ficou esquisito, você lembra? Toda a formulação dessa política foi gestada nas universidades, no espaço dos programas de pós-graduação do país. Por que esse tema está ausente? Porque não havia estudantes negros nos programas. Ora, é impossível pensar em processos de reformulação epistêmica dessa política pública sem mudanças intensas dos processos de seleção, a partir de ações afirmativas. Tão simples quanto isso. E porque o processo não evoluiu? Porque o corpo discente é, também, composto quase inteiramente por estudantes brancos, para os quais essa não é uma pauta central. Ainda nessa direção, isso todos sabem, apontar a questão, quando se tem pretensões acadêmicas, é temerário, já que processos de seleção para os quadros docentes são intensamente políticos.

Como tudo.

Como tudo, claro. Mas aí *fudeu*, porque carimbam na tua pastinha “muito militante”, e, meu velho, tu vai precisar de 200 artigos publicados na NASA a mais do que os outros *concorrentes* para compensar as notas da prova didática e passar em algum programa. Quem já não viu isto acontecer? A propósito, te falei que aceitaram meu artigo?

Não, que ótimo, parabéns! Mas foi em uma revista em que falam os idiotas, ou os gênios?

Não entendo.

A listagem que segue a ordem alfabética e estrelinhas, A1, A2, B1, B2 etc.

Ah, sim. Mas faz diferença?

Ô, se faz. Importa menos o que você diga, e mais onde o diz. Artimanhas do Discurso. Acho que seria uma de sabidões, nessa escala. Mas não importa, não pude publicá-lo. Olha que engraçadão. Fiquei sabendo que estavam abrindo uma chamada especial para um dossiê temático que, por coincidência, tratava de um tema sobre o qual tinha

um artigo pronto. Uma revista de grife, que, normalmente, levaria talvez anos para responder, no melhor estilo não caga e não sai da moita, teria uma edição extra, em um tempo curto. Por quê? Bicho, você fica com o texto empatado lá, normalmente, até ouvir “não obrigado”, por bem mais de ano, mas, enfim, o papo é o seguinte: enviei o artigo. Dias depois, o editor entra em contato comigo, e eu pensei: ihh, esse cara aí eu conheço, esse cara é pica, gostamos muito do artigo, pipipopopó queremos publicá-lo e...

Mas você não deveria receber uma resposta formal, impessoal?

Saca só. Aí eu pensei assim: ah moleque, agora eu vou ser sabidão também, aqui é só os brabo! É isso aí mesmo, sabidão só anda sabidão, é *nóix* que é! Na sequência, a mensagem foi ficando esquisita, meio que dizendo assim, só tem uma coisinha, coisa pouca, uma bobagem.

O que era?

Não podemos publicá-lo porque você não é doutor. Estamos procurando melhorar nossas métricas de avaliação, mas *se houver* algum doutor para assinar com você, já sai no próximo número, mas você será registrado como segundo autor.

É tranquilo mano, é assim, é padrão. Uma technicalidade pequena. Não me diga que você não sabia disso? É a *política*, ou você tá dentro, ou tá fora. Não pode ter nojinho, é o mundo como ele é. Como o filme aquele, a cena clássica, lembra? Quem quer rir tem que fazer rir, o jogo é esse. E também, não iria prejudicar ninguém, não é mesmo? Você entra no jogo, percorre o caminho, faz o que for preciso, e um dia, quando você for editor-chefe de uma revista dessas, você corre pelo certo. Tem que entrar no jogo para mudá-lo. E se não for você, outro vai fazê-lo. Quem é você para julgar? Dia 5 tem conta de luz, dia 10, aluguel, todo sábado tem supermercado, é assim, mano, não faz essa cara. Tu tem o teu *trampo*, e tá garantido. E quem não tá?

Eu não te contei isso por denunciamento, que ademais é inútil, *to* só te contando uma parada. E outra, quando fiz essa opção por um abordagem micropolítica, **somem os sujeitos, entram as forças**. É a análise das forças que conta. Bem, são essas. Tem um

bonequinho, Pepe, Flaco, Monsieur, outro aqui, outro ali, porque não há como fazer falar as forças *elas mesmas*, sem alguma espécie de artifício. A palavra, plano das formas, condensa e tende a enclausurar as forças, ao menos que sirvam para relançá-las, novamente, às forças. Por isso, a parada é *esquizo*, não há uma análise dita estrutural, e outra, que seria o quê, superestrutural, isto é, ideológica? Uma análise econômica, e outra da subjetividade? Mas, voltando à vaca fria, não é por outro motivo que, quando começa papo de ah, *A Academia* é isso, é aquilo, eu caio fora. É coisa que não existe, *A Academia*. Existem contextos específicos, agências, pessoas, relações – modos de existência. Em todos esses anos, se eu não tivesse encontrado pessoas solidárias, preocupadas em partilhar ideias, em participar e acompanhar com generosidade as andanças e os processos de quem se arrisca nas artes das tentativas, não estaria aqui. De todo modo, esse episódio é o suco da moralização do exército intelectual de reserva.

Exército intelectual de reserva?

Ouvi estes dias. Não sei quem o disse, mas o compreendi de imediato. Anotei, como bom *coleccionador*. É parte do método, é preciso seguir o método.

Mas o que aconteceu?

Quando? Nos últimos trinta anos? Por que você sorri? Acho que foi ‘uma covardia claramente funcional, entendeu? Porque era uma coisa mais ou menos assim, bem, agente perdeu a nossa relevância política, a gente já não pode mais fazer muita coisa, então, deixa eu cuidar um pouco das minhas coisas. Eu tenho a minha viagem pra fazer pra Croácia, entendeu, porque que vai ter um colóquio lá daqui há um mês, eu quero ver se eu organizo melhor o meu *paper*... Assim, eu, tudo bem, não quero ter uma posição muito vanguardista, então, deixa os movimentos sociais fazerem o seu trabalho. A gente não vai ficar aqui fazendo dirigismo nesta altura do campeonato, mas eu vou depois fazer um *paper* sobre esses movimentos. Vai na frente, eu vou atrás. Quer dizer, eu acho que foi uma demissão absurda, de uma covardia que não faz jus ao que foi a classe intelectual brasileira. Estamos falando de um país que teve Josué de

Castro, Celso Furtado, Celso Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, entre tantos outros'

ccxxx

Acho curioso o seu apontamento, você percorre o caminho até a metade. Mas apenas até a metade...

Como assim?

Você não percebe mesmo, não é?

Percebe o quê? Do que você está falando?

Deixa assim. Mas, e lá no cursinho?

O pessoal que organiza as aulas está nas últimas fases dos seus cursos, ou se graduaram há pouco tempo, e estão tentando, sem sucesso, entrar na pós-graduação. É curioso como a detenção de privilégios se expressa de variadas formas, e uma das maneiras mais sutis, sutis não, arditosas, dessa inscrição é a detenção de um saber sobre os códigos pelos quais os mecanismos de poder operam as hierarquias e seleções. Conhecimento que, sendo detentor de privilégios, você tem, mas outros não. Isso inclui uma espécie de *habitus*.

Bourdiê, meu velho?

Acho um saco, mas nesse caso, até que vale. Bom exemplo, *Bourdiô*. Um parênteses, você viu o livro sobre desobedecer?

É bonito, tem boas reflexões. Mas como não lembrar da Época da Doença, quando queriam nos enviar ao trabalho sem equipamentos de proteção, embora já se soubesse que a peste se transmitia pelo ar e que não havia cura? A orientação é de que todos devem retornar ao trabalho e atender ao público, e não há evidências de que as máscaras possam prevenir...

E os dirigentes sindicais, no conforto do lar e com salários assegurados, *estamos buscando reuniões com a administração?* Mas por que você recorda desse livro agora?

Pela distância que existe entre um discurso sobre desobedecer, e a *necessidade* de desobedecer para manter-se vivo, simplesmente. É uma comunidade muito particular. O tipo de saber gerado nessas condições tão distintas jamais será equivalente, tampouco a linguagem por meio do qual esses saberes se expressam. A exposição ao dano, a partilha do risco e as conseqüentes formas de autoproteção e cuidado conformam comunidades com distintos sentidos de urgência quando se sabe que de um movimento em falso por certo decorrerão conseqüências imediatas e, tendencialmente, irreversíveis. Enfim, *o devir negro do mundo* como ameaça e realidade concreta. Situações extremas aceleram processos de composição e decomposição de relações e agenciamentos. Por isso, tudo está em mutação. O que seria uma forma de perguntar: com quem você realmente conta? E quem conta com você? Uma visão ética horizontal.

Mas eu lhe contava sobre o *Shibboleth*. Perceba todos esses politólogos pela-saco-de-sapatênis, Bourdiê, pra cá, Bourdiê, pra lá. Se diz 'Bourdiô'. É Bourdiô! Mas o que você precisa saber? Nunca dizer Bourdiô, porque você parecerá ignorante, mesmo estando correto, ou arrogante, mesmo que esta não seja sua intenção. De qualquer forma, a insistência na alteração da pronúncia como que denunciaria que você não possui o domínio de um código de entrada em uma determinada comunidade, ou seja, não está apto a partilhar o privilégio. Não sendo detentor deste, há algo de ameaçador na sua presença, porque potencialmente desestabilizante da constância das instituições. Qual é o código? A demonstração de que você conhece a operatividade implícita dos regramentos, e suas condutas o atestam. Você sabe qual é o limite da análise, isto é, os limites de sua comunidade moral.

Isso já é noia.

Será?

Um dos professores, que inclusive é um colega psicólogo, mas leciona literatura no cursinho, com o qual conversei mais demoradamente ao final da roda com o grupo, me falou da sua prova de seleção e do projeto, que nem foi lido. Ele está aqui há alguns meses, tendo vindo do interior, de uma faculdade pequena, particular.

Só aí já azedou.

O interesse dele era pesquisar a influência de poetas negros da Geração Beat, começando pela Renascença do Harlem, nos anos 20. Ele estava trabalhando em algumas traduções de poemas do Langston Hughes, já que a anterior é antiga, e o momento é oportuno para uma atualização. A experiência do devir-tradutor como recriação de si.

Nunca ouvi falar disso.

A ideia surgiu a partir do encontro com a poesia da Stephanie Borges, e as escolhas que ela faz na tradução da poesia da Audre Lorde. *Talvez precisemos de um nome para isso* é um livro incrível.

Sobre o que é?

Como você pode me perguntar sobre o que é um livro de poesias?

Ué, como não? Um livro precisa ser sobre alguma coisa.

Sobre cuidados com os cabelos, então. Digamos, cabelos e *uma vida*. Mas seria como dizer que *Um útero é do tamanho de um punho* trata de um cão que se transforma em mulher e volta a ser cão. Lembra do início? 'porque uma mulher boa / é uma mulher limpa / e se ela é uma mulher limpa / ela é uma mulher boa / há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas/ a mulher era braba e suja / braba e suja e ladrava / porque uma mulher braba / não é uma mulher boa / e uma mulher boa / é uma mulher limpa / há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas / não ladra mais, é mansa é mansa / e boa e limpa.'^{ccxxx}A propósito, me lembre de ler esse trecho para o cão, ele vai gostar. E, falando nisso, 'existe micropolítica no feminismo?'^{ccxxxii}

Por nosso senhor, não vamos por aí.

Vai saber. Agora sério, acho que nunca se leu tanta poesia por aqui.

Você acha mesmo? Quem te disse isso?

Eu vejo, você não vê?

Você tem números para sustentar essa afirmação?

Até tentei procurar, mas não encontrei. Na livraria, o vendedor me perguntou: é pra algum curso? Esse aqui não para na estante. Além do mais, os livros mais vendidos não são os mais lidos. Não há como saber.

Pergunto por que seria uma informação interessante. De qualquer modo, também tenho esta impressão. É mesmo uma boa pergunta. Por que agora?

Você conhece Glenn Gould, o pianista?

Recordo-me vagamente de uma citação rápida no texto sobre os rizomas, mas só. Nunca o ouvi tocar.

Bem, tem a ver com fugas. O uso extensivo da fuga como procedimento ou técnica na composição da pintura ou música é uma marca tipicamente barroca. Na pintura, a fuga é reconhecida na marcação das linhas ou dos traços que apontam uma interseção ou cruzamento em um ponto futuro, virtual. Na música, *o percebemos no agenciamento das vozes, que ora parecem fugir umas às outras (fugere), ora estarem se caçando mutuamente (fugare)*. Fuga. Bach foi o mestre das fugas. Em *A arte da Fuga*, uma de suas últimas composições, no Contrapunctus XIV, a derradeira peça da obra, há um enigma para biógrafos e historiadores da música clássica. No meio da terceira secção, no compasso 239, a fuga é interrompida abruptamente. Na partitura anotada por seu filho, lê-se: "Neste ponto em que o compositor introduz no *contrassujeito* desta fuga o nome, ou as notas, 'B A C H', o compositor faleceu." Como John Cage, em uma belíssima sala de concerto, sentado em frente ao seu *steinway and sons*, imóvel, interpretando 4'33 sem jamais encostar fisicamente nas teclas do piano. Toda fuga escapa mesmo às questões que a situam em alternativas excludentes, previamente definidas. A fuga constitui seu próprio campo ao fazer-se. **É o grau zero da representação, a encruzilhada**. Lembrando que encruzilhada não é labirinto, porque as saídas não estão dadas. Curiosamente, a poesia volta à cena, como um acontecimento pouco registrado, mas muito sentido. Expressão da necessidade vital da criação das fugas.

Som de playboy. E, além disso, segura essa tua onda com negócio de encruzilhada, não vá transformar tudo em modinha.

Como assim, modinha?

Mano, não sabe o que é modinha? Modinha é modinha.

Bicho, 'nada está inteiramente em seu lugar, mas é a moda que fixa o lugar de tudo'^{ccxxxiii}. Isto que você chama de *moda* também é registro de expressão da atualidade dos deslocamentos, isto é, signo que marca a indicação futura e inacabada das trajetórias em curso.

Isto não faz nenhum sentido, não venha me empurrar estas frases enigmáticas e ocas.

Bem, poderia ter dito, então, *sinais do que estamos nos tornando*.

Eu acho que é só *polaina*. Usa-se este ano, voltam para a gaveta, e quem sabe, em dois anos...

Mas você não considera interessante que um conceito atravessasse variados campos discursivos e que suas possibilidades de significação se multipliquem? Que sujeitos improváveis encontrem nesse conceito novos usos e recepções?

Acho que só o mobilizam porque todos o dizem também. No próximo verão, o substituem por alguma outra *novidade mais nova*.

Há de tudo em uma noite como a nossa, em que todos os gatos são pardos. Importa a presença do conceito como *bussola*, como *sonar*. O que me parece é que a renovada extensão do seu uso diz respeito *ao colapso da representação do tempo como linearidade*. A *encruzilhada* é essa reversão. Então, uma difusão tal é tudo menos corriqueira. Um modo de construção da realidade, dita, do senso comum em que se passa a apreender que 'o passado é um mundo paralelo ao do presente, que não está atrás de nós, mas ao nosso lado'^{ccxxxiv}. Constitui-se, assim, uma *memória para o futuro*^{ccxxxv}. Uma espécie de arrasto provocado por linhas de força que nos empurram para estranhas posições nos jogos de perspectiva. Como diante da iminência das

catástrofes ambientais do antropoceno, ou capitaloceno, como preferir, esse período em que a força destrutiva da ‘civilização ocidental’ se imiscui às forças geológicas da Terra, no curso cada vez mais provável de aniquilações. Pensar o fim do mundo não como destino, mas como algo que já ocorreu *antes*. ‘*Para os povos nativos da América, o fim do mundo já aconteceu, cinco séculos atrás*’^{ccxxxvi}, quando 95% de sua população, que, à época, era superior ao do continente europeu, foi dizimada. Então, se você dá esse salto e começa a pensar a partir da constatação *depois do fim do mundo* as categorias e coordenadas já não podem ser as mesmas, compreende? Isso inclui a representação do tempo e o modo como o experimentamos.

Não sei. Há um tanto de apropriação indevida, não lhe parece? Além disso, é um pouco como dizer que índio é anarquista, socialista, autonomista, comunista, ou coisa que o valha.

Como não?

Claro que você lembra da conversa lá na Tekoá. O pessoal estava em uma roda no final do dia de atividades, conversando, e alguém disse: *nós que somos anarquistas...* e seguiu conversando e tal. Depois, um senhor mais velho da aldeia, começando a sua fala: *nós, que não somos anarquistas...* ao qual ele completou, *nem comunistas...* Alguém lá no fundo, grita, *pior ainda!* O clima de camaradagem é bom também por isso, você dá um toque, todos entendem, na boa, sacou? Não sei como, em algum momento, parece que perdemos um pouco dessa capacidade, esse tipo de elegância. Porque o lance é que *tava* rolando um arranca-rabo, de leve, mas *tava*. E esse senhor sacou, e fez a intervenção. E sem precisar dizer mais explicitamente, ficou claro. E aí, *cês vieram nos ajudar nos nossos termos* ou não?

Beleza, marxistas certamente eles não são, mas anarquistas, possivelmente. Ele até deu uma erguida no final, não deu? Como não? *Terras baixas da América*, um lugar do planeta em que jamais houve um rei, um imperador, presidente ou primeiro-ministro, comitê revolucionário, vanguarda ou coisa que o valha. Absolutamente, nada de centralismo-democrático ou tendências. Ora, são comunidades em que quaisquer lideranças constituídas devem encantar por suas belas palavras, e são encarregados de

negociar com o mundo dos brancos, mas não possuem poder real de comando. Pior, ainda contraem as maiores obrigações em termos de distribuição de recursos materiais. A propósito, costuma ser um cargo bem ruim, permanentemente sob tensões de destituição. Constituição político-subjetiva reiteradamente preparada para impedir a formação do *Um*^{ccxxxvii}. Aqui, ninguém pode dizer que é descendente de reis e rainhas.

Afinidades eletivas com o anarquismo, talvez, talvez...

Como os *rappers* Guarani. *Rapper* Guarani não é *rapper* porque é Guarani? Mesma coisa. Canta *rap*, é *rapper*.

Lógica mais torta do que esta eu não conheço.

Já ouviu? Rap guarani é louco, mano. Tem que ouvir. Esse dia, um dos garotos pediu pra conferir o que eu estava escutando. Disco do Sabota na agulha. Pensei: é agora, eu me consagro com esses moleques, porque não é todo dia que você pode apresentar o Sabota pra alguém. *Zona Sul, Zona Show, os loucos gritam, "HO!" Cê tem que ver, Jow, eu sei que a tese faz o som Que endoia o crânio de maluco sangue bom*

sangue bom

sangue bom

sangue bom

Enquanto isso tudo esclarecido, nada resolvido

Propina seguindo no bolso nem o mínimo

Ano 2000 não terminou, o franja até citou

Nós travamos, Nostradamus tava certo e não errou

O disco tem mais duas décadas, e se tivesse sido escrito ontem, acertaria na mosca. Essa é a efeméride do ano!

Voltar pra esse ponto depois de tanto tempo. Miragens de social-democracia.

Será? Ninguém volta pro mesmo lugar. Heráclito, meu bom. E além do mais, a repetição é também causa da diferença. *Não adianta passar pano, o pano rasga!*

Na semana passada, peguei o *Capão Pecado* de novo pra ler. É foda ver o bagulho todo voltando.

Foda é entrar nas casas, nas visitas, e ver que a televisão de tela plana ficou velha e a garantia já expirou. Não deu pra pintar as paredes, que era pra ser só o começo, e daquela foto no porta retrato, do Natal com a família no Norte, ficou a lembrança e os boletos.

Todo esse tempo, e o Ferrez tá lá ainda, fazendo as paradas. Nego já foi, já voltou, deu palpite, entrou na moda, saiu da moda. Dá a orelha aí, deixa eu te mostrar a última fala dele, não, espera, vou acelerar essa parte aqui, que não nos interessa tanto,

‘Acho muito louco falar de hegemonia, como se ela tivesse nascido quando o Bolsonaro ganhou tá ligado? É agora, não é? Dia 1º de janeiro, nasce a hegemonia, o barato ferrou, ferrou o preto, ferro o trans, ferrou a travestis, ferrou o estudo, mano, tava 500 anos sendo massacrado o barato, o discurso mudou pra alguns, aí um pseudo classe média se revoltou contra o discurso, não, isso eu não aceito... tudo bem, que a minha dona Maria, quem mora no quartinho do fundo, trabalha comigo há 30 anos, avó dela trabalhava pra minha família há 30 anos mas dizer que ela é negra e que ela vale menos, isso aí eu não permito, isso aí eu não acho certo falar

ccxxxviii

Aqui, este é o barulho:

‘Acho muito louco que agente estuda tanto os inimigos, tantos estudos sobre o [REDACTED], agente tá concentrado nos inimigos, e agente abandona os amigos tudo no meio do caminho. Abandona o discurso de realização, de execução, porque o país tem muito executivo, mas tem pouco quem executa de verdade né?’^{ccxxxix} ‘Mas porque eu tô sendo sincero nisso? Porque a gente não comunica com as pessoas com quem a agente tem que comunicar? E aí não é questão de baixar o discurso, porque ninguém é burro, ninguém é inteligente. Outra cultura, irmão! Nós temos uma parte do país como outra cultura. Quer entender? Vai estudar, vai pra favela, vai viver com estas pessoas’^{ccxl}. ‘Eu to fazendo palestra assim há vinte anos, o moleque eu vi nascer há vinte anos na favela, que é meu afilhado, hoje em dia ele tem vinte anos e é desempregado do mesmo jeito. Então não mudou nada, só conversa não muda nada.

Uma coisa que agente tem que aprender com esses caras, é que eles agem irmão! Eles agem. Ah, mas aí vai falar, eles agem errado. Tumultua concerto filarmônico, tumultua peça...Mas tumultua, irmão!Um cara só tumultua uma peça inteira! Um cara só tumultuou o show inteiro, teve que parar o show. E agente em milhares de pessoas, do 'bem', vamos dançar com guarda-chuva pra fazer protesto. Tá funcionando pra caralho!^{ccxli}

Ah, mas o cara é muito radical.

Como o Krenak no outro dia, convidaram ele pra falar em escola, sobre sustentabilidade, ecologia. Aí ele já saiu mandando essa:*não existe nem nunca vai existir capitalismo sustentável, já que o capitalismo é um modo de vida insustentável... e escola também, escola tem que acabar!*^{ccxlii}

Esse não volta mais.

Bagulho tá assim agora, é nego querendo acabar com escola, com cadeia. Parada é *all in*.

A experiência de medo é instantânea, como se você estivesse pra morrer. Escola, bem, eu até imagino como sendo algo que eventualmente se transforme ao ponto de se tornar irreconhecível. Quem sabe? Agora, falou em acabar com cadeia, o medo, medo não, pânico incontrolável, se ativa de um modo que só me acalmo quando penso: ufa, ainda bem...É sério mesmo, racionalmente faz todo sentido, afetivamente, é muito destabilizador. E tem toda a discussão com as mulheres, sobre criminalização das condutas de abuso, normatização de leis...

Ainda bem que esse papo não é pra nós.

Não é mesmo?

Ou é? É ou não é?

Pois então, a cultura local nos dá uma aliviada nesta. Essa aí fica entre nós.

Ainda bem. Vou tirar o corpo fora.

Sem dúvida. Ademais, existe algo que tem me incomodado há certo tempo.

Ademais? Ademais me incomoda. Ninguém fala ademais.

Tá *bão* então, disse o personagem.

Mas o que lhe incomoda?

Bicho, essa moralização dos debates, em certos momentos, essa incapacidade de acolhimento aos diferentes lugares, e acúmulos, que as pessoas têm quando colam pra conversar, sacou? Se a pessoa não fala tudo direitinho, se não tá com a palavra de ordem da semana engatilhada na boca, se têm dúvidas, pronto. Aí não serve. Mano, essa subjetivação de rede social, isso fode a parada. Eu *tava* entrando nessa onda também, porque falar até papagaio fala, não é? Até que... até que, bem, as pequenas coisas, os pequenos gestos, nos dão um freio de arrumação. O que foi? Uma coisa pequena, como te disse. Um encontro comemorativo de uma organização que trabalha com economia popular há muitos anos. Aí veio uma tiazinha, coroa, que mora lá no raio que o parta, e que *tava* lá só pro encontro, atravessou a sala assim, tranquila, sem alarde, e disse pra uma das pessoas que coordenava as oficinas: *eu vim só pra te dar um abraço*. Sabe o que é isso, mano? É aliança, não é filiação. *Aliança pelo afeto*. E não é negócio de aliança tática, estratégica, programática. Tô falando aqui embaixo, no *jogo de dentro*. Jogo de quem não tem chave de gabinete, de cofre ou de paiol. Para aprender mandinga, só andando com mandingueiro, galinho. É no bafo. Entendeu? O pensamento não se move sem acolhida. A razão vem depois. Como é possível acreditar que espelhando a violência do mundo se pode construir alianças? Se um encontro não serve para ampliar liberdades?

Cachorro velho não aprende truque novo.

Claro que aprende, assim como cachorro novo pode aprender truque velho. E outra, *aprender a aprender faz parte da parada*. Poderíamos chamar isto de zona de indeterminação. É como escrever. Eu mesmo, 'só escrevo porque não sei, ainda, exatamente, o que pensar sobre essa coisa em que tanto gostaria de pensar'^{ccxliii}. Então, escrever não é cumprir um projeto. Projeto de sociedade, projeto de

desenvolvimento, projeto de vida. Isso não existe, é abominável. É como ficar preso no sonho de alguém, é terrível, terrível. Imagine se eu tivesse vivido até aqui orientado por alguma utopia? Só teria a constatação do fracasso como espécie de souvenir moribundo do que poderia ter sido uma grande aventura. Existe agora, existe o próximo passo, o que não significar render-se a um espontaneísmo simplório. Não é o padre dos balões.

Padre dos balões?

Você não se lembra do padre dos Balões? O sujeito amarrou-se a uma cadeira de praia com centenas de balões de hélio. Guiado pela vontade de Deus, cortou a corda da cadeira que o prendia contra o céu, apenas para encontrar seu destino a poucos quilômetros de onde partiu, no fundo do atlântico. 'Um marco da circum-navegação aleatória'^{ccxliv}.

Mas sobre a agressividade, que não é violência, é preciso reparar que há uma função importante. Inclusive, criadora. *Ad gradi*, a raiz latina já nos informa, para ir para frente é preciso tomar um passo na direção aposta ao que se deixa para trás. *Jogo de fora*. Chapa! Chapa é golpe duro da capoeira, mas é parte essencial do repertório, para lembrar que o jogo é uma luta.

Éhh, mas precisa dos dois, senão manca. Não adianta tirar onda de bichão, eu sou o bichão. Sem camaradagem nada cola, entendeu? Rapaziada das antiga, que tem trabalho pra mostrar, sabe disso.

O que não nos impede de escutar os *personagens inverossímeis*, em especial, quando esses personagens menores, relegados à figuração, se desvencilham do *script*, e finalmente se insurgem sem concessões. Escute isso:

'Foda-se o neoliberalismo. Essa é minha mensagem contundente. Eu poderia terminar por aqui minha controvérsia e isso não teria a menor importância. Minha posição é clara, e você provavelmente já captou o fundamental do que tenho a dizer. Não tenho mais nada de positivo a acrescentar à discussão sobre o neoliberalismo e, para ser bem

honesto, estou me sentindo mal por ter que pensar sobre esse assunto. Para mim, já deu. Durante algum tempo, cheguei a considerar dar outro título a esse artigo, algo como “Esqueça o neoliberalismo”, pois, de certo modo, era exatamente isso o que eu queria fazer. Venho escrevendo sobre esse assunto há muitos anos e cheguei a um ponto em que simplesmente não queria mais gastar nenhuma energia nessa empreitada, por receio de que continuar trabalhando com essa ideia serviria apenas para perpetuar a sua força. Numa outra reflexão, eu também reconheço que, enquanto manobra política, é potencialmente perigoso simplesmente enterrarmos nossas cabeças na areia e coletivamente ignorar um fenômeno que tem tido efeitos tão devastadores e debilitadores sobre o nosso mundo compartilhado. Há um crescente poder no neoliberalismo que não pode ser negado, e, tampouco, estou convencido de que a estratégia de ignorá-lo seja efetivamente a maneira correta de encarar o problema. Daí eu pensei “bom, então que se foda”, e embora um nome mais discreto e polido para esse artigo pudesse atenuar a potencial ofensa causada pelo título que escolhi, voltei atrás logo em seguida e decidi mantê-lo. Ora, por que razão deveríamos nos preocupar mais com malcriações do que com o discurso em si mesmo sórdido do neoliberalismo? Decidi que eu queria transgredir, incomodar, insultar, justamente porque nós *somos obrigados* a ser insultados pelo neoliberalismo; ele é completamente perturbador, e, por isso, nós deveríamos buscar transgredi-lo custe o que custar. Afinal, pegar leve no título não significaria fazer mais uma concessão ao poder do neoliberalismo? Fiquei preocupado, a princípio, com as consequências de um título como esse para a minha reputação. Isso não atrapalharia futuras promoções ou ofertas de trabalho se eu quiser manter minha mobilidade enquanto acadêmico, tanto para subir na carreira quanto para lecionar em outras universidades? Isso me soou como conceder uma derrota pessoal à disciplina neoliberal. Que se foda’^{ccxlv}.

Esse aí é o bichão mesmo, hein?

Pô, não é isso. Depois, há uma sequência, ato II, elogio da ação direta. O que é ação direta? Fazer tudo o que se pode fazer *agora*, sem intermediários, para que possamos um dia dizer, mais uma vez, *finito Benito*. Dado o preâmbulo, se torna mais crível.

Ninguém virá ao nosso socorro, somos apenas nós mesmos, e só. Não saberia como enfatizar isso o suficiente.

Você lembra daquele dia na praia?

Não.

A última aula, a que não fomos. Estávamos escrevendo um texto sobre a importância da vadiagem na capoeira, tivemos que interrompê-lo, para ir à aula. Chegamos lá, a conversa não nos interessou. Precisamos terminar esse texto.

Perfumaria, quase uma agressão à linda tarde de sol. Mas o que fazer, a vadiagem ou o texto sobre a vadiagem?

Foi engraçado, o garoto passou por nós na areia, *papo reto, posso sentar junto com vocês? Tava quieto fumando meu baseado, o polícia vai levar meu baseado e meu troco. Posso sentar com vocês?*

Epistemologia do papo-reto.

Eu mesmo, depois daquele dia, só traduzo Parrehesia como papo-reto.

Sobre o que estávamos mesmo falando antes? Ah, o lance da encruzilhada. Falei daquela forma pra te incomodar, mas acho mesmo que há uma espécie de estetização performática na mobilização destas tradições de pensamento. Um pouco como pegar carona no *hype* do Krenak, do Kopenawa. Surf nos *Trending topics*. Por um lado, existe o intuito de pensar outramente e o reconhecimento de demandas de representatividade. Por outro, digamos, *pega bem*. Não que uma entrada não leve à outra, e um certo tipo de motivação conduza a efeitos inesperados, não digo isso como avaliação moral – a não ser, é claro, quando se torna perceptível a adesão desses planos como uma espécie de suplemento, ou adereço exótico, anexado ao pensamento. E isso existe, sim, me parece evidente, tanto quanto ocorre com a apropriação do pensamento ameríndio. Ao extremo, uma direção como essa produz articulações que podem, inclusive, degradar recepções que poderiam ser motores de rupturas interessantes, quando não, simplesmente, a rebaixam. Caso limite, a

articulação do pensamento ameríndio com Heidegger^{ccxlv}, o Reitor Nazista da Universidade de Freiburg. Alguém que tivesse passado sua existência sentado em um banco de praça chupando cana, e nada mais, certamente não estaria inscrito no cânone ocidental, mas teria dado uma contribuição muito superior à vida. E quanto a isso não há medida.

Sim. Mas dito isso, você não pensa que essas aproximações sejam parte do calor sentido em decorrência da proximidade com a profecia?

Profecia?

‘E aquilo que, nesse momento, se revelará aos povos, surpreenderá a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido o óbvio’.

Boa lembrança.

E também, você sabe, como eu, o trampo que é trabalhar tantas horas por semana, atendendo os casos mais complexos que se possa imaginar, nas condições mais precárias possíveis. Quem é do rolê sabe *qualé*, e o papo é esse, nem vou me estender. Não sobra tempo, menos ainda, energia, pra muita coisa. Então, vai estudar como? No ônibus, no corre, pega uma coisinha aqui, pega outra ali com os camaradas, vai costurando e pondo à prova. Caixa de ferramentas *de verdade*. Literal. O teste é o teste da realidade: funciona, não funciona? Como funciona? Ora, não somos eruditos, ou filólogos. Tampouco interpretes, e muito menos encenadores. Gostaria de ser como um mecânico, um micromecânico^{ccxlvii}. Nossa *análise*, se assim quiserem nomeá-la, a mim não importa, se lhes ajuda, *é unicamente funcional*.^{ccxlviii} É precário? Talvez. Mas é justamente uma espécie de *solução precária* o que com mais frequência nos falta. Precário, neste caso, impermanente, situacional. Mas é assim para nós, que somos *psicólogos praticantes na confusão do mundo* e que não estamos em ambientes controlados por supressão máxima dos estímulos *externos*. Paredes com isolamento acústico, corpo imóvel, um fala, outro escuta, se revezam.

Há outro tipo?

Não há? Bem, mas quando consegui, finalmente, ter esse tempo para me dedicar à pesquisa, fiz algo que estava para fazer há algum tempo, mas, evidentemente, nunca conseguia. Já há alguns anos, como forma de seguir acompanhando algumas discussões da academia, tinha o costume de pegar os programas das disciplinas de pós-graduação em Psicologia, de programas de que gosto, de cursos clínico-institucionais. É interessante notar a progressiva alteração dos enfoques dos programas, das bibliografias. No entanto, e esta me parece a questão necessária, seria preciso que cada um empenhasse esforços na direção de compreender o sentido dessa mudança em termos da relação *de si para consigo mesmo*. Porque, de outro modo, tratar-se-ia da obturação de um conjunto de questões que são, de fato, mais prementes, porque indagam o presente. Quais sejam: vejo agora algo que não via? Se assim o for, por que não o via? De que maneiras responsabilizo-me por essas omissões do ver e agir, eu que com tanta facilidade digo *crítica*? Sem isso, restaria apenas nos juntarmos à fulgurosa multiplicação de arrivistas. Na moral.

Mano, mas também é preciso calma para reparar que ‘quem tem exu e não tem Bach não sabe o que perdeu. Quem tem Bach e não tem Exu também não sabe. O resto é o medo da maravilha do encontro’^{ccxlix}.

Eu completaria: e de suas águas eventualmente turbulentas. É o nosso trabalho. Nosso trabalho, um trabalho que escolhemos.

Mas, seguindo. Glenn Gould, de maneira singularíssima, interpretava o Contrapunctus XIV com uma parada a pleno volume, enquanto o modo mais comum indicaria a diminuição da intensidade do som nas últimas notas. Canadense, certa feita, Gould foi convidado por uma emissora de televisão, que realizara uma série de programas sobre música clássica, a participar de uma execução comentada das fugas de Bach. Para a surpresa da audiência, ele não o fez. Em seu lugar, apresentou uma composição própria, inédita. Uma peça chamada “Então você quer compor um fuga?”. Mas isso tudo era só pra dizer que a *poesia* é um outro nome possível para *fuga*. A *fuga* é o *evanescimento do sujeito em proveito às linhas de força que o compõe*. Não é por outro motivo que as fugas são tão árduas, porque sua tentativa, sem que esteja

em jogo o risco da implicação do sujeito, acaba por ser apenas deslocamento no espaço ou truque de linguagem.

Ainda sobre o trabalho da Camila e a experimentação com os exercícios de interpretação de poemas a partir de proposições da Elia Lucinda. Com a leitura do texto, tomei uma das decisões mais importantes da pesquisa. Uma aposta, na verdade. Muito embora o modo de organização entre os estudantes-pesquisadores e orientadores mais experientes com frequência assumam a forma de grupos de pesquisa, a tradição universitária e os ritos institucionais permanecem dogmaticamente – e por quê não, dramaticamente – presos a uma espécie de culto do autor, sejam antigos ou contemporâneos. Você não concorda? Bem, infelizmente, eu vejo desse modo. Monografias, dissertações, teses, são assinadas solitariamente. Mesmo o financiamento das pesquisas é individual; é, isso importa, porque não deixa de ser um motor de propagação do sujeito de interesse, concorrencial. Então, no pequeno espaço de que disponho, como poderia experimentar outro modo de viver essa trajetória? Levando a sério a tentativa de prolongar o pensamento do outro, arrastando a uma zona comum, para, então, relançá-lo por um outro caminho, de onde, então, eu partiria. Nesse movimento, me tornei especialmente atento ao que estava mais próximo. Como o trabalho corporal da Adriana com equipes de redes da saúde, sobre o qual conversamos^{cc1}. Por enfado, há muito já não lia sobre educação permanente em políticas públicas; menos ainda, no contexto da política de saúde.

Muita tinta e pouco brilho.

Mas não culpo ninguém, é mesmo muito difícil que uma ideia nova aconteça. Mas ocorre, por isso, o exemplo, quando alguém consegue desprender-se das noções utilitárias e da gramática que domina um determinado campo. E se Adriana estiver mesmo certa, e se, a partir de um pensamento que emerge *com* o corpo, for mesmo possível alcançar outras alturas do pensamento e da ação? É preciso vivê-las; para mim a capoeira tem sido um modo de descobrir que as 'ideias estão no chão. Eu tropeço, encontro soluções'.^{cc1}. Você deveria testar.

Como? E além disso, afinal, o que é um autor?

Ora, você não sabe? Alguém com dinheiro, ou notoriedade, ou citações. Há cursos que ensinam como escrever para tornar-se autor.

Este tipo de ironia é puro anti-intelectualismo. E além do mais, não acho tão espirituoso. Vamos com calma. Um autor, em sentido estrito, digamos, Marx ou Freud, são instauradores de discursividade, isto é 'não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos e, com isso, uma possibilidade infinita de discursos'^{ccli}. Qual seria a qualidade central de um pesquisador? Independência intelectual.

E desde quando independência significa reiteração de individualismo? Como vejo, essa é uma questão tanto econômico-política quanto epistemológica, em especial quando pretende-se explorar as passagens de um regime colonial à outras experiências possíveis. É notório, *tradições extramodernas constroem mundos a partir da mistura entre a experiência mitopoética e a razão coletiva*. Quanto à produção de conhecimento, essa é uma das direções que mais agridem a racionalidade *sensata*. Não é por outro motivo que tanto a respeitamos.

Espera. Nós sempre fizemos as coisas dessa forma desde a fundação da Universidade de Bologna, ou Coimbra. Nós acreditamos nesses valores. E, além disso, todos debatem as pesquisas uns dos outros, às vezes, até rolam uns textos conjuntos. Não é bem assim. E tem outra, às vezes, você quer fazer a sua parada, eu quero fazer a minha. Eu não preciso, sei lá, me submeter a utilizar autores com os quais eu não trabalho, discutir temas pelos quais não me interesso. Pior ainda, fazer o trabalho por alguém que apenas apareceria para assinar o texto. Esta ideia é absurda!

Não se trataria de uma imposição, mas instauração de uma alternativa por livre associação. 'O que especifica um autor é justamente a capacidade de remanejar, de reorientar esse campo epistemológico ou esse plano discursivo'^{ccliii}, não é mesmo? Por que não? O fato é que estamos todos demasiadamente esgotados. Ou não estamos *ainda*? Se não estivermos, o doutor prescreve: esgote-se! Interessam-me as ideias incomuns, como foi a nossa proposta no concurso do *Plano Nacional Judith Malina de Êxodo voluntário*. Ainda sobre o camarada do pré-vestibular de que falávamos antes,

por exemplo, o que me pareceu mais interessante era o modo como ele percebia os efeitos de produzir traduções como a sustentação de um espaço de análise da nossa atualidade. Uma analítica do presente por via indireta, outra língua, outro território, outro tempo. Ele chegou a enviar um material com o qual estava trabalhando, anotações, uns poemas e um excerto da autobiografia do Langston Hughes, *The Big Sea*. Depois te passo se você quiser. Bagulho muito avançado.

E o que deu errado?

Durante a prova, ele citou apenas o Bunseki Fu-kiau e uns conceitos que, certamente, a banca desconhecia. Além de se autodeclarar preto.

Pô, mano, mas aí...

Aí o quê, *vêi*?

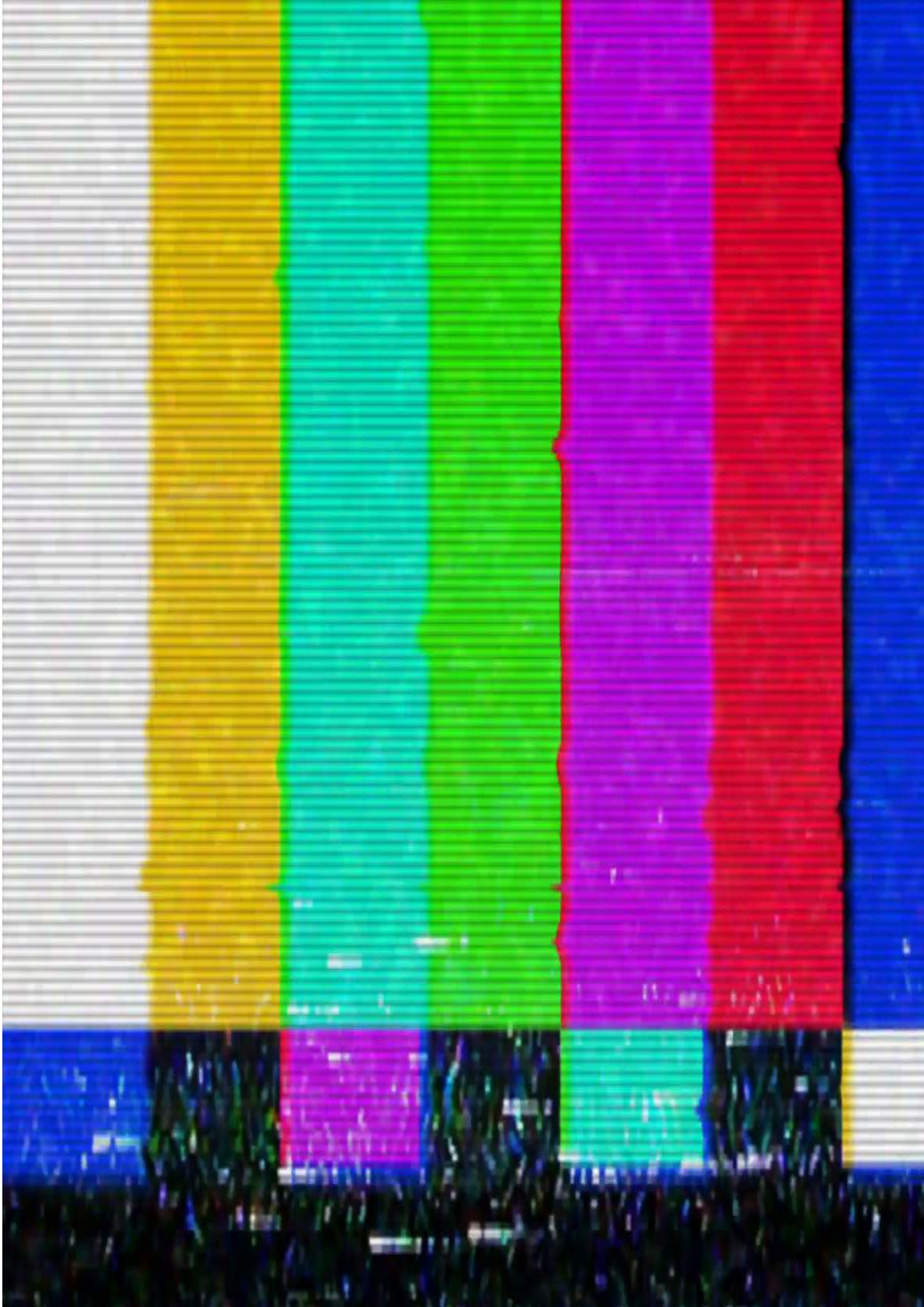
Quem é que não sabe...Ah,sei lá, o cara pode também seguir fazendo o trampo dele e já era, não precisa de nada não. Deixa os trouxa, mano.

Porra, não é assim.

Ou é o cânone na hora da prova, ou não é nada. Lembra como nós fizemos? Como é o básico da parada? Você vê quais são as linhas, imaginando que a banca será representativa dessa composição. Você endereça o texto para uma das linhas, a qual você supõe que se interessaria por seu trabalho. Como? Lendo os artigos desses pesquisadores, citando os autores que eles citam, aludindo às ideias que eles mobilizam e, principalmente, não produzindo nenhuma reflexão original. Você está sendo avaliado pelo uso da norma culta e compreensão do funcionamento da instituição. É isso ou bater com a testa no vidro. O que todo mundo quer é ouvir a sua própria voz.

Nem todo lugar é assim.

Acho que nós já passamos dessa fase, não é? Ou você segue dizendo, *nem todo homem?*



Acho que não tem como montar, e se não der pra montar, não tem filme.

O som ficou uma merda também, eu avisei. Muito ruído.

Venta.

Acontece.

Parece filme brasileiro, não se escuta nada. Deveríamos ter usado um filtro para microfone. Daqueles de espuma.

Tem que fazer um esforço filho da puta pra ouvir.

E nem assim. Mal se escuta.

Mas se escuta, não dá pra dizer que não.

É muito baixo. Parece outra língua. Deve ser outra língua.

É a mesma língua. É a nossa língua.

Não tem como montar.

Então está feito, não tem filme.

Assim?

Não me diz que não pensou nisso.

Sem mais?

Sem mais.

E as fitas?

Junta todas e coloca no repositório.

Sem filme?

É o filme, esse vai ser o filme.

Numeração, série?

Escreve: *não identificado*. Ou não escreve nada. O que importa é *uma vida*.

Temos um filme!

Há muito buscamos superar as dicotomias da modernidade ocidental, em direção a uma descolonização do maquinismo inconsciente, restituindo a política à imanência da vida. Talvez as revoltas do Maio de 1968 tenham sido o primeiro momento do curto século XX em que as fronteiras entre vida cidadã, concebida como o exercício político prefigurado na esfera pública codificada, e vida privada tenham sido dinamitadas – em sentido amplo, ou mais usual, tudo *devém* político. Mas, talvez, seja preciso ir um pouco mais devagar. Afinal, o que é *política*? Desviamo-nos de noções exaustivas com pretensões lapidares e longas genealogias, porque, inclusive, por fim, seríamos levados a acusar os gregos, sua sociedade escravagista, patriarcal e boa parte de seus filósofos luminares, quase sempre dispostos a aconselhar o Príncipe. No seu lugar, recolhemos um apontamento breve, que se destina apenas ao uso local e provisório, em decorrência das questões que gostaríamos de manejar. Como a propósito de qualquer ferramenta, interessamo-nos prioritariamente pela questão: o que isso faz?

Retemos, portanto, uma definição, e com ela, exploramos algumas derivações: ‘nada é político, tudo é politizável, tudo pode se tornar político. A política não é nada mais nada menos do que o que nasce com a resistência à governamentalidade, a primeira sublevação, o primeiro enfrentamento’.^{ccliv}

Tomamos esta definição como central para o percurso de construção das questões que movem os *estudos* em curso. Fundamentalmente, porque essa conceituação sublinha o *termo-passagem “politizável”*, que tomaremos como espaço-tempo no qual linhas de força agem como condição de possibilidade para a emergência de um objeto ou questão política. Eles não preexistem (“nada é político”), mas sim, são resultados de agenciamentos singulares, que podem ocorrer ou não. Portanto, ato/processo de criação.

Em segundo lugar, porque a definição equaciona “resistência” à sublevação e ao enfrentamento, distribuindo equivalências às forças de criação e negação – aqui não tomadas como trabalho negativo –*teologia da queda, metafísica da falta, ontologia do desamparo*– mas de impulso, *mais-força*, que visa a suplantiar polos conservadores ou mesmo reativos. Ou seja, o domínio do *politizável* é concebido como

a resultante de um choque, um encontro, a faísca de uma fricção; não o que se daria a ver pela luz *Ex-Machina*, que pousando de um não-lugar, portaria holofotes que fariam emergir da sombra o não-visto (desvelamento da ideologia).

No entanto, o choque, o encontro e a faísca da fricção (acontecimento) podem dar-se em qualquer parte, e em parte nenhuma. Sendo assim, se poderia dizer da política que é *ubíqua e ilocalizável*. Mas não é tudo. Se a irrupção das territorialidades do politizável emergem como resultantes de enfrentamentos, são as linhas de segmentação que se desfazem, pondo em suspensão os contornos morais de campos e posições que compõem o jogo agonístico. *Politizável*, quer dizer, perigoso, território *além do bem e do mal*. Seguimos com as linhas, mas antes, um pequeno recuo para a exploração de relações entre as formas e as forças.

Chamaremos de *macropolítica* o plano das formas; micropolítica, o plano da forças. Com frequência, porque de fato essa é uma possibilidade de leitura, os termos são colados ao problema da extensão, não da intensidade/afectabilidade, por indução dos seus prefixos. Por exemplo, ao notarmos que a noção de macropolítica tende a ser mobilizada para leituras relativas a escalas ampliadas, notadamente sistemas de representação, processos econômico-planetários e relações com o Estado, perdemos de vista, por vezes, o fato de que a macropolítica engendra formas também em planos que se poderiam dizer *microfísicos*. *Sujeito*, psicológico, de direito, da norma, da linguagem, cognitivo, ou mesmo do inconsciente, são também noções macropolíticas, em pequena escala, porque dizem respeito a contornos, figuras, pregnância de formas já constituídas. Nesse quadro, a forma exemplar, mínima, da macropolítica na modernidade ocidental seria o indivíduo. No avesso, a entrada micropolítica propõe uma leitura de planos de forças, que podem ser objeto de inteligibilidade igualmente em panoramas ampliados, ou microfísicos. As forças são impessoais, embora se atualizem em corpos, informando e *desformando* sujeitos, para seguirmos com o exemplo.

Bem, dizíamos que a política nasce “com a resistência”, ou seja, desenha seu objeto como resultado de alguma manifestação de *confronto*, que opera subtrações do todo, marcando posições de desvio e antagonismos locais, o que seria também afirmar que a primazia é sempre dos processos de resistência em relação aos poderes

instituídos. Se fizemos um breve excursão em relação ao tema, esperamos que o movimento se justifique agora. Um automatismo de leitura tenderia a nos colocar na posição de interpretar essa definição de *político* de maneira restrita, apenas em relação aos processos macropolíticos, mas, talvez, possamos ter melhor rendimento ao imbricar a leitura micropolítica nessa definição. Nesse caso, “a primeira sublevação” diria respeito às linhas de força *vitalistas* que se insurgem em nós contra os limites dados pela tendência estabilizadora vigente em uma dada modulação macropolítica que nos informa (e conforma?). No entanto, se nos interessamos por uma ontologia histórica de nós mesmos, será pela necessidade imposta pelas condições produzidas com a instauração do conflito generalizado que se deflagra quando as instituições racham, e a multiplicidade de forças de sua constituição – de que todos nós somos portadores e hospedeiros, em maior ou menor grau – se tornam visíveis. No que estamos nos tornando, é preciso saber não apenas o que afirmar, mas o que recusar e como fazê-lo. Padecemos também de um excesso de tolerância.

Como consequência, vemo-nos constrangidos a nos interrogarmos quanto às forças que movem a ação de resistência, ou de outro modo, inquirir o plano de afecção que sustenta sua emergência. Nesse quadro, a política, entendida como configuração de territorialidades do politizável seria, portanto, *a arte das passagens*, ou permutações, entre formas e forças – sabendo que é perfeitamente possível existirem *forças sem forma e formas sem força*.

Como dizíamos, se compreendermos que o politizável não é o *esclarecimento*, mas instauração do imprevisível e abertura do plano de forças, há que se apurar as condições de possibilidade de sua sustentação, já que, em seu território, coabitam tanto potenciais de destituição, como o mais aterrorizante microfacismo, que nos espreita.

Por entre os escombros da Berlim devastada, enquanto a câmera de Rossellini segue o menino em torno do qual a história revolve, nos planos iniciais de *Alemanha Ano Zero* (1948), algo se torna insuportável, já que os rostos na tela neorrealista não são de atores profissionais. *Penso*, eles estiveram lá, agora estão aqui, e não falarão sobre o que fizeram durante a guerra. Toda megamáquina fascista, enquanto modula predações micropolíticas, em um perverso sistema de pequenas recompensas, faz

funcionar com precisão o acoplamento de microengrenagens, distribuindo funções produtivas com efeito de implicação geral, mas que isoladas, tendem a parecer de baixa repercussão. *A pessoa qualquer* também compõe o corpo da atrocidade, e Rossellini não nos permite desviar dessa constatação.

Lá se vão muitos anos, mas assistindo novamente o *Som ao Redor* (2012), me recordo de uma única cena, que talvez dure apenas um ou dois segundos. Francisco é proprietário de inúmeros imóveis em uma rua residencial da classe média recifense, espaços estes em que os diferentes planos do filme evoluem, entre o tédio, o consumismo, o apelo à segurança, a liberdade entre grades, a banalidade do funcionamento dos mecanismos de segregação e humilhação social e cachorros que não cessam de latir. O enquadramento é cerrado, claustrofóbico. A constrição dos planos de imagem é perfurada apenas pela intensidade sonora do exterior, que se imiscui aos diálogos. A tensão do *som ao redor* é onipresente.

A certo ponto do filme, o personagem visita o antigo engenho de sua família e, para refrescar-se, banha-se em uma cachoeira. A água, que jorra cristalina, transforma-se em torrente de sangue. O tecido realista do filme é rompido pela intromissão desses poucos frames, sem que nada seja explicado, e sem que os personagens o percebam. De certa maneira, a cena haveria de revelar-se quase premonitória, poucos meses depois da estreia do trabalho. Entre múltiplos sentidos, tentativas de captura, recuperação pela ordem e acusações disparadas pela *realpolitik* do esquerdismo governista, apontaria o que guardo como importante efeito micropolítico das revoltas de junho e define nosso horizonte atual: a ruptura em um regime de visibilidade.

Se cada época, e geração, é marcada por um jogo de luzes que determina o visível e não visível, bem como os modos de relação com o passado, com a história e a projeção do futuro, foram as multidões de junho que denunciaram o fim dos sonhos embalados por um reformismo débil e farsesco, ao expor, na praça em chamas, a realidade de seus limites e a imposição do custo humano de seu projeto. Por entre a brecha, também os mortos nunca enterrados, e cinco séculos de fantasmas, atravessaram o limiar entre o fundo do estado de exceção permanente e a superfície de uma *democracia securitária*^{cclv} reduzida ao sufrágio. Intromete-se o real em estado

crítico e, com ele, a decomposição de formas; primeiro, com a explicitação de linhas de força insurgentes; depois, secundárias e reativas, os agenciamentos de um microfacismo em escala acelerada e a brutal violência impulsionada por um *governo popular que teme o povo*.

Embora inserida no arco planetário – no qual, do interior da selva de Lacandona, os zapatistas foram os primeiros a recusar a ordem do fim da história, passando por Seattle e o movimento antiglobalização, e mais tarde, as revoltas das praças no norte da África, Nova Iorque, Londres, Atenas, Madrid – junho tem particular efeito implosivo em *Desterro*. Como as inserções cônicas da anarquitectura de Gordon Matta-Clark, em que os cortes despedaçam o concreto, mas não põem em colapso o edifício, são as ruínas, no ‘colapso da Nova república.’^{cclvi} Vigas de aço à mostra, farelo do reboco, mil novas entradas de ar e luz solar, abertura de visão. Mas não é tudo, agora, os ratos se mostram sem medo, lambendo seu próprio corpo sujo de esgoto, circulam famintos, devorando-se uns aos outros, por entre a decrepitude. Haveríamos de nos arrepender por termos empreendido implosões? A pergunta é sincera, porque há temor e é preciso pôr em causa a responsabilidade. A tese de primeira hora, que seria seguida por muitos outros depois, de que a expressão antipolítica dos acontecimentos de junho e, em especial, a mobilização da tática Black Block, guardariam tendências fascistas, além de intelectualmente desonesta e regressiva, flerta com um reacionarismo explícito. A descartamos, sem mais. No entanto, nos parece mais do que plausível considerar que a produção de insurgências generalizadas, que, no plano intensivo, micropolítico, é feita de passagens para a expressão do desejo que clama por uma vida outra, aporta também condições de acionamento e mobilização de afetos reativos. A movimentação de eixos nas relações de poder incita o restabelecimento da ordem, já que planos de forças não são campos de antagonismo binário, mas multiplicidade, agonismos. Em *Desterro*, *ordem* atende por capitalismo financeiro-armado, assentado em bases racistas e patriarcais legitimadas também por conluio na *gestão ambidestra do establishment*.

A responsabilidade a que aludimos diz respeito, fundamentalmente, à necessidade imperativa de seguir a disputa no plano micropolítico, uma vez tendo sido acionadas acelerações das linhas de fuga na produção maquínica do *inconsciente*

colonial^{cclvii}. Conseguiremos, de uma vez por todas, finalmente compreender que ‘as lutas sociais são, *ao mesmo tempo*, molares e moleculares’^{cclviii}

Diante disso, agora, vemo-nos na impossibilidade de desviar do fato de que o ‘fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade e de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou repartição: cada fascismo se define por um micro buraco-negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco-negro generalizado’^{cclix}.

Eis o momento de saber em que medida somos capazes de *afirmar a afirmação* destituente de junho. Da névoa sombria, é um demônio quem nos interpela: ‘Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?’^{cclix}. Sim, *afirmação da afirmação*, resulta na necessidade de acolhida à dimensão trágica do acontecimento. O esforço de perseverança no plano da imanência é severo, porque não permite qualquer escape, ou edição idealista, *se ao menos não tivesse sido assim...* Não criamos os ratos, se os empurrarem para cima de nós, os chutaremos como uma lata de gás. Mas é preciso que saibamos, se rompemos os dutos, para onde eles haveriam de ir?

Sobretudo improvável, mas no meio-dia da afirmação que queremos afirmar, conseguiríamos chegar ao seu limite e atravessar o processo com a confiança de quem sabe que ele é necessário, embora incerto?

Ratos são pequenos mamíferos, da ordem dos roedores, bebem leite quando filhotes, e têm horror aos espaços abertos das grandes planícies. Portanto, importa menos a contagem discreta dos números e, certamente, mais o regime de infecção generalizada que se inocula entre os escombros, o que seria dizer, seu dado clínico-político. Se não soubermos manejar instrumentos nesse plano, a disputa do plano de forças, então restará apenas o decurso suicidário de uma guerra de todos contra todos, e a esperança covarde de que, ao menos, algum privilégio ou colaboracionismo nos permita ocupar posições mais ao final da fila do sumidouro.

Recusando um tratamento moral da questão, não mais nos interessamos pelos ratos, sequer os chamaremos mais de ratos, mas mergulhamos no plano agonístico das

forças moleculares, no qual, apelos à razão, assim como bons motivos diante de um sintoma, são insuficientes. Esse reconhecimento se apresenta de modo contraintuitivo, uma vez acostumados a considerar que a afirmação de que a 'política é a guerra continuada por outros meios'^{cclxi} se restringe apenas aos níveis imediatamente visíveis, macropolíticos. Seria preciso estender esse prolongamento em direção ao infinitesimal. Na mesa de jantar, furtivamente, no banco da praça, na fila do banco, partilhado em uma rede social, em toda parte, relatam-se sonhos, que são também mistos de pesadelo e fuga. O que se passa?

Como já se disse a propósito do delírio e da literatura, talvez fosse o momento de recordarmos que a produção onírica é igualmente 'histórico mundial'^{cclxii}, não apenas o drama de papai-mamãe e meu pipi. Nós padecemos de um *excesso* não realizado, uma abundância não distribuída, e é por essa razão que as séries devem conduzir à ampliação das liberdades, jamais à aceitação dos limites dados como estruturais, bem como às racionalidades que pretendam justificá-los.

No usinamento maquinal do inconsciente em disputa, as produções sondam sub-representativamente os perigos, enquanto antecipam vias de escape a serem performadas. Não é a aranha quem tem o projeto de tecer a rede, mas sim, é a rede que mobiliza a aranha para tecê-la^{cclxiii}, muito embora não diga *como*. *Com-sentir* junto ao plano, o que seria dizer, 'tornar audíveis forças que são não audíveis por si mesmas'^{cclxiv}, este é o nutriente das artes da tentativa. Há um plano intensivo, anterior ao sujeito, impessoal, portanto, que se agita e arde em luta pela abertura de passagens, na expectativa de que os sujeitos o representem, primeiro a si-mesmos e, depois, o advoguem nas disputas macropolíticas. Chama-se *UMA VIDA* essa manifestação que pede reconhecimento.

Que ela seja tomada por incômoda, mais um sinal de uma debilidade que inspira cuidados. *Incômoda*, porque, inicialmente, é mais comum os sujeitos sentirem-se incapazes de mobilizar a energia necessária para o acolhimento de suas consequências. Nesse contato, abrem-se dois vetores, e inúmeras ramificações. De um lado, o sujeito a reconhece como *VIDA* e põe em movência e experimentação as possibilidades de atualização de novos possíveis e sua realização. Ele age e, na ação, se aproxima e estende os limites de sua potência, desenvolvendo-a: *VIDA – UMA VIDA*.

Estando perto deste centro de gravidade, sente-se a possibilidade de sustentar jogos de permanência na disputa em planos molares, que na busca por crescentes condições de materialização da potência que a vida é, podem-se tornar progressivamente mais radicais, isto é, afirmativos.

No entanto, há uma dimensão desestabilizadora na iminência da instauração dessas passagens, porque a excitação do plano intensivo, ao afetar o sujeito, precisa produzir fissuras nas formas instituídas de si, sem que existam quaisquer garantias. O devir não tem forma pressuposta, ou modelo, já que não se trata de imitação. Eis que há um bloqueio, vivido na forma de impasse. Nas antípodas do percurso anterior, diante da injunção de fazer passagem – transmutar o limite em limiar – o sujeito recua, obturando os canais de expressão entre os planos. O afeto se torna reativo, e vivenciado como diminuição progressiva da potência de agir. Não há fissura, ao contrário, deflagra-se o desencadeamento de uma operação de reforço aos contornos instituídos do sujeito^{ccixv}.

Para não recairmos em uma espécie de subjetivismo enterrado em metapsicologia a-histórica, seria preciso manter muito próxima a consideração de que os processos político-econômicos estão em interdependência nesses circuitos, dobrando-se de modo singular em diferentes pontos do globo, de acordo com o entrecruzamento resultante das forças locais em disputa. No prolongamento das *mutações no regime de visibilidade da época*, provocada por junho, efetivamente o corte que explicitou os limites postos às pretensões de um progressismo-reformista, *concepção linear do tempo*, também o plano intensivo coloca-se em disputa, tornando-se arena do politizável. Na bifurcação dos caminhos a que aludimos anteriormente, a emergência do politizável ativa tremores no liame da relação dos sujeitos consigo mesmos. No que talvez fosse possível radicar, nesse ponto, uma das razões pela qual o prolongamento das linhas de fuga abertas por junho haveria de se constituir, da maneira mais acentuada, nos vetores *negro* e *feminista*, não obstante o fato de que, justamente, nestes eixos, pesam as maiores sobredeterminações macropolíticas. O devir de junho expressou a injeção de Anarquismo para além dos *anarquismos*. Sem predicados, massivo, difuso e transversal a todos os vetores, foi *uma deriva maior do que seu nome próprio*. Engolindo a própria bandeira negra, deixou-se ver como uma

enorme *mancha contra a pólis*, isto é, *contra a cidade*. Um anarquismo *somático*, especialmente quando *irrefletido*. Mais rápido do que alguém não habituado possa mesmo dizer *Proudhon*, *Kropotkin*, nomes tão exóticos, quanto impronunciáveis em nossa língua. *Somático*, isto é, em face ao poder: *repulsa*. Junho é categórico: *não existe objeto causa do desejo*. As liberdades não têm *fim*, isto é, forma ou razão. *Não têm fim*, isto é, não alcançam saciedade ou contentamento.

Junho é um acontecimento cínico. Intelectuais oportunistas, apresentadores de telejornal, gestores da desgraça, reduzidos à condição de ventríloquos da ordem. É belo, o acontecimento desfaz identificações. As lixeiras não guardam os resíduos, incineram-nos; os vidros não refletem coisa alguma; são estilhaços; nas ruas, não há carros. É belo. Em algum lugar, enquanto tudo acontece, antes de mais uma noite que não se sabe como termina, alguém para diante do espelho e se pergunta: com que roupa devo me vestir?^{cclxvi}. É belo, junho faz ruir identificações *gastas*.

Um devir-revolucionário exprime um agenciamento de forças. Quanto ao vetor negro, a afinidade nos parece corporal-afetiva, uma vez que o projeto de um mundo sem racismo não concebe qualquer espaço de negociação, o que seria dizer, reformismo. Que outros sujeitos políticos poderiam encarnar essa intransigência vitalista? Muito embora os processos macropolíticos sejam, não apenas, mas também, de negociação reformista e impedimento e disputa, o plano afetivo de sua sustentação não o é. O fato é que, se haverá um mundo sem racismo, ele jamais poderá ser suportado na quadratura capitalista, porque seu regime predatório é insustentável sem a continuidade dos dispositivos de exploração racial^{cclxvii}. Seria ainda importante considerar outros efeitos, sendo uma potência particular desse vetor, para seguirmos com o trabalho das linhas, a atualização crescente do plano virtual, cuja totalidade é insondável e, portanto, passa ao largo do ciclo de esgotamento atual. Com isso, a constatação de que, enquanto a institucionalidade esquerdista segue dando voltas na praça em *Konigsberg*, chamando-a de *nosso mundo*, mesmo em face da agressão e intenso bloqueio macropolítico, o vetor negro não cessa de escapar, porque as mutações na relação de si a si-mesmo são, antes, micropolíticas. O efeito irradiativo dessas transformações implicam, inescapavelmente, todo entorno. A irrupção do microfascismo generalizado é tanto o resultado da reação de contrarrevolução

agenciada pelo capital dependente da raça, quanto a expressão do medo de que um último privilégio seja deposto e, com isso, também desfeita a precedência na ordem de trituração dos corpos exploráveis no neoliberalismo, que tende a acentuar-se no trânsito da regulação biopolítica entre *fazer viver* e o futuro ameaçador de uma *necropolítica consumada*.

Quanto ao vetor feminista, se uma periodização macropolítica nos levaria a perceber movimentos ondulatórios, agora, essas ondas teriam se tornado infiltrações generalizadas, estendendo as zonas do politizável à máxima capilaridade. No ônibus, a caminho de casa, vejo duas jovens, talvez não mais do que pré-adolescentes, que conversam animadamente, entre mensagens ao telefone, e partilham de fones de ouvido. Abrem suas mochilas, os livros são pequenos, mas estão repletos de papéis coloridos marcando as páginas. *O que é lugar de fala?*, está escrito na capa^{cclxviii}. *Não há relação entre professor-aluna, pai-filha, irmão-irmã, namorado-namorada, companheiro-companheira, governante-governada, amigo-amiga, excluída deste regime acelerado de insurgência micropolítica à hierarquia entre os corpos*. Ainda, em face do reconhecimento e mobilização de interseccionalidades nos processos de resistência, as mutações progridem seus regimes de afetação, tornando-os um acontecimento verdadeiramente molecular. Eu escuto, à noite, o que dizem em todas as casas: *não podemos sequer jantar em paz?* Em Desterro, nenhuma família janta em paz.

Descendo do ônibus nesse mesmo dia, me recordo de uma antiga historieta. Um peixe comenta com o outro, está fria a água hoje, não? Ao que seu colega responde, *água, que água?* Se insistimos na importância em retomar o gesto de profanação no que resta de sacralidade e messianismo no ideal de “Revolução”, assustadoramente próxima a uma ideia de ‘solução final’, será para reivindicar sua molecularidade, sua dimensão processual e, com isso, aproximar a tarefa das mãos. Recuperar a palavra poderia ser tomado como um ato acessório, ou mesmo caricatura militante, não fosse o fato de que, na chave micropolítica, revolução guarda potencial analítico e heurístico^{cclxix}. A contração do espaço-tempo dessas mutações em escala acelerada, nos mostra que, hoje, as revoluções são, antes, *ontológicas*. Desterramentos que provocam colapsos. *Revoluções, que revoluções?* dizem tanto os

peixinhos em meio ao turbilhão quanto o baronato reformista que se oferece como a única alternativa ao dilúvio em face do novo choque do capital armado que se anuncia. Dizer o que se é, sem pedir reconhecimento *aos poderes*. Não iremos conferir legitimidade ao que não tem. Se dissermos o que somos, o faremos apenas para que os poderes sejam forçados a expor a ficção extorquida de que é feita sua legitimidade. Estrangular a espiral de suas contradições irreconciliáveis, para forçá-los a dizer, para expor, *o ridículo do seu realismo fantástico*.

Seria interessante notar que, com frequência, efeitos significativos desses processos são sentidos por aqueles que não os compõem ativamente, mas se percebem *revolvidos* por suas movimentações. Tratar-se-ia de pôr em questão ‘o que acontece na cabeça dos que não fazem a Revolução, ou em todo caso que não são seus atores principais. É a relação que eles próprios têm com essa Revolução que eles não fazem, ou de que não são seus atores principais’^{cclxx}.

No caminho de análise dessas linhas que movem tensionamentos entre o governo de si e dos outros – isto é, jogos de poder na configuração dos regimes de condução de condutas e suas condições de visibilidade/afetabilidade–, retomamos a incidência desses impactos nas práticas de si. No caminho das revoluções ontológicas em curso, os vetores negro e feminista experimentam ampliações nas passagens de atualização do plano virtual, enquanto, progressivamente, engendram e multiplicam espaços autônomos de cuidado e proteção e retomam políticas cognitivas e epistemologias outras – não saturadas no marco da modernidade ocidental-cristã, sempre retida na dialética estatal, ou alguma escatologia. Em contraste, mesmo flancos interessantes de setores hegemônicos do pensamento anticapitalista demonstram dificuldades de compreensão dessas dinâmicas, girando em torno do que seria, na realidade, um falso-problema. O vemos, por exemplo, na afirmação de que, quanto aos vetores a que aludimos, a ‘ação política se transforma em mera experiência de autoexpressão, reduzindo-se à realização de demandas de reparação e compensação’^{cclxxi}. Se ‘branco é uma metáfora do poder’^{cclxxii}, não seria diferente à esquerda do espectro político. Há, sim, um obstáculo identitário às possibilidades de agenciamentos progressivamente mais ampliados nos processos de resistência: precisamente este. Chamamos de um falso-problema uma questão posta à

percepção. Sendo um misto de forças mal analisado e não operando distinções rentes às linhas de constituição de seu objeto, acaba por resultar em expressão de um universalismo debilitado, sem capacidade de invocação, a ser insistentemente reposto. Assentimos a proposição de que ‘não há governo de esquerda’^{cclxxiii}, muito embora eventuais concessões sejam expressas como resultado das forças em disputa. A libertação se inscreve na macropolítica, enquanto as liberdades não cessam de não se restringir a esse plano. As liberdades se reinscrevem, incessantemente, no plano das forças e criações. Repõe a questão, sem fadiga: o que faremos no próximo minuto? De minuto em minuto, fazem *uma vida*. Enquanto acolhemos a definição de “esquerda” como problema de orientação da percepção, pensamos suas consequências de modo díspar. Como problema perceptivo, *um endereço postal de que se parte*, o espectro político encontraria um termo definidor nas posições em situação: primeiro, *eu* ou o horizonte desindividualizante, impessoal, fora do sujeito?

Com as movências produzidas pelo acontecimento Junho, eixos de territorialização e desterritorialização são atualizados de modos pouco afeitos ao esquadramento cognitivo, preso ao plano das formas, às quais diferentes tradições macropolíticas à esquerda tendem a radicar sua filiação. O prolongamento das linhas de fuga com os vetores negro e feminista seria interpretado, por segmentos de ressonância hegemônica no campo como regressivo, uma vez pretensamente particularista, e portanto, responsável pelo bloqueio às condições de enunciação de uma universalidade, por exemplo, anticapitalista^{cclxxiv}. Retomamos a questão, bastante antiga, é preciso dizer, não para nos submetermos ao enfado de sua repetição, mas porque, no seu retorno, há modulação de diferença no plano intensivo. Somando-se aos fatores que mencionamos, talvez fosse interessante considerar, ainda, outra dimensão dos processos de revolução molecular, justamente, sua *indeterminabilidade*. Incidindo da relação de si a si-mesmo, as movimentações nos vetores negro e feministas seriam, justamente, o contrário de uma saturação de conteúdo identitário preconcebido, reivindicação do rosto original, mas antes, ampliação das passagens ao plano virtual que os definem enquanto vetores, sendo a experiência de habitar a indeterminabilidade um de seus registros mais singulares. Nesse gesto, que é duplo, os sujeitos atravessam a si mesmos rumo ao plano intensivo de retomadas e criações,

traçando contornos de uma nova universalidade micropolítica *por vir*, cujo motor dos dinamismos é a inconstância heterogenética. Esta *indeterminabilidade* de um conjunto de forças que assume variadas expressões e formas, por contraste, acaba por revelar o identitarismo cronificado de quase todo espectro macropolítico à esquerda, sua crônica impossibilidade de experimentar devires outros.

Mas minhas voltas já estão ficando longas demais, então, abordarei essa questão em outro escrito. Retorno ao que deveria ter sido o objeto inicial do texto, a partilha de algumas reflexões acerca de um trabalho em andamento, propriamente, *estudos sobre passagens*.

Enquanto seguíamos com o filme, os sinais de tensões entre nós se acumulavam, e, ostensivamente, silenciávamos esses indícios em nome de *nosso projeto comum*; a verdade é que, pouco a pouco, já não me importava tanto o resultado do possível documentário. Em especial, na deriva pelas ruas do centro da cidade, essa progressiva falta de interesse deslocou-se para uma hipersensibilidade aos pequenos encontros e achados fortuitos. Na espera da gravação de uma cena, ou registrando o ambiente para uso de preenchimentos e cortes, tomando um suco, percebo que a passagem do tempo se inscreve na cidade como registro político dos discursos, elementos de uma arqueologia do futuro. Em letra miúda, há algo escrito no corrimão de uma escadaria, e os cartazes nos muros são como frames já prontos de um filme à espera, ao qual nos caberia registrar e pôr em movimento acelerado. O cão me percebe distante, e como quem partilha de uma comunidade silenciosa, sorri o sorriso dos patafísicos. *Patafísica*, a ciência das soluções imaginárias, amada e praticada pelos dadaístas, surrealistas, situacionistas.

Sentindo-o como problema que me arranca de um estado de imobilismo indiferente, penso nas passagens como campo de estudos. No movimento de fabulação, *Passagens*, a disciplina do inexato, um currículo sobre o trânsito entre planos de existência. A ideia, sobretudo abstrata e impossível, exerce sobre mim um apelo irresistível. Divertindo-me com meus botões, prossigo, imaginando-a com a pretensão bufa de ciência rigorosa, no entanto, movida por procedimentos de uso único, autodissolvente. Assombra-me uma recordação.

Em um dos dias em que estive com Pepe, acompanhando a peça *O Jogo da Guerra*, do coletivo de teatro de rua ERROgrupo^{ccclxxv}, também no centro da cidade, a chuva, inicialmente fina, passou a agitar-se no ar soprando as folhas, em rodopios de tempestade. Com o escuro em plena tarde, raios e trovões, precisávamos decidir: seguimos ou voltamos para casa? Imaginei que acabaria não sendo preciso tomar uma escolha, pensava, por certo cancelariam a encenação com o dilúvio. Mas eles prosseguem, mesmo tendo a audiência se dispersado, e a disputa com a ventania tornar tudo quase inaudível. Seguimos, e já próximos à cena final, os personagens discutem em frente às vidraças reluzentes de uma agência bancária. Saída da mochila, uma garrafa plástica com gasolina é despejada em uma panela de pressão. Vamos explodir um banco? Uma Igreja? O prédio da administração? A câmara de vereadores? É inútil, uma das atrizes me diz, segurando um martelo. Ela se aproxima do chão, e batendo-o contra o asfalto, fala, *veja, você não vê, embaixo deste solo sem vida, onde nada cresce, há areia e a praia, mas é impossível atravessar!* Ela insiste, insiste, golpeia o chão estéril e mudo, agora com as duas mãos. Na cena final, a trupe se reencontra em frente à câmara municipal. Acendem-se latas que emitem uma fumaça negra e espessa. Policiais se aproximam. Alguém mostra um papel. Os policiais se afastam. A fumaça negra recobre todo o prédio. Nos andares superiores, funcionários de gabinete se debruçam para vê-la, a fumaça que recobre o prédio. Os atores gritam, fascistas!

O cão sorri. E se o gesto enquanto tentativa, já fosse a expressão do seu êxito, isto é, de sua realização consumada? Então, a forma teria sido rompida, porque as forças a atravessaram: ativação do martelo como expressão do trabalho da areia e da praia. No instante em ele atinge o solo, já o atravessou.

Uma consideração como essa superaria a dualidade entre preparação e execução, ao movimentar linhas de constituição do espaço *outro*, sobreposição do espaço *este*. Encontramos melhor acabamento desse exercício com a noção de *estudo*, como a encontramos em processos de criação artística. O conceito de estudo, portanto, 'inclui tanto a ideia de um esboço que demarca um projeto cuja realização efetiva se dará no futuro, como também, pela via conceitual, a noção de um trabalho que se realiza plenamente enquanto estudo, como um conjunto de instrução para

ações. Ou, ainda, uma forma de notação que procura dar conta da irrepresentabilidade de escalas incomensuráveis'.^{cclxxvi}

Com esse aporte, penso na realização de *estudos sobre passagens* como exercício de tráfego entre planos, na busca de instauração de vacúolos de indeterminação de sentidos, em meio a produtividade total de um cotidiano anódino e precificado. Em favor de cortes no espaço sobredeterminado da cidade, naturalização de sua absurda realidade, inoculação de algum germe de espanto. É preciso espanto porque, quando desperto, Desterro tornou-se a Berlim devastada, mas os prédios estão todos no lugar, os semáforos piscam, os ambulantes vendem guarda-chuvas, há água nas torneiras, os jornais estão nas bancas, e amanhã será quarta-feira, dizem, é lógico, hoje é terça. Tudo queima, mas não se vê fogo.

O germe do espanto, que é recusa ao *continuum sedentário*, e inconformidade na agitação de uma existência mínima à procura de hospedeiros e doadores de matéria plástica, circula entre os desenhos e cartazes nos muros de Desterro. Ouvindo-o, e com noção de estudo, livre de qualquer métrica do êxito, decido compor seu prolongamento. Pronto, está feito: *un artista callejero*. Escreve como uma criança. Desenha como uma criança. 'Contrassensos, rupturas, tremores, rascunhos, ignorâncias são admitidos e mesmo apreciados quando expressos no papel, balbucios de uma ingenuidade aplicada. Se a mesma ingenuidade for expressa em atos, instabilidades, audácias, desdém e preguiças, o adulto provocado se torna odioso'.^{cclxxvii} O *artista callejero* não é um artista. Como se diz das crianças impertinentes, *faz arte*. A criança que desenha, não é artista, apenas vive: '*Um desenho infantil não é uma obra de arte: é um chamado para novas circunstâncias*'.^{cclxxviii}

Personagem, conceitual e físico, virtual, real, atualizado na duplicação de um corpo que era único, torno-me um voluntarista em disputa com a técnica. Lá onde era o sujeito, o plano impessoal deve se expressar e *interinventar* na conversa-mundo. Mais um texto da biblioteca de Babel operando a máquina-total contra ela mesma. Para que tudo não seja apenas cinza dentro da esfera anil. Acompanhamos esses processos, tanto junto às pessoas que o desenvolvem na pele da cidade, quanto experimentando criações.

Ainda é madrugada, mas já é também quase dia.

Vejo a Aurora: 'A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal e, contudo, singular, que resgata um puro acontecimento liberado dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade daquilo que ocorre. *Homo tantum*^{'cclxxix}.

Este é o primeiro movimento dos *estudos*.









Post-Scriptum para futuros ancestrais

Nos anos iniciais do *Grupo de Pesquisa Alfred Jarry*, responsável por esta edição que tem por título *O fim da longa duração: crises de presença e a descoberta do instante entre os séculos XX e XXI*, não poderíamos imaginar o quão próximos estávamos dos novos e decisivos desenvolvimentos tecnológicos no campo das Ciências Humanas Experimentais e nos Estudos da Simulação. Como sabemos, com o advento dos computadores quânticos, a capacidade de processamento de informações arqueológicas tornou finalmente possível a construção de mapas, cenários e vivências que correspondam à exata extensão de territórios do passado. Com isso e com o acesso da comunidade científica ao Arquivo Total, que resulta dos efeitos do mais grave acontecimento desta época, novas hipóteses poderão ser finalmente testadas. Neste boletim, apresentamos uma pequena curiosidade que pode ser encontrada no Arquivo, *um breve passeio com os olhos de uma vida qualquer*. Outros grupos de pesquisa igualmente partilham conosco resultados preliminares de seus trabalhos nos Testes de Simulação. Em *A Imagem total: arquivos de vigilância e o governo planetário*, os autores examinam as primeiras reações e perseguições ocorridas quando das descobertas acerca da amplitude dos registros de informações pessoais pelas corporações, hoje chamadas, *extrativistas*, e os antigos Estados Nacionais. A partir do tema *Repetição e Diferença*, os autores de *Kosmic Ka!* percorrem as similitudes entre os saberes da Capoeira e a propagação da Teoria do Ponto Zero, atualmente conhecida como *Teoria do Instante Não Representacional (TINR)*. Por fim, por ocasião do bicentenário da publicação de *Reconversão a si: movimentos de retomada da Terra no Antropoceno Tardio*, republicamos a entrevista original com a autora, na qual, pela primeira vez, suas ideias foram veiculadas, bem como os resultados de simulações em que repetimos esse famoso encontro. Com os testes de simulação, e a possibilidade de introduzirmos novas perguntas, desenvolvem-se outros vetores, até então, inexplorados. Seguimos avançando na compreensão quanto aos efeitos de sermos, todos, *futuros ancestrais*.

Boa Leitura!

NOTAS

ⁱ Foucault, 2017.

ⁱⁱ Nietzsche, 2007, p. 43.

ⁱⁱⁱ Foucault, 1993.

^{iv} Schiavon, 2012, p.230.

^v Foucault, 2013, p.21.

^{vi} Agamben, 2000, p.59.

^{vii} Cabanne, 1971, p.30. No original: In the "Nude Descending a Staircase," I wanted to create a static image of movement: movement is an abstraction, a deduction articulated within the painting, without our knowing if a real person is or isn't descending an equally real staircase. Fundamentally, movement is in the eye of the spectator, who incorporates it into the painting".

^{viii} Coutinho, 1984.

^{ix} Deleuze, 2012b, p.120.

^x Beck, 2018, p.11.

^{xi} Tiedemann, 2018, p.16.

^{xii} Tiedemann, 2018, p.15.

^{xiii} Deligny, 2015, p. 35.

^{xiv} Julian Beck, p.5.

^{xv} Deleuze, 2000, p.227.

^{xvi} Deleuze. 2000, p.139

^{xvii} Dif. Rep.p.139

^{xviii} Depoimento de François Tosquelles aos cineastas Daniele Sivadon e Jean-Claude Pollack, em *Politiques de la folie* (1989) 18.00-22.00min. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=kT9REbBckRI>. Acesso em: 08 out. 2020. Onde lê-se 'clínicos', temos no original, 'Psiquiatras'. Tomamos a liberdade de sermos mais *inclusivos*.

^{xix} Possivelmente o mais comentado *dito* dos acontecimentos de junho de 2013. Sem autoria (?), depoimento oral, 2013. Curiosa referência...

^{xx} Nietzsche, 2011b.

^{xxi} Muniz Sodré, 2017.

^{xxii} Deleuze & Guattari, 1997, p.167.

^{xxiii} Genet, 2000.

-
- xxiv Foucault, 2014. Gov. dos vivos.
- xxv Nietzsche, 2011, p.260.
- xxvi Brasil, 2014.
- xxvii Deleuze, 2012.
- xxviii Strathern, 2017.
- xxix Rolnik, 2006.
- xxx Foucault, 1980, p.75 *apud* Rodrigues, 2011, p.95.
- xxxi Dreyfus & Rabinow, 1995.
- xxxii Foucault, 1995, p. 142. Sujeito e poder.
- xxxiii Foucault, 2005, p.15.
- xxxiv Agambem, 2007.
- xxxv Deleuze & Guattari, 2014.
- xxxvi Tragtenberg, 2002.
- xxxvii Foucault, 2014.
- xxxviii Sodré, 2017.
- xxxix Deleuze, 2016.
- xl Bispo dos Santos, 2015.
- xli Bispo dos Santos, 2015, p. 44
- xlii Guattari, 1993.
- xliiii Haraway, 2016.
- xliv Coimbra, 1995.
- xlv Huyer, 2018, p.101.
- xlvi Foucault, 1990.
- xlvii *No intenso Agora*, filme de Waler Salles, 2017.
- xlviii Nietzsche, 2007, p.23.
- xlix Foucault, 1999, p.131.
- l Foucault, 1999, p.131.
- li Rocha, 1970.

^{lii}Rolnik, 2018.

^{liii} Sartre, 2004.

^{liv} Marcelo Freixo, em comunicação no Twitter em 13 de agosto de 2019. Disponível em:<https://twitter.com/marcelofreixo/status/1161209293431029761?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lv}Luis Inácio Lula da Silva, em depoimento a João Moreira Salles em Entreatos, 2004. (8min.19s) Entreatos.

^{lvi}Luis Inácio Lula da Silva, em depoimento a João Moreira Salles em Entreatos, 2004. (60min.05s) Entreatos. Para fins narrativos, na transcrição desta passagem, tomamos a liberdade de substituir 'Marisa' por 'minha mulher', assim como pequenas supressões do encadeamento deste depoimento ao documentarista.

^{lvii}Luis Inácio Lula da Silva, em depoimento a João Moreira Salles em Entreatos, 2004. (39min.23s) Entreatos.

^{lviii}Deputada Manoela D'Àvila, em entrevista no programa Roda Viva em 25/06/2018. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=GYBfJS-NMTI>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lix} Fundo de Investimentos Brasileiro, à época, de propriedade de LuisStuhlberger. Disponível em:<https://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/2006/12/21/ult29u52817.jhtm>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lx} Instituto de Estudos para Políticas de Saúde. Disponível em: <https://ieps.org.br/institucional/transparencia/>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxi} Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/04/inhotim-e-governo-de-minas-assinam-acordo-para-transferencia-de-20-obras-de-arte.shtml>. Acesso: 08 out. 2020.

^{lxii} Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200102.htm>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxiii} Relatório de rentabilidade do Fundo Verde, sob gestão de LuisStuhlberger. Disponível em:<https://www.verdeasset.com.br/performance/lista-de-fundos/>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxiv}Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=Z7jFDKX8NDg>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxv}Disponível em:<https://twitter.com/faveladoinvest>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxvi} Livro de Raiam Santos, autopublicado na internet. Disponível em:https://files.comunidades.net/magosidrakyan/Hackeando_Tudo__90_Habitos_Para_Mudar_o_Rumo_de_Uma_Geracao_Ebook__Raiam_Santos.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxvii} Chester, 2018.

^{lxviii} Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=kt8LEqgMci4>. Acesso em: 08 out. 2020

^{lxix}Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIKPldBmpXo>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{lxx}Mateus, 11:28-30.

^{lxxi} BRECHT, 1992, p. 103.

^{lxxii} Marx e Engels. Manifesto do Partido Comunista, 1998, p. 20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n34/v12n34a02.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

^{lxxiii} Guerra, 2017.

^{lxxiv} Depoimento de Facundo Guerra em curso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7hCFlltRwGI>. Acesso em: 09 out. 2020.

^{lxxv} Depoimento de Facundo Guerra em curso. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7hCFlltRwGI\(34.26-37.28\)](https://www.youtube.com/watch?v=7hCFlltRwGI(34.26-37.28)). Acesso em: 09 out. 2020.

^{lxxvi} Facundo Guerra é mestre em Ciências Sociais pela PUCSP com a dissertação “Política e resistências protocolares: torções e reforços no diagrama da sociedade de controle” (2006) e Doutor em ciências políticas pela mesma instituição, com a tese “Tecnologia e política: o voto e seu suporte” (2012).

^{lxxvii} Depoimento de François Tosquelles aos cineastas Daniele Sivadon e Jean-Claude Pollack, em *Politiques de la folie* (1989). (18.00-22.00min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kT9REbBckRI>. Acesso em: 09 out. 2020.

^{lxxviii} Nietzsche, Gaia Ciência.

^{lxxix} Viveiros de Castro, 2002.

^{lxxx} Krenak, 2019, p.12.

^{lxxxi} Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F. Acesso em: 09 out. 2020.

^{lxxxii} Hulsman, 1997, p. 207. (LouckHulsman. “Temas e conceitos numa abordagem abolicionista da justiça criminal”. In: Edson Passetti e R.B.D.Silva (orgs.). Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva. São Paulo, IBCrim e PEPG Ciências Sociais PUC/SP, 1997, p. 195-196.

^{lxxxiii} Entrevista do *Rapper* Emicida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wk2TE2Yvjlk>. Acesso em: 09 out. 2020 (17.42).

^{lxxxiv} Entrevista do *Rapper* Emicida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wk2TE2Yvjlk>. Acesso em: 09 out. 2020 (16.23).

^{lxxxv} Nietzsche, 2007, p. 205. – Gaia Ciência.

^{lxxxvi} Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/apos-ouvir-jorge-ben-senti-que-nao-precisava-mais-compor-diz-gilberto-gil.shtml>. Acesso em: 09 out. 2020.

^{lxxxvii} Goldman, 2015, p.649.

^{lxxxviii} Historiador Luiz Antônio Simas, em comunicação na rede social *Twitter*, 2019. Disponível em: https://twitter.com/simas_luiz/status/1159762408669437954. Acesso em: 09/10/2020.

^{lxxxix} Goldman, 2015, p. 654.

^{xc} Deligny, 2018.

^{xci} *Rancho de Amor à Ilha*, Hino Municipal de Florianópolis, composto por Cláudio Alvim Barbosa em 1968.

^{xcii} Viveiros de Castro, 2017.

^{xciii} Viveiros de Castro, 2017, p. 188.

^{xciv} Viveiros de Castro, 2017.

^{xcv} Whitehead, 1979, p.39.

^{xcvi} Krenak, p. 10.

^{xcvii} Deleuze & Guattari, 1997c. , p. 44.

^{xcviii} Macey, 2012, p.204.

^{xcix} Azevedo. 2009, p. 33.

^c Cortázar, 2007.

^{ci} Macey, 2012. p. 146.

^{cii} Depoimento de François Tosquelles aos cineastas Daniele Sivodon e Jean-Claude Pollack, em *Politiques de la folie* (1989) (18.00-22.00min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kT9REbBckRI>. Acesso em: 08 out. 2020.

^{ciii} Deleuze & Guattari, 1997c., p. 103.

^{civ} Viveiros de Castro e Danowski, 2017.

^{cv} Entrevista concedida por Kerexu, *Cacica Mbyá-Guarani* da Terra Indígena Morro dos Cavalos, à rádio comunitária do Campeche.

^{cvi} Benjamim, 2012, p.241-252.

^{cvii} Veyne, 2010, p.139.

^{cviii} Deleuze, 1992, p. 225.

^{cix} *Ibid.* p.224.

^{cx} Foucault, 2011, p.291.

^{cx} Foucault, 2016, p. 32.

^{cxii} *Ibid.* p.52.

^{cxiii} *Ibid.* p.51.

^{cxiv} *Ibid.* p.80.

^{cxv} *Ibid.* p.107.

^{cxvi} *Ibid.* p.137.

^{cxvii} *Ibid.* p. 167.

^{cxviii} Foucault, 2011, p. 80.

^{cxix} Foucault, 2008.

^{cxx} Rago, 2013.

^{cxxi} Guattari e Rolnik, 1986.

^{cxii} Gullar.

^{cxiii} Bento, 2017.

^{cxiv} Bento, 2017, p. 49.

^{cxv} Minh-ha, 1998.

^{cxvi} Heurich, 2017.

^{cxvii} Viveiros de Castro, 1996.

^{cxviii} Foucault, 1995.

^{cxix} Fernandes, 2016.

^{cxx} Deleuze, 2012c.

^{cxxi} Tarde, 2007.

^{cxii} Foucault, 1995.

^{cxiii} Foucault, 2009.

^{cxiv} Nietzsche, 2003, p.78-79.

^{cxv} Giacóia, Junior, 2002.

^{cxvi} Zimmermann, 2013.

^{cxvii} Gomes, 2017.

^{cxviii} Gomes, 2017, p.35.

^{cxix} Canjiquinha, 1989, p.28.

^{cxl} Albert King e Stevie Ray Vaughn, Blue Jam Sessions. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ZL2b4O3nz8> . Acesso em: 09 out. 2020.

^{cxli} Moura, 2001, p.32.

^{cxlii} Moura, 1981, p.16.

^{cxliii} Moura, 1981, p. 18.

-
- cxliv Moura, 1981, p.245.
- cxlv Simas, 2019.
- cxlvi Benjamin, 2018, p. 171.
- cxlvii Entrevista concedida por Egberto Gismonti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=45JM7ESfxUA>. (41.20 – 42.00). Acesso em: 09 out. 2020.
- cxlviii Guattari, 1986, p.56.
- cxlix Deleuze, 2009, p.1.
- cl Nascimento, 1978, p. 29.
- cli Nascimento, 1978, p.32.
- clii Foucault, 2017, p. 251.
- cliii Foucault, 2017 p.251.
- cliv Allen Ginsberg, *América*.
- clv Pasolini, 2015.
- clvi Entrevista do Prefeito Municipal de Itajaí/SC, Volnei Morastone, em 04/08/2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IYiLVsnK_qU. Acesso em: 09 out. 2020.
- clvii Fonseca, 2019, p.237.
- clviii Sebastião Junior, 2013.
- clix Dejours, 1992.
- clx VIII Conferência Nacional de Saúde.
- clxi Nietzsche, 2007c, p.43.
- clxii Nietzsche, 2007c, p.38.
- clxiii Stirner, 2009, p. 408.
- clxiv Política Nacional de Assistência Social, 2004.
- clxv Vida não fascista...
- clxvi Leminski, poema *Bem no fundo*.
- clxvii João 8:12.
- clxviii Foucault, 2017, p. 3.
- clxix Foucault, 2017, p. 34.
- clxx Nietzsche, 2007.

-
- clxxi Percec, p.179.
- clxxii Miller, 1993, p.248.
- clxxiii Miller, 1993, p.249.
- clxxiv Miller, 1993, p.248.
- clxxv Noguera, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/10>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- clxxvi Brum, 2018. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/vidas-barradas-de-belo-monte.htm#ser-rico-e-nao-precisar-de-dinheiro>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- clxxvii Guattari, 1986. p.304.
- clxxviii Ver dados Tapera.
- clxxix Deleuze, 2016, p.410.
- clxxx Deleuze, 2016, p. 409.
- clxxxi Santos, 2013.
- clxxxii Santos, 2013.
- clxxxiii Documentário *Into Eternity*, de Michael Madsen, 2010.
- clxxxiv Foucault, 2010.
- clxxxv Guattari, psic. E transv.
- clxxxvi Foucault, 2010.
- clxxxvii Disponível em: <https://listadeespera.saude.sc.gov.br/consulta/completa.html>. Acesso em: 14abr. 2021.
- clxxxviii Simas, 2019, p.13.
- clxxxix Foucault. Disponível em: <https://hannaharendt.files.wordpress.com/2018/05/face-aos-governos-os-dh-foucault.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- cx c Foucault, 2017.
- cxci Bostrom, 2003.
- cxcii Borges, 2007, p. 11.
- cxci Fanon, 2008, p. 118.
- cxci Nascimento, 1980, p.134.
- cxci Nascimento, 1980, p.137.
- cxci Zonzon, 2017.

-
- ^{ccvii} Nietzsche, 2007.
- ^{ccviii} Deleuze, 2016b, p.26.
- ^{ccix} Rolnik, 2018.
- ^{cc} Mbembe, 2014.
- ^{cci} Mbembe, 2014, p.14.
- ^{ccii} Mbembe, 2014, p.18.
- ^{cciii} Mbembe, 2014, p.26.
- ^{cciv} Rolnik, 2006.
- ^{ccv} Goldman.
- ^{ccvi} Aguiar e Rocha, 2007.
- ^{ccvii} Brasil, 2018.
- ^{ccviii} Deleuze e Guattari, 2014.
- ^{ccix} Guattari, 2004, p.359.
- ^{ccx} Entrevista concedida à rádio comunitária do Campeche pelo candidato à presidência da República, indicado pelo Partido dos trabalhadores, Fernando Haddad, no pleito de 2018. Disponível em: <http://radiocampeche.com.br/>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- ^{ccxi} Foucault, 2013.
- ^{ccxii} Heurich, 2017, p.177.
- ^{ccxiii} Kopenawa e Albert, 2015.
- ^{ccxiv} Foucault, 2008, p. 124.
- ^{ccxv} Foucault, 2008, p. 126.
- ^{ccxvi} Ab´Sáber, 2010.
- ^{ccxvii} Instituto APPOA, 2018.
- ^{ccxviii} Deleuze e Guattari, 2014.
- ^{ccxix} Oliveira, 2017.
- ^{ccxx} Ginsberg, *America*.
- ^{ccxxi} Canjiquinha, 1989. p. 3.
- ^{ccxxii} Canjiquinha, 1989, p.64.
- ^{ccxxiii} Canjiquinha, 1989, p.3.

-
- ccxxiv Entrevista de Canjiquinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuFI3VcsuNo>(0.46-0.58 min.). Acesso em: 09/10/2020.
- ccxxv Entrevista de Canjiquinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuFI3VcsuNo>(0.46-0.58 min.). Acesso em: 09 out. 2020.
- ccxxvi Benjamin, 2013, p. 69.
- ccxxvii Abreu, 2014.
- ccxxviii Diário Oficial do Município de Florianópolis, 08/07/2019. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/diario/pdf/08_07_2019_18.59.02.97fd44c1947ce62c925a808f7343e782.pdf. Acesso em: 09 out. 2020.
- ccxxix Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/em-sc-imigrantes-passam-a-ser-acolhidos-pela-assistencia-social-dos-municipios>. Acesso em: 09 out. 2020.
- ccxxx Safatle, 2020. Entrevista concedida a Luís Celestino em 17/02/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dejJY-mhI>. Acesso em: 09 out. 2020.
- ccxxxi Freitas, 2012.
- ccxxxii Pergunta qualificação/explicar.
- ccxxxiii Benjamim, 2018, p. 137.
- ccxxxiv Lapoujade, Tempo. p.22.
- ccxxxv Lapoujade, Tempo. p. 25.
- ccxxxvi Danowski e Viveiro de Castro, p.138.
- ccxxxvii Clastres.
- ccxxxviii Participação de Ferrez no evento “Comunicação e hegemonia cultural”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>. Acesso em: 10 out. 2020. (27.50-28.30).
- ccxxxix Participação de Ferrez no evento “Comunicação e hegemonia cultural”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>. Acesso em: 10 out. 2020. (29.30).
- ccxl Participação de Ferrez no evento “Comunicação e hegemonia cultural”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>. Acesso em: 10 out. 2020. (30.40).
- ccxli Participação de Ferrez no evento “Comunicação e hegemonia cultural”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRSi-5q54uU>. Acesso em: 10 out. 2020. (31.22-31.49).
- ccxlii Krenak.
- ccxliii FOUCAULT, 2010a, p.289-290. FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: _____. Repensar a política. Ditos & Escritos VI. 1a. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010a, p.289-347. 390p.
- ccxliv Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-padre-dos-baloes-caiu-na-rede/>. Acesso em: 10 out. 2020.

-
- ccxlv Springer, 2016,p. 289.
- ccxlvi Valentim, 2018.
- ccxlvii Deleuze & Guattari, 2010, p.448.
- ccxlviii Deleuze & Guattari, 2010, p. 426.
- ccxlix Simas, 2019. *Comunicação na rede social Twitter*. Disponível em:https://twitter.com/simas_luiz/status/1211078550016663553. Acesso em: 10 out. 2020.
- ccl Maluf, 2018.
- ccli Canjiquinha, 1989.
- cclii Foucault, 2001.
- ccliii Foucault, 2001.
- ccliv Foucault, 2008b, p. 287.
- cclv Sebastião Junior, 2013.
- cclvi Safatle, 2017.
- cclvii Rolnik, 2018.
- cclviii Guattari e Rolnik,1986, p. 149.
- cclix Deleuze e Guattari, 1997b, p.100.
- cclx Nietzsche, 2016, p.205.
- cclxi Foucault, 2002.
- cclxii Deleuze, 1997, p.15.
- cclxiii Deligny, 2015.
- cclxiv Deleuze, 2003.
- cclxv Rolnik, 2018.
- cclxvi Berzins, 2018, p.146. Ver. Tese.
- cclxvii Nascimento,2002.
- cclxviii Ribeiro, 2017.
- cclxix Guattari, 1977.
- cclxx Foucault, 2013,p. 18.
- cclxxi Safatle, 2012, p.37.

^{cclxxii} No filme dirigido por Raoul Peck, *Eu não sou seu negro* (2016), James Baldwin afirma que ‘o mundo não é branco, não pode ser branco. Branco é uma metáfora do poder, e isto é simplesmente uma maneira de descrever o Chase Manhattan Bank’ (1:26:32-1:27:15).

^{cclxxiii} Deleuze, 1988 em entrevista concedida a Claire Parnet na forma de um abecedário. A noção é desenvolvida na letra G (gauche) /esquerda.

^{cclxxiv} Safatle, 2017.

^{cclxxv} A ficha técnica do espetáculo pode ser encontrada em: <http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2018/08/15/3710/>. Acesso em: 10/10/2020.

^{cclxxvi} Matos e Wisnik, 2018, p.13.

^{cclxxvii} Deligny, p.125.

^{cclxxviii} Deligny, p.125.

^{cclxxix} Deleuze, 2016, p.410.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

BECK, Julian. *Revolução e ContraRevolução*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História*. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.

BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

BERZINS, Felix Augusto Jacobson. *Ensaio sobre ativismo carioca à luz de Junho de 2013*. Tese (doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2018.

BRASIL. Relatório da inspeção nacional em comunidades terapêuticas, 2018. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Relatorio-da-inspecao-nacional-em-comunidades-terapeuticas_web.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal. Art. 334 IV., 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13008.htm#:~:text=IV%20%2D%20adquire%2C%20recebe%20ou%20o%20culto,documentos%20que%20sabe%20serem%20falsos. Acesso em: 08 out. 2020.

BRECHT, Bertold. A ópera dos três vinténs. In: _____. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BRUM, Eliane. Vidas Barradas de Belo Monte. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/vidas-barradas-de-belo-monte.htm#ser-rico-e-nao-precisar-de-dinheiro>. Acesso em: 09 out. 2020.

BOSTROM, Nick. Are you living in a computer simulation? *Philosophical Quarterly*, v. 53, n. 211, 2003. p. 243.

CABANNE, Pierre. *Dialogues with Marcel Duchamp*. Londres: Da Capo press, 1971.

CHESTER, Rick. *Pega a visão*. São Paulo: Buzz editora, 2018.

CANJIQUINHA. *A alegria da capoeira*. Salvador: Editora Rasteira, 1989.

COIMBRA, C. M. B. *Guardiões da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

CORTÁZAR, Julio. *História de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTINHO, Eduardo. Cabra marcado pra morrer. *Lua Nova* [online]. v.1, n.2, p.70-74, 1984. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451984000200016. Acesso em: 10 out. 1918.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014, 176p.

DELEUZE, Gilles. *A dobra Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus, 2016b.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles. Carta a um crítico severo. In: _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Imanência, uma vida*. In: _____. Dois regimes de loucos. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles. Sobre filosofia. In: _____. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles. *A lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka, por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. v.4. São Paulo: Editora34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. V. 3. São Paulo: Editora34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora34, 1997c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora34, 2010.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: N-1 edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cartaz-Oboré, 1992.

FANON, Frantz. *Pele negra mascaras brancas*. Salvador: Editora UFBA, 2008.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FERNANDES, Luiza. *Cresce mobilização na UFSC contra PEC 241: CFH ocupado*, 2016. Disponível em: <http://maruim.org/2016/11/03/cresce-mobilizacao-na-ufsc-contra-pec-241/>. Acesso em: 12 jul. 2018.

FONSECA, Vanessa. *Precisamos falar com os homens?: uma análise dos efeitos da colonialidade nas estratégias de transformação das masculinidades*. 2019. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. 264f. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/2019_t_Vanessa_Fonseca.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. "Interview with Lucette Finas". In: M. Morris e P. Patton (eds.) *Michel Foucault: power, truth and strategy*. Sidney: Federal Publications, 1980, p. 75.

FOUCAULT, Michel. *A Coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995b.

FOUCAULT, Michel. *Do Governo dos Vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nau Ed., PUC-Rio, 1999.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs) *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Introdução a vida não facista*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. v. 1, n. 1, São Paulo, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

-
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições n-1, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Omnes et Singulatim: por uma crítica da 'Razão Política'*. In: *Novos Estudos*, n. 26, São Paulo, 1990, p. 86.
- FOUCAULT, Michel. *Os intelectuais e o poder*. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. Polêmica, Política e Problematizações. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p.264-298.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- GENET, Jean. *O ateliê de Giacometti*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e Quilombos*. São Paulo: Claro Enigma, 2017.
- GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche e o feminino. *Natureza Humana*, v. 4, n. 1, p. 9-31, jan.-jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n1/v4n1a01.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GUATTARI, Felix. Somos todos grupúsculos. EM: GUATTARI, Felix. *Psicanálise transversalidade*. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.
- GUERRA, Facundo. *Empreendedorismo para subversivos: um guia para abrir seu negócio no pós-capitalismo*. São Paulo: Planeta, 2017.

GUIAR, Katia Faria de.; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Psicol. cienc. prof.* [online]. v.27, n.4, p.648-663, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932007000400007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 out. 2018.

GOLDMAN, Marcio. 'Quinhentos Anos de Contato': Por uma Teoria Etnográfica da (Contra)Mestiçagem. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, v. 21, n. 3, p. 641-659, 2015.

GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

HEURICH, Guilherme. *Cantos e Mercadorias*. Em: Araweté: um povo tupi da Amazônia. São Paulo: Edições SESC, 2017.

HULSMAN, Louk. Temas e conceitos numa abordagem abolicionista da justiça criminal. In: PASSETTI, Edson; SILVA, R.B.D. (orgs.) *Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva*. São Paulo: IBCrim e PEPG Ciências Sociais, PUC/SP, 1997.

INSTITUTO APPOA. Relatório Final de execução da segunda edição do Projeto Clínicas do Testemunho SC. Instituto APPOA, 2018. Disponível em: <http://www.apboa.org.br/uploads/arquivos/rel-sc.pdf> Acesso em: 09 out. 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Aílton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das letras, 2019.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

MACEY, David. *Frantz Fanon: a Biography*. Londres: Verso. 2012.

MALUF, Adriana Penatti. *Corpos em Trabalho: Corpo e Seus Saberes na Formação e o Cuidado no Trabalho em Saúde Mental*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFF, Niterói, 2018. Disponível em: https://app.uff.br/slab/index.php/busca/formulario_completo/1092. Acesso: 21/05/2021.

MATOS, Diego; WISNIK, Guilherme (orgs.). *Cildo – estudos, espaços, tempo*. São Paulo: UBU, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MILLER, James. *The Passion of Michel Foucault*. Nova York: Simon & Schuster, 1993.

MINH-Ha, Thrin T. *Inappropriate/d Artificiality, 1998*. Disponível em: <http://trinhminh-ha.squarespace.com/inappropriated-artificiality/>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MOURA, Clovis. *Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil*. Maceio: UFAL, 2001.

MOURA, Clovis. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1981.

NASCIMENTO, Abdias do. Entrevistas – Abdias do Nascimento. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa. *Memórias do Exílio– Brasil 1964-19??*. Editora Livramento, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Porto Alegre: LPM edições, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007c.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Porto Alegre: LPM edições, 2011b.

PASOLINI, Pier Paolo. *Poemas*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

NOGUERA, Renato. *Afro-anarquismo, malandragem e preguiça*. São Paulo: N-1 edições. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/10>. Acesso em: 09 out. 2020.

OLIVEIRA, Camila Martins de. *Poesia falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFF, Niterói, 2017. Disponível em: https://app.uff.br/slab/index.php/busca/formulario_completo/1041.

OLIVEIRA, Francisco. O ornitorrinco. In: _____. *Crítica à razão dualista: o Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

PEREC, Georges. Aproximações do quê? *Alea*, v. 12, n. 1, jan.-jun.2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2010000100014. Acesso em: 09 out. 2020.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Unicamp, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?* São Paulo: Ed. Letramento.2017.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil: esboços de história do presente. *Revista Verve*, n.19, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/8669/6442>. Acesso em: 20 ago. 2018.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

STIRNER, Max. *O Único e sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SANTOS, Joel Rufino dos. Entrevista com Joel Rufino dos Santos. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 52, p. 491-518, jul.-dez.2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eh/v26n52/12.pdf>. Acesso em: 09 out. 2020.

SAFATLE, Vladimir. *A esquerda que não teme dizer seu nome*. São Paulo: Três estrelas, 2012.

SAFATLE, Vladimir. *Só mais um esforço*. São Paulo: Três estrelas, 2017.

SARTE, Jean Paul. Eleições, armadilha para otários. In: *ALCEU*, v.5, n.9, p. 5-13, jul./dez. 2004. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n9_sartre.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

SALLES, João Moreira. *No intenso Agora*. Direção: João Moreira Salles.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido, o “branco” e o “branquíssimo”: raça. Hierarquia poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: FAPESP, 2014.

SEBASTIÃO JUNIOR, Acácio Augusto. *Política e antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) PUCSP, São Paulo,

2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3528> . Acesso: 21/05/2021.

SIMAS, Luis Antônio. *Pedrinha Miudinha, Ensaios sobre Ruas, Aldeias e Terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SPRINGER, Simon. Fuck Neoliberalism. *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, v. 15, n. 2, p. 285-292, 2016. Disponível em: <https://www.acme-journal.org/index.php/acme/article/view/1342>.

SPRINGER, Simon. Foda-se o neoliberalismo. *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, v. 15, n. 2, p. 285-292, 2016. Tradução de Eduardo Tomazine. Disponível em: <http://doczz.com.br/doc/377326/foda-se-o-neoliberalismo>. Acesso em: 10 out. 2020.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. *Verve*, v. 2, p. 175-184, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/download/4618/3208>. Acesso em: 12 jul. 2018.

VEYNE, Paul. *His Thought, His Character*. Cambridge: Polity Press, 2010.

VALENTIM, Marco Antônio. *Extramundandade e Sobrenatureza, Ensaios de Ontologia Fundamental*. Florianópolis: Cultura e Barbárie: 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online], Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 115-144, out. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005. Acesso em: 10 out. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Mármore e a Murta. In: _____. *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify. 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os involuntários da Pátria*. 2017. Disponível em: <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/143/78>. Acesso em: 09 out. 2020.

WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality*. New York: Free Press, 1979.

ZIMMERMANN, Fernanda. Armação baleeira da Lagoinha: uma grande unidade escravagista. In: MAMMIGONIAN, Beatriz; VIDAL, Joseane. *História Diversa, africanos e afrodescendentes da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

ZONZON, Christine Nicole. *Nas rodas da capoeira e da Vida*. Salvador: EDUFBA, 2017.